

REVISTA TABULEIRO DE LETRAS

V. 15
N. 01



PPGEL



ISSN 2176-5782



JAN.
JUN.
2021

R E V I S T A
TABULEIRO DE
LETRAS

Revista Tabuleiro de Letras, Salvador, v. 15, n. 01, p. 1-263, jan./jun. 2021

ISSN 2176-5782



Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Rua Silveira Martins, 2555- Cabula – 41150-000 – Salvador – Bahia – Brasil

Fone: +55 71 3117- 2200

REITOR: José Bites de Carvalho

VICE-REITOR: Marcelo Duarte Dantas de Ávila

PRÓ-REITORA DE PESQUISA

Marcea Andrade Sales

COORDENAÇÃO DO PROGRAMA

Nerivaldo Alves Araújo

Elisângela Santana dos Santos

EDITOR

Ricardo Oliveira de Freitas

EDITORES CIENTÍFICOS

Elizabeth Lima

Thiago Prado

COMISSÃO EDITORIAL

Celina Márcia Abbade

Gilberto Sobral

Márcia Rios

Sayonara Amaral de Oliveira

PARECERISTAS Ad Hoc

Adeíto Manoel Pinho – UEFS

Rodrigo Oliveira Fonseca – UFSB

Rita de Cássia R. de Queiroz – UEFS

CONSELHO CONSULTIVO

Alana de Oliveira F. El Fahl – UEFS

Alba Valéria Silva – UFBA

Célia Regina da Silva – UFSB

Cilza Carla Bignotto – UFOP

Denise Zoghbi – UFBA

Diógenes Cândido de Lima – UESB

Elmo Santos – UFBA

Enivalda Nunes Freitas Souza – UFU

Helson Flávio da S. Sobrinho – UFAL

Isabel Lousada (UNL)

Janaína Weissheimer – UFRN

Josane Moreira de Oliveira – UEFS

José Henrique Santos – UNEB

Kênia Maria de Almeida – UFU

Lígia Negri – UFPR

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra – UFMG

Maria Jose Bocorny Finatto – UFRGS

Mairim Linck Piva – FRUG

Nancy Rita Ferreira Vieira – UFBA

Nelly Medeiros de Carvalho – UFPE

Regina Kohlrausch – PUCRS

Rejane Vecchia – USP

Renata Maria de Souza Nascimento – UNEB

Ricardo Postal – UFPE

Tanya Saunders – University of Florida – UF, EUA

Diagramação: Lino Greenhalgh

Ilustração da Capa: Amanda Leite – Kriaçã1

Homepage: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/index>

E-mail: tabuleirodeletras@gmail.com

Catálogo na fonte – Biblioteca Prof. Edivaldo Machado Boaventura / UNEB

Revista Tabuleiro de Letras / Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
– PPGEL-UNEB. v. 15 n. 1 (jun. 2021) – Salvador: UNEB; 2021.

Semestral
ISSN 2176-5782

1. Letras; Literatura; Linguística – Periódicos I. Universidade do Estado da Bahia. –
Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens.

CDD-800

CDU-821.134.3

Os textos publicados na Revista Tabuleiro de Letras são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da Comissão Editorial e do Conselho Científico.

Sumário

6 Editorial

DOSSIÊ TEMÁTICO

- 7 Intróito/derrida: texto + acontecimento**
Fernando J. García Masip
- 18 Adaptação/apagamento: Reflexões e provocações sobre a língua brasileira de sinais**
Fábio Rodrigues dos Santos; Carlos Alberto Matias de Oliveira; Sérgio Ifa
- 29 A semiótica do amigo: uma análise da composição do companheirismo de Kuririn em Dragon Ball Z**
Thiago Barbosa Soares
- 44 Luigi Pirandello – Poesia, mal de viver, humorismo e existencialismo**
Valmir Luis Saldanha da Silva
- 55 Meu destino é ser onça e o projeto modernista brasileiro: possíveis diálogos**
Mayara Guimarães; Pablo Ramos; Ingrid Pereira
- 69 La formación ciudadana y los valores en el marco de la Reforma Educativa de la Enseñanza de Secundaria Básica en Cuba (1999-2006): Un análisis desde las Ciencias Sociales**
Licet Sierra Copa; Luis Enrique Jerez Domínguez
- 83 A mulher nos ensaios de Ernesto Sabato**
Margarete Hülsendeger
- 95 Percepções espaciais no romance *Antes da liberdade* de Julia Alvarez**
Dionei Mathias
- 105 Discurso político: uma análise de marcas da subjetividade em *Tweets do presidente Jair Bolsonaro***
Anaildo Pereira da Silva; Leonildes Colaço; Paulo da Silva Lima
- 120 Interações discursivas em uma aula *on-line* de língua inglesa na plataforma *Google Meet***
Rafael Lira Gomes Bastos
- 138 O “R caipira” no sul do Pará: uma marca sociolinguística da (de) colonialidade**
Manoella Gonçalves Bazzo; Tânia Ferreira Rezende
- 155 A Organização das Nações Unidas e o uso das línguas**
Laura Janaina Dias Amato; Pablo Ávila Militão
- 167 A semiótica dos traços de dominação masculina versus a inércia feminina no conto “A mulher ramada”, de Marina Colasanti**
Edinaldo Flauzino de Matos

186 Community, Therapies, and Alternative Spiritualities in Toni Morrison's Home

José de Paiva dos Santos

198 Ciranda de pedra e Fazes-me falta: linguagem errante em Lygia Fagundes Telles e Inês Pedrosa

Licilange Gomes Alves; Cid Ottoni Bylaardt

211 Aspectos de interlíngua em português língua estrangeira: estruturas sintáticas

Diocleciano Nhatuve; Sávio Malope; Nelson Ernesto

226 O cômico e o trágico no conto "O telegrama de Ataxerxes", de Aníbal Machado

José Mário Jovanelli; Altamir Botoso

RESENHAS

240 O avesso da pele de Jefferson Tenório

Alexandra Novoa Romero

245 Torto Arado: la tierra como fundamento de la (re)construcción de una identidad étnica – entre la esclavización y la resistencia

Adianys González Herrera

ENTREVISTA

251 Entrevista a Rodrigo Ramos Bañados: migración, identidad y periferia

Grace Lineros; Inés Hortal

Editorial

Prezados/as Leitores/as.

Mais um número da Revista Tabuleiro de Letras. O primeiro do ano de 2021. Infelizmente, mais um número sob as condições mais que especiais, delicadas, provocadas pela pandemia. Entretanto, nesse momento, com mais esperança de voltarmos logo à normalidade possível, já que, no Brasil, foi iniciada a campanha de vacinação e parte da população já recebeu a primeira e a segunda doses das vacinas.

A particularidade desse número diz respeito, sobretudo, ao volume de textos de docentes, pesquisadores e pesquisadoras estrangeiros/as; e, por extensão, de instituições de ensino e pesquisa fora do Brasil que se somam aos/às autores/as brasileiros/as. Tal fato comprova o alcance de impacto da Revista e o interesse de falantes de outras línguas pelos textos publicados.

Também é importante ressaltar o expressivo volume de textos recebidos de autores/as brasileiros/as, das mais diversas regiões do país, vinculados/as às mais distintas instituições – o que muito nos alegra.

O número é composto por dezessete artigos, duas resenhas e uma entrevista, que versam, como de praxe, sobre questões de interesse das Letras – da linguística e da literatura –, mas, também, da cultura, da comunicação, da sociologia e de outras áreas e temas afins.

Além disso, o número é lançado num momento em que nosso Programa, o PPGEL, da

UNEB, realiza a sua primeira seleção para Doutorado. Nesse sentido, é um número inaugurador de um novo momento para o Programa, que já existe há quinze anos, mas que, somente agora, encontrou o momento certo para dar esse salto.

A Revista torce para que nossos/as futuros/as doutores/as possam, em alguns anos, já vinculados/as às mais diversas instituições de ensino e pesquisa, colaborar com a Revista. Será uma honra.

Como de praxe, agradecemos à Pró-Reitoria de Pós-Graduação – PPG, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, e à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens – PPGEL pelos esforços com que têm encaminhado as solicitações desse Editor para a regularidade da nossa publicação.

Agradecemos, também, a todos/as avaliadores/as pareceristas pela disponibilidade de tempo e pelo precioso trabalho. As vossas participações são muito valiosas, já que são parte imprescindível para a efetivação do trabalho de publicação e para a concretude da Revista. Sem vocês, a Revista não existiria.

Por fim, torço para que esse número chegue às vossas mãos e vos encontre fortes, com saúde e, espero, já vacinados/as.

Boa leitura!

Ricardo O. de Freitas
Editor

Intróito/derrida: texto + acontecimento

Fernando J. García Masip (UAM-X)*

<https://orcid.org/0000-0002-0368-2452>

Resumo:

Dois dos principais temas do pensamento pós-estruturalista são o de *texto* e o de *acontecimento*. Neste artigo introdutório, abordaremos a concepção de Derrida sobre eles. No caso, texto é um conjunto de marcas que deixam pesquisar o rastro do acontecimento. O acontecimento é sempre um “alguma coisa” a mais que o *fato*, mas que não se pode simplesmente fazer uma “leitura”. O texto não é também um simples artefato para a leitura, o texto é o acontecimento *mais* o fato. Por isso há de se propor um movimento permanente, mas sistemático, de *desconstrução* do mesmo.

Palavras-chave: texto, desconstrução, acontecimento, *différance*.

Abstract:

Introit/Derrida: text + event

Two of the central subjects of post-structuralism thought are *Text* and *Event*. In this introductory paper we are going to work them in Derrida's conception. The *text* is a set of marks letting research the *event* trail. The event is always something more than a fact but it's not possible to do an easy “reading” of it. In the other way, the text is not a simple reading artifact: the *text* is the event *plus* the fact. That's why our general proposal is to do a permanent deconstruction movement of *it*, but also systematically.

Keywords: Text, deconstruction, event, *différance*.

Introdução da Introdução

Hegel tinha horror às introduções. Sorte nossa não sermos hegelianos. O que não significa que introduzir qualquer coisa seja fácil. Ainda mais o pensamento de Jacques Derrida. Como introduzir o pensamento de um autor que é praticamente “não introduzível”? E não é simples de introduzir porque, como com outros pensadores relevantes, toda introdução a um pensamento é, em princípio, uma síntese malfeita sobre o que eles escreveram ou ainda estão escrevendo.

O objetivo deste impossível “Intróito a Jacques Derrida” é a de desconstruir a noção, a “idéia”, de *introdução*, e, ao fazer isso, mostrar ao mesmo tempo o que o pensamento de Derrida *pode* ser. Derrida pode ser lido “historicamente” (ou diacronicamente), isto é, seguindo a seqüência linear da história de seus livros; ou, pode-se seguir o traçado de alguns temas que o autor repete, retomando-os e desenvolvendo-os ao longo de sua obra, ou ainda mais, podemos escolher delimitar

* Professor 40 hrs no *Departamento de Educación y Comunicación, Universidad Autónoma Metropolitana-Xochimilco*, UAM-X. México, DF, México. E-mail: fjmasip@correo.xoc.uam.mx.

uma série de problemáticas que se espalham ao longo de sua obra, aqui e acolá, e articulá-las fora de um determinismo formal.

Toda introdução pretende apresentar, resumidamente, o corpo de um texto ou de qualquer coisa que seria o centro de uma reflexão, de um discurso, de um acontecimento. Ali, delimitam-se os objetivos, o que se quer fazer e o que não se quer fazer, noutras palavras: explicitam-se os limites da envergadura do trabalho a seguir. Por isso toda introdução a um pensamento, ou à obra de um pensador, fica justamente sem o desenvolvimento posterior que toda introdução promete fazer, pois enquanto introdução ao pensar de alguém, esta põe-se como obra em si.

Assim, resumo mediante a introdução visa expor resumidamente uma seleção dos principais tópicos de uma longa jornada de reflexão. Entre o resumo e a recriação, encontra-se o “introdutor”. Todo resumo peca (é um pecado) e muitas vezes temos que pecar nem que seja de forma resumida para recriar um pensar.

Mas no caso de uma Introdução ao pensamento ou à obra de alguém, a “metáfora” subsistente no ato de levar os ouvintes (leitores) com uma introdução, para dentro da obra de um autor, é justamente a de fazer um convite e realizar um deslocamento. Um convite, porque a introdução busca acolher dentro de seu “espírito” de hospitalidade, eventuais comensais; e um deslocamento, porque o convite é para mover-se, viajar, penetrar na nutrição terrestre das palavras, discursos e idéias de um pensador. Torna-se um imperativo que uma introdução seja um transporte hospitaleiro. Isto é: um convite à tradução, pois toda tradução é um deslocamento, um deslizamento. Afinal, uma introdução é também uma tradução. Busca-se “traduzir” didaticamente a complexidade da

obra de um autor que levou anos para escrevê-la, amadurecê-la. Missão impossível. Traição. Então por que introduzir, se é impossível e traiçoeiro? Justamente, porque se aceita o desafio de tentar dominar o discurso do autor, de ser-lhe “fiel” na medida do possível, querendo penetrar na sua floresta e “extrair” o que há de mais relevante nas suas idéias, sabendo que é impossível que todo esse suposto poder e esse pretense desejo resolvam plenamente a missão. Afinal, sempre faltará algo, sempre trairamos o autor, sempre esqueceremos o caminho de volta... Como em toda tradução.

Por que não se escreve, se se nos permite dizer este absurdo, uma “Conclusão ao pensamento de Jean-Paul Sartre”? etc. Como ser didático e ao mesmo tempo respeitar a pulsão estilística do autor? Como impedir que uma pretensa clareza didática não mate a riqueza de uma escritura e de um pensamento, cujos “clarões” não são fáceis de ver imediatamente? Como chegar à clareira do pensar, se antes tem-se que atravessar um bosque profundo e com um mapa mal desenhado?

Como discursar fora destas metáforas de exploração, conquista, clareira, luz, profundidade, floresta ou alimentação? Talvez sejam este tipo de questões os autênticos rastros que orientem a nossa presente tarefa. Portanto, esta introdução é também um convite à desconstrução.

Desconstrução

Comumente para poder falar de alguma coisa, tem-se que admitir que essa coisa existe previamente ou, pelo menos, é criada junto com seu nome. Assim, para poder falar de desconstrução, o mais plausível seria tentar responder a uma simples pergunta: “o que é a desconstrução?”. Essa pergunta admite, desde o início, que a desconstrução já é al-

guma coisa: o *que* da pergunta. Porém, se seguirmos os passos dos textos de Derrida então teremos que afirmar que a desconstrução não é uma “coisa”, ou melhor, que a desconstrução não é *nada*: “ O que não é a desconstrução ? Pois tudo! O que é a desconstrução? Nada! ” (DERRIDA, 1987: 392).

Parece complicado iniciar um intróito tendo que afirmar que um dos “conceitos” mais discutidos da obra desse pensador – a desconstrução -, não é nada. A questão é que, justamente, não se pode falar ou escrever sobre desconstrução sem, minimamente, estar fazendo alguma desconstrução; tem-se que desconstruir algo. E, talvez, o que é mais importante desconstruir agora, é a própria idéia que se faz da desconstrução. O que interessa deixar claro desde o início, então, é que, para Derrida, não há uma “Teoria da Desconstrução” que possa servir como modelo geral para guiar possíveis discussões ou ações. Nesse sentido, sugerimos que a palavra “Desconstrução” seja escrita com letras minúsculas, como um modo de dizer que não existe propriamente “a” desconstrução, a *Grande Desconstrução*, a *Substância desconstrutiva*, a *Essência da desconstrução*, ou melhor, algo assim como o *Ser da desconstrução*.

A desconstrução (é) uma operação de desmontagem. Colocamos o verbo ser entre parêntese (ou entre aspas, ou em itálico, etc., e riscado) para assinalar que sempre estaremos mergulhados numa tensão quanto aos significados das definições, ou das próprias palavras, que empregaremos para explicar-nos. Desse modo, se afirmamos que “a desconstrução é...”, então ela é alguma coisa, e deixa de ser “nada”. Isso deve-se ao fato de que a gramaticalidade da linguagem, tal como ela se estrutura presentemente, obriga-nos a essencializar sistematicamente objetos lingüísticos que parecem coisas

que existem “fora” da linguagem. Se, como afirmamos, não há um ser da desconstrução, também não há um fora da desconstrução; isto é (ou melhor), a desconstrução (é) um *fora* do ser. É nesse sentido que teria que entender-se esse provocativo “nada” de Derrida.

Portanto, a desconstrução não é nada e, ao mesmo tempo, é alguma coisa; é uma operação de linguagem e, ao mesmo tempo, está fora do ser da linguagem. Pois, justamente, o que a desconstrução busca mostrar é como em toda linguagem, alguma coisa se lhe escapa, alguma coisa “é” nada. Em todo texto, em todo discurso, em todo sistema de pensamento, em toda filosofia, algo não se encaixa na suas respectivas estruturas, nos discursos, nos textos que se propõem; alguma coisa não consegue “adequar-se” à lógica daquilo que se tem por “intenção” dizer, escrever ou pensar. Alguma coisa torna-se o rastro de um fora das estruturas em questão.

Expliquemos mais: a desconstrução, segundo Derrida, é uma operação de desmontagem lingüística das estruturas *logocêntricas* da fala, da escritura, dos discursos, dos textos, do pensamento enfim. Mas, ao mesmo tempo, essa “desmontagem” não visa encontrar a priori alguma coisa, ou alguma verdade, ou algum ser, por debaixo ou entre as estruturas da linguagem pois, ela própria (a desconstrução enquanto desmontagem) é uma operação de linguagem, portanto é alguma coisa, mas ela não visa instituir uma verdade, um ser ou um ente qualquer; logo, a desconstrução desmancha-se, apaga-se, quando ela termina as operações de desmontagem das estruturas e dos processos de linguagem. Aliás, tem que se desfazer sob pena de deixar de ser desconstrução. “Ela” não pode instituir-se como algo plenamente identificável. Talvez por isso, e sem trair a le-

tra do próprio Derrida, o mais certo seria falar em *desconstruções*, assim, no plural, dando-se a compreender que cada desconstrução é inteiramente singular e que, portanto, não é possível de apreender sob uma forma única e determinada. As desconstruções, em geral, são uma repetição dessas operações de desmontagem da linguagem dos textos, principalmente os filosóficos, porém repetindo-se sempre como uma outra coisa diferente para cada caso singular onde faz sua intervenção. E o que é que se faz quando se desconstrói? E o “que” se desconstrói?

Desconstruções

Derrida esteve, desde muito cedo (DERRIDA 1990a)¹, interessado em estudar o texto filosófico. Quando se fala de “texto filosófico”, está-se falando não somente da filosofia como um campo especial de conhecimento mas, também, da construção de sua textualidade enquanto um “gênero literário particular” (DERRIDA 1991a)². Por isso, tudo aquilo que se pode imaginar do termo des-

construção, tem que se compreender como sendo um conjunto de estratégias que visam desedificar uma cadeia de pedaços textuais que se oferecem ao potencial leitor ou ouvinte, aparentemente como uma estrutura perfeitamente articulada e plena de sentido; fato que Derrida tentará desmentir sistematicamente: a filosofia é, também, uma literatura. Então, não só “idéias” são expostas ou comunicadas através do texto filosófico mas também um conjunto de outras operações literárias, e não literárias, que governam a própria escritura filosófica e que não são admitidas como forças exponenciais da literalidade filosófica. Quais forças podem ser essas? Iremos apresentando-as aos poucos, mais adiante. Mas antes, retomemos a questão do texto.

Para Derrida, o “texto” é uma rede diferencial de marcas, de traços, de rastros, que se entrecruzam remetendo-se uns aos outros, dentro e fora, ao mesmo tempo, dos seus limites enquanto texto (DERRIDA 1986)³. Na verdade, o texto é uma malha que desborda o marco de suas referências e significantes, solapando rastros que remetem a outros “sistemas” de produção de diferenças. Desconstruir seria uma estratégia de “mostrar” esse traçado, esse trançado, mas articulando-se com ele, não cortando-se dele, mas

1 Nesta monografia universitária, Derrida ainda não faz uma intervenção desconstrutiva porém, deixa claro, para um jovem estudante, o seu imenso interesse por um tipo de leitura cuidadosa da filosofia, no caso, de Husserl. As traduções de outras línguas ao português são de nossa inteira responsabilidade.

2 A citação completa é a seguinte (utilizamos a tradução brasileira): “Uma tarefa é então prescrita: estudar o texto filosófico na sua estrutura formal, na sua organização retórica, na sua especificidade e diversidade dos seus tipos textuais, nos seus modelos de exposição e de produção – para além daquilo que outrora se chamava de gêneros – no espaço também das suas encenações e numa sintaxe que não seja apenas articulação dos seus significados, das suas referências ao ser ou à verdade, mas a ordenação dos seus processos e de tudo o que aí se investiu. Em suma, considerar também a filosofia como ‘um gênero literário’ particular, extraindo da reserva de uma língua, arranjando, forçando ou desviando um conjunto de recursos trópicos mais antigos do que a filosofia”, pp. 334-335.

3 “O que denomino *texto* por razões parcialmente estratégicas [...], não seria já, desde esse momento, um corpus finito de escritura, um conteúdo emoldurado num livro ou em suas margens, mas uma rede diferencial, um tecido de rastros que remetem indefinidamente a outra coisa, que estão referidos a outros rastros diferenciais. A partir desse momento, o texto desborda, mas sem afogá-los numa homogeneidade indiferenciada, ao contrário, complicando-os, dividindo e multiplicando o traço, todos os limites que até aqui se lhe atribuíam, tudo o que se queria distinguir para opô-lo à escritura (a fala, a vida, o mundo, o real, a história, e não sei mais o quê! -, todos os campos de referência, física, psíquica –consciente ou inconsciente -, política, econômica, etc.)”, pp. 127-128.

suplementando-o sempre: escrevendo na escritura dos outros, com a escritura dos outros, contra a escritura dos outros, fora da escritura dos outros, mas mantendo o(s) outro(s) como o mais próximo e o mais estranho, ao mesmo tempo. Produzir qualquer coisa, faz-se a partir do que já fora produzido antes ou que já existia em si. E é isso, o que já está aí como marca solapada, ou “reprimida”, de algo (escritura, coisas, mundo, etc.), que interessa retomar e relançar mais uma vez e de outra forma. Isso (é) o “texto”. Texto é algo que se “escreve”, mas a escritura não é somente a forma técnico-manual de apor linearmente grafismos de cunho alfabético. A escritura é toda ação de marcar e de fazer entrar em relações radiais e diferenciais essas marcas; a escritura fonético-alfabética - e sua lógica intrínseca - é uma das formas, a dominante, de escrever. Por isso, para Derrida, o texto não se reduz à escritura fonético-alfabética e a sua lógica linear e significante; não encontrando-se ainda uma melhor noção para definir a escritura em geral, “texto” é também um não-texto. Chamamos de “não-texto” o que Derrida entende quando afirma que “um texto só é um texto se ele oculta ao primeiro olhar, ao primeiro encontro, a lei de sua composição e a regra de seu jogo” (DERRIDA 1991b)⁴. Nesse sentido, podemos explicar uma primeira composição de forças que estruturam a textualidade, em geral, o que nos ajudará a explicar o texto filosófico, em particular.

Texto e escritura

Se partirmos de uma suposição lógica tal como: se todo texto é produzido por uma

4 A citação continua explicando: “Um texto permanece, aliás, sempre imperceptível. A lei e a regra não se abrigam no inacessível de um segredo, simplesmente elas nunca se entregam, no presente, a nada que se possa nomear rigorosamente de uma percepção.”, p. 7

escritura, logo, aí onde for possível identificar uma escritura, haveria algo como um texto; apesar de parecer muito simples, desde essa forma de abordagem, a questão tornasse um pouco mais complicada (apesar da lógica fazer parte dos nossos processos cognitivos de raciocínio), porque se nos impõe a necessidade de definir o que é a prática da escritura para, então, poder “inferir” o que seria um texto. Mas, e justamente, a escritura, tal como Derrida a entende, não se limita a uma mera definição lógica ou analítica. A escritura será compreendida num registro gramatológico, ou seja: enquanto processo de estruturação do sentido da escritura. Claro que conceitos como os de lógica, de sentido, de estrutura, etc., são bem problemáticos, apesar de todo mundo, aparentemente, já saber o que significam. Mas, por enquanto, interessa-nos pensar a forma como Derrida encara a questão da escritura em geral. E, para ele, a escritura é, antes de mais nada, a amálgama de “estruturas” de forças e de “processos” de significação (DERRIDA 1967a). Quais estruturas? Quais forças? Quais processos e qual significação?

Vamos por partes. A escritura é uma estrutura no sentido de que ela comporta - e se comporta como - uma força de construção, de armação ou de armadura. Se exagerássemos um pouco (como nas metáforas, nas condensações) na utilização do significado desses termos, poderíamos afirmar que a estrutura da escritura é uma construção que tem armadilhas (“armações”) e defesas (“armaduras”) enquanto estrutura. Ou seja, a escritura é da ordem do visível, porém não transparente, pois esconde determinados processos difíceis de serem percebidos e defende muito bem seus segredos. Toda escritura não mostra imediatamente, e de forma presente, o que ela é. Deixa no seu caminho estruturante, no seu construir-se

como estrutura, inúmeras marcas, inúmeros traços e rastros que não são facilmente identificáveis enquanto presença material (as “palavras”) ou subjetiva (as “intenções”).

Assim, a escritura não pode tornar-se simplesmente um ato comunicacional pleno de identidade. Por mais que se queira reduzir a escritura a um conjunto de informações ou a um complexo de comunicações, o que de informação e de comunicação possui uma escritura encerra uma armadilha estrutural e processual: a escritura (é) inabordável, não tem bordas. E se não tem bordas não tem um núcleo, um “conteúdo”. Ela é inabordável, porque simplesmente ela só existe enquanto uma ação na qual já somos transportados, isto é, deslocados de nossa presença atual. Não se “entra” na escritura, antes somos arrastados pelas forças que deflagramos ao escrever. Nisso perde-se uma parte importante da identidade presencial, egóica, subjetiva, intencional; escreve-se sem saber muito bem o porquê e o como. Simplesmente escreve-se. E nesse escrever não dominamos inteiramente todas as pontas de nossa ação.

Vejam os exemplos da filosofia. A filosofia que tem como “intenção” estrutural, escrever-se enquanto uma totalidade plena de sentido, aliás como o discurso que pode e deve dar conta totalmente do sentido, entra em flagrantes deslizos, deslizamentos, deslocamentos imperceptíveis que denunciam e anunciam sua impossível tarefa. Para Derrida, é a leitura (escritura) desses deslizamentos, que interessa mostrar no ato da desconstrução. Mostrar que, mas do que em qualquer outro lugar, a escritura, e mais do que em qualquer outro discurso, a filosofia, o texto escrito da filosofia está permeado de sem-sentido, de margens inabordáveis, de sinais trocados, de contradições, de aporias, de indecisões. Esta riqueza esquecida,

esta complexidade recalcada, esta floresta dentro da floresta, são sistematicamente denegadas pelo texto filosófico em geral, e lhe faz uma falta enorme. Não porque a desconstrução queira devolver-lhe – não tem tanta pretensão – uma plenitude que nunca teve. Ao contrário, o que a desconstrução visa é devolver-lhe sua condição discursiva de força ativa infinitamente inacabada.

Isso que acontece com o discurso filosófico, que é um dos mais pungentes e complexos, pode-se ver também nos discursos em geral. Enquanto escritura, e todo discurso é uma escritura afirma Derrida, nossos discursos cotidianos vivem em estado de sítio sistemático. Acuados, mas senhores de seus reinos. Podemos discursar no fluxo da língua que aprendemos, mas, ao mesmo tempo, somos prisioneiros dos limites significantes, das regras gramaticais, das oposições lógicas, das figuras de linguagem, que com ela e nela, se dão.

A vantagem da escritura sobre a fala é que o aspecto gráfico, e grafológico, permite fazer intervenções no fluxo da língua, produzindo efeitos de significação não detectáveis na expressão falada. Por exemplo, para Derrida, o termo *différance* escrito com *a*, que em francês só se escreve com *e*, possui o mesmo som na voz falada que *différence* (=diferença) mas, só na escritura essa diferença aparece como uma marca irreduzível. *Différance* não existe propriamente na língua francesa e em nenhuma língua, e só pode ser compreendida se lida enquanto escritura gráfica para além das bordas e das regras da língua em questão. E *différance* “significa” alguma coisa?

Derrida é o “inventor” dessa (quase) palavra. Ele afirma, inclusive, que mais do que uma palavra, a *différance* é um acontecimento, um evento, um “fato”, uma ação, um performativo. É um grafo, um *gramma*,

um traço, ou um rastro quase lingüístico. Não quer significar alguma coisa, não significa nada (ou não significa “algo”). Por esse “nada”, Derrida compreende aquilo que falávamos antes, enquanto um “fora” da linguagem. Está fora de qualquer campo possível de significação, porém está aí, bem diante de nossos olhos: *différance*.

Então, justamente, como não é estritamente um significante (apesar de aparecer composto por letras grafemáticas) e por não possuir uma significação codificada, a escritura nos devolve a possibilidade de perceber que há um *outro* da linguagem, enquanto uma estrutura que dá as condições de toda linguagem existir. A *différance* seria como que uma fenda, uma greta, uma passagem que nos permite enxergar, mesmo com dificuldade, o nada da linguagem: seu “outro”, as forças (DERRIDA 1967a)⁵. Forças não exclusivamente lingüísticas, mas, sobretudo, gramatológicas, no sentido de relações diferenciais de forças de marcação. A *différance* (é) a diferença de forças. Mas como se nomeia isso, a diferença de forças? Somente se pode fazer a diferença de forças, somente se pode agir num campo de forças. Por exemplo, entendamos neste caso por forças, apesar da desconfiança com que Derrida (DERRIDA 1994)⁶ utiliza esse conceito

de força: as línguas. Não existe uma língua, mas sempre mais de uma língua em todo pretense monolingüismo (DERRIDA 1996)⁷. O espanhol é resultante do sânscrito, do celta, do grego, do latim, do árabe, etc. E o espanhol moderno incorpora francês, inglês, alemão, etc. A *différance* do espanhol, ou de qualquer outra língua, está plasmada nas marcas gráficas das outras línguas, recalçadas, esquecidas, denegadas pelos “usos” habituais da língua nas suas implementações cotidianas.

Por isso, quando Joyce escreve em *Finnegan's Wake, he war*, ele está mostrando a *différance* na língua inglesa /alemã (DERRIDA 1987)⁸, reunindo-as e desventrando sua genealogia comum, sua estrutura em *différance*. Mais do que “mostrar”, a desconstrução, como a de Joyce, faz surgir a *différance* enquanto acontecer. Por essa passagem *-he war*, as línguas derretem seu monolingüismo, fundem-se como origem desencontrada e impronunciável: forças diferenciais de produção de uma significação múltipla. Dissemina-se o sentido: ele guerra, ele verdade (*wahr*), ele foi, etc. Refluxo dos significantes: *he war* (é) um performativo que só existe enquanto ato que faz disseminar “forças” de significação. *He war* não é nada, isto é, muita coisa: não significa nada enquanto

5 “A força é o outro da linguagem sem a qual esta não seria o que é: “La force est l'autre du langage sans lequel celui-ci ne serait pas ce qu'il est...” p. 45.

6 “...trata-se sempre da força diferencial, da diferença como diferença de força, da força como *différance* ou força de *différance* (a *différance* é uma força diferida - diferente); trata-se sempre da relação entre a força e a forma, entre a força e a significação; trata-se sempre da força “performativa”, força ilocucionária ou perlocucionária, da força persuasiva e de retórica, da afirmação da assinatura [...] Resta acrescentar que nunca tenho me sentido a vontade com a palavra “força”, inclusive se freqüentemente julgo indispensável sua utilização [...]” pp. 19-20.

7 “Só tenho uma língua, não é a minha.” ; “Je n'ai qu'une langue, ce n'est pas la mienne.” p. 13.

8 “Despelo HE WAR e rascunho uma primeira tradução: ELE GUERRA – ele guerreia, ele declara a guerra, ele faz a guerra, o que se pode pronuncia também babelizando um pouco- pois é numa cena particularmente babélica do livro que estas palavras surgem -, germanizando então, em anglo-saxão, HE WAR: ele foi. Ele foi aquele que ele foi. Eu sou aquele que é, que eu sou, sou quem sou, teria dito Yahwé.” p. 16 ; “Traduzir *he war* no sistema de uma única língua, é apagar o acontecimento da marca, não somente daquilo que se diz mas seu dizer e seu escrever que formam também, neste caso, o conteúdo essencial do dito.” p. 45.

significado único de uma única língua (não significa nada em inglês ou em alemão), mas significa muitas coisas, no sentido de que produz possibilidades várias de significação. O ponto nodular de um performativo como esse (e como qualquer outro em geral) é sua “produção” enquanto força, a ação que essas palavras deflagram, e não tanto seu “conteúdo”. *He war* “funciona” como qualquer outro performativo ou realizativo: “eu aceito”, “eu prometo”, etc. O importante é que essas palavras são atos; ou, com essas palavras age-se mais do que se fala ou se escreve propriamente. No caso referido, o “ato” joyceano, em questão, é a convocação ao “mais de uma língua” e, ao mesmo tempo, à diluição dos limites entre as línguas, à sua “babelização” (DERRIDA 1987-1998). Toda língua está grávida de outras, portanto não há origem pura de uma língua ou nunca houve “origem” de uma língua e origem da língua. Isso não existe para Derrida. Isso (é) nada, a origem (é) nada.

Por conseguinte, e retomando a questão do texto e da escritura, a linguagem para ser o que é, precisa de forças diferenciais que a façam operar enquanto tal: Saussure já o tinha apontado (DERRIDA 1967b). A linguagem é nesse sentido uma “escritura”. Toda linguagem é uma escritura. Porém, como foi já afirmado antes, a escritura a que nos referimos não é composta por marcas gráficas fonético-alfabéticas de ordem linear, mesmo que essa seja uma de suas formas, inclusive a dominante. Escritura (é) fazer marcas, produzir diferenças. Nesse sentido, Derrida dedica seu labor a desconstruir a forma histórica como a filosofia torna tema, ou concebe, o lugar da escritura na ordem da produção da verdade filosófica. Sempre fora tratada como um apêndice da fala enquanto *lógos*, como um suplemento da voz, como um signo do signo falado. Esse lugar

secundário que, desde Platão, a filosofia reservou à escritura, é resultado de uma estratégia de poder: o *lógos* (enquanto discurso racional ou ideacional) ocupa o centro da produção da verdade, e a verdade é dita pela voz (falada) mais do que pela escritura (ou voz escrita). A escritura aparece, nesse contexto, como um desvio, como uma insuficiência, mesmo que toda a filosofia tenha sido escrita: a Voz da Filosofia aparecendo para a consciência (para a *psyché* no caso dos antigos), é uma “voz” vinda do lugar do Mesmo: o lugar da Verdade.

Mas, esse é o problema: que a voz falada (provinda do mundo das idéias ou da boca de um cidadão comum) já é uma forma “escritural”, pois é uma estrutura de marcas diferenciais, no caso, fônicas. Antes de ser fala, a fala é uma estrutura escrita, ou melhor, para ser fala precisa ser escritura, no sentido ora aventado. Senão, não haveria nenhuma fala possível. É uma “estructura” (*structure*). Esse “neologismo”, melhor dito, esse performativo derrideano, faz com que se condensem (não enquanto metáfora) a idéia de estrutura, a de escritura e a de estriar ou de estria. Toda estrutura (é) composta por forças de estriamento, literalmente forças de arranhadura, de marcação. Pois ela é um conjunto de forças de marcas diferenciais. É isso que é a *différance*. E essa estrutura, processada enquanto relações entre as diferenças, é que (é) o *texto*, em sentido geral. Por isso, texto é “tudo”.

Ou seja, para Derrida, tudo aquilo que for estruturado com forças diferenciais de marcação e com um processo (portanto um tempo) que ponha em relação essas marcas entre si, é um texto. A “estructura” é, diferentemente do conceito de estrutura dos estruturalistas, uma estrutura escritural temporizada, portanto aberta, infinita e infundável, em mutação, na qual pode se in-

tervir permanentemente para modificá-la. E é isso que a desconstrução faz com suas intervenções, ou com “suas” desconstruções: intenta intervir, remarcando as marcas estruturadas dos textos. Por isso, num certo sentido, também é uma intervenção política, pois se coloca em posição de intervenção no poder do texto ou da estrutura instituída, seja ela um discurso, um sistema de pensamento, um texto no sentido comum, ou de qualquer forma de organização social estruturada (DERRIDA 1990)⁹. “Texto” (pelo visto não há um melhor termo ainda para denominar isso) é o “dispositivo” de realização das marcas que produzem a “realidade”. Qualquer realidade, ou realidades. Esse dispositivo, essa “máquina”, (é) o conjunto das diferenças de relações de força (“humanas”), que faz com que estejam implicadas todas as “coisas” que se produzem, produziram e produzirão. A “realidade” (*reality, real life*) somente ‘existe’ porque uma intervenção *différente* (que não deve ser plenamente considerada como intencional e nem como absolutamente consciente) produz as marcas/rastros (*traces*) diferenciadores para a realidade ser o que é. A “realidade” é o que é porque estratégias foram tomadas em conjunto, “guiadas”, encaminhadas por estruturas de construção dominadas por uma lógica binária e hierarquizante. Desde a construção de um prédio, a escritura de um bilhete, a aceleração de partículas sub-atômicas, a produção de alimentos ou de palavras, “tudo” emerge das diferenças de relações de forças, mais ou menos conscientemente, mais ou menos inconscientemente, de forma mais ou menos intencional, e não, com graus significativos de acaso e de necessidade, construtiva e desconstru-

tivamente: “Isso não quer dizer que todos os referentes estão suspensos, negados ou encerrados num livro, como se faz pensar, ou como, freqüentemente, se tem a ingenuidade de crê-lo e de acusar-me” (DERRIDA 1990, 273).

Com essa reflexão, Derrida evidencia que as divisões e separações entre texto e contexto, entre texto e “fora do texto” (*hors-texte*), não existem propriamente¹⁰, mas elas são estrategicamente operadas e justificadas numa apreensão da mundanidade metafísica. Nesse sentido, para ele, toda realidade tem, na sua estrutura, uma marca /rastro (*trace*) da *différance* (ou *différentielle*), essa marca produz uma “realidade” dividida, hierarquizada e produz forças para uma “realidade” desconstruída, com possibilidades outras, “indecidíveis”, e por isso mesmo, com caminhos abertos a outras experiências construtivas e interpretativas: “...não podemos reportar-nos a esse real mas que numa experiência interpretativa. Esta não dá ou não toma sentido mais que no movimento de reenvio *différentiel* [em *différance*]. *That's all* ” (DERRIDA 1990b, 273)¹¹. A experiência interpretativa da “realidade” somente pode acontecer se incluir a derrapagem (a “derridapagem”), o deslocamento, o deslizamento “significante” no “re-

10 “Cela ne suppose pas que la marque vaut hors contexte, mais au contraire qu’il n’y a que des contextes sans aucun centre d’ancrage absolu” In *Marges de la philosophie*. p. 381 e *Limited inc.* pp. 36 e 126. É uma citação de *Marges*, utilizada em *Limited Inc.* e re-citada em “Vers une éthique...”. “Isto no supõe que a marca tenha valor fora do contexto, ao contrário, somente há contextos sem nenhum centro absoluto de ancoragem”. Apesar, de mais acima, termos utilizado para explicar a noção de texto, a idéia de um “fora” do texto, na realidade, esse “fora” é da ordem do impossível propriamente.

11 Esse *That's all* de Derrida deve ser irônico demais. Se for levado inteiramente a sério, mereceria uma obra escrita só para discutir o conceito de realidade.

9 “O que denomino ‘texto’ implica todas as estruturas ‘reais’, ‘econômicas’, ‘históricas’, sócio-institucionais, em resumo todos os referentes possíveis”. p. 273.

torno” ou na “convocação” de uma escritura que faz o acontecimento realizar-se. A interpretação em *différance* é uma interpretação enquanto ato radical de linguagem performativa.

Acontecimento e presente

A utopia é uma idéia que transfere o presente a um outro presente por vir; não é uma questão, portanto, de espaço, de topos, de outro-lugar; se trata do tempo, da “ucronía”, de um outro tempo. Mas esse lugar do tempo presente, como presente, não resolve a presença substantiva da experiência, somente a desloca, imprimindo-lhe um caráter duplamente metafísico: esqueçamos o presente atual, pensemos num presente futuro que mude o atual, mas que preserve o presencial. Para Derrida o presente em si não existe, nem o futuro, pois o que está por vir já está anunciado, mesmo que exploda em acontecimentos singulares; como tal, o presente sempre está grávido do por vir, de um tempo que não é presente para si próprio: o que vem já veio. É passado. Falta-nos ter a experiência disso. Que o possamos reconhecer, então, é o que o próprio Acontecimento nos lembra: já fui! O acontecimento nunca pode ser (ou existir) enquanto presente puro em si; só se nos aparece como uma atualidade espectral, incompleta, impossível de completar: todo acontecimento é um retorno falido. É o tempo *protéico* que, embora seja uma tautologia, enuncia que o tempo é o mutável; o tempo é o acontecimento que ninguém espera: “...o acontecimento é o que vai muito depressa; não há acontecimento mas do que quando isso não é esperado, onde não se pode mais esperar, onde a vinda do que chega, interrompe a espera.” (DERRIDA 2007, 84). O acontecimento não pode se tornar simplesmente presente. Não aparecem as palavras que possam

dizê-lo no instante mesmo de sua chegada. As palavras vêm a reboque; o “sentido” as antecede. Essa pressa do acontecimento por se “apresentar” deixa rastros e restos que tornam a sua presença plena de sentido, impossível. O sentido fica no resguardo das singularidades inefáveis. Por isso: “Um dos traços do acontecimento é que não somente vem como aquilo que é imprevisível, e que vem a desgarrar o curso ordinário da história, mas que é absolutamente singular.” (DERRIDA 2007, 88).

(A) singularidade do (A)contecimento implica \pm um texto que (reponha), sempreem atraso, um sentido sempre em espera / ∞ .

Referências

- Derrida, J. Force et signification. In: **L'écriture et la différence**. Paris: Seuil, 1967a.
- _____. **De la grammatologie**. Paris: Minuit, 1967b.
- _____. **Parages**. Paris : Galilée, 1986.
- _____. **Ulysse Gramophone. Deux mots pour Joyce**. Paris: Galilée, 1987.
- _____. Des tours de Babel. In: **Psyché. Invention de l'autre**. Paris: Galilée, 1987-1998.
- _____. **Le problème de la genèse dans la philosophie de Husserl**. Paris: PUF, 1990a (1954).
- _____. Vers une éthique de la discussion. In: **Limited Inc**. Paris: Galilée, 1990b.
- _____. **Margens da filosofia**. Trad. Joaquim Torres Costa e Antônio M. Magalhães. São Paulo : Papyrus, 1991a (1972).
- _____. **A farmácia de Platão**. Trad. Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 1991b (1972).
- _____. **Force de loi**. Le “Fondement mystique de l'autorité”. Paris: Galilée, 1994.
- _____. **Le monolingüisme de l'autre**. Paris: Galilée, 1996.

DERRIDA, J.; SUSSANA, G.; NOUSS, A. **Decir el acontecimiento, ¿es posible?**

Trad. Julián Santos Guerrero. Madrid, Arena Libros, 2007 (2001).

Recebido em: 26/10/2020
Aprovado em: 20/01/2021



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Adaptação/apagamento: Reflexões e provocações sobre a língua brasileira de sinais

*Fábio Rodrigues dos Santos (UFAL)**

<https://orcid.org/0000-0002-2590-3586>

*Carlos Alberto Matias de Oliveira (UFAL)***

<https://orcid.org/0000-0003-2283-587X>

*Sérgio Ifa (UFAL)****

<https://orcid.org/0000-0002-6586-0154>

Resumo:

Este artigo propõe problematizar e incitar professores e formadores de professores de Libras e de outras línguas (maternas ou estrangeiras) um (re)pensar acerca dos sentidos construídos e veiculados pelos discursos de adaptação teórica-metodológica-analítica e adaptação curricular no que diz respeito aos contextos educacionais que envolvem pessoas surdas. Com base nessa discussão, indagamos se teorizações baseadas em premissas descritivistas e analíticas de línguas orais, bem como seus respectivos processos metodológicos, contemplariam às especificidades das línguas gestuais, no nosso caso, da Libras ou se, por outro lado, não incorreriam num movimento de apagamento de tais singularidades. Assentados num posicionamento ético-político, e de acordo com as reflexões construídas neste artigo, entendemos que tais movimentos de adaptação parecem negligenciar as necessidades e interesses da população surda e, por conseguinte, assumir formas de apagamento das particularidades desses cidadãos. Adaptar refrata sentido de apagar que, por sua vez, age como força mantenedora das formas hegemônicas vigentes. Percebemos que o sujeito surdo não é visto a partir de suas realidades, pois que processos de ensino-aprendizagem e pesquisas que o envolve são naturalizados, tendo como referente o ouvinte. Logo, esse último também lhe é por parâmetro normatizador linguístico costurado

* Mestre e Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas. Professor no Curso de Letras da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas. E-mail: fabio.santos@fale.ufal.br

** Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas. Tradutor e Intérprete de Libras e Língua Portuguesa da Universidade Federal de Alagoas. E-mail: carlos.oliveira@fale.ufal.br

*** Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor associado no curso de Letras-Inglês da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas. E-mail: sergio@fale.ufal.br

pela estrutura social cisheteropatriarcal, branca e cristão de nosso contexto nacional. O texto finaliza com um convite à reflexão, à reconceitualização e à ação.

Palavras-chave: Discurso; Adaptação/apagamento; Pessoas surdas; Ensino -aprendizagem; Libras.

Abstract:

Adaptation/erasure: Reflections and provocations about the brazilian signs language

This paper proposes to problematize and encourage teachers and teacher trainers in Libras and other languages (mother or foreign) to (re)think about the meanings constructed and conveyed by the discourses of theoretical-methodological-analytical adaptation and curricular adaptation with regard to educational contexts involving deaf people. Based on this discussion, we asked if theories based on descriptive and analytical premises of oral languages, as well as their respective methodological processes, would contemplate the specificities of sign languages, in our case, Libras or if, on the other hand, they would not incur a movement of erasure of such singularities. Based on an ethical-political stance, and according to the reflections built in this paper, we understand that such adaptation movements seem to neglect the needs and interests of the deaf population and, therefore, assume ways of erasing the particularities of these citizens. Adapting refracts the meaning of erasing which, in turn, acts as a maintaining force of the prevailing hegemonic forms. We realize that the deaf subject is not seen from his realities, since the teaching-learning processes and research that involves him are naturalized, having the listener as a reference. Therefore, the latter is also a linguistic normative parameter sewn by the cisheteropatriarcal, white and Christian social structure of our national context. The text ends with an invitation to reflection, reconceptualization and action.

Keywords: Discourse; Adaptation/erasure; Deaf people; Teaching-learning; Libras.

Introdução

Pensar em uma sociedade que normatiza a sexualidade, a cor e a classe social, talvez não seja laborioso nos dias de hoje ante uma crescente circulação da informação e uma possível ampliação de discussões (incipientes ou não) em torno das relações sociais de forma geral. Provavelmente de igual branda, seja pensar a partir de uma sexualidade na qual as pessoas devam se constituir, a partir de uma cor na qual ideários de beleza

e capacidade devam ser prestigiados, bem como a partir do estrato social devemos esperar as produções artísticas e as produções científicas. Nesse contexto, qual é o lugar reservado à pessoa que não exhibe ou possui características do espectro cishetero-branco-classe média/alta e não-patológico? É possível pensar a partir desse outro, ou ainda, é possível pensar em processos de adaptações à sociedade padrão com o intui-

to de reparar o que entendemos ser um desequilíbrio social? Discorremos, no decorrer deste texto, essas questões centrais que nortearam e norteiam as discussões acerca do grupo socialmente marginalizado, foco deste trabalho: as pessoas com surdez.

É inegável o avanço social que a comunidade surda espalhada no Brasil teve nos últimos anos, principalmente, no que concerne aos aspectos educacionais (SANTOS, 2017): ampliação do número de pessoas surdas frequentando as escolas, mais profissionais Tradutores e Intérpretes de Libras -Português atuando em salas de aula inclusivas, (maior) acesso a cursos de graduação e pós-graduação - em instituições de ensino superior públicas e privadas - do país e, por conseguinte, maior número de pesquisas acadêmicas relativas às línguas de sinais (LSs). Contudo, como ampliação de nosso segundo questionamento acima, indagamos se esse avanço social tem se alicerçado, e assim sido analisado, pelo prisma da adaptação, ajuste, adequação, encaixe, integração, conversão (e tantos outros correlatos pertinentes) da pessoa surda a realidades majoritárias e rigidamente compreendidas como ouvintes e excludentes, no que concerne ao pensar, falar e ser.

Assim, neste artigo, tencionamos promover reflexões e provocações acerca dos efeitos de sentidos (re)produzidos no/com/através do discurso da adaptação no campo da Libras e, por conseguinte, das pessoas com surdez. Na busca desse intento, situamos este trabalho no campo da Linguística Aplicada, por compreendermos ser inescapável a relação entre língua e vida em sociedade, assentada, sobretudo, em uma agenda ético-política. Mais ainda,

Como lingüistas aplicados, estamos envolvidos com linguagem e educação, uma confluência de dois dos aspectos mais essencial-

mente políticos da vida. Na minha visão, as sociedades são desigualmente estruturadas e são dominadas por culturas e ideologias hegemônicas que limitam as possibilidades de refletirmos sobre o mundo e, conseqüentemente, sobre as possibilidades de mudarmos esse mundo. Também estou convencido de que a aprendizagem de línguas está intimamente ligada tanto à manutenção dessas iniquidades quanto às condições que possibilitam mudá-las. Assim, é dever da Linguística Aplicada examinar a base ideológica do conhecimento que produzimos (PENNYCOOK, 1998, p. 24).

Portanto, nosso compromisso social diante das desigualdades sociais que podem se apresentar na aprendizagem de línguas e em outras atividades relacionadas ao ensino delas merece destaque neste artigo. Ressaltamos ainda, que não temos a pretensão de exaurir as discussões aqui construídas e nutridas, pelo contrário, a proposição é assumida e propositadamente instigadora. A isso nos propomos, considerando a urgência fazer soerguer reflexões geradoras e abertas a mais outras reflexões que partam de um sujeito não-convertido, não-encaixado e, por conseguinte, de uma Libras não-amoldada e conformada. Nesse sentido, organizamos este manuscrito para discorrer primeiramente sobre o discurso da adaptação tendo como foco os aspectos teóricos, metodológicos e analíticos em pesquisas envolvendo a Libras. Em seguida, problematizamos o discurso da adaptação no currículo escolar, no qual enfatizamos a necessidade de compreender a realidade curricular como ampliação de apenas aspectos conteudistas de currículo.

O discurso da adaptação teórico-metodológico-analítica

O campo da Linguística Descritiva (doravante LD) tem recebido uma quantidade subs-

tancial de pesquisadores, realizando investigações de descrição e análise linguística das LSs cujos eixos centrais parecem realizar esse movimento de descrição linguística cativo a uma espécie de equiparação *ad aeternum* aos elementos, as categorias e a óptica analítica das línguas orais (LOs). Diante dessa realidade quase que massiva das pesquisas acerca de línguas gestuais, ampliamos as questões fundamentais deste texto, indagando a quem responde esse movimento intenso lotado (hegemonicamente) no campo da LD.

Essa percepção é motivada pelo que pensamos ser o paradoxo adaptação/autonomia, equivalente ao paradoxo aceite/abjeção. Primeiramente, é importante considerar que, para fins de reconhecimento como língua, os estudos acerca das LSs¹ foram ancorados em uma base que se propunha elencar características de distinção entre línguas e sistemas de comunicação animal, a saber: flexibilidade e versatilidade, arbitrariedade, descontinuidade, criatividade/produtividade, dupla articulação, padrão e dependência estrutural, como apresentam Quadros e Karnopp (2004), quando afirmam que:

[A]lgumas definições anteriores abordadas restringiram o estudo das línguas naturais ao estudo das línguas faladas. No entanto, cabe salientar que a partir do início das pesquisas linguísticas nas línguas de sinais em torno dos anos 1960 (Stokoe, 1960; Stokoe et al. 1965), observou-se que o entendimento sobre as línguas em geral e sobre as línguas de modalidade visoespacial (sic) aumentou consideravelmente. *Hoje há uma quantidade razoável de investigação na área da linguística, não apenas sobre a estrutura,*

mas também sobre a aquisição, o uso e o funcionamento dessas línguas (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 29, grifo nosso).

Contudo, pensamos que, assombrados constantemente pela dicotomia primária, linguagem humana *versus* comunicação animal, as investigações alçadas sobre as LSs parecem receosas em se distanciar de quaisquer trajetos outrora não trilhados pelas LOs, sob o risco da rejeição. Quase duas décadas após a afirmativa de Quadros e Karnopp (2004), citada acima, mais do que nunca é possível atestar que “há uma quantidade razoável de investigação na área da linguística”, todavia, inquieta-nos pensar que essas pesquisas sobre as LSs se mantenham cativas ao parâmetros de análise e compreensão das LOs, ainda que com o objetivo de fazer uma adaptação e não o de fazer uma verdadeira tradução desse conhecimento junto às realidades de línguas gestuais.

Diante disso e, mais uma vez desdobrando os questionamentos centrais deste texto, lançamos suspeitas acerca dessa pressuposta adaptação: será que isso, na verdade, não estaria, relegando os estudos acerca das LSs, no nosso caso mais específico, da língua brasileira de sinais – Libras, às sombras da subserviência linguística ante os sentidos que adaptar tem assumido no âmbito educacional de pessoas surdas? Insistimos num olhar para o outro que vá além dos limites da adequação investigativa, ou melhor, que rompa com a égide de pesquisas ajustadas a uma língua totalmente diversa, a começar por sua modalidade de materialidade, gestual. Além do mais, compreendemos que essas investidas tendem a lançar mão de um amoldamento, encaixe e justaposição do próprio sujeito surdo a realidades que não lhes dizem nada ou dizem pouco e que favorecem ao apagamento de suas possíveis múltiplas e diversas existências.

1 O acesso a estudos relativos a línguas que não fazem parte do eixo euro-norte-americano não é tão fácil. Entendemos que isso seja uma forma de apagamento que faz parte do que Ramon Grosfoguel (2006) chama de “epistemicídio” resultante do constructo Modernidade/Colonialidade.

Ao se referir às pesquisas em aquisição² de segunda língua³ (ASL) no contexto de sala de aula, Pennycook (1998) diz que:

por meio de medidas quantitativas das relações de causa e efeito, em situações *quasi-experimentais*, tem tratado a sala de aula como um lugar de meras trocas linguísticas, em vez de buscar entendê-la como um local complexo de interação social. A produção científica exploradora das dinâmicas sociais, culturais e políticas das salas de aula de segunda língua tem sido irrisória (PENNYCOOK, 1998, 33, grifo do autor).

Nas discussões relativas à Libras no âmbito educacional, entendemos e priorizamos a relação entre o contexto escolar e a sociedade ao não desassociar as relações possíveis entre ambos os contextos. Embora saibamos que a língua a qual Pennycook faz referência nesse contexto de ASL – o inglês – possua uma relação com mundo díspar do que Libras possui, o movimento teórico-paradigmático e metodológico parece seguir as mesmas veredas: uma cosmovisão euro-norte-americana, positivista e, neste caso, com o acréscimo do foco no aspecto fonocêntrico.

Substanciando nosso feixe de raciocínio, temos que o nascedouro das pesquisas acerca das LSs se constitui aninhado em descrições linguísticas no que diz respeito aos traços distintivos, aos estudos lexicais e, principalmente, ao estudo da sintaxe, a partir do pesquisador norte-americano Stokoe, em 1960 (QUADROS; KARNOPP, 2004). Por

2 Embora tenhamos preferência pelo termo “aprendizagem” em detrimento de “aquisição”, utilizaremos neste texto o vocábulo apresentado pelo autor referenciado.

3 Apesar de reconhecermos que há distinção entre segunda língua e língua estrangeira, neste texto, porém, não a faremos, pois o foco central da discussão é, como diz Pennycook, ter o foco central das discussões em pesquisas na complexidade da interação social e suas implicações sociais, culturais e políticas.

consequente, os estudos sobre Libras parecem se vencer a esse prisma positivista de fazer ciência em Linguística e, atrelado a isso, há o diapasão da investigação linguística baseada em línguas fonoarticulatórias que, desconfiamos nós, nem sempre (ou quase nunca) serve de padrão para a afinação. Por outro lado,

[I]sso não seria um problema tão sério, caso a pesquisa norte-americana, com sua tendência universalizante de modernidade, aliada ao apoio das universidades de prestígio e de suposto rigor do método positivista, não estivesse exportando suas descobertas como uma forma de verdade universal para o resto do mundo (PENNYCOOK, 1998, p. 33).

Embora haja, por parte da comunidade científica, o entendimento de que “[A] língua de sinais tem estrutura própria, e é autônoma, ou seja, independente de qualquer língua oral em sua concepção linguística” (GESSER, 2009, p. 33), parece haver também uma recorrência de textos da área buscando ratificar esse selo de língua. É como se esse atestado de língua legítima fosse tão tênue que precisasse ser validado com certa regularidade e, além disso, esse *status* de língua só seria alcançado através de pesquisas centradas na descrição linguística e análise do funcionamento fono-morfo-sintático. Sendo assim, essa é a resposta dada ao campo que detém hegemonia na quantidade de pesquisas em LSs, pois que, não diferentemente, até mesmo em ares de aquisição, as pesquisas em LSs ainda estariam inegavelmente sequestradas pela análise de seus respectivos arranjos fono-morfo-sintáticos.

Cabe ressaltar, que compreendemos que a excessiva preocupação em reafirmar a Libras enquanto língua (fato já oficializado há mais de 15 anos⁴), decorre do descompasso

4 Por meio da Lei Federal Nº 10. 436 (BRASIL, 2002).

existente entre o texto legal e a realidade social. O aparato legal não foi suficiente para deslocar a Libras e seus falantes dos lugares periféricos e marginalizados aos quais sempre foram historicamente delegados. Ante a isso, tem-se recorrido ao campo acadêmico como caminho e instrumento para preencher esse hiato e consolidar a Libras enquanto língua (legitimada). Possuindo prestígio sócio-científico, o campo acadêmico tem recebido diversos pesquisadores determinados a (provar) equiparar a Libras às línguas vocalizadas, no intuito de elevá-la ao mesmo nível de prestígio social das línguas hegemônicas.

Todavia, os investimentos de equiparação/adequação acabam por moldar a Libras aos padrões fonocêntricos, apagando, por consequência, as especificidades, as características singulares dessa língua gestual, cujas propriedades não são iguais às LOs. Ao invés da busca por autonomia, recorre-se a fazer adaptação, ao que nos parece uma subserviência linguística para que haja aceite dos outrora abjetados. Indo na contramão, subscrevemo-nos a importância de destacar que, são as especificidades, as singularidades da Libras em uso é que ela se difere de uma língua fonoarticulatória. São nessas particularidades que reside a beleza das línguas de sinais. É no olhar a partir das singularidades que reside e pode germinar outras epistemes, saberes que melhor dizem das pessoas cujo principal meio de interação é o gestovisual. E, por assim dizer, essa singularidade linguístico-cultural da Libras, propiciadora das práticas discursivas construtoras de realidades sociais (MOITA LOPES, 2002), não podem, nem devem, ser tomadas como menos língua e/ou socialmente inferior, refletindo o que chamamos de desequilíbrio social.

Desse modo, a frequência desse movimento unilateral de equiparação das LSs às

LOs contido em processos de adaptação, motivo pelos qual os tomamos por equivalentes neste trabalho, age, na nossa compreensão, no sentido de acorrentar ainda mais a Libras às línguas vocal-auditivas. Ao invés de se configurar como atos de resistência e de afirmação das línguas de sinais, esse movimento de equiparação/adaptação e, como consequência, de apagamento constitui uma rede discursiva que retroalimenta e reforça a soberania das LOs, assim como ratifica a ideia de hierarquia (em quaisquer níveis) entre ouvintes e surdos, tendo em vista que decorre “de uma estrutura de opressão que privilegia certos grupos em detrimento de outros” (RIBEIRO, 2019, p. 31).

Outrossim, entendemos que esse movimento unilateral apresenta-se como uma empreitada por aceitação da hegemonia ouvinte, um modo de obter um passe para habitar a ilustríssima torre de marfim, acreditando, pelo que parece, obter uma ilusória carta de alforria e, dessa maneira, livrar-se dos olhares preconceituosos e marginais que cerceiam as consideradas não-línguas e seus falantes. Em outras palavras, obter o tão almejado selo de língua. No entanto, longe de se tornarem libertas, o equiparar/adaptar/apagar implica, analogicamente, no “condicionamento de um povo a aceitar o que o colonizador, detentor do poder, impuser” (SIQUEIRA, 2014, p. 74), ou, como nos diz Bourdieu (2001, p. 11), na “domesticação dos dominados”. A hegemonia ouvinte, ideologicamente orientada, torna a língua vocalizada um espelho para as LSs, a partir do qual estas últimas lhe devem ser por reflexo, mesmo que quase sempre isso não seja possível.

Isso posto, como circunscrito no objetivo deste artigo, tencionamos provocar reflexões para que seja possível quebrar quaisquer correntes de subjugação teórico-meto-

dológico-analítica que, porventura, produza línguas-subjugadas e, ante a indissociabilidade sujeito-língua, sujeitos-subjugados. Desse modo, combatemos o que entendemos ser uma violência linguística que ainda assola as LSs e o surdo, o apagamento. Em outras palavras, defendemos que a Libras seja vista e investigada não como um subproduto das LOs, mas de forma realmente independente, ainda que dispute/compartilhe com uma delas – a língua portuguesa – mesmo espaço-tempo. Defendemos que é preciso falar da Libras a partir da Libras, discutir sobre surdez a partir das pessoas surdas, num movimento autônomo, livre e libertador. Corroboramos com o posicionamento de que é preciso falar não apenas a respeito da periferia, mas a partir da periferia (KLEIMAN, 2013, p. 46), considerando a periferização, a marginalidade vivenciada tanto pelas pessoas surdas quanto pelas pesquisas que envolvam (de alguma forma) essa demanda social.

Por fim, somos do entendimento de que para mudar essa realidade de dominação e subalternização, esquivando-nos de quaisquer formas de eufemismo, é necessário que os grupos minoritarizados tomem a dianteira de suas próprias narrativas, de sua própria história e de suas pesquisas⁵. O estado de dominação não é irreversível, “o colonizado deve ser capaz de escolher entre a passividade e a não aceitação, deve ser capaz de decidir por si mesmo se deseja lutar ou se deseja continuar a ser diminuído pelo colonizador” (SIQUEIRA, 2014, p. 75).

5 Não há nesta afirmativa nenhuma pretensão exclusividade investigativa, contudo, entendemos a urgência de se reclamar espaços de coparticipação dos saberes de pessoas e línguas inferiorizadas, subalternizadas e, por conseguinte, marginalizadas, uma vez que isso reflete e refrata em suas existências (e vice-versa).

O discurso da adaptação curricular

O discurso da adaptação tem campeado e produzido efeitos de sentido em diversos vieses do contexto educacional, sobretudo, nas discussões que envolvem uma compreensão curricular mais ampla, queremos dizer, desde discussões acerca da matriz curricular as de ações e materiais didático-pedagógicos desenvolvidos em salas de aula inclusivas. Nessa conjuntura, pautados numa orientação supostamente inclusiva, o termo adaptação surge como solução para as barreiras de exclusão e segregação que, premente, ainda constituem os espaços de sala de aula, considerando que, de acordo com Mesquita et al (2018, p. 70), o “movimento da inclusão trouxe e colocou em destaque a ideia de adaptar, flexibilizar, adequar” currículos, metodologias e avaliações. E, no que concerne mais especificamente ao ensino de pessoas com surdez, não raro, observarmos discursos que defendem a adaptação como instrumento de excelência para o ensino desse alunado.

Destarte, baseados nessa premissa de adaptação como solução, diversos materiais da literatura têm sido adaptados para comunidade surda, principalmente da literatura infantil, por exemplo: Cinderela, para Cinderela Surda; Rapunzel, para Rapunzel Surda, entre outros títulos ajustados à Libras. Semelhantemente, essa conversão se estende, praticamente, às demais realidades de sala inclusiva, quer na pura conversão de materiais didáticos da língua portuguesa escrita para Libras, quer nos ajustes metodológicos para o ensino do alunado surdo ou em algumas adaptações na matriz curricular.

Contudo, no mesmo espírito inquiridor que erigiu o tópico anterior, indagamos acerca do efeito de sentido solucionista re-

fratado através do discurso, (re)produzido no contexto educacional, de adaptação curricular voltado para às pessoas com surdez. Para refletirmos sobre isso, partirmos do entendimento de que a adaptação literária, em rumo de distanciamento de um pensar a partir do outro, tem por tendência duas facetas: folclorizar a adaptação e negligenciar as possibilidades textuais da comunidade surda.

Para a primeira faceta, a adequação tende a ser tomada como uma forma de manifestação puramente artística devido a língua que a veicula. Libras parece ser reconhecida como uma espécie de folclore, num possível sentido pejorativo do termo, pois que mesmo fazendo parte da sociedade mais ampla, restringe-se a um grupo específico que, vez por outra, faz-se visível e tem sua beleza e diferença admirada pela grupo social majoritário. Como efeito dessa primeira, visualizamos a segunda faceta, a da negligência. Para nós, esse movimento de adaptação tende a ludibriar quaisquer significados de acesso sócio-político e cultural desse outro com o qual dialoga e configura sentido de indiferença em relação às suas produções textuais autônomas. Logo, produções que dizem da realidade material de sua linguística, bem como das realidades construídas a partir dessa linguística são, como resultado da adequação solucionista, apagadas.

Não diferentemente, concebemos também que a conversão de materiais didáticos, os ajustes metodológicos para o ensino e a adaptação da matriz curricular parecem desconsiderar as construções político-identitárias que a Libras desenvolve com/na/pela pessoa surda, bem como nas relações que essas pessoas estabelecem com os não surdos. Esperamos estar explícita que a problemática circunscrita em torno da adaptação não diz respeito especificamen-

te a esse tipo de ação, mas aos sentidos que ela vem assumindo nos contextos relativos à vida das pessoas surdas e, neste artigo, aos contextos educacionais dos quais elas participam.

Nesse sentido, é imprescindível atentar para os sentidos refletidos e refratados pelas palavras que constituem nosso discurso ([re]produzido), uma vez que nelas “se realizam todos os fios ideológicos que penetram todas as áreas da comunicação social” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 106). Fazemos esse destaque, ante a compreensão de que tais fios ideológicos constroem e são construídos por nossos discursos e, atuando na capilarização social, orientam e balizam, por sua vez, as relações entre os sujeitos. A partir disso, consideramos que o termo “adaptar” não é esvaziado de intencionalidade, mas recupera e dá continuidade à direções de sentidos que afetam as realidades das denominadas práticas inclusivas, sendo-lhe, na ocasião desta discussão, por promessa solucionista.

Em contrapartida, convém igualmente atentar que esse adaptar pressupõe um precedente, um ponto de partida de onde emerge o padrão, o modelo, a referência que servirá de base para parciais (ou pequenas) modificações cumpridoras da adaptação, adequação, ajuste, entre outros correlatos. Por esse prisma, adaptar algo não implica necessariamente numa mudança de paradigmas, mas em superficiais arranjos que ainda preservam, inevitavelmente, a essência do referente e de seus interesses, diante de um discernimento político-sócio-histórico e não-neutro.

Portanto, o discurso pró-adaptação/adequação é ideologicamente orientado e parece estar a serviço da manutenção de interesses hegemônicos, isto é, dos não-patológicos para preservar as bases estruturais

de poder que esses exercem sobre os patologizados. Esse discurso, que transpassa todos os setores da sociedade, inclusive os contextos educacionais, produz uma falsa impressão de inclusão, velando currículos pré-estabelecidos, pré-formados, fixos, estanques, engessados e blindados a qualquer forma de real alteração, movidos, sobretudo, por um projeto de manutenção do *status quo*, o de exclusão do surdo.

O discurso da adaptação tem sido naturalizado e ganhado palco, sendo ovacionado como a resolução de todos os entraves no ensino para pessoas com deficiências por propiciar uma (pseudo) equidade. É um discurso que seduz, que requer estabilidade e que produz uma cênica percepção de igualdade, de equilíbrio social, pois que os processos de adequação didático-pedagógicos e curriculares estariam dando acessibilidade educacional aos marginalizados. Assim, envolvidos nessa corrente discursiva, muitos profissionais e pesquisadores da área da surdez têm, conscientes ou não, reproduzido esse discurso que funciona como força motriz, refratadamente, de dominação e manutenção das desigualdades.

Esse discurso, assim como o de adaptação para fins investigativos discutido no tópico anterior, também age em via de unilateralidade: o grupo hegemônico nunca está aberto a adaptações para com o surdo; somente esse diferente é que precisa se amoldar para caber no espaço que é da maioria ouvinte, tendo em vista que o contexto educacional não é, aparentemente, um espaço comum - compartilhado. Os alunos diferentes necessitam se encaixar nos moldes reguladores, discursivamente construídos, sob o risco de exclusão, caso queiram partilhar dos contextos educacionais e dos saberes produzidos nesses espaços recém conquistados.

Nesse sentido, em tais espaços de hegemonia ouvinte, percebemos uma urdida lógica atuando na construção e execução de currículos, metodologias e avaliações que tomam o ouvinte como a gênese e referente, exigindo do surdo empenho para se enquadrar em padrões ouvintes, isto é, para ir além de sua realidade linguística, cultural e até física (na maioria dos casos⁶). Essa exigência de um para além de suas existências, o que nos parece desumano, marca ainda mais esse lugar de outro que o surdo ocupa, pois que “o status de ser o ‘outro’ implica ser o outro em relação a algo ou ser diferente da norma pressuposta”, como bem destaca Collins (2016, p. 5, grifo do autor) ao tratar do racismo. Logo, temos um outro fora da norma social e, muitas vezes, da academia, mas que sob a folclorização e apagamento da adaptação é pseudo-incluído.

Considerações não-finais

As reflexões substanciadas neste artigo visam pensar na democratização do acesso ao conhecimento por meio de investigações e realidade curricular que tomem as especificidades das pessoas surdas como ponto de partida, para, desse modo, atingir processos de ensino-aprendizagem realmente inclusivos. Isso em vista, partindo propositadamente primeiro, para fins contextuais, das discussões que fizemos sobre adaptação na matriz curricular, em materiais didáticos, literários e metodológicos para as pessoas surdas, reflexionamos que tal realidade tem sido desenhada a partir de modelos ouvintes, reproduzindo “o saber de um grupo do-

6 Considerando que a maioria das pessoas surdas possui perda auditiva significativa o suficiente para inviabilizar processos de interação verbal via circunstâncias oro-auditivas - ainda que surdos oralizados lancem mão, necessariamente, de elementos outros para essa forma de comunicação, a leitura orofacial, por exemplo.

minante que manipula o conhecimento e os saberes com base na afirmação de uma hegemonia racional que coloca em desvantagem as minorias desprivilegiadas dos bens culturais” (ONOFRE, 2008, p. 106).

Já no que diz respeito ao que chamamos de subserviência linguística, pensamos que a mesma moldagem que recai sobre a pessoa surda e torna os espaços educativos um não-lugar desse outro, no qual ele precisa se encaixar, é utilizada como prisma para as investigações da língua gestual por meio da qual essas pessoas interagem no mundo e com o mundo. Receosos aos assombros do fantasma da ilegitimidade das LSs, no nosso caso, da Libras, as pesquisas relativas à essa língua se mantêm prisioneiras a uma cosmovisão euro-norte-americana, positivista e fonocêntrica em seus processos teórico-metodológico-analítico.

Assim, para além da adaptação curricular, metodológica e - ainda que não discutida, mas inevitavelmente presente nesse âmbito educacional - avaliativa, as investigações acadêmicas cujo objetivo é a Libras, também continuam, infelizmente, não ouvindo as pessoas surdas. A famigerada adaptação tem provocado apenas certo encantamento e uma ilusória sensação de equidade e justiça social que pode ser facilmente comprada e difundida por muitos profissionais e pesquisadores da área.

Diante disso, frisamos nosso posicionamento em reclamar uma reflexão acerca dos efeitos de sentido engendrados com/no/através do discurso da adaptação, mesmo que isso implique em possíveis desconfortos para alguns dos tais profissionais e pesquisadores. Compreendemos a possibilidade de negação, ou não-aceitação dos apontamentos aqui levantados visto que “ideias e verdades desagradáveis seriam mantidas fora da consciência por conta da extrema

ansiedade, culpa e vergonha que elas causam” (RIBEIRO, 2019, p. 79). Entendemos ainda que a negação ou desconforto causado aconteça porque, talvez, sempre estivemos acostumados a ouvir nossas próprias vozes. Todavia, mesmo diante da possibilidade de desagrado, somos movidos por um compromisso ético-político, de reconhecimento de nossa responsabilidade⁷ (SOBRAL, 2016) na desconstrução de práticas discursivas opressoras de silenciamento e apagamento. Apagamento que, segundo consideramos, vem mascarado de equiparação, adaptação e/ou ajuste.

Referências

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. 15 ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2001.

BRASIL, **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm>. Acesso em: 01 de nov. de 2019.

GESSER, A. **LIBRAS?: Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

KLEIMAN, A. B. Agenda de Pesquisa e Ação em Linguística Aplicada: problematizações. In. MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Linguística Aplicada na Modernidade Recente: festschrift para Antonieta Celani**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013, pp. 39-58.

MENDES, E. G.; TANNÚS-VALADÃO, G.; MILANESI, J. B. **Atendimento Educacional Especializado para estudante com deficiência intelectual**

⁷ Vocábulo proposto por Sobral (2016) para unir as noções de responsabilidade e responsividade abordadas por Bakhtin. Segundo o autor, o termo objetiva “designar por meio de uma palavra tanto o aspecto responsivo como o da assunção de responsabilidade do agente pelo seu ato, um responder responsável que envolve necessariamente um compromisso ético do agente” (SOBRAL, 2016, p. 20).

tual: os diferentes discursos dos professores especializados sobre o que e como ensinar.

Revista Linhas. Florianópolis, v. 17, n. 35, p. 45-67, set./dez. 2016.

MESQUITA, A. M. A.; RODRIGUES, J. F. B.; CASTRO, K. P. **A Política Curricular no Contexto da Inclusão e seus Mecanismos de Diferenciação Curricular.** Revista Teias v. 19, n. 55, Out./Dez. 2018. pp. 70-88.

ONOFRE, J. A. **Repensando A Questão Curricular: caminho para uma educação anti-racista.** Práxis Educacional, Vitória da Conquista, v. 4, n. 4, p. 103-122, jan./jun. 2008.

PENNYCOOK, A. A Linguística Aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. (orgs.). **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade.** Campinas: Mercado de Letras, 1998.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

RIBEIRO, D. **Lugar de fala.** São Paulo: Pólen, 2019.

SACRISTÁN, J. G. Currículo e diversidade cultural. In: SILVA, T. T.; MOREIRA, A. F.(Org.). **Territórios contestados: o currículo e os novos**

mapas políticos e culturais. Petrópolis: Vozes, 1995.

SANTOS, F. R. **Um estudo sobre o processo de ensino-aprendizagem dos alunos da disciplina Libras no curso de Licenciatura em Letras-Português de uma instituição do ensino superior pública de Alagoas.** 2017. 153 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017

SIQUEIRA, G. V. Q. **A Relação Colonizador X Colonizado em as Aventuras de Ngunga.** Revista Arredia, Dourados, MS, Editora UFGD, v.3, n.5: 62-76 ago./dez. 2014.

SOBRAL, A. Ato/atividade e evento. In: BRAIT, B.(Org.). **Bakhtin: conceitos-chave.** 5. ed. São Paulo: Contexto, 2016, pp. 11-36.

STREVA, J. M. **Colonialidade do Ser e Corporalidade: O Racismo Brasileiro Por Uma Lente Descolonial.** Revista Antropolítica, n. 40, Niterói, p.20-53, 1. sem. 2016.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e a filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.** Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, [1929] 2017.

*Recebido em: 01/04/2021
Aprovado em: 02/06/2021*



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

A semiótica do amigo: uma análise da composição do companheirismo de Kuririn em Dragon Ball Z

Thiago Barbosa Soares (UFT)*
<https://orcid.org/0000.0003.2887.1302>

Resumo:

O presente artigo tem por objetivo analisar a produção semiótica do amigo na personagem Kuririn de Dragon Ball Z. Para alcançar esse objetivo, recorre-se ao uso da conceituação junguiana de arquétipo que, por sua vez, dá suporte aos quatro pontos das necessidades básicas de constituição arquetípica (MARK; PEARSON 2001) sobre os quais se empregam a análise semiótica para compreender a valência dos principais traços inerentes à formação do amigo em Kuririn. Nesse sentido, retoma-se tanto a metodologia qualitativa quanto às considerações de Soares (2020) para nortear o traçado desta investigação. Para tanto, este artigo organiza-se da seguinte forma: em um primeiro momento, descreve-se e interpreta-se a arquitetura semiótica de Kuririn à luz do funcionamento arquetípico do amigo no que se refere às quatro fases constituintes da narrativa (PLATÃO; FIORIN, 1993). Posteriormente, com base na relação entre os quatro pontos das necessidades básicas de constituição arquetípica, investiga-se a composição da narratividade semiótica de Kuririn. Por fim, são concebidos alguns comentários apreciativos e estimadas as possíveis contribuições de cujo produto pode advir o trajeto aqui percorrido.

Palavras-chaves: Semiótica; arquétipo; amigo; Kuririn; Dragon Ball Z.

Abstract:

The friend's semiotics: an analysis of the composition of Kuririn's companion in Dragon Ball Z

This article aims to analyze the semiotic production of the friend in the character Kuririn from Dragon Ball Z. To achieve this goal, the Jungian concept of archetype is used, which, in turn, supports the four points of the basic needs of archetypal constitution (MARK; PEARSON 2001) on which semiotic analysis is used to understand the valence of the main traits inherent in the formation of the friend in Kuririn. In this sense, both the qualitative methodology and the considerations of Soares (2020) are used to guide the

* É Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos. É Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins – UFT. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8919327601287308>. Email: thiago.soares@mail.uft.edu.br

outline of this investigation. To this end, this article is organized as follows: at first, Kuririn's semiotic architecture is described and interpreted in the light of the friend's archetypal functioning with regard to the four constituent phases of the narrative (PLATÃO; FIORIN, 1993). Subsequently, based on the relationship between the four points of the basic needs of archetypal constitution, the composition of Kuririn's semiotic narrativity is investigated. Finally, some appreciative comments are made and the possible contributions of whose product may come from the path taken here are estimated.

Keywords: Semiotics; archetype; friend; Kuririn; Dragon Ball Z.

Considerações iniciais

A amizade é um dos bens mais caros adquiridos na vida. Luta-se pela amizade como se luta pela própria vida para que essa tenha seu valor laureado pelos mais nobres sentimentos de virtude. A amizade que é vivenciada por seus integrantes relaciona-os de tal maneira fazendo com que não apenas se conheçam como também sintam as situações passadas pelo outro a ponto de um ou outro agir em prol da superação dos obstáculos que qualquer deles necessita. Com isso em vista, Cícero diz acerca dos benefícios encontrados na amizade: "Entre as muitas e maiores vantagens que amizade produz, certamente, prevalece a de despertar em todos confiança no futuro, não permitindo que nosso ânimo fique sem coragem ou debilitado" (CÍCERO, 2006, p. 39). Nessa perspectiva, a amizade carrega uma valência positiva conforme seus predicados acarretam acréscimos.

As prerrogativas da amizade manifestam-se no contato com a figura do amigo. Seja no plano empírico ou no plano ficcional, o amigo encontra-se ao lado daquele que segue sua jornada, tal como o herói. Basta uma rápida busca na Literatura Universal para encontrarmos o amigo auxiliando o protagonista em suas adversidades. Jung, ao compreender os diversos padrões de repetição na construção das personagens presentes em praticamente todas narrativas, desen-

volve a concepção de arquétipo segundo a qual as ações e suas respectivas implicações são dirigidas por uma série de fatores profundamente correlacionados a um determinado plano narrativo antropológicamente enraizado nas diversas culturas existentes. No tocante ao arquétipo, Jung afiança:

Dei o nome de arquétipos a esses padrões coletivos, valendo-me de uma expressão de Santo Agostinho. Arquétipo significa um "typos" (impressão, marca-impressão), um agrupamento definido de caráter arcaico que, em forma e significado, encerra motivos mitológicos, os quais surgem em forma pura nos contos de fadas, nos mitos, nas lendas do folclore (JUNG, 2013, p. 52-53, grifos do autor).

Nesse sentido, Jung, depreendendo o papel do amigo presente em inúmeros textos, assevera: "A lenda dos mistérios do par de amigos prestativos promete proteção àquele que encontrou o tesouro em sua busca" (JUNG, 2000, p. 149). Quer dizer, entre outras coisas, que o par amigo e herói são constantes e frequentantes actanciais das narrativas em geral, mormente nas de cunho mítico. Segundo tal panorama, o arquétipo do amigo parece ser verificado prioritariamente em relação a uma semiótica necessária à estruturação das narrativas (TODOROV, 2006), de outro modo seu exame e, conseqüentemente, sua observação tornam-se

profundamente abstratos caso não seja levado em consideração uma semiose personificada em uma unidade de sentido, isto é, em actante. De maneira diferente dessa última, trazemos e mobilizamos o conceito junguiano de arquétipo.

Assim, com base na visão do arquétipo como uma variável comportamental impressa no desenvolvimento psicológico processado na semiose de personagens, bem como dos sujeitos no circuito social, objetivamos investigar a composição semiótica do arquétipo do amigo no actante Kuririn do universo de Dragon Ball Z (Akira Toriyama). Para alcançarmos nosso objetivo, recorremos ao uso da conceituação junguiana de arquétipo que, por sua vez, dá suporte aos quatro pontos das necessidades básicas de constituição arquetípica (MARK; PEARSON 2001) sobre os quais empregamos a análise semiótica para compreender a valência dos principais traços inerentes à formação do amigo em Kuririn, visando, com isso, conhecer tanto a interioridade da semiose presente na narratividade desse actante quanto sua relação performática em seu percurso narrativo. Nesse sentido, retomamos tanto a metodologia qualitativa quanto as considerações de Soares (2020) para nortear o traçado de nossa análise.

Diante da necessidade de compreender as características do funcionamento do arquétipo do amigo como um actante auxiliar do herói e prevendo existir um percurso narrativo próprio ao quadro semiótico referente à amizade, empreendemos uma análise semiótica semelhante ao espectro teórico metodológico desenvolvido pela chamada semiótica greimasiana (SOARES, 2018). Por compreendermos que a noção de arquétipo atua em uma escala universal de performance, a sua decantação dá-se através de um exame relativo às semioses estruturantes de

um determinado actante no interior de uma narrativa na qual haja um percurso de sentido organizado segundo o qual seja possível extrair as estruturas semânticas básicas e seus respectivos impactos na constituição de demais actâncias e as necessidades básicas de constituição arquetípica (MARK; PEARSON 2001).

Com efeito, a descrição e interpretação da narratividade presente no percurso gerativo de sentido de Kuririn do universo de Dragon Ball Z traz à tona tanto as funções de uma figura arquetípica, o amigo, quanto as determinações mais específicas de construção do actante auxiliar do herói. No entanto, tomá-las como prontas e fechadas é um contundente equívoco, porquanto, para além de empobrecer o processo interpretativo dos componentes semióticos de uma personagem, demonstra as limitações do observador em relação ao objeto observado, recrudescendo as múltiplas (e ilimitadas) possibilidades de criação e preenchimento de actantes existentes no plano narrativo. Com base nesses argumentos e no indomável espírito de pesquisa acerca do saber, analisamos a produção semiótica do amigo na personagem Kuririn, de Dragon Ball Z, segundo uma perspectiva greimasiana de investigação do percurso gerativo do sentido.

Para tanto, este artigo organiza-se da seguinte forma: em um primeiro momento, na seção **A semiose (narrativa) do arquétipo de Kuririn**, descrevemos e interpretamos a arquitetura semiótica de Kuririn à luz do funcionamento arquétipo do amigo no que se refere às quatro fases constituintes da narrativa (PLATÃO; FIORIN, 1993). Posteriormente, na seção **A semiótica das necessidades básicas no amigo em Dragon Ball Z**, com base na relação entre os quatro pontos das necessidades básicas de constituição arquetípica (MARK; PEARSON,

2001), investigamos a composição da narrativa semiótica de Kuririn. Por fim, nas **Considerações finais**, são concebidos alguns comentários apreciativos e estimadas as possíveis contribuições de cujo produto advém o trajeto aqui percorrido.

A semiose (narrativa) do arquétipo de Kuririn

Antes de tocarmos de fato na semiose do arquétipo de Kuririn, julgamos importante uma breve contextualização sobre o universo de Dragon Ball Z. Criado por Akira Toriyama em meados da década de 1980, Dragon Ball narra as aventuras de Son Goku ainda criança, no período em que conhece Kame, seu mestre, e Kuririn, seu amigo. Dragon Ball Z é um avanço na cronologia da narrativa, pois Son Goku já se encontra adulto e enfrenta novos desafios e ao seu lado encontra-se seu companheiro de jornada, Kuririn. É interessante destacar o fato de que Dragon Ball (em sua totalidade) é um dos mangás¹ e animes mais populares e famosos do mundo graças a sua narrativa de alta complexidade composicional, ainda não analisada do ponto de vista da semiótica greimasiana, e a sua densidade estruturada pelos mais variados arquétipos materializados em personagens cativantes.

Feitas essas considerações para contextualizar o espaço narrativo de Dragon Ball Z, convém salientar uma característica subjacente à disposição de nosso procedimento analítico, qual seja, a que se refere à descrição e interpretação da semiose narrativa do

arquétipo do amigo, pois esse só pode ser investigado no interior da performance actancial de uma personagem que congregue minimamente seus traços. Além disso, um inconveniente precisa ser observado: por não estarmos diante do texto escrito nem imagético, mas, sim, frente a uma narrativa da qual se pretende extrair valências dos principais traços inerentes à formação do amigo em Kuririn, a descrição e interpretação do percurso gerativo de sentido aqui se ancora tanto na conceituação junguiana de arquétipo quanto no suporte dos quatro pontos das necessidades básicas de constituição arquetípica (MARK; PEARSON 2001) para o empreendimento da análise semiótica. Isso, por sua vez, acarreta a simultaneidade do emprego das noções e conceitos advindos do campo da semiótica greimasiana ao evento de narratividade discricional da performance actancial de Kuririn, fazendo com que não haja uma separação ritmada entre as cenas composicionais nas quais sejam percebidas as semioses da personagem em questão e o exame propriamente dito através da mobilização das categorias semióticas.

Para entrarmos efetivamente na descrição e interpretação da semiose narrativa do arquétipo do amigo e, assim, na análise semiótica do actante Kuririn de Dragon Ball Z, temos de levar em conta dois pontos fundamentais que não apenas estão interseccionados, como também atravessam as principais vias condutoras deste texto. Um primeiro ponto refere-se à representatividade ficcional da personagem em questão que é um actante do ponto de vista de uma gramática funcional dos casos de ação segundo seu desempenho no espaço narrativo. “O conceito de actante deve, igualmente, ser interpretado no âmbito da gramática dos casos em que cada caso pode se considerar como a representação de uma posição actancial”

1 Mangá é um gênero literário tipicamente japonês semelhante às histórias em quadrinhos, mas com a diferença de ser lido de trás para frente. Do mangá surge comumente o anime que, por sua vez, é um tipo de desenho animado possuidor particularidades específicas, como, por exemplo, olhos grandes nas personagens e, em muitas das vezes, voltado às artes marciais.

(GREIMAS; COURTÉS, 1989, p. 12-13). Disso decorre a compreensão de que Kuririn, por não ser o actante nuclear do projeto narrativo de Dragon Ball Z, é um adjuvante, isto é, “auxiliar positivo quando esse papel é assumido por um ator diferente do sujeito do fazer” (GREIMAS; COURTÉS, 1989, p. 15) delineado para figurar no centro das ações do espaço ficcional.

“A actância do herói preenche o espaço da narrativa mesmo com sua ausência, estabelecendo sua força centrípeta em relação aos demais actantes” (SOARES, 2020, p. 116), de modo a fazer com que o herói seja o centro do plano narrativo. No caso do plano narrativo tanto de Dragon Ball² quanto Dragon Ball Z, o herói é invariavelmente Son Goku. Entretanto, como nosso objeto de investigação e compreensão situa-se na manifestação semiótica de um não protagonista e vamos alçá-lo a tal condição actancial, miramos, desse ponto, Kuririn como actante da construção de um lastro semiótico que nos leva ao arquétipo do amigo. Em virtude de que “São as personagens (e o mundo fictício da cena) que “absorveram” as palavras do texto e passam a constituí-las, tornando-se a fonte delas – exatamente como ocorre na realidade” (CÂNDIDO, et. al., 1992, p. 29, aspas dos autores).

Iluminado esse ponto, o outro se refere ao fato de que a noção junguiana de arquétipo resultar do conceito de inconsciente coletivo. O próprio Jung descreveu tal relação da seguinte maneira:

O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um incons-

2 O universo de Dragon Ball possui uma cronologia paralela às fases de desenvolvimento de seu protagonista. Grosso modo, o início da narrativa ocorre na infância de Son Goku, ou seja, Dragon Ball concerne ao intervalo de tempo no qual ele é criança. Dragon Ball Z refere-se ao período adulto desse actante.

ciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo portanto uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e no entanto desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e portanto não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de complexos, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de arquétipos. O conceito de arquétipo, que constitui um correlato indispensável da ideia do inconsciente coletivo, indica a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar (JUNG, 2000, p. 53).

Em vista disso, como verificamos nas palavras do idealizador das duas concepções, o desenvolvimento do conceito de arquétipo coincide, na verdade, com o desdobramento do inconsciente coletivo, pois esse contém arquétipos em seu interior que podem ser observados em quase todas as grandes narrativas, como no caso dos mitos. Em outros termos, um mito é uma configuração narrativa repetível na qual uma série de actantes é agrupado e da qual é possível extrair símbolos relativamente estáveis para compreender funções coletivas, ou seja, o mito é “um sistema dinâmico de símbolos, arquétipos e esquemas, sistema dinâmico que, sob o impulso de um esquema, tende a compor-se em narrativa” (DURAND, 2002, p. 63).

Diante dessa estruturação arquetípica da narrativa, temos na própria composição do arquétipo um trajeto semiótico estruturado por semioses distintas, pois, tal como afirma Jung, os arquétipos “são imagens e ao mesmo tempo emoções. Só podemos falar de um arquétipo quando estão presentes es-

ses dois aspectos ao mesmo tempo” (JUNG, 2013, p. 276, *italico do autor*). Isso significa que “Examinando-as mais detalhadamente, constataremos que elas são, de certo modo, o resultado formado por inúmeras experiências típicas de toda uma genealogia” (JUNG, 2018, p. 82). Portanto, desse modo, para analisar a organização semiótica do arquétipo do amigo no actante Kuririn do universo de Dragon Ball Z, é fundamental compreender que a imagem e a emoção ligadas ao amigo são produtos de uma narrativização singularizada em um dado ambiente no qual o actante recebe vida e, simultaneamente, obtém características genealógicas além dos limites do texto, ainda que essas sejam invariavelmente restritas à linguagem.

Em razão desse cenário semiótico, a imagem e a emoção em Kuririn refletem e refratam em alguma medida as de Son Goku, dado ser esse o grande responsável pela cadência narrativa de Dragon Ball Z, e por justamente desse ser amigo. Mesmo Kuririn encarnando o arquétipo do amigo, ele também segue uma jornada de progresso relativamente universal. De acordo com Campbell (2007), que aponta 12 etapas de evolução da jornada do herói, todos atravessam os mesmos percursos, guardadas as devidas proporções de diferenças, para trilhar a vida e seus reveses. Assim, Campbell (2007) elenca sequencialmente as fases percorridas pelo herói do seguinte modo: 1) o mundo comum; 2) o chamado para a aventura; 3) a recusa do chamado; 4) o encontro com o mentor; 5) a travessia do umbral; 6) os testes, aliados e inimigos; 7) a aproximação do objetivo; 8) a provação máxima; 9) a conquista da recompensa; 10) o caminho da volta; 11) a depuração; e 12) o retorno transformado.

Com a jornada do herói no horizonte, partimos da premissa de que a actância do arquétipo do amigo estende-se à consecução

das etapas concebidas, de acordo com as forças em atuação no projeto narrativo, e volta-se à configuração na qual a protagonista da narrativa encontra-se com seu auxiliar, amigo. Portanto, o amigo, percorrida sua própria jornada ou ainda nela em avanço, encontra-se com o herói quando esse, no estágio que, de acordo com Campbell (2007), corresponde, salvo determinados casos, à 6ª (os testes, aliados e inimigos) etapa de seu percurso, depara-se com a necessidade de ultrapassar seus próprios limites no interior do plano narrativo. Portanto, pode-se dizer que: “Outra função deste estágio é fazer aliados ou inimigos. É natural que o herói, acabando de chegar ao mundo especial, passe algum tempo tentando descobrir em quem pode confiar para determinados serviços” (VOGLER, 2006, p. 140). Além disso, “Os heróis podem entrar no estágio dos testes procurando informação, mas podem sair com novos amigos ou aliados” (VOGLER, 2006, p. 140).

No que concerne à funcionalidade do arquétipo do amigo como aliado, Vogler (2006) representa-o como uma das emanções do próprio herói e, tal como se pode ver abaixo, desenha-o:

Figura 1: Emanações do herói (VOGLER, 2006, p. 50).



Como é possível perceber pela figura acima, o herói é o núcleo do qual emanam as demais personagens, servindo-lhes como arregimentador de seus papéis actanciais e dando-lhes força perfunctoriamente às suas respectivas gramáticas de casos. Todavia, como objetivamos investigar a composição semiótica do arquétipo do amigo no actante Kuririn pertencente ao projeto ficcional de Dragon Ball Z, não consideramos o aliado apenas como uma função actancial da semiótica do herói (SOARES, 2020), mas também uma semiose constituída por fatores que a fazem percorrer uma jornada, senão semelhante, próxima à do herói. Tanto por isso quanto pela compreensão de que um projeto narrativo pode ser mais bem compreendido através das complementaridades cuja soma das análises de seus actantes adjacentes as produz, enveredamos pela jornada do herói para examinar a semiose (narrativa) do arquétipo do amigo em Kuririn que pode ser sintetizada, em boa medida, pelo esquema das quatro fases constituintes da narrativa conforme Platão e Fiorin (1993, p. 57), a saber:

MANIPULAÇÃO → COMPETÊNCIA →
PERFORMANCE → SANÇÃO

“A manipulação, a competência, a *performance* e a sanção são desenvolvidas pela sintaxe de nível narrativo cuja elaboração se dá por enunciados de estado e enunciados de ação” (SOARES, 2018, p. 103, itálico do autor). Caso estivéssemos diante de uma teoria semiótica que considera o texto circunscrito a níveis, a análise da actância de Kuririn estaria voltada exclusivamente para a ocorrência desses níveis na narrativa de Dragon Ball Z. Contudo, aqui tomamos as quatro fases constituintes da narrativa como a própria condição de expressão da actância desenvolvida através das persona-

gens em conformidade com a gramática dos casos por meio da qual adquirem relevância. Nessa perspectiva, consideramos que “A manipulação do enunciador exerce-se como um fazer persuasivo, enquanto ao enunciatário cabe o fazer interpretativo e a ação subsequente” (BARROS, 2005, p. 60).

Desde o início de Dragon Ball, Kuririn é frequentemente manipulado por Son Goku a treinar e participar de torneios, entretanto no projeto narrativo de Dragon Ball Z sofre outras influências para além das advindas do herói. Um caso desses se dá quando os *sayajins* invadem a Terra e forçam-no a lutar contra Vegeta e Nappa. Em ocasião posterior, Kuririn é obrigado por Bulma a ir ao planeta *namekusei* em busca das esferas do dragão de lá. Mais adiante na estruturação dos fatos, ele é compelido a salvar a androide número 18 pelo menos duas vezes da ameaça de Cell. Depois de casado com sua amada androide, ela o força a trabalhar, de maneira que Kuririn acaba tornando-se policial. É necessário que se perceba que, para cada manipulação sofrida pelo actante em questão, ele, em resposta, desenvolve uma competência para agir de acordo com o projeto narrativo particularizado em Dragon Ball Z.

Então, como é possível notar, é em consequência da manipulação que o actante desenvolve uma competência, uma espécie de saber agir, para, com isso, desempenhar esse saber, isto é, performatizar. Quando Kuririn é manipulado a ir ao planeta *namekusei*, ele adquire uma série de conhecimentos tanto acerca do lugar quanto de seu próprio poder de luta. Kuririn tem de lidar com as adversidades impostas pelas forças de Freeza e pelo próprio vilão. Também recebe do grande patriarca *namekuseijin* o desbloqueio de todo seu poder oculto, tornando-se, assim, muito mais forte para enfrentar o próprio actante antagonista, Freeza. Em decorrência dessa

sequência de ações, que contemplam manipulação, competência e performance no projeto narrativo, Kuririn sofre a sanção cuja retribuição é a morte imposta-lhe por Freeza.

A sanção recebida por Kuririn é também uma sanção prescrita ao actante nuclear, Son Goku, que, por sua vez, apenas consegue transformar-se em super *sayajin* ao ver seu melhor amigo ser morto diante de seus olhos. Compreendemos disso que a jornada do amigo é trilhada ao lado da jornada do protagonista e muito do que a um ocorre ao outro impacta, como nesse caso, tão profundamente a ponto de manipular e, por conseguinte, desenvolver uma competência, bem como gerar uma performance capaz de sancionar o antagonista. Assim, podemos perceber que há algo de comum tanto no amigo quanto no herói, algo que se assemelha ao funcionamento das emanções do herói (VOGLER, 2006), entretanto, quando aproximamos o arquétipo do amigo encarnado em Kuririn ao do herói representado por Son Goku, constata-se que a sanção recebida por aquele, por mais que também tenha sido sentida por este, serviu ao actante principal para atingir uma nova competência, sua transformação em super *sayajin*.

O arquétipo do amigo presente na actância de Kuririn é sacrificado involuntariamente, em uma determinada fase sintagmática da gramática das ações, para engendrar outra forma em Son Goku, de modo a dar prosseguimento ao projeto narrativo do universo de Dragon Ball Z. A linearização dos feitos de Kuririn e de seus respectivos efeitos é consequente ao seu papel arquetípico. Portanto, a captação da amizade pela semiose narrativizada por Kuririn, repleta por todos os sentimentos amealhados por Son Goku, é uma das principais responsáveis por sua transformação em super *sayajins* graças a qual Freeza pôde ser derrotado

e a grande maioria dos sujeitos presentes em *namekusei* pôde ser salva. Nesse sentido, pode-se dizer que a sanção aplicada por Son Goku a Freeza para vingar a morte de seu amigo configura um tipo de justiça no percurso narrativo de Dragon Ball Z.

Dito em outros termos, “Quando os homens são amigos não necessitam de justiça, ao passo que os justos necessitam também da amizade; e considera-se que a mais genuína forma de justiça é uma espécie de amizade” (ARISTÓTELES, 2001, p. 173). Compreendido isso da relação existente entre a sanção do actante Kuririn e seu impacto no actante protagonista, as fases constituintes da narrativa (PLATÃO; FIORIN, 1993, p. 57) demonstram que ele concretiza para com Son Goku, seu amigo, a valência positiva da amizade, pois essa permitiu a transformação desse em super *sayajin*, uma actância suficientemente responsável pela mudança dos rumos do projeto narrativo do universo de Dragon Ball Z. Contudo, existem ainda elementos a serem apreendidos quanto à quadratura das necessidades básicas que formam o jogo semiótico do arquétipo (MARK; PEARSON, 2001) do amigo em Kuririn.

A semiótica das necessidades básicas no amigo em Dragon Ball Z

Como tomamos por base referencial e metodológica a semiótica para analisarmos a constituição arquetípica do amigo em Kuririn de Dragon Ball Z, consideramos produtivo e mesmo necessário tecer apontamentos acerca dessa ciência das significações, voltando-se às principais concepções cujo emprego fazemos neste texto. “Essa por ser a ciência geral da significação está fundamentalmente ligada à filosofia da linguagem, porém, dessa se afasta quando se tem um objeto comunicativo a ser investigado” (SOARES, 2020, p. 120). Assim, “Como se pode notar,

ela é uma teoria dos signos, da representação e do conhecimento, que elabora uma extensão da lógica no território da cognição e da experiência dos fenômenos” (SOARES, 2018, p. 96). Consequentemente, “Por estes e por outros motivos, a semiótica não é apenas uma teoria mas uma prática comum. É-o porque o sistema semântico muda e ela só o pode descrever parcialmente e em resposta a acontecimentos comunicativos concretos” (ECO, 1981, p. 172).

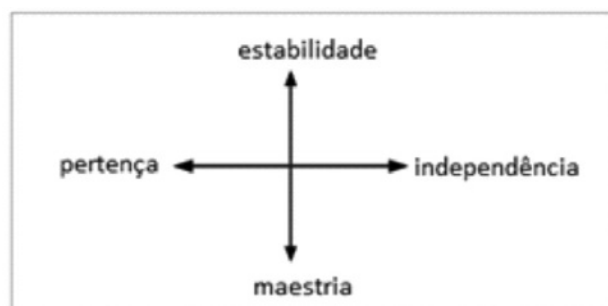
É justamente desse panorama de compreensão sobre o funcionamento da semiótica e sua teoria interpretativa dos variados sistemas de signos que emerge a condição para analisar os componentes semióticos de um determinado sistema de semioses presente em um projeto narrativo sem a indispensabilidade de um aparato formalizado e já construído, porquanto “Conhecer as regras destes signos é conhecer a sociedade mas é também conhecer o sistema de determinações linguísticas que se constitui como “essência”” (ECO, 1981, p. 147, aspas do autor). Portanto, o empreendimento de analisar a constituição arquetípica do amigo em Kuririn, de Dragon Ball Z, passa fundamentalmente pela descrição e compreensão das características singularizadas pela narrativização desse actante em seu aspecto particular e, ao mesmo tempo, traz em seu bojo semiótico a expressão universal da própria semiose existente no arquétipo do amigo.

Em vista disso, “advertimos que não são os signos que constituem o objeto de análise da semiótica, mas, sim, o texto, em seu sentido lato de semiose” (SOARES, 2018, p. 96). Isto é, “Os signos são as unidades de superfície a partir dos quais se procura descobrir o jogo das significações que estão neles contido, e o que deles é feito” (SOARES, 2018, p. 96-97). Por essa razão, é legítima a tomada da ficção de Dragon Ball Z e seus componen-

tes como objeto tanto do emprego da teoria para sua investigação quanto da prática semiótica para compreendê-la estruturalmente como produto narrativo de uma organização de semioses, porquanto “a própria prática social apenas se pode exprimir em forma de semiose” (ECO, 1981, p. 172). Nesse ponto de abrangência da semiótica, é interessante observamos que o arquétipo, como uma estrutura segunda a qual funciona uma gramática de atos cadenciados também por um projeto narrativo, é antes de qualquer coisa uma semiose contendo ipseidade própria cuja referência ancora-se um conceito psicológico de caráter antropológico.

Ao atentarmos a essas considerações, visamos a semiose aqui pensada como a própria personagem em questão que viabiliza, entre outras coisas, a sondagem do encontro entre a forma global a partir da qual o arquétipo do amigo é produzido e o fundo em específico segundo o qual a unidade narrativa de Kuririn é forjada em respeito/desrespeito às quatro necessidades básicas constituintes de tal performance arquetípica (CAMPBELL, 2007). Dessa maneira, no que concerne à interação entre os quatro pontos das necessidades básicas de constituição arquetípica (MARK; PEARSON, 2001), podemos, então, analisar a narratividade semiótica de Kuririn. Para maior visibilidade da relação dessas quatro noções, disponibilizamos abaixo a seguinte figura:

Figura 2: Necessidades básicas de constituição arquetípica (MARK; PEARSON, 2001, p. 28).



Acima podemos perceber a figura dos quatro pontos cardeais marcados pelas necessidades básicas da constituição dos arquétipos. Ao trazermos esse quadro para dele extrairmos elementos para examinar a constituição arquetípica do amigo em Kuririn, é interessante lembrarmos que a actância do herói, no traçado de seu percurso narrativo, tem o potencial para preencher completamente todas as necessidades, contudo o programa narrativo desenvolvido por actantes próximos ao herói também progride segundo a satisfação dessas mesmas instâncias: pertença, independência, maestria e estabilidade. Partindo deste princípio, observamos como cada um desses eixos estrutura-se na configuração performática de Kuririn, pois, “O importante não é o que eles [personagens] querem fazer nem tampouco os sentimentos que os animam, mas suas ações em si” (PROPP, 2006, p. 79).

Por isso, levando em conta o núcleo semiótico da pertença para observar a actância do arquétipo do amigo em Kuririn, devemos lembrar que ele e Son Goku são desde pequenos instruídos por mestre Kame, fundador da escola da Tartaruga. Kuririn pertence, logo, pelo menos a dois grupos, tanto à escola da Tartaruga quanto aos guerreiros responsáveis por defender a Terra de inimigos. É a partir dessa pertença que o arquétipo do amigo ganha a força necessária para desempenhar seu papel actancial no percurso narrativo de Dragon Ball Z, porquanto nos dois grupos o actante nuclear, Son Goku, recebe de seu inestimável amigo Kuririn o auxílio necessário para crescer e trilhar a jornada do herói (CAMPBELL, 2007).

Um exemplo significativo da vinculação entre pertença e independência na atuação de Kuririn remonta ao momento em que, depois de uma luta feroz e exaustiva Son Goku e Vegeta estão muito debilitados e o último

está prestes a escapar, ele diante de Vegeta apontando-lhe uma espada e Son Goku pede para que deixe o *sayajin* ir e Kuririn assim o faz. Ora, não poderia ser tão diferente, pois é o actante nuclear quem deve principalmente responder à continuidade do projeto narrativo e, com isso, as decisões mais importantes ficam a encargo de sua actância. Todavia, quando o vilão Cell aparece no universo de Dragon Ball Z e luta contra os andróides números 17 e 18, Kuririn defende a última mesmo em oposição à opinião de seus demais companheiros, demonstrando uma autonomia relativa e não absoluta.

Outro fato na cadeia sintagmática de Dragon Ball Z pertencente ao eixo da independência refere-se ao pedido que Kuririn faz a Shenlong³ depois que Cell fora derrotado, a saber: que os andróides números 17 e 18 tivessem seus mecanismos de autodestruição retirados de seus corpos. Ainda sim a independência desse actante, por mais que possa ser comparada à do herói, reflete, através da gramática dos casos, sua importância no itinerário dos acontecimentos e das demais forças semióticas contidas na estrutura narrativa de Dragon Ball Z, corroborando a própria constituição do arquétipo do amigo, já que sua amizade não apenas se estabelece com Son Goku mas também com praticamente todos os outros guerreiros. Dessa maneira, a independência da actância de Kuririn indicializa seu potencial protetivo não só para com o herói, como também para outros que precisam de sua ajuda.

A viabilidade do traço semiótico da independência em Kuririn está intimamente relacionada com sua estabilidade. Conforme aquela é ampliada na actância do arquétipo

3 Shenlong é uma personagem do universo de Dragon Ball que aparece após ser invocado para realizar desejos. É uma espécie de divindade que reside nas esferas do dragão cuja aparição está condicionada à reunião dessas.

do amigo, mais essa necessita ser consolidada para subsidiar a progressão de feitos na cadeia narrativa. A estabilidade de Kuririn conecta-se ao fato de esse pertencer a um grupo do qual o herói é a maior expressão semiótica, porquanto dessa maneira seu lugar protegido está garantido, porém a estabilidade do arquétipo do amigo vincula-se, em boa medida, à do outro integrante da amizade. Em outras palavras, a actância dos amigos é afetada pelo que desestabiliza algum deles, acarretando uma nova sequência de acontecimentos na gramática de casos presente no projeto narrativo. Em vista disso, é possível afirmar que uma função para a estabilidade do arquétipo do amigo é contribuir para a harmonização do mesmo eixo semiótico constitutivo do herói.

A título de exemplo da ligação da estabilidade existente na amizade e de como a desestabilização de um aflige o outro, encontramos na morte de Kuririn, causada por Freeza, a razão para Son Goku transformar-se em super *sayajin*, o que foi um salto qualitativo na composição de semioses da protagonista, pois, além de avivar uma lenda (o super *sayajin*), fez com que esse actante recebesse uma série de atributos potencialmente evolutivos na gramática de casos do programa narrativo de Dragon Ball Z. Assim, mais do que um mero integrante da sexta (6ª) etapa da jornada do herói (CAMPBELL, 2007), o arquétipo do amigo em sua actância desfruta da companhia da protagonista em sua estabilidade no interior do percurso narrativo e nele próprio aperfeiçoando suas habilidades e, com isso, dilatando o outro ponto do eixo, a maestria.

A maestria experienciada pelo arquétipo do amigo na actância de Kuririn volta-se também para o desenvolvimento da maestria por meio de treinos, tal como o faz Son Goku. “Portanto, a força com que esse item

das necessidades básicas de estruturação do herói é performatizada no protagonista de Dragon Ball lhe dá invariavelmente um traço, além de marcante, profundamente benéfico, porém, individual” (SOARES, 2020, p. 126). Dessa perspectiva, a verticalização de características, que em sua grande maioria referem-se às habilidades de combate, mediante um esforço constante e contínuo, dão tanto a Kuririn quanto a Son Goku o domínio de aptidões relativamente exclusivas, com, por exemplo, o conhecimento e o poder de uso do poderoso golpe intitulado *kamehameha*. No universo ficcional de Dragon Ball Z, somente mestre Kame, Son Goku, Gohan (filho de Son Goku) e Kuririn sabem manipular tal poder. Nesse sentido, a actância do arquétipo do amigo possui uma boa proximidade com o herói do projeto narrativo, chegando até a possuir um golpe próprio, o *kienzan*⁴.

Dessa maneira, o eixo semiótico da maestria, tanto na actância nuclear quanto na desempenhada pelo arquétipo do amigo, parece carregar mais do que um simples indicio do funcionamento social, pois ritualiza a proposta, para além de um determinado programa narrativo engendrado por uma gramática de casos, de automelhoria, desenvolvimento pessoal e, conseqüentemente, a necessária especialização em certa área.

O fato de que o indivíduo aspire a se tornar pleno em si mesmo é algo que não precisa de modo algum ser equiparado ao egoísmo, mas pode ser o ideal objetivo, no qual sua felicidade não é questionada a partir de seu sucesso e de seu interesse pessoal no sentido mais restrito, e sim a partir de um mundo suprapessoal, no qual a personalidade se realiza (SIMMEL, 2006, p. 85).

4 O *kienzan* é um tipo de disco luminoso extremamente cortante formado por energia e pode ser manipulado conforme o desejo de seu usuário. Aparentemente só Freeza possui técnica semelhante no universo ficcional de Dragon Ball Z.

Ora, é justamente por tomar a maestria segundo essa visada social de desenvolvimento de habilidades necessárias à composição semiótica da actância do arquétipo do amigo que se deve interpretar a descrição de Kuririn como uma unidade de sentido paralela ao funcionamento da narratividade presente em Son Goku, de modo a figurar no horizonte o caráter prepositivo da relação de ambos na consecução das necessidades básicas da constituição dos arquétipos tanto de um quanto do outro. Desse modo, explicita-se a imprescindível conexão da semiótica das necessidades básicas no amigo em Dragon Ball Z com o actante nuclear, pois, como diz Gibran, parece ser verdade que “Vosso amigo é a respostas a vossas necessidades” (GIBRAN, 2012, p. 75).

Portanto, como podemos perceber, a semiose residente na unidade de sentido configurada por Kuririn em sua narratividade desloca-se no plano de ação da narrativa de Dragon Ball Z entre os pilares segmentados pelas necessidades básicas de constituição do arquétipo, pertença, independência, maestria e estabilidade, (MARK; PEARSON, 2001), sendo que, por conta de sua performatividade actancial decorrente do arquétipo do amigo, todos os elementos estruturantes das necessidades básicas de configuração arquetípica encontram-se excepcionalmente vinculados ao desenvolvimento da actância nuclear de Son Goku no interior do projeto narrativo de Dragon Ball Z, sem prejuízos à independência e à estabilidade de sua constituição actancial.

Considerações finais

Descrevemos e interpretamos a semiose presente em Kuririn de Dragon Ball Z, conforme nosso objetivo em analisar a produção semiótica do arquétipo do amigo nessa personagem tanto no que concerne às qua-

tro fases constituintes da narrativa quanto ao que toca à relação entre os quatro pontos das necessidades básicas de estruturação arquetípica de sua actância. Através desse processo, constatamos, entre outras coisas, que a performatividade de Kuririn, por corresponder efetivamente ao arquétipo do amigo, perfaz uma jornada circunjacente à do herói, ora sendo-lhe competidor, ora sendo-lhe motivador, tal como parece fluir a tensão das forças existente entre amigos. Por esse ângulo, Kuririn, no interior do programa narrativo de Dragon Ball Z, progride em uma medida excepcional, tornando-se o terráqueo mais poderoso de todos os guerreiros dos quais Son Goku é o principal integrante.

Kuririn participa das fases positivas e das negativas, eufóricas e disfóricas, do actante nuclear fornecendo-lhe estímulo para sua própria jornada, porquanto ambos, mais do que se conhecerem desde crianças, são profundamente afetados pelo que se passa um com o outro. Com carinho e afeto, tanto para Son Goku quanto para Kuririn, o laço de amizade ganha contornos inegociáveis que sulcam as práticas do amigo e do herói. Desse modo, a perda do amigo é poderosamente tão significativa para actância de Son Goku que o faz transformar-se em uma lenda viva, porquanto, como podemos perceber, a semiose do arquétipo do herói tem tamanha potência graças, entre outras coisas, ao auxílio do arquétipo do amigo. Assim, notamos também que “Um verdadeiro amigo é uma coisa tão valiosa, mesmo para os mais poderosos” (PASCAL, 2004, p. 105).

Se Pascal refere-se a todos, mas especificamente aos senhores do poder político e econômico, sua assertiva resvala também no herói que não deixa de ter a necessidade de um braço amigo que lhe sirva e ajude, pois a amizade parece auxiliar até mesmo

a quem, em tese, dela não precisa. O herói, por mais aclamado que seja, ainda carece de um percurso gerador de auxílios, porquanto no circuito social engendrado por todas as narrativas ninguém pode estar só por mais que a narratividade primeira ou seu estrato mais superficial dê a entender que haja a possibilidade de uma tal separação. O programa narrativo do herói envolve os demais programas e reflete sobre eles suas características basilares de necessidades básicas de constituição arquetípica (MARK; PEARSON, 2001), fazendo com que haja necessariamente outros programas, como no caso de Kuririn, o programa narrativo do amigo.

Entre os diversos traços a partir dos quais se edifica a semiótica do amigo em Kuririn, encontramos sua doação de generosidade aos seus companheiros, mesmo correndo os mais sérios perigos, em razão do funcionamento atuante do próprio arquétipo do amigo. É a partir de sua generosidade e doação que se enredam tanto o actante nuclear quanto os outros na composição do projeto narrativo construído em Dragon Ball Z. Contudo, Kuririn, como percebemos no procedimento analítico, apenas consegue ser de tal maneira cativante, porque também possui em sua composição um atributo subjacente a toda constituição genealógica do arquétipo do amigo, a saber: a coragem. Sem essa característica o amigo é tão somente alguém próximo, absolutamente diferente da emblemática amizade de Son Goku e Kuririn.

Para além da interpretação das características do arquétipo do amigo, a investigação que empreendemos demonstrou o caráter prestativo, presente na actância de Kuririn, decorrente do arquétipo do amigo, sendo que praticamente todos os elementos estruturantes das necessidades básicas de configuração arquetípica encontram-se ex-

cepcionalmente vinculados ao desenvolvimento da actância nuclear de Son Goku, de modo que esse carece da figura de seu amigo para ultrapassar certas barreiras e fazer avançar o projeto narrativo de Dragon Ball Z. Portanto, a própria gramática das ações engendradas por Kuririn, mesmo ligada à de Goku, desenha uma série de ensinamentos possíveis de ser extraídos da complexidade de sua semiótica, como, por exemplo, algo que Cícero diz sobre a amizade e como ela é uma regularidade: “Amizade infiltra-se, não sei como, na vida de todos e nenhuma etapa dela transcorre sem vivenciá-la” (CÍCERO, 2006, p. 79).

Com base na visão de Cícero e de nossa análise da produção semiótica do amigo na personagem Kuririn de Dragon Ball Z, é possível perceber que as mais variadas etapas de consecução de transformações (CAMPBELL, 2007) carecem de amizade (essa possui um grande extenso que deve ser analisado em cada caso específico). Desse modo, as valências existentes na semiótica do herói (SOARES, 2020) também estão presentes em menor escala na semiótica do amigo, porque parece existir, como vimos, uma “infiltração” de sentidos moventes na performance actancial de um no outro e vice-versa. Portanto, o isolamento didático dos constituintes na análise de um actante, como foi o caso no exame de Kuririn, encobre, ou pelo menos dificulta, a percepção da composição semiótica global do percurso gerativo de sentido de todos os programas envolvidos na narrativa. Em vista disso, a conceituação junguiana de arquétipo e os quatro pontos das necessidades básicas de constituição arquetípica (MARK; PEARSON 2001), permitiram-nos sobrepular tal dificuldade de cunho tanto metodológico quanto epistemológico concernente à semiótica greimasiana.

Com efeito, a partir de nossa investigação, cujo suporte heurístico foi obtido da noção de arquétipo, observamos a um tipo de dependência da actância do herói para com uma rede de personagens, contudo esses não estão infensos à exposição das forças moventes da protagonista. Ao contrário do que deixa transparecer a teoria semiótica, os actantes que não são nucleares possuem um percurso gerativo de sentido permeado pelo próprio percurso constitutivo do herói, de modo que isso deve deixar de ser apenas um desvio padrão, já que a separação entre actantes nucleares e secundários passa a visar suas respectivas funções no interior da narrativa sem a cada um lhes ofertar uma compreensão semiótica ampla de suas jornadas. Em outros termos, existem características e traços performáticos que, como vimos, Kuririn possui e que Son Goku não. Somado a isso, Kuririn, em sua jornada própria, tanto aprende quanto ensina ao herói. Por fim, a “supremacia” do herói, pelo que analisamos da composição do companheirismo de Kuririn, não repele nem oblitera a semiótica do amigo, antes lhe enseja a vital investigação do quadro de semioses existentes em cada caso actancial específico, como aqui fizemos.

Referências

- ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*. Trad. Pietro Nasseti. 3 ed. São Paulo: Editora Martin Claret, 2001.
- BARROS, Diana Luz Pessoa. *Teoria semiótica do texto*. 4 ed. São Paulo: Editora Ática, 2005.
- CAMPBELL, J. *O herói de mil faces*. 10 ed. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2007.
- CÂNDIDO, A.; et. al., *A personagem de ficção*. 9 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.
- CÍCERO. *A amizade*. Trad. Luiz Ferracine. São Paulo: Editora Escala, 2006.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. Trad. de Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- ECO, Umberto. *O signo*. Trad. Maria de Fátima Marinho. 2 ed. Lisboa: Editorial Presença, 1981.
- GREIMAS, Algirdas Julius; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Editora Cultrix, 1989.
- GIBRAN, Khalil. *O profeta*. Trad. Bettina Becker. Porto Alegre: L&PM, 2012.
- JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Trad. de Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- JUNG, Carl Gustav. *A vida simbólica: escritos diversos (vol. I)*. Trad. Araceli Elman et. al. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- MARK, Margaret; PEARSON, Carol S. *O Herói e o Fora-da-Lei: como construir marcas extraordinárias usando o poder dos arquétipos*. São Paulo: Cultrix, 2001.
- PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Editora Martin Claret, 2004.
- PLATÃO, Francisco Savioli. FIORIN, José Luiz. *Para entender o texto: leitura e produção*. 7 ed. São Paulo: Editora Ática, 1993.
- PROPP, Vladimir. *Morfologia do conto maravilhoso*. Trad. Jasna Paravich Sarhan. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- SOARES, Thiago Barbosa. *Percurso linguístico: conceitos, críticas e apontamentos*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.
- SOARES, Thiago Barbosa. *A Semiótica do herói: a conflagração do caminho ascendente de Son Goku*. In. *Porto das Letras*, Vol. 06, Nº especial. 2020. p. 113-128. Acesso em 13 de jan. 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/9955>.
- SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Trad. Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006.

VOGLER, Christopher. *A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores*. Trad. Ana Maria Machado. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

Recebido em: 24/03/2021
Aprovado em: 19/05/2021



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Luigi Pirandello – Poesia, mal de viver, humorismo e existencialismo

Valmir Luis Saldanha da Silva (IFSP)*

<https://orcid.org/0000-0002-5605-4409>

Resumo:

Um dos pontos mais importantes da crítica e da teoria feita por Luigi Pirandello é o conceito de humorismo. Em seu ensaio *L'umorismo* (1908), Pirandello nos dá a base de sua escrita e aponta que a questão fundamental do *humorista* centra-se no *sentimento do contrário*. Neste trabalho, analisamos com profundidade textos poéticos de Pirandello, a fim de perceber a especificidade da obra de arte humorística e relacioná-la ao conceito de existencialismo, principalmente aquele seguido por Jean Paul Sartre. Concluímos afirmando que o humorismo é tanto uma teoria de crítica literária quanto uma espécie de teoria da vida, por valorizar as ações humanas que fogem ao enquadramento harmonioso que a arte em geral pinta, mas que inexistem, de fato, na *praxis* da vida.

Palavras-chave: Luigi Pirandello; humorismo; mal de viver; poesia; existencialismo.

Abstract:

Luigi Pirandello – Poetry, evil of life, humourism, and existentialism

One of the most important points of criticism and theory made by Luigi Pirandello is the concept of humourism. In his essay *L'umorismo* (1908), Pirandello gives us the basis of his writing and points out that the fundamental question of the *humorist* focuses on *the feeling of the contrary*. In this work, we analyze Pirandello's poetic texts in depth, to understand the specificity of the humorous work of art and relate it to the concept of existentialism, especially that followed by Jean Paul Sartre. We conclude by stating that humourism is both a theory of literary criticism and a kind of theory of life, as it values human actions that escape the harmonious framework that art in general paints, but that do not, in fact, exist in the *praxis* of life.

Keywords: Luigi Pirandello; humor; evil of live; poetry; existentialism.

* Professor de Língua Portuguesa e Literatura, IFSP/ Campos do Jordão. Grupo de Pesquisa Linguagem, Literatura e Educação (GPLLE - CNPq). Mestre em Estudos Literários (UNESP/Araraquara), doutorando em Estudos Literários (UNESP/Araraquara). E-mail: valmir.saldanha@ifsp.edu.br

Introdução

Um dos pontos mais importantes da crítica e da teoria feitas por Luigi Pirandello, responsável por uma revolução cultural (BARILLI, 2005), é o conceito de humorismo. Em seu ensaio *L'umorismo* (1908), Pirandello nos dá a base de sua escrita e aponta que a questão fundamental do *humorista* centra-se no *sentimento do contrário*. Esse *sentimento do contrário* é formado por: a) uma “contradição fundamental” causada pelo “desacordo que o sentimento e a meditação descobrem entre o real e o ideal humano, ou entre as nossas aspirações confrontadas com as nossas fraquezas” (RODRIGUES, 1988, p. 375); b) pelo “ceticismo” de toda observação humorística; e c) pela construção literária minuciosa e “maliciosamente” analítica.

A partir desse ponto de vista é que se percebe a especificidade da obra de arte humorística. Se a arte em geral harmoniza e coordena todas as reflexões, dando primazia ao raciocínio lógico como forma, a arte humorística faz com que a reflexão decomponha e desordene a lógica da arte, gerando um ser que não se deixa mais iludir pelas aparências da vida, mas que tampouco é ingênuo a ponto de desqualificar as ilusões como parte integrante da vida humana, já que, no final das contas, tudo é ficção. Assim, entendemos que mais do que uma teoria de arte, o humorismo é uma teoria da vida para Pirandello.

Aprofundando um pouco mais o tema, enquanto o artista em geral joga com o ridículo, fazendo com que haja uma situação em que uma determinada personagem destoe do padrão ou do habitual e que isso cause riso pela “percepção do contrário”, o humorista projeta-se para além do anômalo, fazendo com que junto do riso esteja a reflexão sobre os motivos pelos quais a tal personagem deslocou-se do habitual, menos por

desejo do que por necessidade. Disso surge o *sentimento do contrário* que, diferentemente da ironia retórica, surge como uma *ironia filosófica*. Segundo Rodrigues (1988, p. 337), “a contradição do *humorismo* é sempre essencial. O sentimento da *ironia filosófica* foi precisado por Schlegel e Tieck, partindo do idealismo subjetivo de Fichte”.

Dessa forma, através de uma análise aprofundada de alguns poemas de Luigi Pirandello e também de uma análise comparada entre estes poemas, o texto crítico *L'umorismo* e a filosofia humanista de Sartre, pretendemos, neste trabalho derivado de nossa pesquisa de mestrado (SILVA, 2016), estabelecer uma relação de aproximação entre humorismo e existencialismo e, enfim, apontar a potência da lírica de Pirandello como organizadora da temática que enquadraremos dentro do signo do *mal de viver*.

O mar como contingência e existência

Com as palavras do próprio Pirandello, “enquanto o sociólogo descreve a vida social tal como ela resulta das observações externas, o humorista, armado de sua arguta intuição, demonstra, revela como as aparências são profundamente diversas do ser íntimo da consciência” (PIRANDELLO, 1999, p. 166-167). Podemos afirmar que o humorismo, dessa forma, é também uma teoria da vida justamente por valorizar as ações humanas que fogem ao enquadramento harmonioso que a arte em geral pinta, mas que inexistem, de fato, na vida. Por certo, o humorista é aquele que

[...] sabe que a tensão entre esperanças e lembranças tristes é resultado da luta entre almas, que se disputam o predomínio pleno e definitivo da personalidade; sabe que o conhecimento do mundo é uma construção ilusória, como ilusória é a construção que cada

homem, mesmo sem querer e saber, faz de si próprio, agindo e vivendo conforme uma interpretação fictícia, mas sincera, de si; sabe tudo isso e sabe também que, se o homem fosse capaz de *ver-se viver*, constataria que essa tensão caracteriza a sua existência, isto é, faria aquela análise que o humorista faz. Todavia, o homem acha que vive melhor como imagem falsificada de si próprio, fugindo daquela análise, que provocaria o remorso e o levaria à conclusão de que a incerteza é a única certeza possível [...], que não pode optar pelo *sim*, sem que, concomitantemente, encontre as mesmas razões para optar pelo *não* [...]. (RODRIGUES, 1988, p. 336, grifos do autor).

Vejamos, a esse propósito, o poema *Guardando il mare*, da coletânea *Fuori di chiave* (*Fora da chave*, em tradução livre) de 1912.

Guardando il mare

*E sei vivo anche tu, come son io:
tu per molto, io per poco, e ne son lieto.
Ma ti vedo e ti penso, io: tu non vedi
e non pensi, beato! Fino ai piedi
vieni con un somnesso fragorío
a stendermi le spume, mansueto.*

*Come un mercante di merletti... Bravo!
Uno ne stendi, e tosto lo ritrai,
ed ecco un altro, e un altro ancora... Scempio
fai cosí della tua grandezza, ignavo?
Tenta, prova altri scherzi... non ne sai?
Ma ingoiati la terra, per esempio!*

(PIRANDELLO, 1996, p. 239)¹

Olhando o mar

Está vivo também, como eu estou:
Você por muito, eu por pouco tempo, e feliz.
Mas vejo, e em você penso: você não vê
e não pensa, abençoado! Até aos pés
vem com um suave rumor
a estender-me as espumas, dócil.

Como um comerciante de rendas... Bravo!
Uma me estende, e logo se retira,

1 Todas as traduções são minhas, salvo marcação em contrário.

e eis que outra, e ainda outra... Violento é isso o que faz de sua grandeza, covarde? Tente, experimente outros truques... não sabe?

Mas engole a Terra, por exemplo!

Olhando (“*guardando*”) para o poema de Pirandello, temos a opção de assumir dois pontos de vista: a) a posição de *observadores* do poema ou b) a posição de *observadores* da temática reproduzida no poema e pelo poema. Em ambos os casos, colocamos como o “ser-para-si” sartreano, já que ao lermos o poema saímos para “fora” – independentemente do aparente pleonismo – de nós mesmos e associamos o conteúdo expresso pelo objeto lírico a situações possíveis dentro de nossas próprias vidas. Assim, do “lado de fora de si”, o humorista afirmaria que aquele que emerge de si e aquele outro que é analisado não são um só e “justamente [por isso] as várias tendências que assinalam a personalidade fazem pensar a sério que a alma individual não seja *una*.” (PIRANDELLO, 1999, p. 168, grifo do autor). Dessa forma, o ser humano que escapa do poema é o único ser humano possível: fraturado e duplicado, que observa a si mesmo e só enxerga o vazio.

Ter consciência da existência, por um lado, ou simplesmente existir, por outro, é uma oposição que percorre todo o poema “*Guardando il mare*”, que se desenvolve na ideia de duplo desde os “protagonistas” – o “eu” que olha e o “mar” – até sua composição estrutural em duas estrofes. No primeiro verso, já se tem a constatação de que tanto o ser humano quanto o mar, ambos são vivos (“*E sei vivo, anche tu*”) e, mais ainda, de que ambos estão vivos e de que o mar permanecerá neste estado por muito tempo ainda, enquanto ao ser humano restará pouco tempo, na comparação com o mar. Mesmo assim, o eu lírico está contente (“*son lieto*”).

O contentamento desse indivíduo deriva justamente de seu saber, ou seja, do conhecimento que ele adquiriu das coisas e, talvez, também da possibilidade concretizada de poder olhar o mar e perder-se em pensamentos. O mar, como símbolo, leva à reflexão, é sinônimo de grandiosidade, de mistério, todavia, todos esses sentidos atribuídos a ele derivam da capacidade do ser humano de raciocinar e nomear os sentimentos e as coisas. Aliando sua capacidade física à mental, o eu lírico – humano – pode ver o mar e pode pensar nele e, por isso, talvez pudesse ser entendido como ser superior, mas é este elemento natural que é “abençoado”, precisamente por não pensar e nem ver (“*tu non vedi/ e non pensi, beato!*”). A existência do mar não é contingente, ela é dada de antemão, por isso ele não sofre.

O “infinito” mar que não pensa convoca o ser humano a pensar. Porém, diante de tamanha imensidão, o eu lírico não pode se furtar a pensar em outra coisa a não ser no próprio mar que, dócil e mansamente, vem à praia, faz um espetáculo natural e se retira, repetindo-se eternamente, “violento”, sem consciência da própria grandeza. O eu lírico, humano e soberbo, dirige-se ao mar fazendo provocações e chamando-o de “covarde” (“*ignavo*” que, em italiano, pode ser entendido também como “indolente”) pela constante chegada e retirada das águas na praia. O mar, por sua vez, não responde às provocações, pois, para isso, teria de ter consciência de si. Essa falta de consciência não impede, por outro lado, que uma sucessão de acasos levem-no a aprender novos “truques” e, “por exemplo”, engolir a Terra com tudo o que há nela.

Nesse caso, a metáfora do mar é a do ser que possui uma existência inautêntica, falsificada, que age de *má-fé*, já que, podendo escolher ser o que quiser (aumentar ou

diminuir a maré ou as ondas, mudar suas águas de turvas para cristalinas etc.), decide instituir um só modelo de ação: sempre suave, tanto na ida quanto na volta da praia. Entretanto, como a vida é constante mutação e escolhas e, portanto, estamos “condenados” a nunca aceitar que nosso destino já esteja traçado – conforme o existencialismo sarreano –, e como a vida não tem uma estrutura imóvel, ordenada e lógica – segundo os preceitos do humorismo –, então, em algum momento a “máscara” cai, a escolha fingida não se sustenta mais e o indivíduo engole a vida e é, ao mesmo tempo, engolido por ela.

O caso deste poema é exemplar na poética do *mal de viver* em Pirandello que, em *L'umorismo*, explicita o fato de os seres humanos não estarem fixados, mas terem uma existência mutável que não se deve tentar prender. Também, explica ironicamente que a “tristeza” da existência humana deriva do “triste privilégio” que é saber-se vivo, mas não compreender que a inconstância e a fugacidade da vida não estão “fora de si”, mas estão encerradas no próprio ser humano. Leia-se o próprio Pirandello:

O homem não tem da vida uma ideia, uma noção absoluta, mas, sim, um sentimento mutável e vário, segundo os tempos, os casos, a fortuna. Ora, a lógica, ao abstrair dos sentimentos as ideias, tende precisamente a fixar aquilo que é móvel, mutável, fluido; tende a dar um valor absoluto àquilo que é relativo. E agrava um mal já grave por si mesmo. Porque a primeira raiz de nosso mal reside exatamente nesse sentimento que temos da vida. A árvore vive e não sente a si mesma: para ela, a terra, o sol, o ar, a luz, o vento, a chuva, não são coisas que ela não seja. Ao homem, ao invés, ao nascer tocoulhe esse triste privilégio de sentir-se viver, com a linda ilusão que daí resulta: isto é, a de tomar como realidade fora de si mesmo esse seu sentimento interno da vida, mutável e vário. (PIRANDELLO, 1999, p. 172)

Não somos como o mar, pois pensamos. A dúvida e as incertezas são, portanto, as marcas fundamentais da experiência humana. Daí a constante necessidade de se criar máscaras que supõem uma unidade. Daí, também, a necessidade de se inventar a realidade. Explicando melhor, segundo os preceitos humoristas, a realidade não é construída *a priori*, mas mutável e sempre derivada do embate entre essência e aparência (MAGALDI, 1999). Por isso o humorista deve apontar, seriamente, para a coincidência da existência e colocar-se a par de certa disposição sentimental para as experiências amargas da vida e dos homens.

Sendo assim, o humorismo de Pirandello sempre se revela em períodos de crise humana, em que as tensões fazem com que se esteja tocando os extremos de tudo o que se apresenta, via de regra, como verdade ou ficção.

Uma lufada existencialista

Nossa leitura do poema “*Guardando il mare*” baseou-se numa relação entre a teoria do humorismo, de Pirandello, e uma relação com o “existencialismo” do filósofo francês Jean-Paul Sartre (1905-1980). Elucidemos, a seguir, de que modo pensamos na relação entre esses dois pontos de vista teóricos e como vemos o humorismo como uma espécie de precursor do existencialismo.

Não queremos, por certo, negar a influência da fenomenologia de Husserl (1859-1938) e do pensamento de Heidegger (1889-1976) na construção lógico-teórica do chamado existencialismo sartreano, nem tampouco negar que “Pirandello, por outro lado, em várias ocasiões negava ter uma “filosofia” e opunha-se a quem queria discernir em suas novelas ou em seus dramas uma demonstração de uma tese.”, como bem nos afirma Carlo Salinari em seu *Miti e coscienza*

za del decadentismo (1986, p. 252, tradução nossa). O que queremos é sugerir uma ligação e um possível parentesco tanto nos preceitos humoristas de Pirandello quanto nos existencialistas de Sartre, em relação às abordagens das noções de existência e de vida, a fim de sustentar nosso conceito de *mal de viver*.

Com Sartre, chegaremos à distinção entre os “homens” (os seres humanos, por certo) e as “coisas”, percebendo que os “homens” têm a capacidade de colocar-se “fora” de si e realizar uma análise sobre as próprias atitudes através da consciência (entendido como “ser-para-si”), enquanto as “coisas” e também os “animais” não conseguem ter essa consciência “autorreflexiva” e não se colocam “do lado de fora” para realizarem uma “autoavaliação” (dito “ser-em-si”). Ora, como o ser humano é um indivíduo “para-si”, então é ele quem deve construir a própria existência. A problemática, no entanto, vem do fato de não haver nenhum modelo ou nenhuma essência que lhe apresente, *a priori*, o caminho a ser seguido. Dessa forma, compreendemos que, no existencialismo, todos os ídolos, totens e guias são meras ilusões criadas pelos próprios seres humanos para fugir às responsabilidades que toda escolha traz consigo.

A partir do momento em que o indivíduo se refugia apenas numa espécie de *existência social pré-determinada*, ou seja, sem escolher verdadeiramente, ele deixa a sua essência para não sentir a *náusea*, para se refugiar da incerteza e fugir da contingência da vida. Entendendo a contingência como aquilo que ocorre sem, necessariamente, precisar ocorrer do modo como ocorre ou mesmo sem sequer precisar ocorrer, compreendemos o que Sartre denominou de *má-fé*. Para o filósofo, o sentido das coisas do mundo só pode ser dado pela consciên-

cia do indivíduo, nunca imposto pela realidade: quando age de *má-fé*, o ser humano vive com uma seriedade tranquilizadora, mas tal seriedade tranquilizadora revela-se, na verdade, uma *falsificação existencial*. Como sentencia Sartre: “o homem sério é do mundo e não tem mais nenhum recurso em si; ele nem mesmo concebe a possibilidade de sair do mundo [...]. Ele está de *má-fé*” (SARTRE, 2005, p. 669).

Se, como aponta o professor Clóvis de Barros Filho (2002, p. 79), no existencialismo de Sartre, “A consciência de liberdade encontra-se, dessa forma, para além desse *espírito de seriedade* que nos ilude quanto ao fundamento de todo sentido e valor”, no humorismo de Pirandello, “o mentir a nós mesmos, vivendo conscientemente só a superfície de nosso ser psíquico, é efeito do mentir social” (PIRANDELLO, 1999, p. 167). Assim, podemos afirmar que tanto a ilusão provocada pelo *espírito de seriedade*, quanto as noções de *má-fé* e de *falsificação existencial* sartreanas podem ser rastreadas também nas ideias humoristas pirandellianas.

Para o italiano, em *L'umorismo*, por exemplo, “Todos os fenômenos ou são ilusórios ou sua razão nos escapa, inexplicável.” (PIRANDELLO, 1999, p. 164), ou seja, não se pode objetivar a existência – pelo *espírito de seriedade* – já que não nos é dado conhecer o fundamento dos fenômenos. Um pouco mais a frente, Pirandello explicita nossa *angústia* diante da ilusão do ser *uno*: “Por um espontâneo artifício interior, fruto de secretas tendências ou de inconscientes imitações, não nos cremos de boa fé diferentes do que substancialmente somos? E pensamos, atuamos e vivemos segundo essa interpretação fictícia e, no entanto, sincera [...]” (PIRANDELLO, 1999, p. 165). É possível, por conseguinte, ver que a “boa fé” em crer-se outro diferente do que realmente é –

de Pirandello – tem na “ilusão” e na “ficção” a mesma base da *má-fé* – de Sartre.

A existência, dessa forma, é um jogo de essência *versus* aparência, de aceitação *versus* ficção e ilusão. “Quem compreendeu o jogo, não pode mais enganar-se”, é o que o próprio Pirandello, em sua *Nota autobiográfica per un profilo critico*, de 1912, enfatiza.

Eu acho que a vida é uma palhaçada muito triste, pois temos em nós, sem sermos capazes de saber como, por que ou por quem, a necessidade de enganar-nos constantemente com a criação espontânea de uma realidade (uma para cada um e nunca a mesma para todos), que é descoberta, de tempos em tempos, ilusória e vã.

Quem entendeu o jogo, não é capaz de enganar-se; mas quem não pode mais se enganar não pode tomar nem gosto nem prazer na vida. É isso. (PIRANDELLO *apud* MACIERA, 2008, p. 36.)

Assim, do mesmo modo que Pirandello aponta que temos a “necessidade de enganar-nos constantemente” criando nossa realidade, também o existencialismo, para Sartre, aponta que o homem deve criar sua própria essência, sem outro objetivo que não o que ele mesmo se der. Como exemplo objetivo, leia-se um trecho da parte 4 do poema “*La mèta*”, de 1909:

La mèta (4)

[...]
*Ci arrestiamo a mezza via,
 non sappiamo bene perché,
 nel timore che non sia*

*la via giusta: e mai così
 a destin non si perviene,
 camminando notte e dí.
 Il perché non si sa bene;
 ma è così...*

(PIRANDELLO, 1996, p. 409)

A meta

[...]

Chegamos ao meio do caminho,
não sabemos bem por que,
com o temor de que não seja
o caminho correto: e assim nunca
se chega a algum destino,
caminhando noite e dia.
O porquê não se sabe bem;
mas é assim...

Por certo, em ambos os casos, uma questão que parece fundamental é a do “ser” enquanto criação. No modelo sartreano, essa criação “significa que o homem primeiramente existe, se descobre, surge no mundo; e que só depois se define. [...] o homem nada mais é do que aquilo que ele faz a si mesmo” (SARTRE, 1970, p. 216). Dessa forma, ao “ser” é dada a possibilidade de atribuir sentido ao mundo em que se encontra do modo que lhe aprouver, sendo, inevitavelmente, o homem “condenado a inventar o homem”. Isso implica dizer que há infinitas possibilidades para a construção da existência e que, portanto, ao sentir-se como um “vazio”, o indivíduo sempre se debaterá na angústia da escolha.

No poema “*La mèta*” (“*A meta*”), o eu lírico indica já ter “caminhado até meta-de da vida” (numa possível alusão ao primeiro terceto da *Divina Comédia*, de Dante Alighieri: “*Nel mezzo del camin de nostra vita/ mi ritrovai per una selva oscura/ che la diritta via era smarrita*”) sem saber os motivos de tal “caminhada” e sem saber se os caminhos já percorridos outrora e os que serão percorridos dali para frente são “corretos” (“*giusti*”). Não há, dessa forma, um “destino” pré-concebido, todos os caminhos são válidos e possíveis, não sabemos bem os motivos, “mas é assim”. O Pirandello crítico, por sua vez, em seu *Saggi, Poesie e Scritti varii*, num dos “*Foglietti inediti*” indica que “A vida é o ser que quer a si mesmo. Que se dá uma forma. É, por

consequente, o infinito que possui fim. Em todas as formas possui um fim e, portanto, um ponto final. Em todas as formas é uma morte. Então, ou o ser mata-se em todas as formas ou então se nega” PIRANDELLO *apud* RODRIGUES, 1988, p. 218).

Se puséssemos lado a lado este trecho de Pirandello com as ideias de Sartre, poderíamos notar que “vida que se dá uma forma”, do italiano, passaria a “indivíduo que se dá uma forma”, no francês. Daí que, em ambos, se a vida é o “ser que quer a si mesmo”, a existência autêntica é a do ser que vai para “fora” de si para contemplar a si mesmo. Ademais, o “infinito que possui fim” pirandelliano pode muito bem antecipar as infinitas possibilidades de cada ser humano transformar-se naquilo que é, do existencialismo sartreano. Por fim, o fato de o ser “matar-se em todas as formas” ou então “negar-se” pode trazer a ideia de que a “morte”, em qualquer forma que o ser assuma, é o vazio das escolhas infinitas que temos de fazer para continuarmos vivos, ou melhor, a “morte” é o que resta de todas as outras opções que não escolhemos viver, o que geraria a *má-fé* ou a negação de si mesmo.

É preciso atentar, porém, para o fato de que a filosofia de Sartre acredita na possibilidade de “construir-se” uma vida. O existencialismo, nestes termos, é muito difícil de ser praticado, mas serve como balizamento ideológico e norteador de atitudes. De fato, para Pirandello, mesmo a construção de uma vida é também ilusória. Como diz Serafino Gubbio “Como são idiotas todos os que dizem que a vida é um mistério, infelizes que querem com a razão explicar aquilo que com a razão não se explica! [...] A vida não se explica; vive-se e basta” (PIRANDELLO, 1993, p. 148). Tal distinção, entretanto, não inviabiliza nossa análise, coloca apenas um bom ponto de observação.

Riso e bestialidade

Essa escolha angustiada como fundamento da existência, essa tendência da vida para o fracasso é justamente o que Pirandello queria que os artistas colocassem em suas obras, a fim de fazer com que as personagens tivessem, de fato, uma existência autêntica. Nisso é que está fundada a estética do *mal de viver*, pois “Para o humorista as causas, na vida, não são jamais tão lógicas, tão ordenadas, como em nossas obras de arte comuns, em que tudo está, no fundo, combinado, engrenado, ordenado, para o fim que o escritor se propôs” (PIRANDELLO, 1999, p. 175). A vida de fato, por sua vez, não tem nem ordenação nem lógica definida, portanto, a *personae* pirandelliana deve guiar-se pelos próprios atos e instintos, sem qualquer tipo de pré-determinação exterior: a *personae* vive.

Com esses pressupostos, leiamos outro poema, agora do livro *Fuori di chiave* (1912), em que Pirandello tematiza a questão humana e demonstra o seu “sentimento da vida”:

Sempre bestia

*Senza far nulla, un leone è leone:
e un pover'uom dev'affrontar la morte
per avere l'onor del paragone
con quella bestia, senza stento, forte.*

*D'alti pensieri l'anima infelice
nutrite, sí che s'alzi a eccelse mète.
Un gran premio v'aspetta. Vi si dice
che veramente un'aquila voi siete.*

*Sciogliete in soavissima armonia
il vostro chiuso intenso ardente duolo,
fatene una sublime poesia,
e vi diran che siete un rosignuolo.*

*Ma dunque per non essere una bestia
che dovrebbe far l'uomo? non far niente?
non pigliarsi né affano né molestia?
E ciuco allora gli dirà la gente.
(PIRANDELLO, 1996, p. 233)*

Sempre animal

Sem fazer nada, um leão é um leão:
e um pobre homem deve enfrentar a morte
para ter a honra da comparação
com aquele animal que, sem esforço, é forte.

De grandes pensamentos a alma infeliz
nutre-se, até que se eleva a excelsos lugares.
Um grande prêmio aguarda. Então se diz
que verdadeiramente você é uma águia.

Desate uma suabilíssima harmonia,
a sua intensa e ardente dor em rol,
faça disso uma sublime poesia.
e lhe dirão que você é um rouxinol.

Mas, finalmente, para não ser um animal
o que deve fazer o homem? ficar entre nada
e não?

Não ter nem irritação nem angústia?
Se assim o fizer, de burro o chamarão.

Em relação ao título do poema, ele poderia ser traduzido como “Sempre animal”, tal qual o fizemos, ou como “Sempre selvagem”. Essa distinção de tradução, entre outras coisas, indica dois fatores interessantes: com o título “Sempre animal”, por um lado, tem-se um questionamento da noção humanística e racionalista que deriva do *cogito ergo sum* (“Penso, logo existo”) cartesiano, pois o homem que não apresenta em si a “dúvida metódica” é muitas vezes movido apenas por intuição e instinto, o que o recolocaria na posição de um “animal” qualquer, portanto irracional. É importante dizer que o pensamento de Sartre deriva das ideias cartesianas, principalmente na noção da dúvida como atributo fundamentalmente humano e que Pirandello, nesse sentido, certamente não é cartesiano. O sentir-se vivo é, portanto, uma tortura constante.

Para Barros Filho (2002, p. 80),

É preciso lembrar que a filosofia de Sartre é uma filosofia da subjetividade, tributária do cogito cartesiano. O sentido do mundo só se constitui para Sartre pela consciência, que

se constitui ela mesma como não sendo deste mundo. [...] Isto porque a consciência do homem é ambígua.

Esta ambiguidade provém da tensão entre a facticidade e a transcendência. A facticidade é o que é dado (o corpo no mundo) e a transcendência é a saída fora de si, além de uma condição dada de existência. A facticidade e a transcendência são dois extremos entre os quais temos tendência a ser o que não somos, *être ce que l'on n'est pas*. Assim, ao identificarmos uma fonte cartesiana da filosofia de Sartre, destacamos uma recomendação comum de distanciamento de todos os nossos hábitos de pensamento, e a dúvida como objetivação permanente de uma ruptura com o passado. A conversão existencialista do *cogito* reside na relação com a liberdade que mantém o sujeito.

Por outro lado, se a leitura do poema partir do título “Sempre selvagem”, há que se pensar no que Sigmund Freud, em seu *O mal-estar na civilização* (1930), fala sobre o ser humano desprendido dos limites da civilização, que é “como uma besta selvagem que não poupa os [outros] de sua própria espécie” (FREUD, 2011, p. 57). De um modo ou de outro, a crença na racionalidade humana parece ter sido posta em xeque.

Indo para dentro do poema, vê-se que nele os estratos que compõem sua totalidade podem render uma interpretação bastante completa. Os quatro quartetos são muito bem compostos, com rimas alternadas (ABAB), e com uma estrutura fixa argumentativa, em que o ser humano tem suas atitudes postas ao lado de características típicas de animais. Bem relevante é a estruturação dos terceiros versos de cada estrofe, que contêm uma espécie de *chave interpretativa*, abrindo caminho para o último verso do poema e, por conseguinte, a conclusão argumentativa.

Desse modo, a “honra da comparação” (“*l'onor del paragone*”) encaminha todos os ou-

tros versos, instaurando uma ironia na força comparativa: primeiro, compara-se o ser humano com o animal que não precisa se esforçar para ser forte (“*quella besta, senza stento, forte*”); em seguida, o “grande prêmio” (“*gran premio*”) de ser como uma águia; depois, a possibilidade de criar uma “sublime poesia” (“*sublime poesia*”) como a que escapa do dolorido canto do rouxinol; por fim, o “sentimento do contrário”, a necessidade de fugir dessa estranha honra de ser como os animais pode fazer com que o ser humano não seja atuante em sua própria vida, mas, sim, paciente, ou seja, não queira “ter nem angústia nem irritação” (“*non pigliarsi né affano né molestia*”) o que, apesar de ser o caminho mais fácil, apenas demonstraria a covardia e a incapacidade intelectual. Note-se que a associação com o “burro” remete a um comportamento teimoso, bobo e ignorante: o típico comportamento humano quando este foge aos dilemas intrínsecos à existência.

Neste poema, percebe-se o procedimento de reiteração de imagens consideradas *negativas* para os seres humanos e que, no entanto, parecem *indiferentes* para a natureza que os circunda: o homem tem de se esforçar de maneira sobre-humana para poder se comparar a um “leão” (“*leone*”), atingir elevadíssimas e excelsas metas para ser chamado de “águia” (“*aquila*”), transformar a mais ardente dor em harmonia poética a fim de ser denominado um “rouxinol” (“*ro-signuolo*”), ou seja, tudo o que o ser humano faz com qualidade indiscutivelmente alta o retira da condição de *humano* e o devolve à condição de *mero animal*. É assim que a literatura mostra a construção de um determinado “Eu” envolto no contexto, nesse caso, das qualidades animais que sempre almejamos, mas que não desejamos obter em sua totalidade, isto é, com todas as consequências degradantes advindas disso.

É interessante notar o ponto de vista existencialista que escapa do poema, pois toda escolha humana sempre entra em conflito com o seu contrário, ou seja, ao se escolher um caminho sempre há a possibilidade de se escolher outro qualquer, ou mesmo nenhum. “Com efeito, não há dos nossos atos um sequer que, ao criar o homem que desejamos ser, não crie ao mesmo tempo uma imagem do homem como julgamos que deve ser” (SARTRE, 1970, p. 26). Dessa forma, passamos a *existir*, de fato, quando – mais do que tomarmos nossa liberdade como algo individual – temos a certeza de que cada ato escolhido por nós tem desdobramentos em toda a humanidade. Dessa forma, as escolhas humanas individuais entram em conflito, necessariamente, com todas as outras pessoas que habitam o mundo. Nesse relativismo da multiplicidade das imagens criadas, há semelhanças latentes entre a filosofia sartreana e as ideologias de Pirandello.

No poema “*Sempre bestia*”, essas considerações se revelam como o “motivo” do julgamento de “burro”, pois se desejar fugir de todas as tristezas, melancolias, irritações e *particularidades da vida pelas quais nós somos nós mesmos*, o ser humano perde de novo sua condição humana e passa a ser pejorativamente chamado, do ponto de vista dos que julgam, de “burro” (“*ciuco*”). A escolha é incessante e, por nunca encontrar uma “verdade absoluta”, e por dar ao ser humano a experiência da liberdade de sempre ter de escolher, leva à angústia e à náusea. “Burro”, nestes termos, é o ser que abdica das possibilidades de construir a própria existência ou, em outras palavras, é aquele que estando nu e podendo escolher tantas roupas quantas fossem possíveis, escolheu apenas um tipo, permanecendo, portanto, *sem compreender o jogo*: “O homem é um animal vestido – diz Carlyle em seu *Sartor Resartus* – a sociedade

tem por base o vestuário.’ E o vestuário *compõe* também, *compõe* e *esconde*: duas coisas que o humorismo não pode suportar.” (PIRANDELLO, 1999, p. 176, grifo do autor).

Considerações finais

Enfim, compreender o “jogo da existência” e buscar apreender o *bem de viver* não deixa o ser humano escapar do *mal de viver*. O “impulso” para a existência, nesse caso, traz consigo o que paira entre o *humorismo* e o *existencialismo* e que classificaremos como uma *antifilosofia* – a contento das ideias do próprio Pirandello, que não acreditava que seus textos fossem necessariamente filosóficos –, uma vez que não consegue dar uma resposta definitiva para o caso. A escrita pirandelliana, dessa forma, é quase uma falta de esperança, não uma busca pela resposta, pois, como temos demonstrado, Pirandello não acreditava em respostas.

Por certo, a poesia de Pirandello não é *apenas* existencialista, nem tampouco hedonista: ela é uma poesia que se apoia nos opostos como forma de revelar o ser humano. A resistência que se incorpora ao *mal de viver* é sua maior prova. Não a resistência como poema-combate, mas a resistência como poema-apresentação. Em outras palavras, a poética de Pirandello não combate o mundo, mas o revela aos olhos de quem não o vê. Como se verifica em Octávio Paz, “A poesia afirma que a vida humana não se reduz ao ‘preparar-se para morrer’ de Montaigne, nem o homem se reduz ao ‘ser para a morte’ da análise existencial. A existência humana encerra uma possibilidade de transcender a nossa condição.” (PAZ, 2012, p. 162).

A estética do *mal de viver* que vemos como um ponto de contato entre o humorismo de Luigi Pirandello e o existencialismo de Jean-Paul Sartre, portanto, só pode ser expressa por intermédio das representações lingüís-

tivas *vivas*. Ou seja, a verbalização do *mal* individuado é condição fundamental para que se possa criticá-lo, analisá-lo e, quiçá, esboçar a partir dele uma “teoria humana”, a fim de se obter o *bem de viver*, não apenas para o eu lírico dos poemas lidos, mas – numa muito provavelmente falhada tentativa de universalização – para toda a humanidade. Nesse sentido é que entendemos que Pirandello incorpora à sua poética a própria destruição e os próprios medos com vistas a afirmar a vida. Se tal análise é correta, lançar mão de comparações de humanos com outros animais e demonstrar a pequenez da existência humana é uma forma de reafirmar a necessidade de viver verdadeiramente, isto é, de possuir uma *existência autêntica*. Essas “particularidades” humanas precisam vir à tona nos textos literários para que continuemos humanos numa espécie de literatura-resistência.

Referências

BARILLI, Renato. **Pirandello, una rivoluzione culturale**. Milano: Mondadori, 2005.

BARROS FILHO, Clóvis de. O habitus e o nada. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, n. 17, 2002. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/download/3153/2424>>. Acesso em: 10 dez. 2015.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Penguin, Companhia das Letras, 2011.

MACIERA, Aislan Camargo. **Quaderni di Serafino Gubbio operatore**: o mundo mecanizado e o cinema em Pirandello. 2008. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Italiana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8148/tde-30112009-151344/>>. Acesso em: 24 jul, 2018.

MAGALDI, Sábato. Princípios estéticos desentranhados das peças de Pirandello sobre teatro. In: GUINSBURG, Jacó (Org.). **Pirandello: do teatro no teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

PIRANDELLO, Luigi. _____. O humorismo. In: GUINSBURG, Jacó (Org.). **Pirandello: do teatro no teatro**. Trad. Jacó. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1999.

_____. **O Humorismo**. Tradução de Dion Davi Macedo. São Paulo: Editora Experimento, 1996.

_____. **Tutte le poesie**. Milano: Mondadori, 1996.

_____. **Quaderni di Serafino Gubbio operatore**. Garzanti editore, Milano, 1993.

RODRIGUES, Valdemar Munhoz. **A dicotomia tensiva na poética de Luigi Pirandello**. 1988. 658f. Tese (Livre-docência) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de S. J. Rio Preto, São José do Rio Preto, SP, 1988.

SALINARI, Carlo. **Miti e coscienza del decadentismo italiano**. Milano: Feltrinelli, 1986.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução de Paulo Perdigo. 13. ed. Petrópolis/RJ: Vozes. 2005.

_____. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução e notas Vergílio Ferreira. 3. ed. Lisboa: Presença, 1970.

SILVA, Valmir Luis Saldanha da. **O mal de viver na poesia de Luigi Pirandello**. 2016. 138f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Estadual Paulista UNESP, FCLAr, 2016. Disponível em: <<http://repositorio.unesp.br/handle/11449/141530>>. Acesso em: 08 fev. 2021.

ZÉRAFFA, Michel. **Pessoa e personagem**. O romanesco dos anos de 1920 aos anos de 1950. Tradução de Luiz J. Gaia e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2010.

Recebido em: 21/12/2020
Aprovado em: 02/03/2021



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Meu destino é ser onça e o projeto modernista brasileiro: possíveis diálogos

Mayara Guimarães (UFPA)*

<http://lattes.cnpq.br/6834076554286321>

Pablo Ramos (UFPA)**

<http://lattes.cnpq.br/7850238246898426>

<https://orcid.org/0000-0001-8575-786X>

Ingred Pereira (UFPA-SME-PA)***

<https://orcid.org/0000-0001-8211-5810>

Resumo:

Este artigo tem como objetivo analisar de que forma a prosa contemporânea de *Meu destino é ser onça* (2009), de Alberto Mussa, dialoga com o projeto modernista brasileiro. Para estabelecer esse diálogo, traça-se um estudo comparativo da referida obra em relação ao romance *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade, e ao conto “Meu tio o Iauaretê” (1969), de Guimarães Rosa, criações essas que, de certo modo, remetem ao conceito de antropofagia na medida em que absorvem e reinterpretam artisticamente cosmologias indígenas. Concernente a *Macunaíma*, observa-se como as duas obras utilizam fontes que reproduzem narrativas de origem ameríndia na concepção de seus respectivos projetos literários. A respeito de “Meu tio o Iauaretê”, a figura da onça e a metamorfose são o foco da análise comparativa. O texto base que dá suporte à discussão é o livro *Literaturas da floresta – textos amazônicos e cultura latino-americana* (2012), de Lúcia Sá, no qual a autora analisa como as cosmogonias indígenas são reelaboradas em obras da tradição literária brasileira e latino-americana.

Palavras-chave: Literatura brasileira; Projeto modernista; Narrativas ameríndias; Antropofagia; Metamorfose.

-
- * Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora de Literatura Brasileira na Universidade Federal do Pará, editora-chefe da Revista MOARA, revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPA, atua também como professora no PPGL da UFPA na área de Estudos Literários, com ênfase em Literatura Brasileira do século XX, Teoria Literária e Tradução. Coordena o Grupo de Pesquisa Estudos de Literatura, Tradução e Imagem, certificado pelo CNPQ. E-mail: mayribeiro@uol.com.br
- ** Mestrando em Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Possui graduação em Letras (habilitação em língua portuguesa) pela mesma Universidade. E-mail: pabl Ramos.pr72@gmail.com
- *** Doutoranda em Estudos Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará e professora efetiva da Secretaria Municipal de Educação de Belém e da Secretaria de Educação do Estado do Pará. E-mail: ingridpereira@gmail.com

Abstract:

Meu destino é ser onça and the brazilian modernist project: possible dialogues

This article aims to analyze how the contemporary prose of *Meu destino é ser onça* (2009), by Alberto Mussa, dialogues with the Brazilian modernist project. To establish this dialogue, a comparative study of this work is developed in relation to the novel *Macunaíma* (1928), by Mário de Andrade, and to the short story “My uncle the Iauaretê” (1969), by Guimarães Rosa, creations that, in a certain way, refer to the concept of anthropophagy to the extent that they absorb and reinterpret artistically indigenous cosmologies. Concerning *Macunaíma*, it is observed how the two works use sources that reproduce narratives of Amerindian origin in the conception of their respective literary projects. Regarding “Meu tio o Iauaretê” the figure of the jaguar and metamorphosis are the focus of comparative analysis. The basic text that supports the discussion is the book *Literaturas da floresta – textos amazônicos e cultura latino-americana* (2012), by Lúcia Sá, in which the author analyzes how indigenous cosmogonies are re-elaborated in works of the Brazilian and Latin American literary tradition.

Keywords: Brazilian Literature, Modernist project; contemporary literature; Amerindian narratives; Anthropophagy; Metamorphosis.

Introdução

Este artigo tem como objetivo analisar de que forma a prosa contemporânea de *Meu destino é ser onça* (2009), de Alberto Mussa, remete ao projeto modernista brasileiro no sentido de estabelecer uma relação de proximidade formal e temática com obras do referido movimento literário, que teve papel relevante de releitura e redefinição de alguns conceitos basilares da cultura – e da literatura – nacional, como a *brasilidade* e o *indianismo*.

Para estabelecer esse diálogo, traçaremos um estudo comparativo de *Meu destino é ser onça* (2009) com *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade (1893-1945), e o conto “Meu tio o Iauaretê” (1969), de Guimarães Rosa (1908-1969), pois as três obras são criações artísticas que absorvem e reelaboram cosmologias indígenas. Em *Literaturas da floresta – textos amazônicos e cultura*

latino-americana (2012), Lúcia Sá analisa como as narrativas de origem ameríndia são incorporadas à tradição literária brasileira e latino-americana e apresenta reflexões importantes para este trabalho sobre os dois textos modernistas selecionados para confrontar com a narrativa de Alberto Mussa. Isso é um indicativo de que, mesmo na literatura contemporânea, ainda há espaço para o tema do indianismo, cujo movimento violento do índio antropófago, na concepção oswaldiana, é capital na construção de uma cultura nacional autônoma.

Se “[o] processo de construção da cultura se dá pela destruição do lado doutor, afirmação dos sentimentos nacionais e a integração operada pela figura do índio” (JARDIM, 1978, p. 134), em contrapartida, paradoxalmente, nas representações literárias modernistas, como veremos adian-

te, não é garantida a sobrevivência deste que é o promotor da autêntica cultura brasileira. Buscaremos, então, examinar de que modo a obra de Mussa promove uma mudança de paradigma no tocante à figura do indígena.

Em relação a *Macunaíma*, especificamente, observaremos como as duas obras utilizam fontes primárias reprodutoras dessas narrativas de origem indígena na concepção de seus respectivos projetos literários e como os autores refundem esses textos recorrendo a processos semelhantes, evidenciando que o recurso de composição de recorte e colagem, reconhecido como característica da literatura contemporânea, já se fazia presente no processo criativo de Mário de Andrade nos primeiros decênios do século XX.

Concernente ao conto rosiano “Meu tio o Iauaretê”, destacaremos a carga simbólica do elemento “onça” para as culturas ameríndias, dando relevo ao tema da metamorfose nesse animal como imagem chave para a interpretação de ambas as obras, que, dentro do pensamento moderno, assume uma posição no limiar entre o corpo e a máquina, o humano e o animal, a natureza e a cultura, pensando-as como expressão máxima da alteridade e da transfiguração do corpo.

As fontes primárias ameríndias e os projetos literários de *Macunaíma* e *Meu destino é ser onça*

O primeiro ponto de interseção entre a narrativa contemporânea de *Meu destino é ser onça*, de Alberto Mussa, e o projeto modernista, do qual *Macunaíma* faz parte, diz respeito ao uso de narrativas de origem ameríndia como fonte que subsidia a fabulação elaborada por seus respectivos autores.

Em razão da utilização dessas fontes, Oswald de Andrade (1890-1954) considerou *Macunaíma* como um romance antropofágico por excelência, uma vez que Mário de Andrade opera uma antropofagia para além da deglutição das influências culturais, levando-a ao nível da textualidade. Dizendo de outro modo, o autor de *Amar, verbo intransitivo* “devora” não só as narrativas etnográficas pemon coletadas e publicadas por Koch-Grünberg (1872-1924), como também vários outros elementos da cultura popular, a exemplo do folclore, dos ditados populares, e também das falas trivial e erudita. O produto desse “ritual antropofágico” é um texto que desafiou a crítica da época, devido à difícil categorização em um gênero textual pelo hibridismo que o caracteriza, entre outros aspectos, antecipando, de certo modo, uma tendência que marca boa parte da escrita literária contemporânea.

Cavalcanti Proença (1905-1966), crítico literário, em *Roteiro de Macunaíma*, de 1955, foi o primeiro a identificar a presença das narrativas pemon recolhidas por Koch-Grünberg, num minucioso estudo no qual glosa, na terceira parte do livro, capítulo por capítulo da obra, evidenciando o amálgama de fontes e referências que subsidiaram Mário de Andrade no projeto estético da *história do herói sem nenhum caráter*. Este estudo possui relevância para as pesquisas sobre narrativas ameríndias por explicitar para o público os recursos de que Andrade se valeu e nuances de seu processo de elaboração ficcional.

Apesar de reconhecer a grandeza e a importância de textos críticos clássicos sobre *Macunaíma*, como *Morfologia de Macunaíma*, de Haroldo de Campos (1929-2003), e *O tupi e o alaúde*, de Gilda de Mello e Souza (1919-2005), Sá (2012) aponta que ambos destacam o labor do escritor em detrimen-

to das narrativas indígenas que serviram de fonte para a composição do projeto estético da obra. O primeiro faz isso ao tentar encaixar *Macunaíma* dentro do esquema estrutural proposto por Vladimir Propp (1895-1970) para o conto folclórico russo, ao passo que a segunda lê a obra de Mário de Andrade como análoga às novelas de cavalaria, na qual a busca do muiiraquitã se assemelha à demanda pelo Santo Graal. Em ambos os estudos, as análises concentram-se na linha narrativa da busca pelo muiiraquitã, deixando de fora muitas outras tramas menores que, reunidas, aproximam *Macunaíma* do modo de contar dos narradores indígenas. Nessas leituras críticas, segundo Sá (2012, p. 85), o material indígena vê-se reduzido à condição de matéria-prima que subsidia o trabalho do escritor; este, sim, o grande responsável por moldá-lo e reelaborá-lo, conferindo-lhe qualidade estética.

Lúcia Sá afirma que as narrativas ameríndias de origem pemon estão no cerne do projeto estético de *Macunaíma*, em termos de esquema narrativo, muito mais do que os gêneros apontados por Campos e Souza em suas análises, uma vez que “têm um modo bastante distinto de se relacionar com o mundo da experiência e com o ato em si de narrar, e que essa distinção está no projeto estético de Mário de Andrade para *Macunaíma*” (SÁ, 2012, p. 92). A autora comprova que características dessas narrativas, como a “multiplicidade de tramas e subtramas” (SÁ, 2012, p. 81), a “inexistência de estrito dualismo entre bem e mal” (SÁ, 2012, p. 93) e a “função etiológica da narrativa para explicar a origem das coisas” (SÁ, 2012, p. 96) estão presentes de forma marcante em *Macunaíma*, sendo possível observar a existência de narrativas menores no interior de uma narrativa que chamaremos aqui de macro, e que muitas delas têm por objetivo es-

clarecer a origem de seres, personagens folclóricos e artefatos e, claro, a personalidade da personagem-título, que é análoga à dos heróis *trickster*, presentes nessas narrativas com características cambiantes entre o heroico e o vilanesco, com uma peculiaridade em solucionar conflitos recorrendo à magia, à metamorfose e à malandragem – esta última bem familiar ao brasileiro – que subvertem o *status quo*.

No excerto abaixo, há um trecho da versão da história de Makunaíma, personagem *trickster*, registrada por Koch-Grünberg com base no relato do sujeito de pesquisa Akuli, indígena pertencente à etnia pemon, de origem caribe.

O irmão mais velho percebeu que Makunaíma andava com sua mulher. Foi caçar, mas voltou do meio do caminho para espreitar o menino. Esperou perto do lugar onde a mulher sempre ia com Makunaíma. Ela veio com o pequeno no braço. Quando chegou atrás do mato, sentou a criança no chão. Então Makunaíma transformou-se num homem. Foi crescendo cada vez mais (o menino era muito gordo). Depois ele deitou-se com a mulher e a possuiu. O irmão viu tudo. Tomou de um pau e surrou Makunaíma horripelantemente (MEDEIROS, 2002, p. 69 apud SÁ, 2012, p. 89).

A título de comparação, a transcrição a seguir, de uma passagem de *Macunaíma*, demonstra o quanto Mário de Andrade recorreu às narrativas pemon. Nesse exemplo, nota-se, nos dois textos, a capacidade de *Macunaíma* (*Makunaíma*) de metamorfosear-se de acordo com sua conveniência, a semelhança na sequência de acontecimentos e o humor.

Já a estrela Papaceia brilhava no céu quando a moça voltou parecendo muito fatigada de tanto carregar piá nas costas. Porém Jiguê desconfiado seguira os dois no mato, enxergara a transformação e o resto. Jiguê era

muito bobo. Teve raiva. Pegou num rabo-de-tatu e chegou-o com vontade na bunda do herói (ANDRADE, 1988, p. 13).

Meu destino é ser onça também pode ser considerada uma obra antropofágica na mesma acepção que *Macunaíma* o é, por ser um texto híbrido, marcadamente contemporâneo, no sentido discutido por Garramuño (2014), em que se esgarçam, inclusive, as fronteiras entre o literário e o não literário, em razão do caráter ensaístico também assumido pela obra.

Sobre a escrita de Mussa, Olivieri-Godet (2007) assinala que:

[a] estrutura polifônica, móvel e labiríntica [...] introduz a autorreflexividade como característica fundadora dessa ficção, reforçada pela presença do escritor-personagem no universo romanesco. Este reflete sobre a construção de sua obra, a partir do agenciamento de elementos que pertencem a uma tradição literária estrangeira, fazendo da experiência da alteridade o ponto de partida do seu processo de criação (OLIVIERI-GODET, 2007, p. 239-240).

Apesar de o excerto supracitado fazer referência a outro livro de Mussa, *O enigma de Qaf*, observamos que a metaficção perpassa sua obra como um todo. Em *Meu destino é ser onça*, a autorreflexividade se dá em nível diferente daquele apontado por Olivieri-Godet, tendo em vista que nesta obra não há um escritor-personagem, mas sim o escritor – Alberto Mussa – que decompõe diante dos olhos do leitor o seu processo criativo, apresentando o mito tupinambá restaurado e os meios de que se utilizou para fazê-lo, ou seja, ele explicita simultaneamente o produto e o processo.

Para alcançar esse resultado, ele divide a obra em três grandes seções. A primeira, intitulada “Meu destino é ser onça”, dá conta da parte propriamente literária do livro,

que é o mito tupinambá restaurado, no qual, assim como Mário de Andrade, Mussa também recorre a fontes como base para a sua escrita literária. Entretanto, diferentemente do primeiro, que trabalhou com textos etiológicos indígenas sem declarar na obra as fontes consultadas, Mussa compilou na segunda seção do livro, “Fontes”, relatos de vários cronistas do período colonial que registraram suas impressões sobre as culturas indígenas com as quais tiveram contato como seus usos e costumes, modos de vida e de organização da realidade calcada em um sistema de crenças que remonta a uma mitologia, a qual o autor tentou reconstituir.

Por restauração, o autor entende a organização das narrativas presentes nos textos dos viajantes com base em uma estratégia chamada por ele de “cálculo textual” – cujo procedimento é minuciosamente descrito na terceira seção, “Original teórico” – que consiste em um cotejamento dos textos das fontes procurando observar em que pontos as informações convergem, se complementam ou se contradizem. Desse trabalho, Mussa faz um inventário de personagens e termos relativos à cultura indígena, classificando os dados em “verdadeiros” ou “falsos”, segundo critérios estabelecidos pelo autor. As passagens consideradas “verdadeiras” são selecionadas para integrar o mito restaurado, nas quais Mussa tenta, ao máximo, preservar a integridade textual das fontes.

Diz-se, então, que o papel do narrador é conferir unidade aos fragmentos narrativos por meio de um método de recorte e colagem que privilegia os textos dos cronistas, lançando mão da voz própria tão somente quando necessário para “costurar” as partes, bem como suprir lacunas no texto do mito, de modo que se estabeleça um todo coerente. O discurso do mito restaurado é, portanto, formado por uma multiplicida-

de de vozes narrativas do século XVI – ou polifonia, como já destacou Olivieri-Godet –, que registrou as histórias indígenas posteriormente organizadas por um narrador contemporâneo que dá a ele uma nova forma.

Ainda em relação à seção estritamente literária de *Meu destino é ser onça*, resultado do cálculo textual mencionado anteriormente, o autor escolheu organizá-la como um mito, que é um gênero textual arcaico e primitivo. Isso, possivelmente, se deve a dois fatores: 1) o mito ser um gênero condizente com a cultura primitiva a que remete; 2) por ser um gênero que mais se aproxima da lógica de organização e compreensão do mundo do pensamento indígena em uma narrativa cuja ação ocorre em um tempo remoto e indeterminado anterior ao contato com o homem branco.

Para exemplificar esse processo, comparamos abaixo o texto fonte de um dos cronistas e a versão que Mussa apresenta no mito. Thévet (1502-1590) registra sua vivência durante a passagem que fez pelo Brasil não com olhar de etnógrafo, a exemplo de Koch Grünberg, mas pelo filtro do colonizador, carregado dos preconceitos de quem considera sua cultura superior. Ao mesmo tempo, traça correspondências entre aspectos da cultura indígena e suas próprias referências de mundo para tentar compreender e fazer-se compreender por aqueles que são os destinatários das crônicas de viagem. Nesse sentido, observamos no trecho abaixo, presente na seção “Fontes”, que o frade francês escarnece a forma de apreensão da realidade dos indígenas, tachando-a de “maluquices”. Além disso, por considerá-los seres inferiores, pertencentes a uma cultura de tradição oral e não letrada, declara que são um povo de baixo intelecto e, provavelmente, de fácil manipulação aos interesses

do colonizador. Também, em uma atitude etnocêntrica ao lidar com a diferença, associa uma inundação, presente em narrativa ouvida dos indígenas, ao dilúvio bíblico.

Dizem que o Velho conservou o fogo sobre as espáduas de um animal muito grande e pesado, chamado “preguiça”, de onde os dois irmãos o retiram depois do dilúvio. Dizem ainda que esse animal carrega as marcas do fogo. A dizer a verdade, se vocês contemplassem esse bicho de longe, como fiz algumas vezes, julgariam que ele é todo em fogo - tanto sua cor é viva nas espáduas. De perto se pensa que ele foi queimado no dito lugar. E não aparece essa marca senão nos machos. [...] Penso que são os caraíbas e pajés, de que há bom número entre eles, que lhes meteram na cabeça essas maluquices sobre o mar, o fogo e o trovão. São eles os maiores impostores da terra. Se conhecessem a escrita, como nós conhecemos, seria ela suficiente para ludibriarem e seduzirem completamente esse miserável povo, o qual tem como coisa assegurada a verdadeira que, depois de acontecido o dito dilúvio, não são passadas mais que cinco ou seis gerações (MUSSA, 2009, p. 86-87, grifos nossos).

A informação registrada por Thévet sobre a maneira como o fogo foi salvo durante a inundação aparece no trecho transcrito abaixo do mito restaurado por Mussa, no qual o tom de relato é substituído pela narrativa ficcional por meio da modificação da escrita da *Cosmografia universal*, da qual Mussa também foi tradutor, com a omissão dos comentários e juízos de valor do cronista, sendo aproveitado, portanto, apenas o teor narrativo. Como no exemplo, esse processo se repete em todas as crônicas anexadas por Mussa.

Tamandaré, maravilhado e enraivecido, bateu tão forte com o pé no chão que abriu um imenso buraco. Desse buraco, que se abriu sobre as águas profundas que ficam embaixo da terra, começou a jorrar imensa quantida-

de de água, inundando tudo. [...] Os gêmeos, desesperados, tentaram se refugiar primeiro nas mais altas montanhas, mas logo se deram conta de que seriam arrastados pelas águas turbulentas. Assim, acabaram escalando árvores altíssimas. Guaricuité subiu num jenipapeiro; Tamandaré, numa pindoba – cada qual com sua mulher. [...] os gêmeos constataram o fim da inundação e decidiram descer. Quando chegam embaixo, veem que a destruição é geral. As fogueiras tinham-se apagado, as plantas haviam apodrecido, tudo era desolação, miséria e morte. **Para sorte deles, Maíra tinha posto o fogo nas costas da preguiça, que também se salva numa árvore muito alta** (MUSSA, 2009, p. 64, grifos nossos).

Quando comparamos, então, os projetos literários de Mário de Andrade e Alberto Mussa para *Macunaíma* e *Meu destino   ser onça*, respectivamente,   possível afirmar que os dois adotam processos semelhantes com resultados diferentes. Ambos possuem projetos literários extremamente complexos pela variedade de fontes utilizadas na elabora o das obras. Mário de Andrade não discutiu publicamente a presença e/ou a importância das fontes para seu processo criativo, deixando essa tarefa para a crítica, que, a exemplo dos estudos citados neste trabalho, tratou de expor a riqueza de referências da obra. Em Mário de Andrade, a reflexão sobre o fazer literário pode ser encontrada tanto em seus ensaios críticos quanto em correspondências com amigos que eram igualmente personalidades da classe artística, com quem mantinha diálogo fecundo a respeito da concep o do trabalho literário.

Já em *Meu destino   ser onça*, a reflexão sobre o fazer literário ocupa a maior parte da obra se compararmos com a dimensão do texto do mito restaurado, que é a parte propriamente literária do objeto est tico. Como vimos, há uma recorrente preocupa o do autor em dar ao leitor o conhecimen-

to das fontes consultadas e dos procedimentos realizados para reelaborar esse material em um texto híbrido que flerta com o gênero ensaístico, perpassa pelo literário e promove reflexões, inclusive, de cunho filosófico, por estabelecer par metros próprios sobre o que é considerado verdade, a fim de justificar a seleção de uma informa o em detrimento de outra, para compor uma narrativa ficcional que pretende criar uma cosmog nia tupinambá anterior   coloniza o.

Se, por um lado, a antropofagia de Mário de Andrade culmina em uma obra que, entre outras leituras possíveis, é representativa da identidade nacional pretendida pelo projeto modernista, comungando os elementos indígenas, negros e europeus constitutivos da cultura brasileira, Mussa faz o caminho inverso.

Na literatura brasileira atual, a identidade nacional, tema recorrente desde o romantismo, cede lugar a uma tendência contempor nea de encarar o estranhamento advindo do contato com o outro. Olivieri-Godet (2007), ao analisar o *O enigma de Qaf*, pontuou que Mussa exercita a chamada “poética da alteridade”, que seria “o confronto com o lugar do estranho como processo de amplia o do espaço imaginário nacional além de suas ótimas fronteiras” (OLIVIERI-GODET, 2007, p. 233), no qual o autor explora, temática e estruturalmente, uma tradi o literária  rabe, isto é, um sistema de representa o que não faz parte da referência cultural brasileira em um imbricado temporal, espacial e est tico. Poder-se-ia dizer, então, que, em *O enigma de Qaf* o eu é confrontado com um estrangeiro exógeno, isto é, para além das fronteiras nacionais.

Contudo, essa poética da alteridade se revela como uma constante nas obras do autor e também   observada em *Meu destino   ser onça*, cuja potência se dá pelo embate

com um estrangeiro – o indígena – que é endógeno, isto é, aquele que é colocado na posição de *outsider* dentro de seu próprio território original. Trazê-lo, junto com temas caros a ele como a vingança, o canibalismo e a terra-sem-mal, para o centro da criação literária ainda é capaz de chocar a percepção do leitor pela pouca identificação cultural que temos com essa parcela importante da composição nacional.

Da mesma forma, o histórico de colonização da América nos aproxima dos modos de contar que remontam à tradição greco-romana, bastante difundida e valorizada como a base da literatura do ocidente, e nos faz ignorar quase completamente o fértil imaginário autóctone e suas originais formas narrativas. Assim, a reconstrução do mito empreendida por Mussa, que se sabe impossível do ponto de vista antropológico, mas realizável no âmbito literário, não se quer estabelecer como uma cosmogonia indígena nos mesmos moldes da mitologia grego-romana, mas como um devir, para além do apagamento sistemático a que essas culturas ameríndias foram submetidas.

A atitude de Mussa significa o engajamento em um projeto ético, apontado por Cury (2007, p. 9) como tendência na contemporaneidade literária no Brasil, ao privilegiar as vozes narrativas marginalizadas – indígena neste caso específico. Mesmo com a ressalva de que as fontes que dão acesso a uma parte desse mundo pouco explorado se deem pelo ângulo do colonizador, o tratamento dado pela obra ao material permite, simultaneamente, que se lance um olhar crítico para esses textos e que se faça uma espécie de reparação histórica ao recriar, substituindo pela imaginação as peças desse quebra-cabeça perdidas no tempo, o conjunto de narrativas que dão conta das crenças e dos modos de vida tupinambás lo-

calizáveis no âmago da formação da cultura brasileira.

Metamorfose em “Meu tio o Iauaretê” e *Meu destino é ser onça*

O conto “Meu tio o Iauaretê”, de João Guimarães Rosa, foi publicado pela primeira vez em 1961 na revista “Senhor” e, posteriormente, incorporado ao livro póstumo *Estas Estórias*, que data de 1969. Trata-se de um monólogo dialogado, nos moldes da narrativa de Riobaldo, em *Grande sertão: veredas*, entre Tonho Tigreiro, um onceiro que vive isolado em uma região remota do sertão, e um interlocutor implícito, inferido como um forasteiro que lhe pede abrigo por uma noite.

O onceiro, protagonista do conto, é descrito como um sujeito híbrido, cindido e marcado por profundas ambiguidades, é filho de pai branco e mãe índia, conforme narra ao seu interlocutor: “Pai meu, não. Êle era branco, homem índio não. A’ pois, minha mãe era, ela muito boa. [...] Mãe minha chamava Mar’lara Maria, bugra” (ROSA, 1969, p. 143-144). Ele é, portanto, um homem mestiço que é frequentemente rejeitado pelas características indígenas de sua aparência, mandado em direção a uma região remota para exterminar as onças do local, a fim de torná-lo mais habitável e, conseqüentemente, mais civilizado.

No entanto, com a convivência próxima às onças, e após ter matado muitas delas, somado à repulsa que ele provoca nos humanos, o onceiro passa progressivamente a se identificar com esses animais, que têm uma simbologia importante nas cosmologias indígenas ameríndias, cujo ápice é a metamorfose que ocorre, conforme pontuado por Haroldo de Campos no ensaio “A lin-

guagem do iauaretê” (1967), não apenas no nível corporal, com a transformação do sobrinho do Iauaretê na imagem e semelhança do tio, ela “se dá isomorficamente, no momento em que a linguagem se desarticula, se quebra em resíduos fônicos, que soam como um rugido e como um estertor” (CAMPOS, 1967, p. 50). A gradual dissolução da linguagem inteligível, que mescla o português com elementos do tupi, operando um retorno a um nível primitivo de expressão com sons, ruídos, grunhidos, radicais e palavras soltas que remetem ao tupi-guarani, que funciona aqui como uma espécie de língua de origem do Brasil, é a concretização, também, no nível da língua da identificação com a ancestralidade materna e pré-colonial.

Nesse sentido, podemos estabelecer uma relação entre o conto rosiano e um dos principais textos norteadores do projeto modernista no Brasil – o *Manifesto Antropófago*, de Oswald de Andrade –, uma vez que em ambos há a exaltação e a tentativa de retorno à linhagem materna, que é relacionada ao feminino. Lembremos que na sociedade primitiva representada pelo “Matriarcado de Pindorama” prevalece um estado de prazer e felicidade selvagem de antes da exploração predatória empreendida pelo homem branco, pois, nas palavras do manifesto, “[a]ntes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade” (ANDRADE, 1970, p. 18). O patriarcado foi instituído, então, com a colonização e o consequente rompimento com a cultura da antropofagia. De acordo com Benedito Nunes,

E porque a ruptura da primitiva sociedade matriarcal deu-se quando o homem deixou de comer o seu semelhante para escravizá-lo, pode-se ver na falta da catarse pela antropofagia ritual a causa que fixou, no trauma do sentimento de culpa, o poder do pai como Superego, e, portanto, como princípio

exterior de realidade, coercitivo e inibitório do princípio interior de prazer (NUNES, 1970, p. xliv).

A metamorfose surge, no contexto do projeto modernista, também como uma opção estética para fazer frente ao patriarcado, visto que o retorno ao estatuto de animal cria um ambiente propício para a ascensão da antropofagia. Em “Meu tio o Iauaretê”, a metamorfose e a antropofagia, conseqüentemente, decorrem, ao mesmo tempo, do sentimento de vingança que o ex-onceiro nutre por todos aqueles que rejeitam a sua identidade indígena, bem como da tentativa de expurgar a culpa que ele sente por ter contribuído para a dizimação das onças, seus iguais. Nesse sentido, ela pode ser compreendida como o reencontro com o estado animal e selvagem de que trata Bataille no referido verbete:

Podemos definir a obsessão pela metamorfose como uma necessidade violenta, que se confunde, aliás, com cada uma de nossas necessidades animais, incitando um homem a abandonar subitamente os gestos e atitudes exigidos pela natureza humana (BATAILLE, 2018, p. 133).

Assim, o animalesco conduz ao estado incivilizado e primitivo da cultura do período pré-colonial, que precede a mecanização e a maquinização da sociedade, sendo anterior, portanto, ao patriarcado.

A vingança tem uma função importante na trama do conto ao alimentar as onças com os humanos que desdenham de sua aparência, além de constituir fundamental traço cultural da sociedade tupi, de cuja dinâmica é mantenedora, pois é ela que motiva as guerras em que ocorre a captura de inimigos para o ritual antropofágico que garante aos guerreiros a passagem para a terra-sem-mal e, conseqüentemente, para a imortalidade.

Os grupos inimigos tornam-se guardiões da memória do grupo, e a memória do grupo (inscrita nos nomes que se tomou, nas carnes tatuadas, nos cantos e discursos em que se recapitulam quantos se matou e se comeu) é uma memória dos inimigos. Os inimigos passam a ser indispensáveis para a continuidade do grupo, ou melhor, a sociedade tupinambá existe no e através do inimigo (CUNHA; CASTRO, 1985, p. 201).

Lúcia Sá (2012) demonstra como o argumento principal do enredo de “Meu tio o Iauaretê” é similar a um conto da cosmogonia Kaingang, no qual a onça é importante elemento, não só dele como do imaginário ameríndio em geral, carregando a simbologia do caráter selvagem e não domesticado.

E os próprios kaingangs, de acordo com Ni-muendaju, acreditam que certos estados mentais podem levar alguns homens a se apaixonar pela filha do Senhor das Onças e se transformar em onças verdadeiras – ideia que, como veremos, servirá como argumento central do conto “Meu tio o Iauaretê”, de João Guimarães Rosa (SÁ, 2012, p. 166).

Segundo Sá (2012, p. 215), “ao vingar seus ancestrais, o protagonista de ‘Meu tio o Iauaretê’ recupera a terra roubada dos índios e a dignidade perdida.” Contudo, o que se nota no conto analisado é que esse processo de retorno ao estado de origem pré-cabralino não se realiza plenamente, uma vez que há o aniquilamento do elemento indígena, quando o onceiro é alvejado por seu interlocutor no momento em que ocorria a metamorfose.

Desvira êsse revólver! Mecê brinca não, vira o revólver pra outra banda... Mexo não, tou quieto, quieto... Ói: cê quer me matar, ui? Tira, tira revólver pra lá! Mecê tá doente, mecê tá variando... Veio me prender? Ói: tou pondo mão no chão é por nada, não, é à toa... Ói o frio... Mecê tá doido?! Atiê! Sai pra fora, rancho é meu, xô! Atimbora! Mecê me mata, camarada vem, manda prender mecê... Onça

vem, Maria-Maria, come mecê... Onça meu parente... Ei, por causa do prêto? Matei prêto não, tava contando bobagem... Ói a onça! Ui, ui, mecê é bom, faz isso comigo não, me mata não... Eu — Macuncôzo... Faz isso não, faz não... Nhenhém... Heeé!

Hé... Aar-rrã... Aaãh... Cê me arrhoôu... Remuaci... Rêiucàanacê... Araaã... Uhm... Ui... Ui... Uh... uh... êêêê... êê... e... e... (ROSA, 1969, p. 158-159).

A mesma percepção tem Valquiria Wey (2005), tradutora do conto para o espanhol, que rastreou os tupinismos utilizados, ressaltando que a condição dupla da personagem em questão se reflete na dualidade linguística presente nos vocábulos e partículas indígenas imiscuídos na língua limítrofe do ex-onceiro, que ocultam significados indígenas que desaparecem junto com o narrador no momento de sua morte, simbolizando, portanto, a morte da língua e de toda uma cultura que é suplantada pelo colonizador.

[P]ara o leitor em português o lado tupi da língua é um rugido, mas para o narrador mestiço tem uma outra articulação com as referências culturais do universo do índio. Esta é a face tupi da língua do narrador que não tem leitores, há um eco que ressoa no vazio deixado pela própria extinção da cultura do narrador (WEY, 2005, p. 352- 353).

Em *Meu destino é ser onça*, Alberto Mussa retoma o tema da metamorfose na restauração que pretende fazer do mito tupinambá, visto que na cultura dessa etnia o tornar-se onça está diretamente relacionado ao ritual canibal que concede ao guerreiro a passagem para a terra-sem-mal, que vem a ser o objetivo final de quem pratica esse ato. Desse modo, a vingança entre grupos rivais, em uma dinâmica social marcada pela violência, que a princípio pode ser relacionado a um polo negativo, se revela uma etapa necessária para se alcançar a desejada imortalidade.

Assim, ao matar e comer o inimigo, o guerreiro adquire nomes que lhe conferem a bravura e o prestígio necessários para aproximá-lo de seu objetivo. Nesse sistema, morrer – e ter sua morte vingada – também é tão importante quanto matar. Segundo Mussa, “[n]o jogo canibal, cada grupo depende totalmente de seus inimigos, para atingir, depois da morte, a vida eterna de prazer e alegria. O mal, assim, é indispensável para a obtenção do bem; o mal, portanto, é o próprio bem” (MUSSA, 2004, p. 73). Dizendo de outro modo, bem e mal são duas faces da mesma moeda, que ora se confundem, se entrelaçam e se transmutam em moto-contínuo.

No texto do mito – a seção literária da obra –, é narrada a história de dois grandes feiticeiros inimigos, Maíra e Sumé, sendo que este último dominava “entre muitos poderes, a arte de se transformar em onça” (MUSSA, 2009, p. 14), uma faculdade que também transmitiu aos seus descendentes. Ao longo do tempo, os descendentes de ambas as linhagens retroalimentam a rivalidade que coloca para girar a engrenagem que reverte o mal em bem dentro do ciclo que envolve matar, devorar, ser morto e ser vingado, já mencionado anteriormente. No episódio mítico intitulado “O gambá e a onça”, a esposa de Andejo, um parente de Maíra, estava grávida de gêmeos e foi devorada por Jaguar, que “se transformou em onça [...] e a fez em pedaços” (MUSSA, 2009, p. 52). Os gêmeos foram descartados, mas salvos por uma mulher que os recolheu e os criou. Os dois irmãos eram Jaci, que “é a Lua que morre e se regenera sozinha” (MUSSA, 2009, p. 55), e Pirapanema, uma estrela que “guia a Lua em seu caminho pelo céu” (MUSSA, 2009, p. 55).

Em narrativas míticas indígenas não é raro que acontecimentos da vida de perso-

nagens sejam utilizados para explicar a origem de seres como astros, estrelas e constelações. Assim, no episódio “dia da caça”, é contado como Sumé ficou desgostoso com a ingratidão dos integrantes de sua linhagem e, por essa razão, ascendeu ao céu dando origem ao Setestrela. No entanto, segundo o mito – no episódio “a terceira humanidade” –, mesmo no firmamento, “Sumé se transforma em onça e persegue Jaci. Quando, no fim das chuvas, aparece uma estrela muito vermelha, chamada Jaguar, é Sumé transformado em onça, sujo com o sangue de Jaci” (MUSSA, 2009, p. 69). Dessa forma, a rivalidade com Maíra é mantida, pois Jaci, a Lua, é dele parente direto.

Ainda de acordo com o mito, Jaci é um valente guerreiro caraíba que possui grande capacidade de regeneração, “[p]or isso continuamos matando e comendo nossos inimigos. Enquanto a onça não comer a Lua” (MUSSA, 2009, p. 69). Com essas palavras, é encerrada a narrativa mítica e o ritual canibal tupinambá se completa e se renova, em uma contínua atualização temporal que garante a sobrevivência do ciclo motivador da existência das etnias indígenas exploradas na história. Justifica-se, então, o título do livro de Mussa, *Meu destino é ser onça*, ao colocar o indígena na condição daquele que está predestinado a se metamorfosear em onça e a, portanto, manter em sua essência o caráter indomesticável e selvagem presente na ferocidade do felino, como forma de perpetuar a sua existência por meio do canibalismo que é inerente à figura da onça, cujo papel é preponderante na cultura tupinambá.

Após amplo levantamento das ressonâncias das vozes indígenas na literatura brasileira, Sá considera que

[...] as apropriações românticas e modernistas de textos, gêneros literários e visões de

mundo indígenas parecem deixar pouco espaço para a possibilidade de sobrevivência cultural. No entanto, embora seja verdade que os povos indígenas das Américas têm uma longa história em comum de expropriações, abuso e extermínio perpetrados pelos colonizadores europeus e seus sucessores locais, e que várias culturas e milhões de indivíduos de fato pereceram e continuam perecendo graças a essa história, também é verdade que aqueles que sobreviveram comprovam a grande capacidade das culturas indígenas para recriar e reinventar a si mesmas em meio às piores adversidades (SÁ, 2012, p. 366).

Nesse sentido, seguindo o raciocínio ora proposto, é possível situar o trabalho realizado por Alberto Mussa na contramão da tendência apontada por Lúcia Sá, no que tange ao pouco espaço destinado ao indígena fora das situações de aniquilamento que dão o tom da maior parte da literatura brasileira que se apropria de narrativas ameríndias. Trazer para a contemporaneidade temas como o indígena, a antropofagia e a metamorfose, que também são abordados em parte da literatura engendrada no bojo do projeto modernista, é sintoma de que ainda há problemáticas não superadas que precisam de discussão e de reparação.

Na tentativa de fabular a pré-história de um território não colonizado, em seu complexo processo criativo já descrito neste trabalho, o autor “limpa” os vestígios do discurso do colonizador no processo de seleção de informações, para que na seção literária reste tão somente o imaginário indígena, com a metamorfose e a antropofagia devolvidas ao seu estado sagrado original, vivo, pujante e em claro diálogo com a tradição literária brasileira que há gerações lança enfoques sobre a figura do indígena.

Diferentemente do que ocorre em “Meu tio o Iauaretê”, não obstante a extrema ela-

boração estética do indígena na condição de devorador e assimilador do outro, em que ele é representado em uma dimensão utópica, haja vista que, mesmo sendo ele próprio o antropófago, não é permitida a coexistência das duas identidades na subjetividade do mestiço. No momento em que a face indígena, encarnada na figura do jaguaretê, sobrepujava os traços de homem branco, ela é eliminada. Logo, claro está que a narrativa mítica de Mussa oferece uma nova possibilidade de realização para o indígena, na qual ele resiste e sobrevive.

Ainda antropofagia?

As considerações desenvolvidas neste trabalho acerca de *Meu destino é ser onça*, de Alberto Mussa, tecidas em uma trama dialética com o projeto modernista brasileiro, por meio dos pontos de contato identificados com obras importantes do período – *Macunaíma*, de Mário de Andrade, e “Meu tio o Iauaretê”, de Guimarães Rosa –, no que tange à antropofagia, ao indígena e à metamorfose, nos levam a refletir sobre o motivo pelo qual a antropofagia ainda se constitui como um traço de relevância para ser tensionado por uma obra de literatura contemporânea às vésperas do centenário do Modernismo e de seus principais manifestos – *Manifesto Pau-Brasil* (1924) e *Manifesto Antropófago* (1928). Dessa análise, é possível depreender, então, que a relação dialógica entre as obras citadas se dá pelo fato de a obra de Mussa operar em fluxo oposto às duas do movimento modernista, no sentido de desestabilizar alguns lugares consolidados no modernismo. As obras em questão têm um papel fundamental, tanto estético quanto de valorização da cultura indígena, no sentido de trazer esta última para o interior das preocupações literárias, embora, em ambas, o elemento indígena não seja perpetuado.

Enquanto Mário de Andrade, em *Macunaíma*, assimila as narrativas primordiais indígenas registradas por Koch Grünberg, incorporando-as à narrativa macro do herói sem nenhum caráter, sem descrever o processo criativo e as fontes utilizadas, Mussa mostra um estilo de escrita metaficcional, que desestabiliza a noção de gênero literário ao entregar para o leitor não apenas o resultado do experimento literário, mas também empreender diante dele um processo de decomposição das etapas de criação que envolve levantamento de fontes, pesquisa bibliográfica e confronto de informações. Nesse percurso, o autor já suscita debates por tomar como base textos de cronistas coloniais para, de certa forma, destituí-los do discurso, deixando ecoarem as vozes dos Tupinambás que ficaram relegadas à marginalidade por muitos anos na história oficial. Nesse processo emerge a cultura da etnia tupinambá, na forma de mito, para devolver aos indígenas o protagonismo da origem e de seu legado sobre a cultura brasileira.

Já entre a obra de Mussa e o conto de Guimarães Rosa, há em comum a metamorfose xamânica do indígena em onça no rastro do perspectivismo ameríndio, que permite o olhar e o agir do ponto de vista do animal no que ele tem de puro instinto e de indócil. A narrativa de “Meu tio o Iauaretê” promove uma inversão dos discursos historicamente construídos sobre a cultura indígena, na qual o ex-onceiro devorava impiedosamente os inimigos. Nesse sentido, a metamorfose e a antropofagia aludem à tentativa de retorno ao primitivo e ao matriarcado, porém, nessa obra, o ciclo não se completa, pois esse sujeito híbrido sucumbe pela arma de fogo daquele que representa o colonizador. Esse arco se fecha em forma cíclica e contínua na narrativa de Mussa, como vimos ao longo do trabalho, devolvendo ao indígena o lugar de

prestígio negado em anos de história oficial, uma vez que a manutenção do ciclo da metamorfose em onça e da vingança entre os indígenas em uma realidade ficcional que os tira da situação de aculturação e marginalização, provando-nos que, se a antropofagia continua sendo atualizada na literatura brasileira contemporânea, é sinal de que há, ainda, uma ferida aberta em relação aos nossos povos de origem e a necessidade de um caminho de reparação a ser percorrido.

Referências

- ANDRADE, M. **Macunaíma**: o herói sem nenhum caráter. Brasília: CNPq, 1988.
- ANDRADE, O. Manifesto antropófago. In: **Obras completas**. Do pau-brasil à antropofagia e às utopias. Vol. 6. Rio Janeiro: Civilização Brasileira, 1970. p. 11-19.
- BATAILLE, G. **Documents**. Trad. João Camillo Penna e Marcelo Jacques de Moraes. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.
- CAMPOS, H. A linguagem do Iauaretê. In: **Meta-linguagem** – Ensaios de teoria e crítica literária. Petrópolis: Vozes, 1967. p. 47-53.
- CUNHA, M.; CASTRO, E. Vingança e temporalidade: os Tupinambá. **Journal de la Société des Américanistes**, Tome 71, p. 191-208, 1985.
- CURY, M. Z. F. Novas Geografias Narrativas. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 7-17, dez. 2007.
- GARRAMUÑO, F. **Frutos Estranhos**: sobre a inespecificidade na estética contemporânea. Trad. Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.
- JARDIM, E. **A brasilidade modernista**: sua dimensão filosófica. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.
- MUSSA, A. **Meu destino é ser onça**. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- NUNES, B. Antropofagia e utopia. In: ANDRADE, O. **Obras completas**. Do pau-brasil à antropofagia e às utopias. Vol. 6. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970. p. XXXVI-LIII.

OLIVIERI-GODET, R. Estranhos estrangeiros: poética da alteridade na narrativa contemporânea brasileira. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 29, p. 233-252, jan./jun. 2007.

ROSA, G. Meu tio o Iauaretê. In: **Estas Estórias**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969. p. 126-159.

SÁ, L. **Literaturas da Floresta** – Textos amazô-

nicos e cultura latino-americana. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

WEY, V. Entrar para a tribo literária: a tradução de “Meu tio o Iauaretê”. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 9, n. 17, p. 340-355, jul./dez. 2005.

Recebido em: 15/04/2021

Aprovado em: 01/06/2021



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

La formación ciudadana y los valores en el marco de la Reforma Educativa de la Enseñanza de Secundaria Básica en Cuba (1999-2006): Un análisis desde las Ciencias Sociales

*Licet Sierra Copa (Instituto de Investigaciones Históricas Sociales - IIHS, Universidad Veracruzana – México)**
<https://orcid.org/0000-0003-0185-959X>

*Luis Enrique Jerez Domínguez (Universidad de Oriente, Contramaestre, Santiago de Cuba)***
<https://orcid.org/0000-0002-3298-3406>

Resumen:

El presente artículo tiene como objetivo analizar el trasfondo socioeconómico y político de la reforma educativa que realizó el Estado cubano de su sistema educativo, específicamente de la Enseñanza Secundaria en el periodo comprendido entre 1999 y 2006. Las transformaciones que experimentó todo el sistema educativo fueron resultado de un contexto que exigió ajustar la educación ante un escenario complejo para la sociedad cubana, consecuencia del derrumbe del campo socialista y la llegada de un periodo de crisis económica y social que tuvo grandes repercusiones en el sistema de valores y en la población. La reforma educacional estuvo acompañada de grandes cambios en la esfera educativa sustentada en reforzar la integración social y la ciudadanía militante del pueblo, cuyo fundamento fue la formación de los valores humanos y ciudadanos organizado a través de los programas educativos, tanto por la vía curricular como extracurricular.

Palabras Claves: Estado Cubano, Reforma educativa, Sistema de Enseñanza Secundaria, ciudadanía militante, formación de valores humanos y ciudadanos.

Abstract:

Citizen formation and values in the framework of the Educational Reform of Basic Secondary Education in Cuba (1999-2006): An analysis from the Social Sciences

* Licet Sierra Copa, Becaria del programa de Conacyt: “Maestría en Ciencias Sociales”, Instituto de Investigaciones Histórico- Sociales, Universidad Veracruzana, México.

** Doutor em Ciências Pedagógicas. Professor Titular do Departamento de Ciências Sociais e Humanidades, Centro Universitário Municipal Contramaestre, Universidad de Oriente, Cuba E-mail: luis.jerez@uo.edu.cu

This article aims to analyze the socio-economic and political background of the educational reform carried out by the Cuban State of its educational system, specifically of Secondary Education in the period between 1999 and 2006. The transformations that the entire Cuban educational system experienced were the result of a context that required adjusting education to a complex scenario for Cuban society, a consequence of the collapse of the socialist system and the arrival of a period of economic and social crisis that had great repercussions on the value system and citizenship in Cuba. The educational reform was accompanied by major changes in the educational sphere based on reinforcing the social integration and militant citizenship of the people, whose foundation was the formation of human and citizen values organized through educational programs, both through the curricular and extracurricular.

Keywords: Cuban State, educational reform, Secondary Education System, militant citizenship, formation of human and citizen values.

Introducción

El presente trabajo es resultado de una investigación sobre la reforma educativa que realizó el Estado Cubano de conjunto con el Ministerio de Educación e involucró a las instituciones educativas de todos sus niveles, las organizaciones de masas y políticas, a los profesores, trabajadores de apoyo a la docencia, los estudiantes, la familia y el barrio. Por su alcance social se le ha denominado la “tercera revolución educacional en Cuba”. El recorte temporal del estudio comprende los años desde 1999 a el 2006, etapa en la que se desarrolló el cambio educativo, el cual se enfocó primero en la Secundaria

Básica con la aplicación de un nuevo modelo de enseñanza- aprendizaje, organizado a partir de la doble sesión de clases, el grupo docente de 15 estudiantes, el profesor general integral, el guía docente y la teleclase. El estudio se ha sustentado en el análisis de documentos (resoluciones, indicaciones ministeriales, programa de estudios, currículo) y los discursos del líder de la Revolución Cubana. Los datos empíricos fueron obtenidos de un primer sondeo de campo en la Secundaria Básica “Rodolfo Rodríguez”, ubicada en el Municipio de Contramaestre de la provincia de Santiago de Cuba.

Tabla 1- Claustros de la Secundaria Básica “Rodolfo Rodríguez Benítez” (2019-2020)

Claustros	Licenciados ante de la reforma	Profesores Generales Integrales	Licenciados después de la reforma	Totales
Docentes	32	15	18	65
No Docentes	---	--	----	19

Fuente: Secretaría General Secundaria Básica “Rodolfo Rodríguez Benítez”, Contramaestre, Santiago de Cuba.

Por último, se aplicaron entrevistas estructuradas focalizadas a algunos de los actores de este proceso en el territorio de Contramaestre. El uso de las entrevistas estructuradas focalizadas, parte del criterio que las personas entrevistadas se han visto involucradas en una situación particular (Fiske y Robert Merton 1998:216). En este caso, los docentes que se desempeñaron en la etapa de la reforma y actualmente se encuentran activos en la enseñanza secundaria básica en Cuba y otros han emigrado a Argentina y Venezuela, pero continúan laborando en instituciones educacionales. Las entrevistas se han realizado a través de los medios electrónicos, un medio óptimo y necesario para acercarnos a los actores de este proceso en un contexto de pandemia y distanciamiento social, lo que motivó el uso de la Internet como herramienta de trabajo, la cual se ha intensificado en un escenario de emergencia sanitaria que provocó el virus que causa la COVID-19. En este escenario se ha podido contactar con algunos de los actores más importantes que trabajaron en el periodo del cambio educativo en Cuba entre 1999 y 2006. Las entrevistas se enviaron por correo electrónico y la mensajería de Facebook. Los docentes entrevistados han enriquecido esta interacción al contribuir con sus respuestas y opiniones.

El contexto de la reforma educativa en Cuba (1999-2006)

Los sistemas educativos latinoamericanos en la década de los noventa y la llegada del milenio experimentaron diferentes transformaciones en el orden organizativo y en sus concepciones pedagógicas, resultado de los cambios económicos, tecnológicos y políticos que transcurrieron en este periodo. El fin de gobiernos totalitarios y la transi-

ción democrática en los países del cono Sur conformado por Chile, Argentina, Uruguay y Brasil tuvieron un impacto directo en los sistemas educativos de estos países, los cuales se vieron en la imperiosa necesidad de la ampliación de los servicios de enseñanza, mejorar las políticas públicas y la formación ciudadana de las nuevas generaciones.

La formación ciudadana y los valores de la sociedad democrática se convierten en parte de los contenidos curriculares y las metas a alcanzar. Es significativa la relectura que la pedagogía latinoamericana hace de la obra de Jhonn Dewey sobre el papel de la escuela en la vida social (Nubiola, J., y Sierra, B. 2001). También las concepciones de Thompson y Smith sobre la democracia y la ciudadanía se introducen como referentes teóricos en las ideas pedagógicas y las metas de formar ciudadanos en los valores y los principios democráticos. (Stein, R. H. 2003).

La singularidad del caso cubano, con un régimen socialista y alejado de las concepciones liberales es que también opta en el período 1999-2006 por un cambio en su sistema educativo. Las transformaciones que se experimentaron en todo el sistema educativo fueron el resultado de un contexto que exigió ajustar la educación ante un escenario complejo para la sociedad, consecuencia del derrumbe del sistema socialista y la llegada de un periodo de crisis económica y social que tuvo grandes repercusiones en el sistema de valores y la ciudadanía.

La reforma educativa en Cuba se realizó en un contexto político de gran confrontación ideológica, después del derrumbe de campo socialista y el triunfo de la izquierda en varios países de América Latina, el caso de Venezuela, Ecuador, Bolivia, Brasil y Argentina. Para Cuba se hizo necesario marcar las diferencias del socialismo frente al capitalismo y las políticas neoliberales de los

noventa. Por esto apeló a los ejemplos de solidaridad humana al propiciar el mejoramiento de los servicios médicos y de educación en estos países que conformaron el bloque “La Alianza Bolivariana para los Pueblos de Nuestra América - Tratado de Comercio de los Pueblos o ALBA-TCP”. De modo que el paquete de la reforma educativa en Cuba estuvo dentro de lo que el sociólogo argentino Atilio Borón a denominado “la Batalla de ideas”, apelando a la metáfora política que utilizó el líder de la Revolución Cubana Fidel Castro, cuando calificó que la centralidad del socialismo del Siglo XXI era: “la batalla de ideas (Borón, Atilio 2012).”.

Uno de los campos más polémicos sobre la educación cubana está relacionado con la formación para la ciudadanía y los valores sociales que promovió la reforma educativa. Un estudio científico social sobre la reforma educativa, específicamente focalizada en la formación ciudadana y los valores sociales puede contribuir a explicar cuál fue verdaderamente la finalidad y los resultados que ha traído después de varios años una “educación en valores”, sus alcances y limitaciones. Teniendo en cuenta que “los estudios sobre los procesos de reforma son recurrentes en diferentes partes del mundo. Una de las preocupaciones más comunes de los especialistas en el tema, así como de las autoridades responsables de la operación de los sistemas educativos, es identificar la efectividad de los cambios propuestos a través de los planes y programas de estudio” (Treviño, Ernesto y Cruz, R 2014).

En el Caso de Cuba, la concepción pedagógica de formar una personalidad general integral, con valores éticos y revolucionarios, se convirtió en la plataforma que sustentó la reforma educativa organizada por el Estado entre 1999 y el 2006. El discurso político que impulsó el cambio educativo vol-

vió a retomar la retórica del “hombre nuevo” que enarboló la Revolución en los inicios de 1959, pero readaptada a un nuevo contexto: “Educar es todo, educar es sembrar valores, es desarrollar una ética, una actitud ante la vida. Educar es sembrar sentimientos. Educar es buscar todo lo bueno que pueda estar en el alma de un ser humano, cuyo desarrollo es una lucha de contrarios, tendencias instintivas al egoísmo y a otras actitudes que han de ser contrarrestadas y solo pueden ser contrarrestadas por la conciencia...” “No puede haber socialismo sin educación, como no puede haber educación, justicia social y socialismo sin Revolución”¹

La crisis de los valores en la sociedad cubana de los noventa se experimentó de diferentes formas, los valores centrales de la sociedad como la solidaridad, la honestidad, el patriotismo, la responsabilidad se vieron afectados. Patricia Arés plantean que en este escenario “surgen valores emergentes que a largo plazo pudieron constituir un riesgo para la continuidad del proyecto cubano en las jóvenes generaciones, tales como: exaltación de lo extranjero, tenencia de dólares y de familiares en el extranjero como lo deseable, entre otros” (Arés, Patricia 1990).

De esta manera, muchas de las estrategias familiares adoptada por las familias cubanas ocasionaron cambios en las orientaciones de valores en este periodo, que se reflejan en la transgresión de normas jurídicas y morales, así como en el surgimiento y legitimación de conductas proclives a la desintegración social, no coherentes con los patrones sociales

1 Castro, Fidel. «Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz en el acto de graduación del primer curso emergente de formación de maestros primarios, efectuado en el teatro "Karl Marx".» *Cubadebate*, 22 de Enero de 2021: 1-3. Disponible en: <http://www.fidelcastro.cu/es/discursos/discurso-pronunciado-en-el-acto-de-graduacion-del-primer-curso-emergente-de-formacion-de>.

significativamente positivos. Dificultades en los padres para transmitir de forma coherente los valores sociales que se proyectan y son edificados a partir de la práctica cotidiana convirtiéndose en verdades resultantes de las contradicciones sociales. Este problema refleja dos momentos esenciales: los adultos conservan en el plano ideal un sistema de valores integrados y fundamentados por su historia personal, con los cuales les resulta difícil operar en la actualidad; por otra parte, se enfrentan a una realidad familiar que les exige responder – muchas veces con inmediatez - a determinadas conductas y reacciones en los más jóvenes que se alejan de los patrones conductuales esperables desde lo social. Esto ocasiona que en el proceso educativo aparezcan con frecuencia fenómenos negativos como: los dobles mensajes, la imposición, la doble moral y la violencia física (Jiménez, Y. V. 2003).

Una de las formas de involucrar a la familia fue la apertura que hizo el Estado con los programas de la Revolución para que las madres jóvenes y los padres pudieran acceder a la educación y tuvieran la oportunidad de formarse como profesionales. En el 2000 el país amplió la reforma educativa a través de los llamados “Programas de la Revolución. Uno de ellos fue la universalización de la educación superior y los cursos para jóvenes desempleados. En el curso 2008-2009, el 59,8 por ciento del total de graduados universitarios fueron mujeres; lo que representó el 59,9 por ciento de los graduados en el curso regular diurno y 60,5 por ciento de los graduados de las universidades municipales” (García, M. 2011)

La reforma educacional estuvo acompañada de grandes cambios en la esfera educativa sustentada en reforzar la integración social cuyo fundamento fue la formación de los valores humanos y ciudadanos organi-

zados a través de los programas educativos, tanto por la vía curricular como extracurricular. La formación de los valores morales y ciudadanos se convirtió en la plataforma fundamental enarbolada desde el Estado para poder reproducir de nuevo la vida social en consonancia con la idea del socialismo como alternativa posible. En este sentido, la educación en valores se convirtió en política educativa estatal, la cual responsabilizaba a la escuela, maestro, estudiantes y familia con la educación de la nueva generación en los valores.

La Estrategia de reproducción social para poder dinamizar y modernizar la sociedad y volver a ejercer el control sobre ella y lograrla encarrilarla por la senda del socialismo, consistió en poner de nuevo a estudiar a toda la población. Para Bourdieu las estrategias de reproducción tienen aspecto de racionalidad tanto consciente como inconsciente (Bourdieu, P. 2012). La llamada crisis de los valores se convirtió en fundamento de una estrategia desde el Estado para garantizar la reproducción de la sociedad.

La reforma educativa sirvió para autoajustar el sistema social cubano. Esta abarcó dos ámbitos, uno material y otro en la esfera de lo ideológico y simbólico, con importante cambio en los currículos de la enseñanza primaria, media y superior. Las primeras transformaciones se concibieron en la enseñanza básica, cuyas indicaciones se circularon en un documento programático conocido como “Las transformaciones de la Secundaria Básica”.

El proceso de cohesión social en Cuba: educación, valores humanos y ciudadanía militante

La ciudadanía relacionada con la adhesión a una comunidad, parte de la idea que “el ciu-

dadano es consciente de su pertenencia a una comunidad humana, comparte un conjunto de valores y comportamientos, obligaciones y responsabilidades, a la vez que participa activamente en todos los asuntos de la comunidad. Todo ello se sintetiza en el civismo, entendido como un conjunto de virtudes públicas que posibilitan la convivencia” (Bolívar, A 2007). Pero la ciudadanía también abarca otros aspectos: el estatus jurídico concedido por el Estado, relación recíproca entre personas en la esfera pública. Es decir, la ciudadanía implica un tipo de vínculo entre el individuo y el Estado y comprende no sólo derechos y obligaciones sino también significados (dimensión subjetiva) y agencia (prácticas), a esto hay que agregarle los factores que constriñen el desarrollo democrático y cómo se ejerce la condición de ciudadano.

La noción de ciudadanía no aparece con frecuencia en los estudios sobre Cuba, más bien el enorme interés que suscitó el fenómeno revolucionario inclinó la reflexión hacia temas y problemas menos apegados a los marcos normativos de la institucionalidad política. Si bien existen numerosos análisis de la ideología de la Revolución, de las clases que la llevaron adelante, del carisma de su liderazgo, o de sus prácticas de redistribución y justicia social, muy pocos son los que han dedicado a desentrañar cómo se ha producido la relación de sus sujetos con el poder. (Bobes, V. C. 2007). El sociólogo Haroldo Dilla afirma que “escribir sobre la democracia (y la democratización) de la sociedad cubana, es siempre andar a tientas sobre un campo minado” (Dilla, H. 1995).

La Revolución y el nuevo proyecto de sociedad socialista produjo una refundación de la nación y del sujeto, por eso la ciudadanía en Cuba se debe comprender a partir de esta nueva relación entre ciudadano y Esta-

do. Este hecho es fundamental pues el ciudadano es convertido en sujeto revolucionario en el marco del nuevo nacionalismo beligerante, el cual se construye en oposición al imperialismo norteamericano. Desde la perspectiva institucional, la sociedad civil en Cuba deja de ser un espacio plural de organizaciones de intereses y grupos diversos para convertirse en un actor colectivo monolítico y compacto. Por un lado, la estatalización de todos los medios de comunicación y el sistema educativo (centrales para la conformación del espacio público como esfera de competencia y debate de las diferencias y para la reconstrucción y difusión de las mitologías nacionales) condiciona que la narrativa de la sociedad civil se acerque cada vez más al discurso político estatal, hasta casi fusionarse con aquél. Así las nuevas organizaciones y el espacio público comenzaron a reproducir los criterios del discurso político y a incorporarlos al asentamiento simbólico demarcador de la pertenencia a la sociedad civil (Bobes, V. C. 2007).

La estatalización de la educación y los programas de estudio reflejan la función que ocupa ésta en la formación del sujeto revolucionario, en cuyos objetivos se declara que la educación debe formar sujetos revolucionarios e incondicionales con la Revolución y con un profundo sentimiento antimperialista. Por tanto, lo que le interesa al Estado es potenciar estos supra valores. En este sentido, se considera que en Cuba existe una ciudadanía militante, la misma está más enfocada en determinados aspectos asociados a la ampliación de lo público y la participación en lo político siempre y cuando esté en consonancia con los ideales del socialismo. Lo que promueve la sociedad socialista es amplia participación ciudadana en lo político y en la que la opción política como derecho individual queda descartada.

La democracia en Cuba es redefinida más como un sistema que permite la emancipación del pueblo trabajador (en términos de liberación de la explotación) y la satisfacción de necesidades materiales y espirituales que solo en el socialismo el hombre puede alcanzar. Las nuevas instituciones surgidas al calor de la revolución se sustentan en el centralismo democrático y derogación de las viejas instituciones de la democracia representativa, por eso los fundamentos de la legitimidad pasaron de la legalidad al compromiso y la convicción. La noción del ciudadano -ahora militante- se sustituye por la de revolucionario, lo cual implica una nueva ética que pretende trascender los principios liberales tradicionales de libertad e igualdad (Bobes, V. C. 2007).

En Cuba todos los derechos civiles y políticos aparecen subordinados a la construcción y defensa de la sociedad socialista, la integridad y soberanía de la nación y la permanencia del orden estatal vigente. Este hecho queda sancionado en el texto constitucional, el cual expresa que “ninguna de las libertades reconocidas a los ciudadanos puede ser ejercida contra lo establecido en la Constitución y las Leyes, ni contra la existencia y fines del Estado Socialista, ni contra la decisión del pueblo cubano de construir el socialismo y el comunismo”. De este modo quedan claras las restricciones y el condicionamiento del ejercicio de los derechos a la adhesión del proyecto socialista.²

Los cambios más importantes para la configuración de la ciudadanía en Cuba se producen a partir de 1989 con el derrumbe del campo socialista y la incapacidad del Estado de mantener la igualdad social y económica, este hecho provocó un cambio en los valores compartidos de la sociedad

cubana. El paternalismo del Estado entra en una situación insostenible y tiene que abrir una brecha al capital y el sector privado en Cuba.

Las fuentes de legitimación han continuado sustentadas en la revolución popular y sus conquistas. Desde 1999 el Estado trazó un plan para evitar que las políticas públicas logradas se perjudicaran y comenzó a reactivarlas. La Educación y la salud pública se convirtieron en prioridades esenciales para el Estado. Es en este contexto cuando aparece la reforma educacional y su programa de formación de los valores. Como se ha explicado antes, el quiebre de los valores que habían ayudado a integrar a la sociedad obliga a pensar en un reacomodo del consenso y la propuesta de valores alternativos que indican un cambio en la cultura política nacional. Los valores colectivistas e igualitarios que habían sido centrales para integrar a la sociedad civil se han debilitado y en su lugar aparecen otros.

Desde 1999 se ha producido en la sociedad cubana una ampliación de la sociedad civil, lo que muchos autores catalogan de pluralización de la sociedad, reconocimiento de las comunidades religiosas, los homosexuales, los emigrados como ciudadanos cubanos, los trabajadores por cuentas propias, los propietarios de microempresas. La familia comenzó a recuperar su centralidad en los valores sociales y empieza a desplazar otras formas de identificación colectiva como marco prioritario de pertenencia.

En la actualidad existe un impulso a la formación de los valores ciudadanos, dicho programa pretende como otras sociedades despertar en niños y jóvenes el interés por ser ciudadanos activos. La formación de actitudes y habilidades ciudadanas tiene que ser anclada en las experiencias cotidianas de niños y jóvenes. El desarrollo ciudada-

² De Cuba, P. C. (1976). Constitución de la República de Cuba. *La Habana*.

no es un proceso de vida tanto personal como social, y se puede fortalecer a través de políticas y procesos a diferente nivel. En muchos casos, éstos implican tiempos de largo alcance, lo que hace necesario considerar los recursos humanos y económicos correspondientes para lograr los objetivos. Por ello, resulta relevante identificar y potenciar las oportunidades para que los niños aprendan temprano y gradualmente, de acuerdo con sus capacidades evolutivas, los componentes afectivos, cognitivos, sociales y comportamentales de la ciudadanía (Martínez, M. L., Silva, C., Morandé, M., & Canales 2010).

El modelo de Secundaria Básica en Cuba. Entre el humanismo y la politización del currículo

A pesar de las dificultades económicas de la década de los años 90, el Estado cubano destinó un alto presupuesto al sector de la Educación, “en el 2010 el presupuesto fue de 3 454 millones de pesos, en el 2011 de 4 millones 347 mil pesos, en el 2012 un millón 704 mil pesos y en el 2013 una partida de 1 694 mil pesos”. (AEC 2016)

Los estudios de Secundaria Básica en Cuba se realizan en dos tipos de centros: las escuelas secundarias básicas urbanas (ESBU) y las escuelas secundarias básicas en el campo (ESBEC); estas últimas con régimen interno. En todo el país funcionan 1006 centros, en los que se forman más de 43,468 alumnos³. Además, existen escuelas vocacionales de Arte (EVA), y escuelas de iniciación deportiva (EIDE). Para organizar de manera adecuada y mejorar la cobertura educativa, la reforma estableció la doble

sesión de clases, la formación de grupos docentes con 15 estudiantes, y la figura del profesor guía.

El encargo social de la educación en valores y la formación integral de los educandos recae en la escuela, en los maestros y, sobre todo, en la asignatura de Educación Cívica, la cual se hizo extensiva a todos los grados de la Secundaria Básica⁴. “El perfeccionamiento de la asignatura en noveno grado ha tenido lugar a partir de la práctica pedagógica desarrollada por los docentes bajo la dirección metodológica de los programas elaborados al introducir la asignatura. Durante estos años se han modificado documentos jurídicos fundamentales y el sistema educacional se encuentra enfocado en un proceso de fortalecimiento de los valores y la responsabilidad ciudadana, que abarca todo el sistema curricular y extracurricular de la escuela, teniendo en la asignatura Educación Cívica su soporte fundamental”.⁵

El tema de los contenidos curriculares orientados a formar individuos acordes a las necesidades y los encargos sociales de determinadas clases ha sido objeto de debate en las ciencias sociales. El trabajo de Bourdieu y Passeron sobre la violencia simbólica analiza la forma intencionada de seleccionar y coartar determinados contenidos en los currículos. A lo cual estos autores denominan “arbitrariedad cultural”. Y recalcan como un trabajo prolongado de inculcación produce una formación duradera, o sea productores

3 Mined. *Enseñanza Secundaria en Cuba*. 23 de 04 de 2020. <https://www.mined.gob.cu/secundaria-basica/secundaria-basica/> (último acceso: 25 de 05 de 2021).

4 “Lineamientos para el reforzamiento de los valores, la disciplina y la responsabilidad ciudadana desde la escuela, la cual abarca a todos los niveles de enseñanza, desde la educación preescolar hasta la universitaria. (MINED RM 90/98, 1998). (Nápoles, 2010)

5 Ministerio de Educación República de Cuba. » *Programa Educación Cívica. Noveno Grado*. 3 de 4 de 2019. [//www.mined.gob.cu/wp-content/uploads/2019/04/Prog-Educ-C%C3%ADvica-9no.pdf](https://www.mined.gob.cu/wp-content/uploads/2019/04/Prog-Educ-C%C3%ADvica-9no.pdf) (último acceso: 25 de 05 de 2021).

de prácticas conformes a los principios de la arbitrariedad cultural (Passeron. 1981).

En este sentido, quisiera reflexionar sobre un concepto que está presente en los documentos curriculares de la enseñanza secundaria básica y en los discursos que se articularon en el periodo de la puesta en práctica la reforma de la enseñanza secundaria básica en Cuba. Sobre todo, dos categorías, formación básica integral y cultura general integral. En qué medida bajo la idea de un discurso sobre formar “una cultura general integral” sustentada en los valores humanos fue una formulación desde el poder para acomodar los currículos a los intereses del Estado, y de dar continuidad al proceso de politización de la educación detrás de una idea de modernización y humanización de la educación.

“Hoy se trata de perfeccionar la obra realizada y partiendo de ideas y conceptos enteramente nuevos. Hoy buscamos lo que a nuestro juicio debe ser y será un sistema educacional que se corresponda cada vez más con la igualdad, la justicia plena, la autoestima y las necesidades morales y sociales de los ciudadanos en el modelo de sociedad que el pueblo de Cuba se ha propuesto crear. Tales objetivos no estarán jamás al alcance de una sociedad capitalista. Las dosis de humanismo y solidaridad requeridas para ello no existen ni existirán nunca en esa sociedad, cuyos índices de educación y cultura, cualesquiera que fuesen su tecnología y riquezas, irán quedando cada vez más rezagados con relación a Cuba. Ya muchos de esos índices lo están demostrando de modo irrefutable”.⁶

En la década de los noventa el concepto de formación integral del individuo se había extendido por varios países de América

6 Gobierno de Cuba.» *Discursos*. 16 de septiembre de 2002. <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/2002/esp/f160902e.html> (último acceso: 3 de 04 de 2021)

Latina con los procesos de reformas educacionales. La instrumentalización de políticas públicas a partir de conceptos y teorías sociales, donde el campo político se apropia del lenguaje científico en aras de dar veracidad a los procesos de cambios propuestos desde el Estado se convierte en un hecho recurrente en la actualidad.

El concepto de formación integral se advenía bien a la idea de las reformas en Cuba, sobre todo porque el lanzamiento de esta convocatoria resultó novedoso y recaba el apoyo de todos los sectores de la educación. “Con la disposición de casi la totalidad del actual personal docente de esa enseñanza decididos a impartir dos o más asignaturas, el refuerzo de los miles de profesores integrales emergentes que estamos formando, y el uso óptimo de los modernos medios audiovisuales disponibles, los adolescentes, en esa importante etapa de sus vidas, multiplicarán los conocimientos que pueden y deben adquirir”⁷.

La idea de la formación de una cultura general integral fue la manera blanda de volver a politizar la vida social en Cuba, sobre todo en un contexto de diferendo entre la Cuba socialista y las ideas que se oponen al totalitarismo, tanto dentro como fuera de Cuba. Desde La Habana se había articulado una estrategia de alianza bolivariana y la necesidad de construir el socialismo del siglo XXI. Este proceso en el contexto nacional se le denominó “Batalla de Ideas”.

“La plena conciencia de la necesidad de una profunda revolución educacional en nuestro

7 Castro, Fidel. «Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz en el acto de graduación del primer curso emergente de formación de maestros primarios, efectuado en el teatro "Karl Marx".» *Cubadebate*, 22 de Enero de 2021: 1-3. Disponible en: <http://www.fidel-castro.cu/es/discursos/discurso-pronunciado-en-el-acto-de-graduacion-del-primer-curso-emergente-de-formacion-de>

país surgió desde los inicios de la batalla de ideas, hace casi tres años, cuando nos vimos obligados a movilizar a todo el pueblo y solicitar el apoyo de la opinión pública internacional, incluida la del propio pueblo norteamericano, en la lucha contra la inhumana y colosal injusticia cometida al arrebatarle a un padre cubano, humilde, trabajador, honesto y digno, el hijo de cinco años, víctima de una tragedia, como otras muchas que con frecuencia ocurren, causadas por una Ley asesina aprobada hace más de 35 años para promover las salidas ilegales y desestabilizar el país”.⁸

El humanismo desde la perspectiva del Estado cubano siempre se ha construido en oposición a las ideas del egoísmo y la deshumanización de la cual se responsabiliza al capitalismo. En este sentido se compara todo el esfuerzo que realiza el socialismo por dar una educación inclusiva y humanizada. La introducción de la TV educativa a todos los niveles educacionales y la creación de la teleclase se mostraron como un logro de la Educación Cubana comparable con los países vanguardia en el desarrollo educacional.

Este periodo es un ejemplo del papel que posee la ideología y las condiciones de la producción de un discurso, el cual muestra que lo científico y lo ideológico están en estrecha relación. Incluso, Verón (1993), indica que “no existe tal separación entre ciencia e ideología”. La formulación de la cultura general integral que se introduce a partir del discurso político puso en circulación un nuevo conocimiento para la sociedad cubana, el cual tuvo una gran resonancia. Permitted integrar las concepciones pedagógicas y las ideas políticas para poder encausar la reforma y dinamizar la vida social en torno a un proyecto: El socialismo.

8 Gobierno de Cuba.» *Discursos*. 16 de septiembre de 2002. <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/2002/esp/f160902e.html> (último acceso: 3 de 04 de 2021)

Los roles y reacciones del profesorado, la familia y la comunidad frente a las transformaciones educativas y la formación de los valores humanos y ciudadanos

El cambio educativo en la enseñanza de la secundaria básica se propuso en primer orden transformar el profesorado y hacerlo participe de la concepción pedagógica de la educación integral sustentada en el paradigma de la interdisciplinariedad. Un primer dilema que enfrentó el cambio educativo fue que los profesores de secundaria básica se habían formado por especialidades, en el esquema clásico de las Ciencias, es decir, graduados en Ciencias Naturales, Ciencias Exactas, humanidades, pero el nuevo modelo les planteó a los docentes un que debían impartir varias asignaturas.

Por tanto, una de las problemáticas que enfrentó la reforma fue convencer a los profesores, los cuales reaccionaron de manera negativa pues se les proponía que debían prepararse para impartir varias materias de acuerdo con su perfil, los profesores de español y literatura ejercer como profesores de historia, cultura política y los de historia y educación cívica, impartir literatura y español. Los docentes de ciencias naturales, geografía, biología y química deberían de estar preparados para desarrollar estas materias y los de ciencias exactas, matemáticas, física y computación, impartir cada una de estas asignaturas.

La especialista Ibón Lahera considera que esta concepción es válida:

“Se trata de un perfeccionamiento curricular para favorecer la integración; sin embargo, exigió una sólida preparación del docente y condicionamiento teórico-metodológico-tecnológico, y se implementó en un

breve tiempo; constituyendo una barrera la propia la especialización que existía lo cual conllevó a que no se lograra siempre los resultados esperados. Esta propuesta se considera de muy positiva en el orden educativo por la disciplina, compromiso, y responsabilidad de estos docentes que posteriormente continuaron su preparación según las normativas del Ministerio de Educación. “Demandó de un esfuerzo de los docentes para su preparación que aceptaba preferentemente el área del conocimiento según su formación de Ciencias o las Humanidades. La calidad de la enseñanza se vio favorecida en su tratamiento interdisciplinario, y tuvo aceptación en el estudiante, no obstante, al descargarse los programas de las asignaturas no se favoreció la preparación posterior hacia otros niveles de enseñanza donde se trabajaba por áreas del conocimiento o disciplinas”⁹

Las entrevistas realizadas evidencian que el proceso de implementación del cambio educativo no estuvo exento de reacciones y contradicciones. Los docentes del sector se manifestaron de dos formas, una fue que muchos profesores solicitaron la baja del sistema educacional o el traslado para diferentes enseñanzas, mientras que otra mayoría a pesar de su crítica a las nuevas transformaciones optó por asimilarlo e integrarse en la nueva dinámica.

Otros directivos que participaron en el proceso de la reforma consideran que una de las fallas de estas transformaciones “fueron implementadas de forma brusca y generalizada a todos los docentes que trabajaban en las Secundarias básicas”.¹⁰ “De forma general ocasionó un impacto en el docente

no siempre favorable, algunos iniciaron su preparación para asumir la tarea y otros se incorporaron a diferentes niveles de enseñanza.”¹¹

Los arquitectos de la reforma consideraban que la introducción del teleclase y el uso de la computación, los niños, jóvenes y adolescentes aprenderían el doble de las materias. “El uso óptimo de los modernos medios audiovisuales disponibles, los adolescentes, en esa importante etapa de sus vidas, multiplicarán los conocimientos que pueden y deben adquirir”¹². En dos años de instrumentados los profundos cambios educacionales se pasó del triunfalismo a corregir los errores que acarrearón los acelerados cambios en el sistema educacional, sobre todo en la Educación Secundaria. Los bajos niveles de aprendizaje en matemáticas y lengua materna no se hicieron esperar. La sustitución del profesor por el teleclase convirtió al docente en un facilitador y agravado por la llegada de los nuevos docentes denominados profesores generales integrales, ambos cambios no dieron los resultados esperados. Hubo que rectificar rápidamente los errores y volver a la especialización y colocar al profesor como el centro del proceso educativo.

“La implementación del Tele profesor fue un fracaso, puesto que el Proceso Docente Educativo es un proceso de retroalimentación, preguntas y respuestas (heurístico), y atención a las individualidades, lo que convierte al maestro en un ser insustituible en el Proceso Pedagógico Profesional. La creación de los Profesores Generales Integrales (PGI) en esta etapa iba en contra de la espe-

9 Lahera, Ibón y Joel Meriño Alcolea. (29 de noviembre de 2020). Entrevista sobre el cambio educativo en Cuba (1999-2006). (Licet Sierra, Entrevistador)

10 Justiz, O. (22 de Enero de 2021). Las transformaciones educacionales en la secundaria básica. (L. Sierra, Entrevistador)

11 Lahera, Ibón y Joel Meriño Alcolea. (29 de noviembre de 2020). Entrevista sobre el cambio educativo en Cuba (1999-2006). (Licet Sierra, Entrevistador)

12 Castro, F. (2 de 4 de 2020). *Gobierno*. Obtenido de Cuba.cu: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/2002/esp/f090902e.html>

cialización y por ende la maestría profesional, puesto que estos llamados “Valientes” debían impartir todas las asignaturas, craso error”¹³

“En mi opinión, el modelo del Profesor General Integral fue un fracaso en lo educativo, era imposible que una sola persona pudiera enfrentar todos los programas de la escuela secundaria, por lo que, para poder llevarlo a cabo, modificaron los planes de estudio causando una disminución en los contenidos correspondientes a Secundaria, por otro lado, el modelo de PGI, conllevó a un gasto en equipamiento tecnológico (videocassetas, horas de grabación, casetes, nuevos puestos de trabajo para cuidar los videos, entre otros) pues la práctica docente se limitó (por mucho tiempo) a dar clases grabadas”¹⁴

Los criterios y opiniones de los profesores entrevistados muestran una composición heterogénea, los profesores más críticos han sido los que han emigrado a otras esferas o están ejerciendo el magisterio fuera de Cuba; mientras los profesores que se encuentran trabajando en la docencia, sus opiniones reflejan el compromiso ideológico con el Partido Comunista. Por ejemplo, los profesores de la Secundaria Básica Rodolfo Rodríguez, por años han mantenido la tradición revolucionaria de ser la primera escuela inaugurada por la Revolución en el territorio, la generación formada entre los años 60 y 70, y 80 que todavía laboran el centro, forman el segmento de profesores con un nivel ideológico alto, es decir, de compromiso con la ideología revolucionaria y la defensa de sus valores patrióticos antimperialista.

13 Sosa, P. (5 de Diciembre de 2020). entrevista al profesor Pavel Sosa. (Licet Sierra, Entrevistador)

14 Chang, A. (6 de 02 de 2021). Entrevista sobre la reforma educativa y los valores. (L. Sierra, Entrevistador)

Conclusiones

La reforma educativa en Cuba en el periodo 1999-2006 fue resultado de varios factores, tanto nacionales como internacionales. Un factor internacional que repercutió de manera profunda en la sociedad cubana estuvo relacionado con el derrumbe del campo socialista y la pérdida de sus principales socios comerciales. Cuba entró en una crisis económica sin precedente conocida como “el periodo especial”. Este hecho trajo consigo cambios en los valores centrales a través de los cuales la sociedad se había articulado y reproducido. En un contexto bipolar y la entrada de las políticas neoliberales en América Latina, sin embargo, el triunfo de la izquierda en varios países latinoamericanos permitió a los líderes de la Revolución Cubana articular una alianza antineoliberal y afianzar el bloque bolivariano.

Ante la propagación de las ideas neoliberales los países de la Alianza Bolivariana instrumentaron un paquete de políticas públicas a través de varios programas sociales, entre ellos, “más médicos”, el programa de alfabetización “Yo sí puedo”. Esto le permitió a Cuba recibir recursos financieros y petróleo, unido a los créditos chinos y rusos, así el Estado estuvo en condiciones de reactivar su economía y varios programas sociales. En el periodo 1999 al 2006 se llevó a cabo una reforma del sistema educacional cubano, que comenzó con la enseñanza de secundaria básica y luego se hizo extensiva a las demás enseñanzas.

La reforma educativa en la secundaria básica en Cuba tuvo un eje transversal la formación de valores ciudadanos y humanos. La educación en valores se convirtió en un factor importante para volver a potenciar el socialismo y sus valores centrales. Al aplicar una reforma el Estado logró resolver dos problemas. El primero, mayor integra-

ción social propiciando un mejor acceso a la educación a todos los sectores y el segundo, una educación en los valores ciudadanos y humanos que permitiera reforzar la ideología y la unidad popular para evitar la fragmentación social y el fomento de otros valores no acorde al socialismo. Y de este modo encauzar a la nueva generación en la misma tradición de los años 60 del hombre nuevo: el sujeto revolucionario, pero ahora actualizado en la concepción de la formación integral de la nueva generación y sustentado en los valores que se relacionan con la cultura política de una ciudadanía militante.

El esfuerzo del Estado sobre la educación luego de la reforma ha sido reajustar los gastos en los servicios educacionales y racionalizar los recursos. El sistema educativo ha visto mermar su presupuesto en 4 puntos porcentuales entre 2008 y 2015. Algunas de las medidas que Raúl Castro tomó al asumir el poder en el 2007 fueron el cierre de las escuelas en el campo (internados), así como la eliminación paulatina de las más de 3,000 sedes universitarias abiertas por su hermano Fidel en los años de la “Batalla de Ideas”. “También se ha realizado un progresivo reajuste en las escuelas, cerrándose aquellas con menos matrícula, y desplazando a los estudiantes restantes a otros centros educativos. También eliminó costosos programas como el destinado a trabajadores sociales, que graduó a miles de jóvenes que terminaron controlando el consumo de combustible en las gasolineras o repartiendo refrigeradores y bombillas eléctricas en programas masivos de recambios. Los programas para maestros emergentes e instructores de arte también fueron desmantelados y al mismo tiempo se redujeron las universidades para adultos mayores y el uso de dispositivos tecnológicos en las aulas”.¹⁵

15 Pentón, M. (10 de Febrero de 2017). Las estadís-

Bibliografía

- AEC. *Anuario Estadístico de Cuba 2015*. La Habana: Oficina Nacional de Estadística, 2016.
- Arés, Patricia. *Mi familia es así*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1990.
- Bobes, V. C. . *La nación inconclusa:(re) constituciones de la ciudadanía y la identidad nacional en Cuba*. Mexico: FLACSO, 2007.
- Bolívar, A. *Educación para la ciudadanía: algo más que una asignatura*. Barcelona: Graó, 2007.
- Borón, Atilio. «¿Una nueva era populista en América Latina?» En *El eterno retorno del populismo en América Latina y el Caribe*, de Beltrán, C. A., Barreto, L. M., Borón, A. A, 131-158. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana., 2012.
- Bourdieu, P. *Las estrategias de la reproducción social. Siglo XXI*. Madrid: Siglo XXI, 2012.
- Castro, Fidel. «Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz en el acto de graduación del primer curso emergente de formación de maestros primarios, efectuado en el teatro “Karl Marx”.» *Cubadebate*, 22 de Enero de 2021: 1-3. Disponible en: <http://www.fidel-castro.cu/es/discursos/discurso-pronunciado-en-el-acto-de-graduacion-del-primer-curso-emergente-de-formacion-de>.
- . «Gobierno de Cuba.» *Discursos*. 16 de septiembre de 2002. <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/2002/esp/f160902e.html> (último acceso: 3 de 04 de 2021).
- Dilla, H. . «Cuba,¿ cuál es la democracia deseable?. » *Estudios Latinoamericanos*, 1995: 2(3), 87-102.
- Fajardo, Ariel, entrevista de Sierra, Licet. *Entrevista sobre el cambio educativo en Cuba (199-2006)* (2 de diciembre de 2020).
- Fiske y Robert Merton. «Propósitos y criterios de la entrevista focalizada (traducción de Consuelo del Val y Javier Callejo).» *Revista de metodología de ciencias sociales*, 1998:216: (1) 215-227.
- García, M. «Juventud y educación en Cuba: Estrategia de inclusión social femenina. » *Cubanas* reflejan la grave crisis del sistema educativo cubano. *El Nuevo Herald*, págs. 1-4

Studies, 2011: 42, 3-22. Disponible en from www.jstor.org/stable/24487497. Retrieved July 17, 2020,.

Jiménez, Y. V. «El proceso de transmisión de valores: retos para la familia cubana actual.» *Red de Bibliotecas Virtuales de CLACSO. Centro de Investigaciones Psicológicas y Sociológicas*, 2003: 1-18.

Martínez, M. L., Silva, C., Morandé, M., & Canales. «Martínez, M. L., Silva, C., Morandé, M., & Canales, L. (2010). Los jóvenes ciudadanos: reflexiones para una política de formación ciudadana juvenil.» *Ultima década*, 2010: 18(32), 105-118.

MINED. *Enseñanza Secundaria en Cuba*. 23 de 04 de 2020. <https://www.mined.gob.cu/secundaria-basica/secundaria-basica/> (último acceso: 25 de 05 de 2021).

—. «Ministerio de Educación República de Cuba.» *Programa Educación Cívica. Noveno Grado*. 3 de 4 de 2019. [//www.mined.gob.cu/wp-content/uploads/2019/04/Prog-Educ-C%-C3%ADvica-9no.pdf](http://www.mined.gob.cu/wp-content/uploads/2019/04/Prog-Educ-C%-C3%ADvica-9no.pdf) (último acceso: 25 de 05 de 2021).

Nápoles, D. *La escuela cubana y la educación en valores*. Camaguey: eumed.net, 2010.

Nubiola, J., y Sierra, B. «La recepción de Dewey en España y Latinoamérica.» *Utopía y Praxis La-*

tinamericana, 2001: 6(13), 107-119.

Passeron., Bourdieu y C. *La reproducción. Elementos para una teoría del sistema de enseñanza*. Barcelona: Laia, 1981.

Pentón, M. . «Las estadísticas reflejan la grave crisis del sistema educativo cubano.» *El Nuevo Herald*, 10 de febrero de 2017: 1-4.

Soriano, A. «Los caminos de la educación cívico-moral. Un debate permanente.» *Teoría de la Educación. Revista Interuniversitaria*, 2007:86: 19 (1).

Sosa, Pavel, entrevista de Licet Sierra. *entrevista al profesor Pavel Sosa* (5 de Diciembre de 2020).

Stein, R. H. «Capital social, desarrollo y políticas públicas en la realidad latinoamericana.» *Stein, R. H. (2003). Capital social, desarrollo y políticas públicas en la realidad latinoamericana.*, 2003: 3-36.

Treviño, Ernesto y Cruz, R. «La Reforma Integral de la Educación Básica en el discurso docente: Análisis desde el ángulo de la significación.» *Perfiles educativos*, 2014: 36(144), 50-68.

Verón, E. *La semiosis social: fragmentos de una teoría de la discursividad*. Barcelona: Editorial Gedisa, 1993.

Recebido em: 29/01/2021

Aprovado em: 20/04/2021



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

A mulher nos ensaios de Ernesto Sabato¹

Margarete Hülsendeger (PUCRS)*

<http://orcid.org/0000-0002-4991-9769>

Resumo:

A escrita de ensaios é vista como um processo de criação artística capaz de, mesmo que não seja seu fim exclusivo, interpretar as realidades sociopolíticas e econômicas. Na América hispânica, importantes escritores se dedicaram a esse gênero, entre eles o argentino Ernesto Sabato (1911-2011). Seus ensaios apresentam uma visão particular sobre diferentes assuntos, desde fatos relacionados à literatura até aqueles que são um reflexo da sua forma de ver o mundo. Entre os temas que aparecem de maneira recorrente está a sua aversão a tudo que esteja ligado ao pensamento científico. Como sua visão negativa da ciência influencia até mesmo questões relacionadas ao comportamento de homens e mulheres, neste artigo foram analisadas as possíveis razões por trás da insistência de Sabato em afirmar que as mulheres não conseguem compreender as leis científicas, não têm interesse pela abstração e, portanto, não têm aptidão para serem filósofas ou matemáticas. Para fundamentar essa análise utilizaram-se como referência diversos ensaios escritos por Sabato, dando-se especial atenção a *Heterodoxia* (1953).

Palavras-chave: Ernesto Sabato; Mulher; Ensaio.

Abstract:

Women in the essays of Ernesto Sabato

Essay writing is seen as a process of artistic creation capable of, even if it is not its exclusive purpose, interpret socio-political and economic realities. In hispanic America, important writers dedicated themselves to this genre, including Argentinian Ernesto Sabato (1911-2011). His essays present a particular view on different subjects, from facts related to literature to those that are a reflection of his way of seeing the world. Among the themes that appear on a recurring basis is his aversion to everything connected with scientific thought. As his negative view of science influences even issues related to the behavior of men and women, this article analyzed the possible

1 Este texto é um recorte da tese de doutorado (HÜLSENDEGER, 2020) em Teoria da Literatura cujo objetivo geral foi investigar como a aversão ao espírito científico, manifestada por Ernesto Sabato em seus ensaios, transparece na sua obra ficcional. O trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 [This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nivel Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 00].

* Doutora em Teoria da Literatura (PUCRS). Mestra em Teoria da Literatura (PUCRS). Mestra em Educação em Ciências e Matemática (PUCRS). E-mail: margacenteno@gmail.com

reasons behind Sabato's insistence that women cannot understand scientific laws, have no interest in abstraction and, therefore, they are not apt to be philosophers or mathematicians. To base this analysis, several essays written by Sabato were used as reference, with special attention to *Heterodoxia* (1953).

Keywords: Ernesto Sabato; Woman; Essay.

Introdução

O ensaio, devido ao seu caráter indefinido, tem a capacidade de sintetizar as múltiplas manifestações textuais das quais procede. Desse modo, ele não pode ser encarado como um simples exercício de interpretação ou apenas como um processo de comunicação de convicções. Para Liliana Weinberg, o ensaio é uma “poética da interpretação, uma configuração da prosa que nos remete a sua própria especificidade, a sua própria opacidade, a sua própria capacidade de exemplificar esse mesmo processo de interpretação” (WEINBERG, 2007a, p. 120, tradução nossa)². Como resultado, atualmente, o ensaio pode ser visto como um “arquipélago complexo” em permanente reconfiguração devido a uma “inter-relacionalidade aberta e dinâmica”, onde o lugar da enunciação recebe “particular atenção, assim como o próprio ato da escrita possui particular importância” (WEINBERG, 2017, p. 542).

Na América espanhola, desde o século XIX a forma ensaística já se fazia presente e a passagem do tempo não reduziu sua vitalidade e importância. No entanto, o ensaio passou por uma série de transformações que respondiam aos desafios do momento: “as novas demandas temáticas e formais, as transformações na família da prosa de ideias, assim como nos novos fenômenos

de autoria, leitura e edição experimentados no campo das letras (WEINBERG, 2007b, p. 111, tradução nossa)³. É assim, por exemplo, com Mario Vargas Llosa, Ricardo Piglia (1941-2017), Carlos Fuentes (1928-2012) e Juan José Saer (1937-2005). Podendo-se acrescentar a essa lista de importantes ensaístas hispano-americanos o escritor argentino Ernesto Sabato⁴ (1911-2011).

Em um exame mais detalhado da ensaística sabatiana é possível encontrar diferentes pontos de vista sobre os mais diversos temas: desde os relacionados diretamente a literatura até aqueles que são um reflexo de sua concepção de mundo. Entre as ideias que aparecem de forma recorrente está a sua aversão a tudo que esteja ligado ao pensamento científico. Nesse sentido, Sabato destacava o aumento da abstração da ciência como uma das razões do distanciamento do homem de seus problemas mais urgentes. Esse afastamento do concreto, do real, levaria a uma sensação de não pertenc-

2 “[...] *poética de la interpretación, una configuración de la prosa que nos remite a su propia especificidad, a su propia opacidad, a su propia capacidad de ejemplificar ese mismo proceso de interpretación*”.

3 “[...] *a las nuevas demandas temáticas y formales, a las transformaciones en la familia de la prosa de ideas, así como también en los nuevos fenómenos de autoría, lectura y edición que vive el campo de las letras*”.

4 Optou-se por utilizar a grafia de Sabato, sem acento, tendo como base as informações presentes na biografia escrita por Julia Constenla que explica tratar-se de um nome originário da Itália, mais especificamente da Calábria (CONSTENLA, 2011). Como muitas obras (brasileiras e argentinas) apresentam o nome do autor com acento, nesses casos, escolheu-se respeitar as informações da ficha catalográfica.

cimento causa de muitos dos tormentos que atingem o homem moderno. Por isso, de acordo com Sabato, a ciência “foi evoluindo rapidamente para a abstração, aumentando correlativamente sua escuridão e ganhando o prestígio que as pessoas comuns concediam à magia, teologia e metafísica” (SABATO, 2011a, p. 78, tradução nossa)⁵.

Essa visão negativa da ciência influenciava seu pensamento de tal forma que até mesmo questões relacionadas ao comportamento de homens e mulheres eram julgadas a partir dessa perspectiva. Assim, Sabato defendia que enquanto o homem estava sujeito aos efeitos danosos provocados pela ciência, a mulher era imune a eles. A imunidade feminina teria como causa o fato de a mulher ao preocupar-se com “coisas concretas” afastava-se “naturalmente” de áreas do conhecimento relacionadas com o pensamento abstrato (matemática, filosofia, física ou química). A defesa dessas ideias aparece em vários ensaios, mas tem mais força em *Heterodoxia*, livro publicado em 1953. Pode-se conjecturar que Sabato ao ser criado em uma sociedade patriarcal, onde as mulheres permaneciam confinadas aos papéis subalternos da logística de uma casa, simplesmente tenha reproduzido esses conceitos vendo-os como naturais. Contudo, Sabato não era um homem comum. Além de escritor, havia sido físico chegando a trabalhar em um laboratório de pesquisas, internacionalmente conhecido, cuja diretora era uma mulher, a química e Prêmio Nobel, Irène Joliot-Curie (1897-1956). Além disso, nas suas ficções aparecem mulheres em posições centrais – María Iribarne (*El túnel*) e Alejandra Olmos (*Sobre heroes y tumbas*), em especial – que

5 “[...] fue evolucionando rapidamente hacia la abstracción, aumentando en forma correlativa su oscuridad y ganando el prestigio que antes el vulgo concedía a la magia, a la teología y a la metafísica”.

se mostram independentes e complexas e, portanto, na contramão das características femininas destacadas por Sabato.

Por esse motivo, neste artigo são examinadas as possíveis razões por trás da insistência de Sabato em afirmar que as mulheres não conseguem compreender as leis científicas, não têm interesse pela abstração e, como consequência, não têm capacidade para serem filólogas ou matemáticas. Para fundamentar essa análise foram utilizados como referência diversos ensaios escritos por Sabato, dando-se especial atenção a *Heterodoxia* (1953), obra na qual aparece com mais clareza suas ideias sobre a posição da mulher na sociedade, em particular, no campo científico.

Ernesto Sabato, o franco atirador

Sabato foi descrito por uma de suas biógrafas, María Angélica Correa, da seguinte maneira: “É um homem magro, nervoso, que se move constantemente ao falar e sobre quem qualquer terno parece enrugado” (CORREA, 1971, p. 9, tradução nossa)⁶. Ela ainda comenta que por trás de toda a sua combatividade se encontra “um homem inseguro e muito vulnerável, sempre descontente consigo mesmo” (CORREA, 1971, p. 11, tradução nossa)⁷. Para corroborar essa impressão, em entrevista a Günter Lorenz, o próprio Sabato se definiu como sendo um homem complicado, “propenso ao extremismo de sentimentos”, deixando-se, muitas vezes, levar por “ações demasiado brutais, quase histéricas” (LORENZ, 1973, p. 42).

Por conta desse temperamento, Sabato quando tomava uma decisão não costumava voltar atrás. Foi o que ocorreu quando de-

6 “Es un hombre flaco, puro nervio, que se mueve constantemente al hablar, y sobre quien cualquier traje parece arrugado”.

7 “[...] un hombre inseguro y muy vulnerable, perpetuamente descontento de sí mismo”.

ciduiu abandonar seu cargo de professor de física na Universidade de La Plata para se dedicar à literatura. O conflito que o teria levado a romper com a ciência, assemelhava-se ao movimento de uma ponte estendendo-se entre duas enormes montanhas, fazendo com que ele se sentisse, em alguns momentos, “tonto e sem saber o que estava fazendo e, em outros, com a alegria imparável que acompanha o nascimento de toda grande paixão” (SABATO, 2011b, p. 66-67, tradução nossa)⁸. Um doutor em física que passou a pregar a impossibilidade de se estabelecer qualquer tipo de diálogo entre a ciência e a literatura. Segundo Sabato, enquanto a ciência aspirava unicamente a objetividade, a literatura era, ao mesmo tempo, objetiva e subjetiva, constituindo uma realidade mais integral que a científica

A partir do momento que começa a escrever, Sabato assume-se como um escritor preocupado com a terrível crise do homem moderno e, por isso, sente-se na obrigação de expressar suas ideias dizendo que elas são o resultado de suas próprias experiências pessoais. Ele considerava-se um franco-atirador solitário tendo por principal alvo a dependência da sociedade moderna para com os avanços propiciados pela ciência, avanços que esqueciam o “homem concreto” (h) e suas necessidades, focando sua atenção no “homem abstrato” (H) que ele menosprezava. Assim, quando destacava os problemas do universo científico, defendendo a ideia de que apenas nas artes e na literatura o homem poderia atingir todo o seu potencial, Sabato estava dizendo ao seu leitor que qualquer compromisso que ele pudesse ter tido com a ciência havia definitivamente se encerrado.

8 “[...] mareado y sin saber lo que estaba haciendo, y en otros, en cambio, con el gozo irrefrenable que acompaña al nacimiento de toda gran pasión”

Esse encerramento, no entanto, nunca foi completo. Na verdade, em seus ensaios ainda é possível perceber a presença de ideias sobre o pensamento científico das quais ele não conseguiu se desvincular. Ideias que o levam a escrever, por exemplo, que o homem “tende ao mundo da abstração, das ideias puras, da razão e da lógica” enquanto, a mulher “se move melhor no mundo concreto, das ideias puras, do irracional, do intuitivo” (SABATO, 2011a, p. 14, tradução nossa)⁹. Essa relação entre a aptidão para o abstrato (marca do pensamento científico) e o gênero foi a maneira encontrada por Sabato para demonstrar que enquanto os homens estão presos a lógica e ao rigor científico, as mulheres estão mais abertas para compreender as profundezas da natureza humana.

O grande problema é que ao dizer-se um admirador das mulheres, seu discurso acaba se tornando contraditório. Ao mesmo tempo que descreve as qualidades femininas – altruísmo, sentido do misterioso e capacidade de sacrifício – lança-se contra o pensamento feminista. De acordo com Sabato, no século XIX não só se defendeu a ideia de que o homem que viajava de trem era superior ao que andava a cavalo, como passou-se a apregoar a doutrina “mais inesperada de todos os tempos; a ideia da identidade dos sexos” (SABATO, 2011a, p. 9, tradução nossa)¹⁰. Seu discurso contra o feminismo fica ainda mais radical quando fala das mulheres cultas. Segundo ele, elas não teriam compreendido que defender as teses feministas significava colocá-las “em um terreno desfavorável: como se um submarino, incomodado com o prestígio da aviação, fingisse ser tão bom

9 “[...] tiende al mundo de la abstracción, de las ideas puras, de la razón y de la lógica” [...] “se mueve mejor en el mundo de lo concreto, de las ideas impuras, de lo irracional, de lo intuitivo”.

10 “[...] más inesperada de todos los tiempos, en la idea de la identidad de los sexos”.

quanto um avião... no ar” (SABATO, 2011a, p. 10, tradução nossa)¹¹.

O feminismo, com seus conceitos de emancipação e direitos iguais, irritava Sabato. A defesa dessas ideias expressava um rompimento com o modelo de mulher sustentado por uma sociedade conservadora e patriarcal. Para ilustrar esse pensamento, ele lançava mão de exemplos que eram, muitas vezes, um pouco forçados:

Louise Coleta, a mulher pela qual Flaubert se desesperou, teve como amantes Victor Cousin, Victor Hujo, Alfred de Musset e Aldred de Vigny que, casualmente, ganhou, por quatro vezes, o prêmio de poesia que anualmente ofereciam esses quatro cavalheiros. No entanto, escrevia tão mal que até o próprio Flaubert a tinha avisado” (SABATO, 2011a, p. 34, tradução nossa)¹².

Blas Matamoro explica que Sabato obedecia a um código sexual patriarcal, defendendo-o como natural, onde o homem “entra na fêmea como o conquistador em uma terra inimiga. Possui, domina” (MATAMORO, 1990, p. 220, tradução nossa)¹³. Esse código teria sido, ainda segundo Matamoro, baseado nas ideias do filósofo austríaco Otto Weininger (1880-1903) que em seu livro *Sex and Character* (1903) defende, entre outros pontos, o caráter ativo, produtivo, consciente e moral do homem em contraposição ao caráter passivo, improdutivo, inconsciente e amoral da mulher. Ademais, para Weininger, a emancipação feminina só teria sentido

11 “[...] *en un terreno desfavorable: como si un submarino, molesto por el prestigio de la aviación, pretendiese ser tan bueno como avión... en el aire*”

12 “*Louise Colet, la mujer por la que Flaubert se desesperó, tuvo por amantes a Victor Cousin, Víctor Hugo, Alfred de Musset y Alfred de Vigny. Y, qué causalidad, obtuvo por cuatro veces el premio de poesía que anualmente otorgaban esos cuatro caballeros. No obstante escribir tan mal que hasta el propio Flaubert lo advertía.*”

13 “[...] *entra en la hembra como el conquistador en una tierra enemiga. Posee, domina.*”

para o que ele chamou de “mulher masculina” (as lésbicas) e que a vida da mulher estaria consumida pela função sexual, tanto como ato (a prostituta) quanto como produto (a mãe) (WEININGER, 2005).

Estranhamente, ao adotar essas ideias, Sabato parece esquecer nomes como o de Irène Curie (1897-1956), Prêmio Nobel de Química de 1935 e fundadora do laboratório no qual trabalhou em 1937, bem como de María Zambrano (1904-1991) e Hannah Arendt (1906-1975), duas mulheres filósofas, suas contemporâneas. Há, portanto, uma clara ambivalência em seu discurso. De um lado temos um Sabato capaz de exaltar as virtudes femininas, enquanto de outro ele as ataca ferozmente, demonstrando uma misoginia difícil de compreender. A seguir apresentamos como essas contradições são construídas e quais os recursos utilizados pelo escritor para fundamentá-las.

As mulheres de Sabato

Em *España en los diarios de mi vejez* (2004), último livro publicado por Sabato, ele faz uma homenagem a sua mãe, definindo-a como uma daquelas “mulheres de antes, das que hoje não existem” (SABATO, 2004, p. 56, tradução nossa)¹⁴. O que ele quis dizer com isso? Talvez que sua mãe fazia parte do grupo de mulheres delicadas, silenciosas, belas, românticas, inatingíveis, frágeis e modestas que, para ele, deixaram de existir. Uma definição que lembra matéria publicada por uma revista, de grande circulação, em 2016, quando na capa estampou a foto da esposa do presidente brasileiro acompanhada da frase, “Bela, recatada e do lar”¹⁵, um título que, na época, ganhou a reprovação da

14 “[...] *mujeres de antes, de las que ya no las hay.*”

15 Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>. Acesso em: 28 jul 2020.

maioria das brasileiras. No entanto, quando escreveu essas palavras em 2004, Sabato admitiu que sua opinião poderia aborrecer as mulheres por que veriam “no que digo uma atitude machista, querendo dizer algo que as prejudica, desvalorizando sua capacidade e as oportunidades que têm direito. Não sei, quem sabe tenham razão, mas creio que não, eu falo com amor por elas” (SABATO, 2004, p. 56, tradução nossa)¹⁶.

Esse reconhecimento (mesmo que parcial), 70 anos antes, quando escreveu *Heterodoxia* (1953), estava fora de cogitação. Nessa obra, Sabato expôs o que se poderia chamar de sua “teoria sobre os sexos”, preocupando-se não só em estabelecer as diferenças entre homens e mulheres, mas advogando contra as teorias feministas. Na sua apresentação para edição em português, publicada em 1993, Janer Cristaldo escreve que “Sábato investiga as raízes da conspiração”, ou seja, o novo “dogma” no qual se “tornar-se homem ou mulher era questão de opção cultural, não de constituição física ou psicológica” (CRISTALDO In SÁBATO, 1993, p. 8). Cristaldo, quem sabe, tentando justificar-se diante do público leitor feminino, chega a dizer que Sabato é um “daqueles homens conservadores à antiga, que ainda gosta de mulheres, preferentemente das lindas, femininas e inteligentes”. Uma afirmativa também muito semelhante àquela feita pela revista em 2016.

Sabato constrói seus argumentos sobre os sexos a partir de antinomias: o homem é lógico, a mulher não é; o homem é insensato, a mulher é sensata; o homem é dado a fantasias, a mulher é realista e conservadora. Essas oposições colocam em evidência a ideia

16 “[...] en lo que digo una actitud machista, queriendo decir algo que las perjudica, desvalorizando su capacidad y las oportunidades a las que tienen derecho. No sé, quizá tengan razón, pero creo que no, lo digo con amor hacia ellas”.

de que na mulher há um saber inato para o altruísmo, provocado por sua capacidade de sacrificar-se pelos filhos e pelos homens que estão ao seu cuidado. Os homens, ao contrário, por não terem esse sentido de sacrifício desenvolvido “matam-se por ideias e isso é quase um ato de loucura” (SABATO, 2011a, p. 92, tradução nossa)¹⁷. Uma loucura da qual as mulheres estão supostamente protegidas porque se preocupam com “coisas concretas” ou, no máximo, com ideias relacionadas, de alguma maneira, com essas “coisas concretas”. Desse modo, o desejo de conhecimento da mulher dirige-se sempre “às coisas mesmas e não às causas remotas às quais obedecem; ela não está interessada em contar as batidas de um coração que sofre, mas saber porque sofre” (SABATO, 2011a, p. 12, tradução nossa)¹⁸. É tomando como ponto de partida essa diferença de interesses, que Sabato procura demonstrar o suposto desprezo da mulher pelo pensamento abstrato e, conseqüentemente, pela filosofia, a matemática e as ciências de um modo geral.

Sabato é taxativo ao dizer que, para as mulheres, as ideias puras não existem ou não têm sentido e se elas as toleram ou admiram é devido a sua “ternura maternal pelos seres (homens) que ela ama e que é capaz de admirar mesmo em seus atos de insanidade” (SABATO, 2011a, p. 56, tradução nossa)¹⁹. Essa natureza maternal, traço predominante na psicologia feminina, é o que determinaria as características de seu mundo (concreto, pequeno e pessoal). Um

17 “[...] se matan por ideas, y eso es casi un acto de locura”.

18 “[...] a las cosas mismas y no a las remotas causas a que obedecen; no la interesa contar las pulsaciones de un corazón que sufre, sino el saber por qué sufre”.

19 “[...] maternal ternura por los seres (los hombres) que quiere y que es capaz de admirar hasta en sus actos de demencia”.

mundo onde não há espaço para a matemática ou a física, pois, ele estaria configurado para o mundo masculino, um mundo de poder e abstração. Assim, enquanto a mulher fecha-se em casa e limita-se às experiências possíveis dentro da sua realidade, o homem lança-se em busca de aventuras, de conquistas de outros universos, tanto físicos como espirituais. Esse seria, então, o motivo, segundo Sabato, pelo qual a mulher “nunca produziu filosofia, porque o que é mais insano do que um sistema filosófico?” (SABATO, 2011a, p. 14, tradução nossa)²⁰. Uma afirmativa claramente discutível quando se pensa no número significativo de mulheres, suas contemporâneas, que fizeram contribuições importantes para a filosofia: Simone Weill (1909-1943), Simone de Beauvoir (1908-1986), Hannah Arendt (1906-1975), María Zambrano (1904-1991), Ayn Rand (1905-1982), entre outras.

Ele insiste em dizer que essa inaptidão para o abstrato pode ser observada em diferentes civilizações, argumentando que existem “testemunhos valiosos que provam não a incapacidade das mulheres para abstração, mas sua indiferença e até mesmo seu desgosto” (SABATO, 2011a, p. 11, tradução nossa)²¹. E quais seriam esses testemunhos? Obviamente, nenhum dos citados no parágrafo anterior.

Sabato busca, então, mulheres que, de alguma forma, compactuam ou reforçam suas ideias. E ele as encontra. Para explicar as diferenças biológicas entre o homem e a mulher e para criticar o feminismo, ele cita a italiana Gina Lombroso (1872-1944); para demonstrar o quanto as mulheres são dominadas pelas suas emoções, sendo irra-

cionais e ilógicas, ele aponta a matemática russa Sofia Kowalevskaya (1850-1891). Uma pesquisa sobre essas duas mulheres nos permite perceber não só o porquê dessas escolhas, mas também algumas das contradições que as acompanham.

Gina Lombroso foi autora de obras polêmicas como *Reflexões sobre a vida. A alma da mulher. Livro I: A trágica posição da mulher* (1917), *Reflexões sobre a vida. A alma da mulher. Livro II: Consequências do altruísmo* (1918) e *Eu sou, prós e contras. Reflexões sobre a votação para as mulheres* (1919). Nesses livros ela expõe suas ideias sobre a condição da mulher e faz fortes críticas ao feminismo. A princípio pode-se acreditar que Sabato a escolhe, justamente, por defender uma posição submissa da mulher diante do homem. Em seguida percebe-se tratar de um pensamento simplista, pois Gina Lombroso não foi um modelo de submissão, mas uma mulher complexa, inteligente e o mais surpreendente, uma defensora (a seu modo) dos direitos femininos. A pesquisadora italiana Marina Calloni, da Universidade de Milão, a partir de seus estudos sobre Lombroso, explica que ela era uma mulher em constante conflito entre seu trabalho científico e sua defesa do papel tradicional das mulheres. Segundo Calloni, a fidelidade aos ideais do pai, o antropólogo e psiquiatra Cesare Lombroso (1835-1909) – defensor de uma reinterpretação dos ditames positivistas em relação aos sexos –, foi a causa de muitas das contradições de Gina como mulher, cientista e ativista (CALLONI, 2016).

Lombroso queria reiterar a perspectiva positivista de seu pai sobre as diferenças básicas entre os sexos, admitindo um processo evolutivo das espécies que previa mudanças não apenas biológicas e ambientais, mas também sociais e culturais. Ao mesmo tempo, ela apoiava a necessidade de pre-

20 “[...] no ha producido nunca filosofía, porque, ¿qué más descabellado que un sistema filosófico?”.

21 “[...] testimonios valiosos que prueban no la incapacidad de la mujer para la abstracción sino su indiferencia y hasta su repugnancia”.

servar o espaço doméstico da influência masculina, único lugar no qual a mulher tinha algum tipo de poder e liberdade. E são dessas ideias que Sabato se apropria para fundamentar suas concepções a respeito da mulher e do movimento feminista. Seus ensaios “*Hombre y mujer*” e “*La abstracción y la masculinidad*”, trazem longas citações de Lombroso, deixando de fora duas importantes informações sobre a autora: (1^a) ela era partidária dos ideais positivistas, doutrina que Sabato combatia, mas que preferiu ignorar ao utilizá-la como exemplo, e (2^a) sendo formada em Letras e Medicina era autora de vários livros, dedicando-se a diversas atividades científicas nas áreas da psiquiatria e da antropologia, áreas nas quais é necessário o raciocínio lógico e interesse pela abstração. Mencioná-la fora do contexto no qual viveu, ignorando as diferentes forças que atuaram sobre ela, foi um risco que Sabato assumiu, sabendo, talvez, que poucos iriam contestá-lo, pois poucos conheciam (e hoje ainda é assim) a verdadeira natureza do trabalho desenvolvido pela italiana Gina Lombroso.

A questão da indiferença demonstrada pela mulher ao pensamento abstrato não se limita apenas ao campo da filosofia, atingindo também os campos das ciências naturais e da matemática. E nesse quesito, de acordo com Sabato, as mulheres também estão em enorme desvantagem. Quando se refere, por exemplo, àquela que foi a única mulher a ganhar dois Prêmios Nobel em duas diferentes disciplinas (química e física), ele assume uma postura condescendente, declarando: “Uma especialista é Madame Curie, que pacientemente isola um novo elemento químico; um homem de síntese é Einstein, que reúne em uma grande teoria milhares de pequenos fatos reunidos por especialistas. É a distância entre um pesquisador comum

e um gênio” (SABATO, 2006, p. 110-111, tradução nossa)²². Sem cair no reducionismo, mas procurando acompanhar o raciocínio do autor, é como se ele dissesse que a genialidade, pelo menos no universo científico, só existe entre os homens, cabendo a mulher apenas um papel subalterno. Sabato convenientemente esquece, ou omite, as muitas mulheres que contribuíram para o desenvolvimento das ciências e da matemática: Gertrude Elion (1918-1999), Mária Telks (1900-1995), Grace Hopper (1906-1992), Maria Mayer (1906-1972), Cecilia Payne-Gaposchkin (1900-1979) e sua própria “chefe”, nos tempos de Paris, Irène Joliot-Curie (1897-1956).

Como fez quando tratou da filosofia, ele volta a mencionar seus “testemunhos valiosos”, agora na figura da matemática russa Sofia Kowalevskaya. Conforme Sabato, Sofia foi empurrada para o trabalho científico porque estava apaixonada pelo matemático Weierstrass, ou seja, o que a levou a trabalhar em uma área tão abstrata como a matemática foi “o amor, uma coisa muito natural em uma mulher, e não pelo amor à própria ciência, uma coisa muito masculina” (SABATO, 2011a, p. 13, tradução nossa)²³. O problema é que, da mesma maneira como aconteceu com Gina Lombroso, Sabato decide omitir informações importantes sobre a vida de Sofia.

O desejo de estudar matemática começou quando Sofia era ainda criança (11 anos), quando cobria as paredes de seu quarto com folhas de rascunho onde estavam anotados os cálculos diferenciais e integrais do mate-

22 “*Un especialista es Madame Curie, que aísla pacientemente un nuevo elemento químico; un hombre de síntesis es Einstein, que reúne en una gran teoría miles de pequeños hechos aportados por especialistas. Es la distancia que hay entre un investigador común y un genio*”.

23 [...] *el amor, cosa muy natural en una mujer, y no por amor a la ciencia misma, cosa muy de hombre*”.

mático russo Mikhail Ostrogradski (1801-1862). Sabato também omite que impedida de estudar na sua terra natal sujeitou-se a um casamento de conveniência para poder cursar na Alemanha a universidade e que em 1874 defendeu sua tese de doutorado pela Universidade de Göttingen, sob a orientação do matemático Karl Weierstrass (seu suposto amante). Quando retorna à Rússia, Sofia, não conseguindo nenhum posto como professora de matemática, se vê obrigada a escrever críticas de teatro e artigos de ciência para um jornal em São Petesburgo²⁴, mas após esse período difícil ela “conseguiu através de Weierstrass, uma posição de professora de matemática superior na Universidade de Estocolmo, onde lecionou de 1884 até sua morte em 1891” (FERNANDES, 2006, p. 45). E, por fim, Sabato esquece de dizer que as contribuições matemáticas de Sofia, centradas na teoria das equações diferenciais espaciais, permitiram-lhe demonstrar o que hoje é conhecido como Teorema de Cauchy-Kowalevskaya. Essas informações colocam sob suspeita suas assertivas sobre as mulheres não terem interesse em explorar o pensamento puro, ou o mundo das abstrações, porque “só precisa do que tem por dentro: carregando o mundo e toda a humanidade em seu próprio seio (SABATO, 2011a, p. 92, tradução nossa)²⁵. Uma afirmação que pode até ter um certo conteúdo poético, mas que não corresponde à realidade.

No entanto, em 1953, Sabato estava decidido em defender essa posição, alegando que não foram as causas históricas as responsáveis pela ausência da mulher na his-

tória das criações, pois, “afinal, ninguém jamais proibiu as mulheres de especulação filosófica, nem da música ou do desenho” (SABATO, 2011a, p. 92, tradução nossa)²⁶. Para Sabato, foram as condições biológicas e metafísicas que afastaram as mulheres da criação e das descobertas. Dessa forma, restavam a elas dedicarem-se às atividades que estão conectadas à sua essência profunda, ao seu corpo, à sua subjetividade como a “dança, a interpretação teatral, a interpretação musical, o romance de paixões (especialmente autobiográficos), as memórias, os diários; tudo aquilo que tende a imitação, a representação e a conservação” (SABATO, 2011a, p. 92, tradução nossa)²⁷.

Esse posicionamento, como foi mencionado, seria revisto em seu último livro *España en los diarios de mi vejez* (2004), quando admitiu que as mulheres talvez estivessem certas em se irritarem com suas opiniões machistas. O motivo para essa mudança de opinião se deve a ter conhecido a obra da espanhola María Zambrano (1904-1991), segundo ele, uma “*gran filósofa*”, com a capacidade de buscar “uma racionalidade enraizada na vida, no vital” (SABATO, 2004, p. 125, tradução nossa)²⁸. E mesmo acrescentando que “ela é mais uma poeta ou uma poeta filósofa” (SABATO, 2004, p. 125, tradução nossa)²⁹, Sabato, finalmente, aceita a existência de mulheres interessadas em “filosofar”. Um passo importante para um defensor da tese de que enquanto o homem

24 *La mujer que empapeló su habitacion con teoremas*. Disponível em: <http://www.madrimasd.org/blogs/matematicas/2016/08/17/142255>. Acesso em: 28 jul 2020.

25 “[...] no necesita más que lo que tiene dentro: lleva el mundo y la humanidad entera en su propio seno”.

26 “[...] *al fin de cuentas nadie prohibió nunca a la mujer la especulación filosófica, ni la música, ni el dibujo*”.

27 “[...] *danza, la interpretación teatral, la interpretación musical, la novela de pasiones (sobre todo autobiográficas), las memorias, los diarios; todo aquello que tiende a la imitación, la representación y la conservación*”.

28 “[...] *una racionalidad enraizada en la vida, en lo vital*”.

29 “[...] *ella es más bien una poeta, o una poeta filósofa*”.

estava sempre preocupado com o Universo, a mulher mesmo que o universo se desmone terá como primeira preocupação o que ocorre dentro de sua casa.

Considerações finais

Nos ensaios sabatianos é perceptível a presença de uma estrutura constituída, basicamente, de três elementos: (1º) citação, pretexto ou afirmação precisa; (2º) exposição dialética do tema; e (3º) conclusões. Segundo Angela Dellepiane, essa estrutura poucas vezes variava, mas, seu objetivo – manter a atenção, levando o leitor pela mão por entre o tumulto de ideias – sempre se cumpria (DELLEPIANE, 1983). Do mesmo modo, a pequena extensão de muitos dos ensaios fazia com que neles se acumulassem recursos estilísticos com o objetivo de atingir um determinado nível estético, sem ter a pretensão de proporcionar soluções a problemas concretos. O trabalho realizado por Sabato, como ensaísta, exigia não apenas domínio de um certo conhecimento, mas, principalmente, maturidade intelectual, pois a liberdade de estilo, ritmo e expressão requerem sutileza e equilíbrio. Ademais, ao problematizar um conceito ou um tema seu propósito era incitar e inspirar o leitor à reflexão. Os ensaios sabatianos tornam-se, então, um veículo por meio do qual os pensamentos do autor são reunidos e organizados para que sejam levados ao leitor de maneira clara, concisa e interessante.

Nesse sentido, quando se analisa as afirmações de Sabato a respeito das mulheres pode-se seguir por dois caminhos: demonstrar os equívocos de sua interpretação, apenas citando nomes de mulheres que se dedicaram à filosofia, à ciência e à matemática ou tratar de entender que se está diante de um homem acostumado (e educado) a ver a mulher apenas como mãe e dona de

casa. Qualquer que seja o caminho escolhido, é importante compreender o contexto no qual Sabato viveu, pensando não apenas na forma como foi criado por seus pais, mas, principalmente, na época em que suas obras foram escritas, em especial *Heterodoxia*, livro no qual aparecem, de forma mais contundente, suas ideias sobre a desigualdade dos sexos.

A partir dessa perspectiva é relevante lembrar que seus primeiros livros de ensaios foram publicados entre os anos de 1945 e 1953³⁰, um período no qual as mulheres, de um modo geral, eram consideradas as “rainhas do lar” e, portanto, das quais se exigia o cumprimento das tarefas domésticas e que proporcionassem ao homem (o provedor) conforto e tranquilidade. Um período no qual conviviam duas éticas diferentes: (1) os homens procurando “raciocinar de maneira dedutiva, partindo de princípios gerais, quaisquer que sejam as consequências – como fazem em geral pessoas em situação de domínio” (FOUREZ, 1995, p. 246); e (2) as mulheres, compondo o grupo dos dominados, sendo mais atentas ao vivido, ao sofrimento, às contradições da existência. Por isso o exemplo de Gina Lombroso é “perfeito” já que ela, sendo uma defensora da preservação do espaço doméstico, livre da interferência masculina, aparentemente, fundamenta as ideias de Sabato sobre o lugar da mulher na sociedade. E se ele omite a personalidade complexa e as diversas atividades intelectuais (a maioria delas realizadas fora do lar) nas quais Lombroso esteve envolvida, atendo-se apenas ao que ela escreveu, ele apenas está utilizando um recurso comum entre os ensaístas, o de sugerir e incitar o leitor a refletir sobre suas posições, quer concorde ou discorde delas,

30 *Uno y el universo* (1945), *Hombres y engranajens* (1951) e *Heterodoxia* (1953).

gerando um diálogo próprio do gênero ensaístico.

Podemos aplicar o mesmo raciocínio para as citações que envolvem a matemática russa Sofia Kowalevskaya. As posições do autor argentino atualmente seriam consideradas no mínimo polêmicas, mas, na época que as escreveu eram tidas como adequadas, tendo em vista sua formação e o ambiente no qual estava inserido. Além disso, é importante ressaltar que para Sabato essas declarações não tinham um conteúdo negativo ou pejorativo. O fato de as mulheres preocuparem-se com assuntos “concretos” e não estarem interessadas em abstrações é uma forma de elogio, pois, para ele, foi o aumento da abstração a causa do afastamento do homem do que considerava essencial. Para Sabato, os homens, ao contrário das mulheres, ao perseguirem as ideias puras e abstratas, acabaram se distanciando da vida, aproximando-se do frio universo dos objetos ideais, distantes dos problemas que afetavam o homem comum.

As discrepâncias percebidas no pensamento de Sabato refletem, em grande medida, as transformações pelas quais a sociedade de seu tempo passava quando o assunto era o papel desempenhado pela mulher. É interessante ressaltar que, apesar de sua formação intelectual privilegiada, a escritor argentino viveu boa parte de sua vida não só com a ética inculcada por um pai severo e uma mãe possessiva e controladora, mas com todo um contexto que marcou a época no qual seus primeiros livros foram publicados. Um cenário caracterizado pela ascensão do peronismo, cujos valores em relação às mulheres eram, no mínimo, contraditórios. Uma contradição que aparece na figura emblemática de Eva Perón (1919-1952) que se, por um lado, reivindicava que o “lugar das mulheres era no lar, junto a seus filhos

e marido”, por outro, “solicitava apoio político para difundir o peronismo, enviando-as pelo interior da Argentina e afastando-as de suas famílias” (VÁZQUEZ, 2009, p. 927). Sabato está escrevendo e publicando seus primeiros livros exatamente nesse período, e Eva Péron se parece muito a Gina Lombroso, mulheres que, apesar de suas fortes atuações na política e nas questões sociais (e científicas), refletiam a imagem da mulher-esposa, da mãe por excelência, submetida à autoridade do homem.

No entanto, é impossível ignorar que Sabato também viveu em um tempo no qual essa visão machista e paternalista da mulher já apresentava inúmeras fissuras. Como foi mencionado, em sua época já existiam muitas mulheres atuando em diversas áreas do conhecimento nas quais há a exigência de se desenvolver o pensamento abstrato. Por essa razão, pode-se pensar que muitas das contradições expressas por Sabato em seus ensaios estavam relacionadas a sua dificuldade pessoal de intuir e aceitar a heterogeneidade do tempo histórico que lhe coube viver.

De qualquer maneira, é difícil ficar impassível diante dos ensaios sabatianos. Ao escolher o gênero ensaístico Sabato estava se valendo de algumas de suas características mais marcantes: a transitoriedade, o esboço, o deslocamento e a errância. Além disso, a não preocupação que o ensaio, muitas vezes, tem com os recursos formais de uma pesquisa científica permite ao ensaísta certas imprecisões e desvios que a um artigo acadêmico é vetado. Desse modo, pode-se diferir e até se irritar com muitas das posições do escritor argentino, porém é preciso reconhecer que, no cenário de seu tempo, ele foi uma força a ser considerada. Ernesto Sabato representou o tipo de ensaísta que precisou de seus ensaios para entender-se,

pois neles ele dialoga consigo, ou com um leitor imaginário, para assim continuar refletindo.

Referências

CALLONI, Maria. **Gina Lombroso: medicina, scienza e “anime di donne”**. Disponível em: <http://uniofefemminile.it/gina-lombroso-medicina-scienza-e-anime-di-donne/>. Acesso em: 28 jul 2020.

CONSTENLA, Julia. **Sabato, el hombre**. La biografía definitiva. Buenos Aires: Sudamerica, 2011.

CORREA, María Angélica. **Genio y figura de Ernesto Sábato**. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1971.

DELLEPIANE, Angela B. Los ensayos de Sábato: intelecto y pasión. **Cuadernos Hispanoamericanos**, n. 391-393 (enero-marzo 1983). Madrid: Instituto de Cooperación Iberoamericana

FERNANDES, Maria da Conceição Vieira. **A inserção e vivência da mulher na docência de matemática: uma questão de gênero**. João Pessoa, 2006 (Dissertação de mestrado – UFPB).

FOUREZ, Gérard. **A construção das ciências: introdução à filosofia e à ética das ciências**. Tradução Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: UNESP, 1995

HÜLSENDEGER, Margarete J. V. C. **Os caminhos e descaminhos da ciência na obra de Ernesto Sabato**. 2016. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

LORENZ, Günter. **Diálogo com a América Latina: panorama de uma literatura do futuro**. Tradução de Rosemary Costhek Abílio e Fredy de

Souza Rodrigues. São Paulo: E.P.U., 1973.

MATAMORO, Blas. **Lecturas americanas**. Madrid: Ediciones de Cultura Hispánica, 1990

SÁBATO, Ernesto. **Heterodoxia**. Tradução Janer Cristaldo. São Paulo: Papirus, 1993.

SABATO, Ernesto. **España en los diarios de mi vejez**. Buenos Aires: Seix Barral, 2004.

SABATO, Ernesto. **Uno y el universo**. Buenos Aires: Seix Barral, 2006 (Edición especial para La Nación),

SABATO, Ernesto. **Heterodoxia**. Buenos Aires: Seix Barral, 2011a.

SABATO, Ernesto. **Antes del fin**. Buenos Aires: Seix Barral, 2011b (Edición especial para La Nación)

VÁZQUEZ, María Laura Osta. **Uma síntese da história das mulheres na Argentina**. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 17, n. 3, setembro-dezembro, 2009.

WEINBERG, Liliana. **Pensar el ensayo**. México: Siglo XXI, 2007a.

WEINBERG, Liliana. El ensayo latino-americano entre la forma de la moral y la moral de la forma. **Cuadernos del CILHA** – v. 8; n. 9, 2007b.

WEINBERG, Liliana. O ensaio em diálogo. Da terra firme ao arquipélago relacional. **Revista Remate de Males**, v. 36, n. 2. Campinas: São Paulo (jul./dez.), 2017

WEININGER, Otto. **Sex and character: an investigation of fundamental principles**. Tradução de Ladislaus Lob. Indiana University Press, 2005.

Recebido em: 05/03/2021

Aprovado em: 22/05/2021



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Percepções espaciais no romance *Antes da liberdade* de Julia Alvarez

Dionei Mathias (UFSM)*

<http://orcid.org/0000-0001-8415-1460>

Resumo:

Adotando o espaço como categoria de análise do romance *Antes da liberdade* de Julia Alvarez, este artigo busca retomar, num primeiro momento, a discussão teórica do conceito de espaço, especialmente em sua problematização a partir da virada espacial. Na sequência, o foco recai sobre a percepção espacial da protagonista e o modo como esse espaço está atrelado a vigilância, violência e restrição de mobilidade. Publicado em 2002, a obra em estudo é narrada a partir da perspectiva de Anita, jovem de 12 anos. O leitor tem acesso a uma realidade ficcional que aborda a última etapa do regime ditatorial de Rafael Leonidas Trujillo na República Dominicana. O relato de Anita esboça espaços sociais caracterizados por vigilância, violência e restrição de mobilidade e discute como esses elementos impactam na construção da identidade de seus membros familiares.

Palavras-chave: Julia Alvarez; *Antes da liberdade*; espaço; identidade.

Abstract:

Spatial Perceptions in Julia Alvarez' novel *Before we were free*

This article adopts space as focus of analysis and tries to recover the theoretical discussion of the concept of space, especially in the approach following the spatial turn. Subsequently, the focus is on the protagonist's spatial perception and the way in which this space is linked to surveillance, violence and mobility restriction. Alvarez' novel was published in 2002 and is narrated from the perspective of a 12-year-old girl, called Anita. The reader has access to a fictional reality that addresses the last stage of Rafael Leonidas Trujillo's dictatorial regime in the Dominican Republic. Anita's account outlines social spaces characterized by surveillance, violence and restricted mobility and discusses how these elements have an impact on the construction of the identity of her family members.

Keywords: Julia Alvarez; *Before we were free*; space; identity.

* Professor do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM. E-mail: dioneimathias@gmail.com

Introdução

Nascida em 1950, a escritora Julia Alvarez é hoje uma das vozes de maior reverberação da comunidade latina nos Estados Unidos. Em grande medida, seus textos abordam a intersecção de pertencimento entre a República Dominicana – a origem de sua família – e a existência nos Estados Unidos. Com produção ficcional extensa, a autora alcançou notoriedade com romances como *How the García Girls Lost Their Accents* e *In the Time of the Butterflies*, ambos publicados no início da década de noventa e com foco nas dimensões políticas que levaram muitos dominicanos a buscar refúgio em outros países. A produção literária de Julia Alvarez, portanto, inscreve-se na discussão da presença da comunidade hispânica nos Estados Unidos, como também na literatura de fluxos migratórios internacionais (MATHIAS, 2018).

O romance *Before we were free*, de 2002, traduzido para o português por Sérgio Tellaroli com título de *Antes da liberdade* se insere na discussão sobre fluxos migratórios. O texto é narrado a partir da perspectiva de Anita de la Torre, que está perto de completar doze anos. Suas percepções e interpretações guiam o olhar do leitor, desvelando o envolvimento da família com questões políticas, durante o regime ditatorial do general Rafael Leonidas Trujillo. Nesse sentido, esse romance se insere numa produção literária que se dedica a encenar a perspectiva de crianças e jovens, cujos pais optam ou se veem obrigados a um deslocamento migratório. Nessa esteira, o romance de Julia Alvarez se junta a um coro de vozes ao lado de escritores como Oscar Hijuelos e Junot Díaz nos Estados Unidos (MATHIAS, 2021) e Hanif Kureishi no Reino Unido (MATHIAS, 2020), cujo interesse se volta aos impactos

de fluxos migratórios e suas motivações para a formação identitária na infância e na virada para adolescência, formando um *corpus* literário importante para a contemporaneidade.

Como Junot Díaz, Julia Alvarez também se volta à República Dominicana, esboçando um cenário social que explica as motivações para fluxos migratórios e as implicações inerentes a esse movimento. Muitos desses aspectos já foram analisados pela crítica. Assim, Matias-Ferreira (2012) discute questões identitárias que surgem do encontro entre duas socializações culturais no romance *How the García Girls Lost Their Accents*, enquanto Castro Ricalde (2005) problematiza o conceito de cultura com foco em elementos híbridos. Nesse mesmo horizonte, Albuquerque e Cordiviola (2017) se voltam à intersecção entre a condição de mulher e a situação política, no romance *In the Times of the Butterflies*, enquanto Medina (2010), por sua vez, aborda a dimensão histórica encenada nos romances de Alvarez. Nessa esteira, o romance *Antes da liberdade* se junta a esse conjunto ficcional para retratar o processo de deslocamento de um país acometido por um regime ditatorial em direção ao exílio nos Estados Unidos.

Antes do início da narrativa, o romance apresenta um mapa da vila onde mora a protagonista, detalhando o traçado de muros, limites, subdivisões. Esse mapa não só cartografa a vila onde moram a família e outros interlocutores próximos da protagonista, ele também revela algo sobre sua posição social. Anita pertence a uma classe social abastada, mora na mesma região onde ficam as residências de embaixadores e de familiares de Trujillo. Mais importante que o posicionamento na estrutura social

da República Dominicana é a tentativa de cartografar o espaço e atribuir sentido aos elementos que formam as coordenadas de interação da jovem protagonista. O mapa, de certa forma, antecipa uma estratégia central do romance, isto é, o modo como a protagonista se apropria da realidade, buscando ou identificando elementos espaciais que revelem algo sobre seu lugar no mundo.

Para a virada espacial nos Estudos Culturais, o espaço tem um papel fundamental no processo de apropriação de realidade. Em sua introdução, Bachmann-Medick explica o deslocamento que o conceito de espaço sofreu:

Há muito, espaço não é visto mais como conceito físico-territorial, mas sim como relacional. Para a virada espacial, o espaço territorial como contêiner ou receptáculo não é determinante, mas sim o espaço como processo de produção social da percepção, do uso e da apropriação, muito estreitamente ligado ao plano simbólico da representação espacial (por exemplo, por meio de códigos, signos, mapas). Sobretudo, o entrelaçamento de espaço e poder se torna um eixo importante de análise (BACHMANN-MEDICK, 2006, p. 292)¹.

No lugar de um cartografia que objetiva apreender o espaço como território, com coordenadas pelas quais o indivíduo transita, o foco passar a ser sua semântica, almejando entender como sentidos são atribuídos a determinadas dimensões da configu-

ração espacial e como isso impacta no modo como o indivíduo se apropria do mundo. Assim, o interesse recai sobre formas de posicionamento, decorrentes de dinâmicas de poder e, com isso, de políticas de hierarquização. Isso significa que o processo de encenação do espaço na esfera ficcional sempre contém um movimento em que personagens procuram localizar a si e seus interlocutores, posicionando-os, mas também reagindo a posicionamentos que impactam em suas identidades. Em tal prisma, Hallet e Neumann discutem como a percepção espacial remonta a um esforço de processamento da realidade:

A encenação de espaço constitui um dos componentes fundamentais da apropriação (ficcional) de realidade. Em textos literários, espaço não é somente o lugar da ação, mas sempre também um portador cultural de sentido. Normas culturalmente dominantes, hierarquias de valor, imagens coletivas de centralidade e marginalidade, de próprio e de alheio assim como posicionamentos do indivíduo entre o conhecido e o desconhecido, em circulação, encontram no espaço uma manifestação concretamente explícita. Espaços no literatura, isso são espaços humanamente vivenciados nos quais confluem ocorrências espaciais, atribuição de sentido e modos individuais de experiência (HALLET; NEUMANN 2009, p. 11)².

1 "Raum gilt also längst nicht mehr als physisch-territorialer, sondern als relationaler Begriff. Für den spatial turn wird nicht der territoriale Raum als Container oder Behälter maßgeblich, sondern Raum als gesellschaftlicher Produktionsprozess der Wahrnehmung, Nutzung und Aneignung, eng verknüpft mit der symbolischen Ebene der Raumrepräsentation (etwa durch Codes, Zeichen, Karten). Vor allem aber wird die Verflechtung von Raum und Macht zu einer wichtigen Untersuchungsachse" (BACHMANN-MEDICK, 2006, p. 292).

2 "Die Raumdarstellung bildet eine der grundlegenden Komponenten der (fiktionalen) Wirklichkeitserschließung. Raum ist in literarischen Texten nicht nur Ort der Handlung, sondern stets auch kultureller Bedeutungsträger. Kulturell vorherrschende Normen, Werthierarchien, kursierende Kollektivvorstellungen von Zentralität und Marginalität, von Eigenem und Fremdem sowie Verortungen des Individuums zwischen Vertrautem und Fremden erfahren im Raum eine konkret anschauliche Manifestation. Räume in der Literatur, das sind menschlich erlebte Räume, in denen räumliche Gegebenheiten, kulturelle Bedeutungszuschreibungen und individuelle Erfahrungsweisen zusammenwirken" (HALLET/NEUMANN, 2009, p. 11).

No lugar de pensar o espaço como fronteiras e muros concretos ou como cartografias simplificadas do mundo, o que tem um papel central na literatura de fluxos migratórios, os críticos chamam atenção para a dimensão semântica e para o modo como espaços são formados num processo de gênese de sentido. Obviamente essa gênese também forma muros de separação e contenção, mas sua produção desestabiliza a cartografia territorial essencialista. Ela inclui dinâmicas de sentido em que o indivíduo se insere. Essa inserção nas dimensões espaciais ocorre no processo de socialização que tem início na família e se estende posteriormente a esferas sociais mais complexas. Ao interagir com outros atores sociais, o indivíduo vai se apropriando dos sentidos atribuídos aos espaços. Ao mesmo tempo, vai identificando a posição que lhe atribuída por seus interlocutores.

O processo de construção identitária inclui, portanto, a internalização dos sentidos inerentes aos espaços em que o sujeito deseja ou é obrigado a transitar. Com base nessa internalização, surgem os modos individuais por meio dos quais cada indivíduo se apropria dessa realidade, produzindo subordinação às práticas instaladas, contestação ou resistência explícita. A partir desses diferentes vetores, a dinâmica inerente à percepção espacial é produzida no marco da manutenção, da alteração ou da negação. Nessa confluência, o sujeito produz o espaço ao semantizá-lo, mas o sujeito também é definido pelas malhas de sentido que já circulam e definem com atores sociais podem se posicionar nas respectivas coordenadas daquele espaço.

Com base nesse elo entre espaço e narrativa de identidade, este artigo se volta para o romance de Julia Alvarez, procurando refletir sobre duas percepções espaciais: es-

paços marcados por vigilância e violência, num primeiro momento, bem como espaços e mobilidades, num segundo. Em ambos os casos, a protagonista Anita percebe o espaço e começa a compreender os sentidos que lhe são atribuídos, mas também suas implicações para seu posicionamento pessoal no mundo.

Espaços de vigilância e violência

O contexto histórico no qual a realidade ficcional está ambientado é a fase final do regime ditatorial de Trujillo na República Dominicana, incluindo sua morte e o período de terror que se lhe segue. Com efeito, o pai e o tio de Anita se envolvem em movimentos de resistência, culminando com a notícia da morte do pai, que a família recebe já estando nos Estados Unidos. A partir da perspectiva de Anita, o leitor tem acesso ao espaço encenado, cujos sentidos, em grande parte, remontam à percepção da protagonista. Numa conversa com sua irmã Lucinda, Anita revela suas percepções:

Agora é que estou confusa *mesmo*. Pensei que gostássemos de *El Jefe*. Há uma fotografia dele pendurada na entrada de casa, com a legenda embaixo: TRUJILLO GOVERNA ESTA CASA. 'Mas se ele é tão ruim, por que a sra. Brown pôs a foto dele ao lado da de George Washington na sala de aula?'

'A gente tem de fazer isso. Como todo mundo. Ele é um ditador.'

Não sei bem o que um ditador faz. Mas essa não deve ser uma boa hora para perguntar (ALVAREZ, 2006, p. 34, grifos no original).

A interação com sua irmã mais velha encena como Anita procura compreender como o espaço em que ela transita está organizado, quais regras são adotadas pelos atores sociais que o instauram, de que maneira indivíduos devem se posicionar, a fim de coadunar suas ações com as expectativas

dominantes. No lugar de obter essa clareza, Anita se vê confrontada com uma sensação de profunda confusão. Ela percebe que os sentidos que atribuíra até então a determinados elementos que formam a estrutura espacial se revelam equivocados, precisando atualizar sua semântica para compreender o modo como a família reage, diante das configurações narrativas inerentes a esse espaço.

Assim, os diferentes elementos que caracterizam a configuração espacial da casa como a foto do ditador e a narrativa que acompanha esse objeto precisam ser revistos, de modo que Anita alcance a interpretação espacial adotada pela família. Na verdade, até esse momento, ela não se dera conta de que o espaço da casa contém duas narrativas: uma versão que atende às expectativas externas de espaços políticos autoritários e violentos e outra versão que reflete o posicionamento dos familiares, no que diz respeito à discordância com narrativas a que se veem obrigados a reproduzir. Essa ambivalência gera incerteza, de forma que Anita não sabe como administrar os sentidos que circulam em suas coordenadas espaciais.

Essa incerteza se intensifica ainda mais, ao encontrar a mesma estratégia de encenação espacial na escola americana em que estuda. Lá, ela encontra a mesma foto ao lado do primeiro presidente americano, o que sugere que o espaço escolar não diferencia os modos como esses dois representantes políticos entendem seu papel na sociedade. Sua dúvida tampouco é sanada, quando sua irmã explica a necessidade disso, utilizando o lexema “ditador”. O que Anita não entende não é somente o escopo semântico inerente à utilização lexical, seu não entendimento se refere sobretudo a uma dimensão pragmática, isto é, de posicionamento espacial implícita a essa figura social. Em outras palavras,

ela não compreende como esse ator social específico define a permanência no espaço e as narrativas que definem seus sentidos.

Ao contrário dos outros membros da família, que já compreenderam as dimensões semânticas inerentes à circulação em seu espaço identitário, Anita se encontra num processo de socialização, em que paulatinamente vai reconhecendo a existência de vigilância e violência, por trás de indícios espaciais. Isso também se explicita ao ouvir outras conversas e começar a tecer elos causais entre os comportamentos:

Minhas primas parecem se consolar com aquela notícia. Por um instante, me passa pela cabeça que a *mami* só disse aquilo para fazê-las se sentir melhor. Como quando ela diz à minha avó em *Nueva York* que o tio Toni está bem, só para que a *mamita* não se preocupe com meu tio ainda jovem, que não vemos há meses (ALVAREZ, 2006, p. 23, grifos no original).

Anita presencia a despedida de suas primas, que estão deixando a República Dominicana para morar nos Estados Unidos. A mãe de Anita parece sugerir que a separação é algo provisório. É nesse momento que ela atrela essa estratégia ao modo como mãe consola a avó que já se encontra no exílio. Sem compreender exatamente os motivos, a protagonista enxerga somente que diferentes membros de sua família se veem confrontados com limitações no trânsito espacial (as primas García, a avó e, sobretudo, o tio Toni). Nas interações da mãe, portanto, há o mesmo jogo de duplicidade que prevê formas de estar no espaço: por um lado a necessidade de proteger membros queridos das incursões da violência, modulando as informações para evitar inquietações desmesuradas, por outro lado, o conhecimento do estado de vigilância e suas implicações. A figura materna domina essas duas práticas

de interação com o espaço e administra suas semânticas específicas. Anita, por sua vez, se encontra num processo de formação social, em que começa a treinar o olhar para compreender como o espaço está relacionado com experiências de vigilância e violência.

Essa percepção se vê intensificada quando gestores oficiais do espaço nacional se dirigem à sua casa. Nesse primeiro contato com o Serviço de Inteligência do país, a distribuição de papéis no espaço e o escopo de suas possibilidades de definição ainda permanecem ambíguos:

Quando entram pelo hall que dá para os quartos, minha mãe hesita. 'É só uma revista de rotina, *doña*', o chefe diz. E a *mami* dá um sorriso pálido, tentando mostrar que não tem nada a esconder.

No meu quarto, um sujeito levanta o *baby-doll* que eu tinha deixado no chão, como se uma arma secreta pudesse estar escondida debaixo dele. Outro arranca as cobertas da cama, puxando-as bruscamente para trás. Seguro-me na mão gelada da *mami*, que aperta um pouco mais a minha (ALVAREZ, 2006, p. 29, grifos no original).

Novamente, enquanto a mãe reconhece o alcance das implicações relacionadas à presença da polícia secreta em sua casa, Anita está aprendendo como espaços são geridos. Na superfície, todos os atores sociais envolvidos buscam tecer uma narrativa da normalidade, sugerindo respeito e cortesia. O que, de fato, está ocorrendo, contudo, é a invasão do espaço privado, com motivação de perseguição política. O cuidado com que os agentes reviram objetos revela sua suspeita de que a família esteja envolvida em alguma forma de resistência, deixando vestígios em seu espaço privado. O grau de agência sobre o espaço se fragiliza para a família, na medida em que os agentes oficiais explicitam a dimensão do seu controle sobre a casa e sua

configuração espacial. Com efeito, a família precisa apagar os vestígios espaciais que possam remeter a qualquer discordância do regime, criando portanto uma malha superficial que sugere consonância.

Anita, por sua vez, também vê seu espaço pessoal invadido. O modo como o agente interage com esse espaço indica que age de acordo com uma narrativa que difere daquela adotada por seus pais. A passagem mostra a forma como a protagonista percebe a hostilidade desmesurada. Ela enxerga que há atores sociais que detêm o poder de adentrar seu quarto, podendo interagir com seus objetos, sem qualquer desvelo ou hesitação. Ao mesmo tempo, sua mãe traz indícios de desconforto, como o sorriso pálido e as mãos geladas, indicando por meio do corpo os significados daquela interação espacial. Anita ainda não consegue descodificar esses diferentes indícios, mas seu processo de socialização e as experiências atreladas a esse percurso treinam seu olhar.

Na segunda vez que a polícia secreta invade o espaço privado da família, o comportamento dos agentes deixa o marco da vigilância para explicitar seu potencial de violência. Anita percebe como o espaço passa a ser administrado:

Chucha e eu nos agarramos uma à outra e vemos os homens puxar gavetas e jogar minhas roupas no chão. Logo, outro bando de homens entra no quarto, empurrando minha mãe em sua camisola de dormir. 'Traidores!', gritam.

A *mami* corre em minha direção e me abraça tão apertado que posso ouvir seu coração em disparada na minha cabeça. Estou apavorada demais para chorar (ALVAREZ, 2006, p. 121).

No lugar da suposta cordialidade que ainda caracterizava a primeira abordagem da polícia secreta, esse episódio revela

como agora a narrativa de gestão espacial é outra. Nessa esteira, o atributo “traidores” desencadeia outras formas de concretizar a interação com a semiótica espacial e com os atores sociais responsáveis por sua semântica. Anita enxerga a impotência de sua mãe, identificando que sua voz já não tem mais qualquer impacto no modo como o espaço privado pode ser concebido e inserido em suas narrativas identitárias. Por meio da gestão do espaço, Anita começa a compreender o que significa o cerceamento da liberdade individual.

Espaço e mobilidade

Ao mesmo tempo que Anita passa por um processo de socialização que a faz compreender a ausência de liberdade para ocupar o espaço em consonância com os próprios anseios e projetos identitários, ela também começa a identificar as restrições de mobilidade dentro dessas coordenadas. Num primeiro momento, o mapa que antecede a exposição de sua narrativa sugere orientação e oportunidades de deslocamento. O desenvolvimento da trama, contudo, parece mostrar justamente o contrário, pois os mapeamentos concretos e metafóricos utilizados pela protagonista para buscar orientação e definir seu posicionamento no espaço não fornecem as informações necessárias para que possa concretizar seus deslocamentos. Com efeito, começa a perceber que por trás das cartografias superficiais, há mapeamentos, de certa forma, invisíveis que definem como cada interlocutor pode interagir com a malha espacial e lhe atribuir sentido:

Depois da passagem de *El Jefe*, fico ainda algum tempo à janela, observando um cintilar cor de prata no céu. O vôo diário da Pan Am decola em direção aos Estados Unidos. As García partiram nesse vôo, assim como

meus avós, meus tios, minhas tias e suas respectivas famílias; depois, Lucinda e Susie; e, por fim, alguns dias atrás, o Sam e a mãe dele (ALVAREZ, 2006, p. 109, grifos no original).

A direção do olhar para o céu primeiramente revela uma curiosidade, um anseio que Anita ainda não consegue verbalizar. Esse movimento é característico para seu processo de socialização, pois procura entender as implicações da semiótica espacial que se escondem sob a superfície. Nesse bojo, Anita começa a compreender que objetos e seus posicionamentos espaciais têm outras dimensões além daquelas imediatamente visíveis. Assim, o corpo cintilante que atravessa o espaço aéreo costarriquenho deixa de ser somente uma atração para romper a monotonia do cotidiano, passando a conter sentidos que antes não tinha importância. O avião representa o meio de transporte em direção a uma outra forma de interação espacial, deixando para trás a restrição de mobilidade inerente a um regime de vigilância e violência, para buscar um espaço em que o indivíduo tenha maiores chances de expressar seus anseios e satisfazer seus projetos identitários.

Anita percebe que muitas pessoas que lhe são queridas já deixaram o país de origem para tentar uma outra vida nos Estados Unidos. A mobilidade necessária para essa mudança, contudo, não é algo dado. Pelo contrário, com uma sensibilidade crescente, Anita se apercebe que essa mobilidade também é um recurso restrito, mais acessível ou completamente indisponível de acordo com a proximidade com os detentores de poder. A partir desse horizonte de limitação, ela também começa a vislumbrar a importância da mobilidade para a construção de identidade. Ao longo da narrativa, Anita se dá conta que alguns amigos e membros da família puderam

deixar o país, outros não, permanecendo à mercê de práticas autoritaristas. O avião deixa de ser diversão, para se transformar num potencial de liberdade, uma liberdade que está atrelada, antes de mais nada, às possibilidades de mobilidade no espaço da concretização existencial.

Ao passo que ela começa a enxergar a restrição de mobilidade, ela também passa a identificar os silêncios que acompanham essas ações. Conectado com o avião e suas implicações mais profundas de sentido, encontram-se a ausência de explicações por parte dos adultos, com os quais convive. Em seu processo de socialização, Anita percebe que a família García recebe autorização para deixar o país, mas ainda não compreende como isso está atrelado a uma dinâmica maior de mobilidade espacial. O mesmo vale para seus familiares que já se encontram nos Estados Unidos. Ela identifica as estratégias da figura materna para não inquietar a avó, mas não consegue apreender o papel do espaço como elemento central para a concretização de identidades.

Essa oscilação entre duas narrativas e duas dinâmicas de sentido que surgem a partir dos potenciais de mobilidade se revela igualmente importante com a mudança do cônsul americano para a vila em que a família de Anita mora:

Minha mãe está bem mais calma depois da mudança dos Washburn para a vila. É bom ter a proteção especial do cônsul da casa ao lado, mas também o dinheiro a mais é muito bem-vindo. A *Construcciones de la Torre* não vai bem. Está tudo parado por causa do embargo, seja isso o que for. Estamos tendo de cortar despesas, vender os carros dos tios e a mobília da casa dos meus avós, de quando *papito* estava bem de vida. Digo a minha mãe que ela pode vender meus sapatos marrons de amarrar e os macacões antiquados de que eu não gosto. Mas ela sorri e responde

que, no momento, ainda não será necessário fazer isso (ALVAREZ, 2006, p. 44, grifos no original).

Primeiramente, a chegada do cônsul para a vizinhança da família produz uma alteração do comportamento da mãe. Sua maior tranquilidade sugere a Anita que a proximidade da família americana possibilita outras formas de mobilidade do espaço, já que acompanhada de maior segurança e proteção. O representante consular insere com sua presença, portanto, elementos que modificam a escala de poder, impactando no modo como os representantes do regime interagem no espaço em que o cônsul se encontra. Essa modificação nas dinâmicas de deslocamento espacial se revela na forma como a figura materna passa a se comportar.

Um segundo elemento se refere à questão econômica. Dadas as restrições políticas, o negócio da família passa por momentos de crise, de modo que já não tem mais os mesmos recursos econômicos de outra. Diante dessa limitação, a chegada da família americana contribui para estabilizar essa situação, tendo consequências também na mobilidade espacial. Os recursos econômicos, restringidos ou expandidos, definem, em certa medida, onde e como atores sociais podem participar de dinâmicas sociais e, assim, interagir com espaços. O capital econômico, vale lembrar, é o que permite que muitos membros da família possam ir ao exílio nos Estados Unidos e se manter nesse país ou também frequentar espaços de elite no país de origem e no exterior como a escola americana em que Anita estuda ou a universidade americana onde o pai completou seus estudos. Em todos esses momentos, os recursos econômicos têm papel de destaque para interagir com diferentes espaços, participar deles e construir identidades a partir de suas semióticas. A partir desse poten-

cial de mobilidade, os indivíduos produzem sentidos importante para seu ser no mundo. Anita reconhece isso no modo como a mãe passa a estar no espaço.

Em diferentes situações, portanto, Anita se depara com a restrição de mobilidade e seu impacto para a apropriação espacial. Isso vale para os membros familiares que deixam o país, para a mudança do cônsul americano e suas implicações para a família, por fim, também para as atividades de resistência política de seu tio Toni:

O tio Toni sempre se junta a nós nas refeições. Não que ele coma muita coisa. Às vezes, conta sobre o que aconteceu com ele nos últimos meses. Contou que o SIM invadiu uma de suas reuniões com amigos e que ele conseguiu escapar, mas que, em vez de voltar para casa e pôr a família em perigo, preferiu se esconder, alternando entre casas seguras, sem nunca poder dormir mais do que umas poucas horas por noite. Ele continua muito nervoso o tempo todo, assustando-se sempre que uma porta bate ou que Lorena derruba alguma bandeja no chão. Presta atenção em tudo, nota a urticária da Lucinda e as unhas roídas do Mundín. É *una vergüenza*, vive dizendo, o queixo visivelmente tenso, uma vergonha que as crianças já não possam ser crianças nesse país de tanto sofrimento (ALVAREZ, 2006, p. 74-75, grifos no original).

No lugar de conversas descontraídas à mesa, o tio relata as dificuldades inerentes a uma narrativa identitária que não está em consonância com a visão de mundo dos detentores de poder. Seu relato revela que nesse espaço nacional não há lugar para a diversidade de projetos de si, pelo contrário, espera-se docilidade e subordinação incondicional à narrativa oficial. Sua resistência, portanto, tem implicações para o modo como ele pode transitar nesse espaço, o que afeta direta ou indiretamente a família como um todo. Assim, também seu espaço

privado é invadido por agentes do governo, forçando-o à fuga. Com a identificação de sua resistência, ele já não tem mais a possibilidade de fixar residência ou manter interações contínuas com a família. O espaço deixa de ser fonte de sentidos para a construção e manutenção da identidade, para se transformar em campo minado, com perigos ininterruptos à sua integridade física.

Com isso, a administração espacial e suas possibilidades de mobilidade produzem o apagamento de determinadas redes de sentido e impõem outras, de modo a forçar os atores sociais a se adaptar à modalidade dominante de concepção espacial. Na família de Anita, essa adaptação às imposições espaciais ocorre por meio da fuga e da ausência no caso do tio e por meio de sinais corporais no caso de outros membros como Mundín e Lucinda, que simbolizam a limitação da mobilidade através de reações somáticas. O medo que se espraia, assim que ruídos inesperados irrompem no espaço, mostra corpos em tensão, atentos às limitações de mobilidade. Nessas interações com os membros familiares e com suas reações, Anita aprender a olhar para o espaço e enxergar malhas de sentido que ela não identificava na superfície, treinando, com isso, outras formas de ler o espaço.

Considerações finais

A partir da perspectiva de Anita, o romance de Julia Alvarez encena formas da produção social da percepção espacial. Em suas interações com outras personagens e em seu esforço de decodificação das malhas semióticas que se encontram encobertas pela superfície, Anita aprende a ler o espaço. Esse percurso de letramento espacial começa com a internalização da semiótica dominante, passando por processos de revisão e identificação de ambiguidades que aca-

bam por produzir novas narrativas. Nesse trabalho de mapeamento, Anita traça novas cartografias territoriais que revelam dimensões mais complexas, inerentes ao movimento de construção identitária.

Assim, o título *Antes da liberdade* já indica a importância do espaço e modo como atores sociais pode se mover. O espaço que Anita encontra antes de partir ao exílio é um espaço caracterizado por vigilância e pelo emprego de violência. Trata-se de duas estratégias centrais para suprimir toda forma de diversidade e dissonância que possa vir a questionar a narrativa dominante. Atrelado a esse ambiente de supressão da diferença, encontra-se a restrição de mobilidade, o que produz um espaço que determinados atores sociais não possam se apropriar do espaço em consonância com seus projetos de identidade. Em seu percurso, Anita começa a identificar essa realidade do espaço, num movimento em que se afasta paulatinamente de concepções internalizadas em direção a uma maior capacidade de diferenciação que lhe permite obter outras percepções espaciais.

Referências

ALBUQUERQUE, Thays Keylla de; CORDIVIOLA, Adolfo. Mulher e ditadura na América Latina: uma análise de *En el tiempo de las mariposas*, de Julia Alvarez. **Fragmentum**, n. 49, p. 49-68, 2017.

ALVAREZ, Julia. **Antes da liberdade**. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BACHMANN-MEDICK, Doris. **Cultural Turns**. Neuorientierungen in den Kulturwissenschaften. Reinbek bei Hamburg: Rowohlt, 2006.

CASTRO RICALDE, Maricruz. Las narraciones de Julia Álvarez: hibridez y contexto multicultural. **Revista Brasileira do Caribe**, v. VI, n.º. 11, p. 209-235, 2005.

MATIAS-FERREIRA JR., Tito. A diáspora hispano-caribenha na ficção de Julia Alvarez: mediações entre culturas, línguas e geografias. **CADERNOS DO IL**, n. 45, p. 109-122, 2012.

HALLET, Wolfgang; NEUMANN, Birgit. Raum und Bewegung in der Literatur: Zur Einführung. In: HALLET, Wolfgang; NEUMANN, Birgit (eds.). **Raum und Bewegung in der Literatur. Die Literaturwissenschaften und der Spatial Turn**. Bielefeld: Transcript Verlag, 2009, p. 11-32.

MATHIAS, Dionei. Literatura e fluxos migratórios em contextos anglófonos: sobre a gênese discursiva de um campo de pesquisa. **Scripta Uniandrade**, v. 16, p. 225-238, 2018.

MATHIAS, Dionei. Alteridade e infância no conto 'We're not Jews' de Hanif Kureishi. **Revista de Estudos Literários da UEMS**, v. 4, p. 66-81, 2020.

MATHIAS, Dionei. Mães e filhas em Oscar Hijuelos e Junot Díaz. **Revista de Letras Norte@mentos**, v. 14, p. 180-192, 2021.

MEDINA, Manuel F. Writing from memory: history, stories and narrative voices in *In the Time of the Butterflies* by Julia Álvarez. **Ilha do Deserto**, n. 59, p. 147-161, 2010.

Recebido em: 14/04/2021
Aprovado em: 12/06/2021



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Discurso político: uma análise de marcas da subjetividade em *Tweets* do presidente Jair Bolsonaro

Anaildo Pereira da Silva (UFMA)*
<https://orcid.org/0000-0002-3104-8635>

Leonildes Colaço (UFMA)**
<https://orcid.org/0000-0002-4657-3635>

Paulo da Silva Lima (UFMA)***
<https://orcid.org/0000-0003-2083-9236>

Resumo:

Este artigo teve por objetivo analisar mensagens do presidente Jair Bolsonaro postadas no *Twitter*, apontando os diversos discursos e ideologias que perpassam esses discursos, além de mostrar como as mídias digitais possibilitaram novas formas de transmitir os discursos da classe política tomando as redes sociais, principalmente o *Twitter*, como um gênero discursivo com poder de alcance e disseminação instantânea do discurso. O trabalho foi embasado nas teorias de Freud (2012), Lacan (1992, 2009) para tratar da subjetividade enquanto psique; Benveniste (1989, 1998), no que diz respeito à subjetividade na linguagem; Chartier (2002), Paveau (2013), Santos (2011), Silveira (2015), Silva (2018) sobre o uso das mídias digitais; Mussalim (2001) e Bakhtin (2003) para tratar sobre discurso e gêneros discursivos. Como procedimento metodológico adotou-se a pesquisa bibliográfica atrelada à abordagem qualitativa de análise de conteúdo e do discurso. E o *corpus* deste trabalho é composto de dois textos montados a partir de *prints* de mensagens postadas no *Twitter*. Após as análises, concluiu-se que o *tweets* como gênero discursivo proporciona aos sujeitos uma forma eficiente de disseminar discursos, onde fica claro di-

-
- * Mestrando em Letras pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA. E-mail: profanaildo@gmail.com
** Mestranda em Letras Português pela Universidade Federal do Maranhão. É professora efetiva do Instituto Federal de Educação do Maranhão. E-mail: leonildes.leao@ifma.edu.br
*** Doutor em Letras (Estudos Linguísticos) pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. É professor adjunto III e do Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Federal do Maranhão. É professor do Mestrado Acadêmico em Letras e do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. E-mail: paulodasilvalima@yahoo.com.br

versas marcas de subjetividade nos textos postados, sendo elas de cunho linguístico ou apresentadas por meio das ferramentas tecnodiscursivas disponíveis na rede social *Twitter*.

Palavras Chave: Discurso; Subjetividade; *Twitter*; *Tweet*.

Abstract:

Political discourse: an analysis of the marks of subjectivity in Tweets of President Jair Bolsonaro

This article aimed to analyze messages of President Jair Bolsonaro posted on Twitter, pointing out the various discourses and ideologies that permeate these discourses, in addition to showing how the Information and Communication Technologies (ICTs) allowed new ways to transmit the discourses of the political class taking the social networks, especially Twitter, as a discursive genre with power of reach and instant dissemination of discourse. The work was based on the theories of Freud (2012), Lacan (1992, 2009) to talk about of the subjectivity as a psyche; Benveniste (1989, 1998), about subjectivity in language; Chartier (2002) Paveau (2013), Santos (2011), Silveira (2015), Silva (2018) on the use of digital media; Mussalim (2001) and Bakhtin (2003) to talk about discourse and discursive genres. The methodological procedure adopted the bibliographic research related to the qualitative content analysis and discourse. And the corpus of this work is composed of two texts mounted from prints of messages posted on Twitter. After the analyses, it was concluded that Twitter as a discursive genre provides the subjects with an efficient way to disseminate their discourses, where it is clear several marks of subjectivity in the texts posted, being linguistic or presented through the technodiscursive tools available on Twitter.

Keywords: Discourse; Subjectivity; Twitt; Tweet.

Introdução

A política é um sistema de organização da sociedade que remonta à Grécia Antiga e possuiu grandes articuladores, um dos maiores nomes, se não o maior, na articulação política foi Aristóteles. Hoje, diferente da Grécia Antiga em que a política visava a felicidade do homem, é um campo que se interessa apenas em exercitar o poder dentro de um país. E claro, já existiam os discursos

políticos padronizados e que em sua maioria eram proferidos nos anfiteatros onde se reunia o povo.

No passado, o processo comunicativo era bastante precário em termos de agilidade na disseminação, pois ainda se utilizava meios comunicativos convencionais como a carta que demorava semanas ou meses para chegar ao destinatário. No

decorrer dos séculos tudo foi se tornando mais moderno o que condicionou agilidade neste processo. Esse processo evolutivo deu-se graças às novas tecnologias digitais que segundo Silva (2018, p. 18) é “[...] todo e qualquer conjunto de meios, métodos, técnicas e instrumentos que possibilita a produção de comunicação e informação”, representadas, nesse contexto, pelas redes sociais que se apresentam como suportes para a disseminação de mensagens em tempo recorde e/ou de forma instantânea.

Durante muito tempo os discursos políticos permeavam as sociedades, mas de uma forma muito singular e de pouco alcance. Assim os políticos precisavam sair de cidade em cidade para fazer seus grandes comícios para proferir seus discursos e por fim ganhar o voto do eleitorado. A partir do século XXI, com cada vez mais pessoas conectadas à internet, as situações discursivas tomaram novas proporções graças as redes sociais como *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*, e os canais no *YouTube* com transmissão ao vivo pela internet, que propiciaram um novo jeito de fazer política e de interagir com o eleitorado, sem necessariamente ter que se locomover até eles para transmitir a sua mensagem.

Nesse ambiente digital, as ferramentas tecnodiscursivas, por exemplo, são capazes de gerar várias comunidades discursivas de ampla velocidade onde se expõe sentimentos, opiniões e posições de construção virtual considerando a circulação das *hashtags* por meio do *retweet*, onde esse ecossistema constrói sua argumentação de referências internas e externas para compartilhar/externar sua reflexão singular. Para Paveau (2013), as *hashtags* são instrumentos tecnodiscursivos que mediatizam o discurso dos sujeitos ordinários

e produzem deslocamentos significativos para o campo político-midiático nas conjunturas atuais, sobretudo pela tensão que se estabelece com os campos da política e das mídias tradicionais.

Diante das novas possibilidades tecnológicas, surgem novos gêneros discursivos e/ou os existentes têm a necessidade de se adaptar para atender a nova realidade. Mediante essa constatação, indagou-se no presente trabalho: quais as marcas de subjetividade presentes no discurso de Jair Bolsonaro e seus interlocutores em mensagens postadas na rede social *Twitter*? Para chegar à resposta dessa indagação, tivemos como objetivo: identificar as marcas de subjetividade nos *tweets* e mais especificamente analisar as marcas de subjetividade deixadas pelos sujeitos envolvidos no discurso nos *tweets* e ainda, observar o *Twitter* enquanto suporte digital do gênero discursivo propício à disseminação de discursos.

Em vista disso, elencou-se para sustentar este trabalho, os estudos de Freud (2012), Lacan (1992, 2009) para tratar da subjetividade enquanto psique; Benveniste (1989, 1998), para sustentar os argumentos no que diz respeito à subjetividade na linguagem, bem como recorreu-se a Chartier (2002), Paveau (2013), Santos (2011), Silveira (2015) e Silva (2018) para tratar do uso das mídias sociais digitais e ainda, Mussalim (2001) e Bakhtin (2003) para tratar de discurso e dos gêneros discursivos. Como procedimento metodológico adotou-se a pesquisa bibliográfica atrelada à abordagem qualitativa de análise de conteúdo e do discurso. E o *corpus* usado neste trabalho é composto de dois textos montados a partir de *prints* de mensagens postadas no *Twitter*.

Subjetividade: o que diz os estudiosos

O presente tópico busca explicar o que é a subjetividade na linguagem fazendo uso da teoria da enunciação de Émile Benveniste bem como as concepções advindas da psicanálise postuladas, entre outros, por Lacan e Freud, mas primeiro será feita a definição de subjetividade para melhor compreensão dos conceitos aqui expostos.

A *priori*, cabe destacar a importância de Lacan e Freud para fazerem parte do embasamento teórico deste trabalho. A escolha desses autores deu-se em virtude das grandes colaborações dadas por eles no campo da psicanálise e na explicação de termos linguísticos que parecem simples, mas que possuem um valor imensurável de significados para entendermos o que é subjetividade. E claro, como se trata de algo que vem do inconsciente do sujeito, os conhecimentos psicanalíticos dos autores supracitados se tornam indispensáveis.

A subjetividade pode ser entendida como uma manifestação de um estado nos campos psíquico e cognitivo de um indivíduo de modo individual ou coletivo fazendo com que este reconheça os objetos externos com suas próprias referências. A afirmação anterior é sustentada por Benveniste (1998, p. 287) ao frisar que a subjetividade se define “[...] como uma unidade psíquica que transcende a totalidade das experiências vividas que reúne, e que assegura a permanência da consciência”. Isso quer dizer que a subjetividade não é apenas um sentimento que o indivíduo experimenta, mas também o aprendizado que ficou delas.

A presença da subjetividade é encontrada em praticamente tudo que envolve o indivíduo, mas a sua presença maciça en-

contra-se na linguagem que utiliza para se expressar em relação as coisas mais básicas do dia a dia como também na construção de discursos cuidadosamente preparados. Assim, é na linguagem que a subjetividade se faz de maneira muito mais presente, afinal a linguagem se constitui como principal meio de comunicação humana, pois “os homens não encontraram um meio melhor nem tão eficaz para comunicar-se” (BENVENISTE, 1998, p.285).

Na concepção freudiana de subjetividade é possível concluir que esta se deriva do sujeito e do que ele processa. A subjetividade segundo Freud está na psiquê e que “Tal corrente no aparelho [psíquico], que parte do desprazer e visa o prazer, é o que chamamos de desejo. Afirmamos que nada exceto um desejo é capaz de colocar o aparelho em movimento” (FREUD, 1900/2012, p. 626). Então o que advém das experiências vividas pelo sujeito é essa subjetividade. Heidegger (1996, p. 88) sustenta o que foi exposto anteriormente afirmando que “aquilo no que se sustenta o consciente, é o ser do sendo”, ou seja, para ele a singularidade da subjetividade se apresenta no tempo verbal gerúndio que caracteriza a experiência do sujeito.

A subjetividade em Lacan é um processo mais complexo para se compreender, pois ela perpassa entre a realidade e a imaginação. Lacan acredita que a subjetividade se encontra no Real, Imaginário e Simbólico e que “[...] sem esses três sistemas de referência não é possível compreender a técnica e a experiência freudiana” (LACAN, 1953-54/2009, p. 101). Na perspectiva lacaniana a referência do Real não representa uma realidade da psiquê e não oferece um significante que sirva como porto seguro constituindo assim o subjetivo. O Imaginário é correlato às imagens criadas a partir de uma

lógica-subjetiva denominada pelo autor de “estádio do espelho”. Para ilustrar essa teoria, o psicanalista faz uso de um exemplo muito singular, um momento particular na vida psíquica de uma criança, o momento no qual ela está vivendo uma experiência de identificação e criação da imagem do próprio corpo sendo que isso será essencial para a pré- formação do “Eu”. Assim, Lacan (1992) postula que

O estádio do Espelho é um drama cujo alcance interno se precipita da insuficiência para a antecipação e que, para o sujeito, tomado no equívoco da identificação espacial, urde os fantasmas que se sucedem de uma imagem esfacelada do corpo para uma forma que chamaremos ortopédica de sua totalidade” (LACAN, 1992, p. 97).

Esse processo de sucessão entre, o que ele chama de “imagem esfacelada” e forma “ortopédica” resume-se em momentos bem distintos na vida da criança. No primeiro momento a criança se dar conta da imagem do próprio corpo e percebe-se confusa pela presença de si e do outro. Ela somente vai se orientar quando estiver em contato com outras crianças, enquanto isso ela não vai entender quando chorar ao ver uma outra criança caindo ou dizer que apanhou quando na verdade bateu.

No segundo momento a criança se identificará, ou seja, ela começará a perceber que o Outro que ela ver no espelho não é outra criança e sim o próprio reflexo. No terceiro momento ocorre o último estágio do estádio do espelho, pois nele a criança tem certeza de que a imagem refletida no espelho é dela mesmo e nesse momento há a recuperação do “corpo esfacelado”, abordado por Lacan, transformando-o numa unidade. Portanto é nesse estágio que a criança conquista a sua identidade como sujeito a qual ocorre no plano imaginário.

A última referência, o Simbólico, busca fazer representações tendo a linguagem como base, indo ao encontro do pensamento de Benveniste (1998, p. 287) de que “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*, porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’”. Assim faz surgir explicitamente as marcas de subjetividade advindas do locutor se propondo como sujeito (idem, ibidem).

Sobre a tríade referencial freudiana abordada, Durval Checchinato (1979, p. 12) faz um apanhado dizendo que ser “homem é estar entre o real (impossível) e o simbólico [possível]. O imaginário é o eixo da gangorra”. No mais, aos olhos da psicanálise a subjetividade e o sujeito se constituem no resultado das experiências vividas e por meio da linguagem.

O tweet como gênero discursivo

A linguagem é, sem dúvida, o método mais eficiente de comunicação já inventado pelo homem, mas para isso, é necessário o uso de gêneros discursivos para alcançar os propósitos comunicativos com eficiência. É, nesse contexto de emprego da linguagem que o presente tópico se direciona com o objetivo de fazer um apanhado sobre o uso da linguagem por meio das redes sociais, em especial o *Twitter*, enquanto suporte na produção de discurso, tendo, pois, o *tweet*, como gênero discursivo digital.

A escolha do gênero discursivo se dá conforme as necessidades discursivas que envolvem os interlocutores e que de fato possa atender as necessidades do ato discursivo. Um exemplo de gênero discursivo usado por séculos é a carta, que era enviada por meio de aves, mensageiros, etc. e mais recentemente, pelos correios. Contudo, mediante a globalização e a emergência de novas possi-

bilidades comunicativas influenciadas pelas mídias digitais, surge novas possibilidades de aplicação da linguagem por meio das redes sociais para atender as necessidades comunicativas/discursivas que já não são mais atendidas pelos gêneros discursivos e suportes do passado e, se tornam essenciais “nesse momento contemporâneo em que as pessoas são impelidas a fazer cada vez mais, muitas coisas ao mesmo tempo” (SANTOS, 2011, s/p).

Como mencionado anteriormente, para alcançar o objetivo de um ato comunicativo e/ou discursivo é necessário que o locutor faça uso de um gênero discursivo e um suporte adequado, pois “nem todos os gêneros são igualmente propícios” (BAKHTIN, 2003, p. 265) para transmitir um discurso, por isso “A escolha de um gênero textual é feita mediante a esfera de troca social, as necessidades temáticas, os participantes do processo comunicativo, além da intenção do locutor que adapta sua vontade ao gênero escolhido” (BAKHTIN, 2003, p. 282).

Dessa forma, o que o autor postula faz ainda mais sentido quando consideramos o novo milênio, no qual os gêneros discursivos ganham nova roupagem e tomam como suporte as mídias sociais, como o *Twitter*, uma suporte digital capaz de disseminar discursos instantaneamente pela internet para o mundo todo alcançando um vasto público em tempo real. Para Silveira (2015, p. 47) o *Twitter* é “uma possibilidade bastante singular para o discurso político-midiático, uma vez que o ambiente oferece aos sujeitos um espaço comum de fala e, portanto, a produção do efeito de que temos uma troca direta entre representantes e representados”. Nesse sentido, o *tweet* pode ser considerado como um gênero discursivo, pois de certa forma se apresenta como um tipo relativamente estável de enunciado (BAKHTIN,

2003), possibilitando, por meio das ferramentas tecnodiscursivas (*retweet*, responder e a *hashtag*) do seu suporte, o *Twitter*, uma interação mais efetiva, como postulou Silveira (2015) anteriormente, entre enunciador e enunciatário alcançando um número de interlocutores maior e em menor espaço de tempo.

Além disso, através das *hashtags* criam-se *hiperlinks* que levam a outros discursos que são essenciais para sustentar o que está sendo dito. No mais, o meio eletrônico nos permite realizar uma série de ajustes nos textos que segundo Chartier (2002, p. 25), isso pode ser realizado justamente porque:

O texto eletrônico, tal qual o conhecemos, é um texto móvel, maleável, aberto. O leitor pode intervir em seu próprio conteúdo e não somente nos espaços deixados em branco pela composição tipográfica. Pode deslocar, recortar, estender, recompor as unidades textuais das quais se apodera. (CHARTIER, 2002, p. 25)

Ou seja, por meio da interação, os interlocutores podem preencher lacunas deixadas/não preenchidas nos discursos políticos, pois neste meio há essa possibilidade. Essa abertura deixada pela rede social *Twitter*, enquanto suporte, é esclarecida pelo que diz Bakhtin (2003, p. 265) ao afirmar que “Em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo”.

Dito isso, o *Twitter*, mesmo com suas limitações textuais, torna-se um suporte de um gênero discursivo (o *tweet*), pois permite através das suas diversas aplicações o acesso a outros discursos e possibilita também que os interlocutores compreendam os discursos graças aos contextos de produção e ao acesso a informações complementares dadas pelos *links* que podem ser inseridos na postagem.

Assim sendo, serão analisadas neste trabalho postagens (*tweets*) na rede social *Twitter* (suporte do gênero discursivo) de algumas personalidades políticas para verificar como elas colocam em funcionamento a linguagem por meio desse gênero e como elas deixam suas marcas de subjetividade enquanto sujeitos de atos enunciativos de discursos.

Metodologia

O presente trabalho científico foi executado aplicando-se o método de pesquisa bibliográfica, que têm a finalidade de embasá-lo para que de fato haja consistência no tema tratado pelo autor. A pesquisa analisou os dados pela abordagem qualitativa com ênfase no método etnográfico que “visa compreender, na sua cotidianidade, os processos do dia a dia em suas diversas modalidades” (SEVERINO, 2007, p. 119), tendo em vista que o objeto de estudo são ações do cotidiano. E foi utilizado o método de análise de conteúdo e do discurso, uma vez que foi realizada a análise de mensagens publicadas no *Twitter*. O uso destes métodos nos permite realizar a

análise do conteúdo das mensagens, os enunciados dos discursos, a busca do significado das mensagens. As linguagens, a expressão verbal, os enunciados, são vistos como indicadores significativos, indispensáveis para a compreensão dos problemas ligados às práticas humanas e seus componentes psicossociais (SEVERINO, 2007, p.119).

Atendendo justamente a proposta de identificar as marcas de subjetividade deixadas pelos sujeitos discursivos envolvidos nos textos organizados para a análise.

O *corpus* utilizado nesse trabalho foi montado a partir de publicações realizadas

pelo Presidente da República, Jair Bolsonaro; pela deputada federal de São Paulo, Joice Hasselmann; pela deputada estadual de São Paulo Janaína Paschoal e de seus respectivos seguidores em 2019 na rede social *Twitter* falando de acontecimentos do dia a dia do Governo. O *corpus*, constituído de oito *screenshoots* (capturas de tela) foi dividido em dois textos de 04 e 05 *prints* cada um, respectivamente. Por se tratar de publicações de cunho político e estarem disponíveis na rede social *Twitter*, optou-se em usar os *prints* em vez da descrição do conteúdo. Assim, após coletar e tratar o *corpus*, realizou-se as análises necessárias para alcançar os objetivos traçados.

Análise

Será analisado aqui, como citado anteriormente, publicações no *Twitter* de políticos brasileiros com intuito de identificar as marcas de subjetividade deixadas por eles nas suas mensagens. Também será observado de que forma esse suporte e suas ferramentas tecnodiscursivas ajudam os interlocutores a compreender os discursos empregados. Além disso, a análise do emprego da linguagem neste meio será crucial para a compreensão dos sentidos criados nos textos/mensagens desses agentes públicos. Assim, a subjetividade empregada na linguagem comunicativa é o que será analisado nos textos a seguir.

O texto 1 é composto de 04 *prints* (*screenshoots*) de uma postagem do Presidente Jair Bolsonaro que obteve um número expressivo de curtidas, *retweets* e comentários em apenas 09 minutos após a postagem. Nele serão apontadas as principais marcas de subjetividades bem como as inferências a outros discursos que compõem o contexto de sua produção.

Texto 1



The image shows a screenshot of a Twitter thread. At the top, a tweet from Jair M. Bolsonaro (@jairbolsonaro) is displayed. The tweet text is: "De acordo com minha agenda, que é pública, um veículo de imprensa qualquer faz sua análise e divulga suas mentiras." Below this, a handwritten note in black ink reads: "Outros órgãos replicam a 'notícia' com o intuito de passar a mensagem de que no Governo impera a desordem." The tweet has 127 replies, 337 retweets, and 2,092 likes. Below the tweet is another tweet from the same user: "Não existe qualquer reforma ministerial a caminho, até porque o Governo está indo muito bem, apesar dessa banda podre da imprensa." Below this tweet is a prompt: "Tweete sua resposta".

Jair M. Bolsonaro @ja... · 9 min ✓
- De acordo com minha agenda, que é pública, um veículo de imprensa qualquer faz sua análise e divulga suas mentiras.

- Outros órgãos replicam a "notícia" com o intuito de passar a mensagem de que no Governo impera a desordem.

127 337 2.092

Jair M. Bolsonaro @jairbolsonaro ✓
- Não existe qualquer reforma ministerial a caminho, até porque o Governo está indo muito bem, apesar dessa banda podre da imprensa.

Tweete sua resposta

Raio de sol [redacted] 7 min ✓
Em resposta a @jairbolsonaro
Governo tá indo bem? Nem sabia que hoje é primeiro de abril

1 14

M'. 38 Bolsonaro! + [redacted] 4 min ✓
Bem está a caravana do Molusco!

Tweete sua resposta

Fonte: Twitter, 22 de novembro de 2019.

No texto 01, composto de mensagens postadas no *Twitter* no dia 22 de novembro de 2019, Bolsonaro fala sobre uma publicação realizada pelo site de notícia Vortex, no dia anterior, 21 de novembro, na qual notícia que o presidente realizaria uma reforma

ministerial na qual os ministros Onyx Lorenzoni da Casa Civil, Abraham Weintraub da Educação e Marcelo Álvaro do turismo deixariam as respectivas pastas. Assim, no decorrer de seu texto para “desmentir” a “notícia” “tendenciosa” o Presidente vai deixando suas marcas de subjetividade ao utilizar diversos recursos entre eles as aspas e pronominalização, os quais serão explicitados na análise.

Logo no início percebe-se a subjetividade presente nos enunciados com a demarcação do indivíduo que lança o discurso. No enunciado “De acordo com minha agenda, que é pública, um veículo de imprensa qualquer faz sua análise e divulga suas mentiras” é possível observar a marca do “eu” deixada pelo enunciadador ao inserir o pronome possessivo “minha” e isso ocorre porque ele tem a consciência de que o “eu” só é empregado quando se tem um “tu” a quem se deve dirigir, ali constituído por “um veículo de imprensa qualquer”. Este “veículo de imprensa qualquer” ao qual faz referência é o site Vortex que produziu a notícia com base em informações prestadas por “duas pessoas ligadas ao governo”, as quais não revela.

Nessa conjuntura, o Presidente define a notícia do site como uma *Fake News* e demonstra insatisfação com o ocorrido por meio das marcas de subjetividade expressas no *tweet*. Ainda nesse mesmo enunciado, o pronome indefinido “qualquer” pode ser visto como uma marca de subjetividade do enunciadador, pois o termo no contexto utilizado cria um sentido, não apenas de que o veículo de imprensa não seja conhecido, mas que ele não tem credibilidade para tratar do assunto, dando assim um aspecto pejorativo ao pronome que nessa aplicação aparece como um qualificador.

No enunciado seguinte “outros órgãos replicam a ‘notícia’ com o intuito de pas-

sar a mensagem de que no Governo impe-
ra a desordem”. O enunciador já se refere a
outro enunciatário que também pertence a
mesma linha de trabalho do enunciatário
anterior, marcado pelo conjunto de palavras
“outros órgãos”.

Ao falar da replicação da notícia o Presi-
dente utiliza aspas dando um tom de ironia,
uma suspeição sobre sua veracidade, crian-
do assim o sentido de que a “notícia” na ver-
dade é uma *Fake News*. Segundo Authier –
Revuz (2004, p. 219) as “aspas são a marca
de uma operação metalinguística *local* de
distanciamento: [...] suspensão de responsa-
bilidade”. Para a autora o aspeamento tam-
bém é um sinal de que o enunciador está
pondo sua fala em vigilância mantendo um
controle enquanto mantém uma fala. Nesse
caso, Bolsonaro tenta manter isenção em re-
lação ao que posta haja vista que considera
o fato noticiado pelo veículo de imprensa
uma notícia falsa.

Posteriormente, na segunda parte da
postagem, o enunciador afirma que “Não
existe qualquer reforma ministerial, até
porque o Governo está indo muito bem,
apesar dessa banda podre da imprensa”.
Nesse caso o enunciador fala de si mesmo
quando remete ao substantivo “Governo”
e, logo em seguida, fala de um “tu” quan-
do se refere a “banda podre da imprensa”
ao final do enunciado. Além de fazer uso
do substantivo “Governo” para referir a si
mesmo, o Presidente faz uso da expressão
“banda podre da imprensa” como marca de
subjetividade para fazer um interdiscur-
so com as diversas situações adversas que
tem com o grupo jornalístico Globo. Grupo
esse, que o Presidente denomina de ideoló-
gico, tendencioso e “podre” por sempre dar
as notícias de forma distorcida e malicio-
sa. Assim, o sentido criado pela expressão
é de que o Presidente não gosta do referi-

do grupo jornalístico e nem daqueles que o
acompanham ou mesmo criam notícias que
visam desmoralizá-lo.

No que diz respeito à expressão desta-
cada, é válido frisar que “Toda enuncia-
ção, é explícita ou implicitamente, uma alocu-
ção, ela postula um alocutário” (BENVE-
NISTE, 1989, p. 84), ou seja, ao ler a ex-
pressão “banda podre da imprensa” o in-
terlocutor/leitor por meio das memórias
discursivas e do contexto ao qual está in-
cluso o texto e a situação de comunicação,
conclui que Bolsonaro está se referindo ao
grupo jornalístico Globo e isso se dá, pois,
Bolsonaro e Globo vivem num “pé de guer-
ra” no que diz respeito a crenças e “ideo-
logias”. Para Mussalim (2001) são esses
pontos de especificidades que garante ao
analista do discurso estabelecer relações
entre um discurso e as condições de pro-
dução de modo que assegure seus efeitos
de sentido.

Os enunciados anteriormente analisados
comprovam como no ato de uso individual
da língua o locutor se instala no discurso,
sendo isso, segundo Lima (2015, p. 127)
“uma das condições necessárias para a reali-
zação da enunciação”. Como se trata de uma
rede social, é esperado que haja a interação
na postagem do enunciador. Nesse processo
discursivo observa-se como o “eu” que lan-
ça um discurso alcança um “tu” que, por sua
vez, poderá ser a favor ou contra ao que foi
postado. E isso está relacionado ao que Ben-
veniste (1989, p. 286) vem chamar de “meu
eco”, onde o “**eu** propõe outra pessoa, [...] ao
qual digo *tu* e que me diz *tu*”.

Esse eco ao qual se refere Benveniste
(1989), é o processo que acontece por meio
das respostas dadas às mensagens do enun-
ciador. Ao afirmar que “o Governo está indo
muito bem” o enunciador causa uma reação
de ironia no seu enunciatário, pois este lhe

responde da seguinte maneira “Governo tá (sic) indo bem? Nem sabia que hoje é primeiro de abril”. Logo em seguida, um outro enunciatório tuita: “Bem está a caravana do Molusco!”.

Assim, o processo de continuidade da enunciação mencionado acima representa a interação obtida pela postagem do Presidente, onde, o “tu” (Raio de sol) gerado pelo enunciador (Bolsonaro) “eu” tornou-se “eu” e “tu” em relação ao segundo enunciatório (M.38 Bolsonaro) que também se tornou “tu” e “eu”. Segundo Benveniste (1989), isso ocorre depois da enunciação onde a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno. Tal processo aconteceu no exemplo analisado, ao enunciar, os enunciadores obtiveram uma resposta de volta por parte de seus enunciatórios.

O texto 2, a seguir, trata da fala do Presidente da República, Jair Bolsonaro, após o Supremo Tribunal Federal decidir por 6 votos a 5 que um condenado só pode ser preso quando todos os recursos tiverem se esgotado, isto é, somente após o trânsito em julgado. Tal decisão acarretou a soltura de mais de 5 mil presos entre eles o Ex-Presidente Luiz Inácio Lula da Silva. No texto, o Presidente afirma que as pessoas de bem são a maioria e, em meios termos, critica a suprema corte pela decisão. Passemos agora ao texto.

O texto 2, composto pela postagem do Presidente Jair Bolsonaro e comentários de outras quatro pessoas: a deputada estadual Janaína Paschoal e a deputada federal Joice Hasselmann, ambas de São Paulo e de duas seguidoras, o que torna viável uma análise da subjetividade na linguagem empregada por estes enunciatórios.

Texto 2



Jair M. Bolsonaro @j... · 09 nov
Amantes da liberdade e do bem, somos a maioria. Não podemos cometer erros. Sem um norte e um comando, mesmo a melhor tropa, se torna num bando que atira para todos os lados, inclusive nos amigos. Não dê munição ao canalha, que momentaneamente está livre, mas carregado de culpa.



Janaína Paschoal @J... · 09 nov
Em resposta a @jairbolsonaro
Presidente, leia novamente a postagem e reflita sobre o trecho "sem UM norte e UM comando, mesmo a melhor tropa, se torna um bando que atira para todos os lados, inclusive NOS AMIGOS".



Dodó [redacted] · 09 nov
Em resposta a @JanaínaDoBrasil e @jairbolsonaro
Ain Janaína... eu entendi q eles não estão parados .

O governo está observando sim!

E q o tiro será CERTEIRO 🤪



Joice Hasselmann @j... · 09 nov
Em resposta a @jairbolsonaro
Tem razão PR. Ñ podemos cometer erros. Então Ñ os cometa. REFLITA. O sr. tem q ser o exemplo. Se Ñ há norte, nem comando, nos dê tal norte com democracia, respeito e lealdade. Cabe tbm ao sr. segurar o bando q atira nos amigos. Aliados Ñ podem ser feridos de morte pelo comando



OS [redacted] · 09 nov
Em resposta a @joicehasselmann e @jairbolsonaro
Pare de atirar nos amigos então Joice. Roupa suja se lava em casa e que você fez foi traiçagem!

Fonte: Twitter, 09 de novembro de 2019.

As marcas de subjetividade do texto 2 são muito mais visíveis que no texto 01, pois o texto 02 se inicia com a fala do presidente que se dirige a um público não especificado, mas que, em análise, pode-se inferir que são as pessoas que se identificam com a política de direita. Enquanto, os enunciatórios destacados são claros quanto a quem estão se referindo, ou seja, por meio das ferramentas tecnodiscursivas como a opção de repostas destacam a quem se refere cada um dos interlocutores nesse processo, somado a isso, os próprios enunciados que mencionam os referentes. Assim, tomaremos como base o *tweet* do presidente para o entendimento do processo de enunciação presente no texto e da subjetividade empregada por ele.

Inicialmente ele escreve “Amantes da liberdade e do bem, somos a maioria”. A pergunta que suscita é: quem são esses **amantes da liberdade e do bem** segundo o presidente? Ao utilizar a expressão em destaque é possível inferir que o enunciador, o “EU” se refere aos seus seguidores considerados de direita que será tido como o “TU”, ou seja, aquele com quem se fala. Ainda neste processo, é possível observar que o enunciador se refere aos seus companheiros partidários que compartilham do mesmo sentimento patriótico quando complementa dizendo: “não podemos cometer erros”. Nesse exemplo, temos a presença de subjetividade marcada pela concordância verbal, haja vista que o pronome pessoal “nós”, que indica a pessoa do discurso, se encontra oculto demarcando personalidade no discurso do Presidente.

O enunciado seguinte, mencionado no texto do Presidente diz que: “Sem um norte, sem um comando, mesmo a melhor tropa, se torna num bando que atira para todos os lados, inclusive nos amigos”, evidenciando assim a subjetividade na linguagem do enun-

ciatário, bem como a sua formação ideológica. Observa-se por meio deste enunciado a presença de uma crítica a Suprema Corte de Justiça do Brasil por divergir numa decisão que culminou na soltura de muitos condenados e que, na visão do Presidente, isso ocorreu para beneficiar um único indivíduo, o ex-presidente Lula.

Esse posicionamento do Presidente pode ser visto como normal, pois segundo Henry ([1977]2013, p. 188) “o sujeito é sempre, e ao mesmo tempo, sujeito da ideologia e sujeito do desejo inconsciente e isso tem a ver com o fato de nossos corpos serem atravessados pela linguagem antes de qualquer cogitação”. Assim, no enunciado em questão constata-se a formação ideológica militar do enunciador quando este faz uso de termos tipicamente militares como “comando” e “tropa” para se referir aos seus subordinados e seguidores.

Observando o contexto no qual foi enunciado também é possível observar na linguagem um embate de ideais políticos-ideológicos presentes na mensagem do enunciador tendo em vista que o enunciador demonstra uma espécie de aversão ao se dirigir ao seu enunciatário dizendo: “não dê munição ao canalha, que momentaneamente está livre, mas carregado de culpa”. Infere-se neste enunciado que o enunciador deixa diversas marcas de subjetividade quando: (i) se dirige a um enunciatário, “TU”, fazendo uso do verbo “dar” em terceira pessoa do singular “dê”; (ii) menciona o termo “canalha”; e (iii) faz referência de tempo ao citar “momentaneamente está livre”.

O último enunciado “Não dê munição ao canalha, que momentaneamente está livre, mas carregado de culpa”, o Presidente traz um interdiscurso com outros acontecimentos ligados ao Ex-presidente Lula como: desvio de verbas públicas, escândalos de

corrupção, etc. Já o uso do termo “momentaneamente”, pode ser visto como uma marca de subjetividade tendo em vista que, por meio do sentido gerado pelo uso dessa palavra o Presidente acredita que a justiça tomará a decisão “correta” no fim do processo, ou seja, tal liberdade “arbitrária” não perdurará por muito tempo.

No que diz respeito a capacidade de interação, ao publicar numa rede social, o publicador abre um leque de possibilidades de respostas. Assim, nessa margem vamos analisar as respostas dadas por interlocutores do mesmo grupo¹ político e de outros interlocutores que surgiram para interagir com os dois primeiros.

A deputada Janaina Paschoal dá início ao processo de interlocução citando explicitamente o seu interlocutor dizendo: “Presidente, leia novamente a postagem e reflita sobre o trecho [...]”. Observa-se que a deputada ao reescrever a fala do presidente põe em destaque o termo “um” no enunciado “sem UM norte, sem UM comando”. Através desses termos a parlamentar permite aos leitores interpretarem, levando em consideração o momento em que ocorre a enunciação, que o governo não está sabendo conduzir os trabalhos e muito menos os seus subordinados.

Já a deputada federal Joice Hasselmann faz uso de uma sequência de termos e frases curtas como: “PR”, “Então ñ os cometa” e “sr. tem que ser o exemplo” que remetem ao seu enunciatário. Aqui temos o processo de polaridade das pessoas observado na teoria da subjetividade da linguagem de Benveniste (1998, p. 287) em que o “**eu** propõe outra

1 No contexto atual de 2021, não podemos mais considerar que as deputadas sejam do mesmo grupo político, haja vista que o Presidente deixou o partido, por outro lado, há sim aproximações das parlamentares no que diz respeito ao posicionamento conservador de direita.

pessoa, aquela que, sendo embora exterior a “mim”, torna-se o meu eco – ao qual digo **tu** e que me diz tu”, isso fica evidente no processo de interlocução dos três agentes do discurso.

Nas frases da deputada Joice Hasselmann um termo chama muito a atenção, “PR”. Na ocasião a enunciadora utiliza o termo para se referir a Jair Bolsonaro e que a *priori* ocasiona dúvida, pois esta abreviação comumente se refere à palavra pastor, mas ao observar o contexto de produção, conclui-se que o termo remete a Presidente da República. No entanto, a abreviação não condiz, pois a palavra presidente é abreviada como Presid. Assim, buscamos entender a menção da deputada ao Presidente em dicionários e publicações na internet e chegamos ao consenso de que ela faz uso da abreviação “PR” para chamar o presidente de “*Public Relations*” que em português traduz-se como “Relações Públicas”. Para Althier-Revuz (2004, p. 160) “Nenhuma restrição parece poder ser observada: se quase não encontramos, no âmbito de uma língua, duplicações opacificantes que proponham uma ‘outra maneira de dizer’ para esses elementos”. Podemos também inferir que o termo em uso na língua inglesa se dar devido à estreita relação político-econômica que o Presidente vem buscando com os Estados Unidos.

Outro ponto que vale ressaltar é que há interação de outros interlocutores à estas respostas já dadas e para a própria postagem base. No topo da mensagem pode-se localizar a informação “Em resposta a @JanainaDoBrasil e @JairBolsonaro; em resposta a @JoiceHasselmann e @JairBolsonaro” que desencadeia um processo de ECO em outro nível.

A interlocutora auto identificada como Dodó, dá uma resposta a Janaina Paschoal

utilizando um tom irônico como se fosse o próprio Presidente falando: “Ain Janaina... eu entendi q (sic) eles não estão parados” dando a entender que a deputada está afirmando que o governo não sabe o que está fazendo. Isso pode ser confirmado na frase seguinte que diz “o governo está observando sim!” e ainda faz um interdiscurso com os recentes desentendimentos de membros do partido do Presidente quando afirma: “E o tiro será CERTEIRO ‘emoji de legal’”. A interlocução entre os três é realizada com a colocação do símbolo @ antes do nome de Janaina e Bolsonaro. Essa é uma das ferramentas tecnodiscursivas disponibilizadas pelo *Twitter* mencionada no aporte teórico nas palavras de Marie-Anne Paveau (2013).

Assim como o enunciador analisado anteriormente, a marca de subjetividade aparece na fala de “OS” que com o símbolo de @ faz menção a Jair Bolsonaro e Joice Hasselmann e principalmente a última, fazendo um interdiscurso com o desentendimento que a deputada teve com o Presidente e na oportunidade ele a destituiu da posição de líder do governo na câmara federal. “OS” faz uso dos termos do Presidente para responder a Joice dizendo: “Pare de atirar nos amigos então Joice. Roupa suja se lava em casa e o que você fez foi traiçagem”. Assim a seguidora conclui que Joice Hasselmann fez justamente o que ela está dizendo para o Bolsonaro não fazer. Levando em consideração o posicionamento de “OS” e do contexto de produção pode-se concluir aqui que há uma transgressão verbal no discurso da deputada.

Considerações finais

O presente artigo propôs identificar marcas de subjetividade presentes em *tweets* postados pelo Presidente da República Jair Bolsonaro e seus interlocutores, sendo, pois, o

Twitter, o suporte digital deste gênero discursivo. E ainda, refletir, por meio da base teórica os processos discursivos que envolvem o discurso e subjetividade.

No decorrer das análises foi possível observar que a subjetividade é marcada na linguagem dos interlocutores em todos os sentidos, até quando estes não se dão conta disso. Observou-se nesse processo analítico que as marcas de subjetividade presentes nos *tweets* representam posicionamentos políticos-ideológicos dos interlocutores envolvidos no discurso. Outrossim, entender como ocorre o processo da subjetividade em textos publicados nas redes sociais é essencial para a compreensão dos objetivos traçados pelos interlocutores no processo discursivo por meio de *tweets* e como os indivíduos se constituem como sujeitos de seus discursos.

Neste trabalho, por meio das análises e do aporte teórico aqui apresentado foi possível explanar o papel das tecnologias digitais no cenário político e como elas se tornaram um meio comum para disseminar o discurso, bem como os gêneros discursivos podem sofrer mudanças e ganhar novas roupagens para se adequar às necessidades discursivas dos sujeitos em momentos distintos.

Ao analisar os textos de Jair Bolsonaro e seus interlocutores, verificou-se a presença de marcas de subjetividade por todas as partes de seus textos, sejam elas políticas ou ideológicas. Por exemplo, constatou-se que o uso de pronomes marcou a criação de sentidos no discurso do Presidente referente à credibilidade abalada de órgãos de imprensa, isto é, o uso da marca de subjetividade fez com que o interlocutor pudesse inferir que a notícia vinculada por aquele órgão de imprensa é duvidosa e sem base. Contudo, esse processo conta também com o conhecimento do contexto de produção do discurso

que permite inferir o sentido exemplificado, bem como identificar os interdiscursos presentes.

Além da marca de subjetividade anteriormente citada, observou-se a presença de marcas de subjetividade caracterizada pelo uso de: conjunção verbal, aspas, expressões que remetem a outros discursos e as ferramentas tecnodiscursivas (@ usado para mencionar alguém numa resposta).

O uso destas marcas são capazes de gerar efeitos de sentidos diversos. O uso da conjunção verbal marca a pessoa do discurso posicionando-a num determinado lugar; a presença das aspas, neste contexto, criou um sentido de ironia em relação ao que se diz e até mesmo para não se responsabilizar pelo que se diz (neste caso, o efeito criado pelo uso das aspas pelo Presidente no *tweet*, na palavra notícia, foi de que, o que se chamou de notícia é na verdade uma *Fake News*); o uso do interdiscurso para remeter a situações já ocorridas contando com a memória discursiva do leitor marcando assim a ideologia dos autores das mensagens, em especial do Presidente Jair Bolsonaro; e o uso da ferramenta tecnodiscursiva o símbolo “@” que serve para marcar as pessoas com as quais se deseja interagir, isto é, responder um *tweet*.

Assim, verificou-se que o *Twitter* se configura no campo político como uma ferramenta de disseminar discursos com grande potencial, já que possui a capacidade de alcançar um número expressivo de interlocutores instantaneamente. Não obstante, o *tweet*, enquanto gênero discursivo, consegue transmitir o discurso de forma suscinta uma vez que o momento (século XXI) é caracterizado pela rapidez e volatilidade causados pelas tecnologias digitais.

Portanto, esse gênero discursivo se apresenta no campo político como uma nova for-

ma de comunicação em tempo real capaz de interação não permitidas pelos gêneros discursivos clássicos. Nesse contexto, é oportuno salientar ainda que, o *Twitter* se constitui como um suporte discursivo de relevância no cenário constituído pelo século XXI e pela era digital. Dessa forma, novos gêneros, como o *tweet*, vão surgindo para atender as necessidades discursivas emergentes. Com vista no exposto acredita-se que o presente trabalho traz contribuições relevantes para o estudo da subjetividade no discurso político nas mídias sociais.

Referências

- AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto alegre: EDIPUCRS, 2004.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.261-306.
- BENVENISTE, É. Da subjetividade da linguagem. **Em Problemas de Linguística Geral I**. 2.ed. Campinas: Editora da Unicamp; Pontes, 1998. p. 284-293.
- BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral II**. Tradução Eduardo Guimarães... et al. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- CHECCHINATO, D. (1979). Introdução à edição brasileira. In A. Lamaire, Jacques. **Lacan: uma introdução** (pp. 1116). Rio de Janeiro: Campus.
- FREUD, S. (2012). **A Interpretação Dos Sonhos** (Vol. 2). Porto Alegre: L&PM. (Originalmente publicado em 1900).
- HENRY, P. **A ferramenta Imperfeita: língua, sujeito e discurso**. Tradução de Maria Fausta P. de Castro, 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.
- LACAN, J. (2009). **O Seminário, Livro 1: Os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Seminário proferido em 1953-54).
- LACAN, J. , *ibid.*, apud Dor, Joël. **Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem**. 3ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

LIMA, P. S. Marcas da enunciação em notícias destinadas ao público infantil. **Revista Todas as Letras**, São Paulo., v. 17, n. 1, p. 126 - 137, jan/abril. 2015.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do Discurso. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. v. 2. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 101-142.

PAVEAU, M-A. Technodiscursivités natives sur Twitter. Une écologie du discours numérique », dans Liénard, F. (2013, coord.). In: **Culture, identity and digital writing, Epistémè 9, Revue internationale de sciences humaines et sociales appliquées, Séoul: Université Korea**. 2013, p. 1-19.

SANTOS, R. de C. S. Twitter como exemplo do gênero Textual microblog. In **IV Encontro Nacional de Hipertexto e Tecnologias Educacio-**

nais. Universidade de Sorocaba. 2011.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. – São Paulo: cortez. 2007.

SILVA, A. P. **Tics no ensino de Língua Inglesa: mediações pedagógicas no ensino aprendizagem na turma de 3º ano do Ensino Médio do C.E. Antônio Macêdo de Almeida – Governador Newton Bello – MA. Monografia (Graduação) – Santa Inês, MA, 2018.**

SILVEIRA, J. da. **Rumor(es) e humor(es) na circulação de hashtags do discurso político ordinário no twitter**. 2015. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

*Recebido em: 10/04/2021
Aprovado em: 08/06/2021*



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Interações discursivas em uma aula *on-line* de língua inglesa na plataforma *Google Meet*

Rafael Lira Gomes Bastos (UFC)*

<https://orcid.org/0000-0002-6828-5976>

Resumo:

Considerando o contexto do ensino remoto emergencial, o objetivo deste estudo é compreender as características das interações discursivas em uma aula *on-line* de língua inglesa na plataforma *Google Meet*. Os exemplos das interações são provenientes da gravação de uma aula da turma de semestre dois do curso de inglês do Centro Cearense de Idiomas, unidade Jóquei. Assumindo um olhar dialógico, as interações discursivas foram caracterizadas a partir do contexto de realização da aula e das atitudes ativo-responsivas dos interlocutores – professor e alunos – em função da construção de um projeto comunicativo no qual os alunos pudessem falar sobre acessórios e perguntar sobre preços em inglês. O estudo oferece, portanto, um panorama das características das interações discursivas em uma aula *on-line* de língua inglesa na plataforma *Google Meet* vinculadas às suas etapas de organização, comparando, sempre que possível, com a aula presencial.

Palavras-chave: Interação discursiva; Aula *on-line* de língua inglesa; Ensino remoto emergencial;

Abstract:

The discursive interactions in an on-line English class on the Google Meet Platform

Considering the context of the emergency remote teaching, the aim of this study is to understand the characteristics of the discursive interactions of an on-line English class on the Google Meet platform. The examples of interactions came from an English course semester two class recording at the Centro Cearense de Idiomas, Joquei center. Assuming a dialogic point of view, the discursive interactions were characterized considering the context of class realization and interlocutors' – teacher and students – active-responsive attitudes due to the construction of a communicative project in which students could talk about accessories and ask about prices in English. The study offers a panorama of discursive interaction characteristics in the on-

* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal do Ceará (UFC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1215822251617403>. E-mail: rafael.lira@alu.ufc.br

line English class on the Google Meet platform connected to its organizational steps, comparing them to the face-to-face class when it was possible.

Keywords: Discursive interaction; English on-line class; Emergency remote teaching.

Considerações iniciais

Diante da necessidade de isolamento social provocada pela pandemia da covid-19, vários estados do Brasil passaram a adotar o que se tem denominado de ensino remoto emergencial. No estado do Ceará, por exemplo, a partir do mês de março de 2020, foi lançada uma diretriz¹ que viabilizou esse modelo de ensino em toda a rede pública estadual da educação básica vinculada à Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC-CE). Mesmo em contexto pandêmico e ainda com poucas informações sobre a gravidade da doença, a maioria das escolas decidiu pela continuidade do ano letivo. Da mesma forma, os Centros Cearenses de Idiomas (doravante, CCI)², local de minha atuação profissional, viram-se na obrigação de continuar suas atividades remotamente.

A repentina necessidade da adequação do ensino presencial para o remoto, sem discussão detalhada sobre como aconteceria essa mudança, gerou uma série de dificuldades. O CCI Jóquei, por exemplo, atende alunos que, muitas vezes, não têm acesso ao computador e/ou à internet de qualidade, o que tornou difícil o acompanhamento das interações síncronas e assíncronas demandadas pelo novo contexto de interação. Além

dessa dificuldade, Paes e Freitas (2020), depois de pesquisa realizada com professores da rede pública estadual do Ceará, apontam que a falta de formação inicial e continuada de professores voltadas para o uso de tecnologias digitais, o excesso de trabalho docente e a ausência de uma política de inclusão digital para os alunos são os principais empecilhos para garantir a qualidade do ensino-aprendizagem em tempos pandêmicos. No caso específico do ensino da língua inglesa nos CCIs, excessos de atividades, atividades descontextualizadas e repetição de tarefas do livro didático na plataforma *Google* sala de aula foram apontados pelos alunos como alguns dos problemas enfrentados no primeiro semestre letivo de 2020.1 (cf. BASTOS; LIMA, 2020).

Com o passar do tempo e a mudança de semestre, no entanto, as reflexões do nosso coletivo de trabalho demandaram práticas mais reflexivas, ouvindo, sobretudo, o que os alunos tinham a dizer. Vencidos os desafios iniciais, o ensino remoto emergencial no CCI Jóquei, no semestre 2020.2, foi organizado semanalmente a partir da realização de uma aula assíncrona na plataforma *Google* sala de aula com a postagem de uma atividade via formulário *Google* e uma atividade lúdica (jogo *on-line*, música, vídeo etc.); e uma aula síncrona na plataforma *Google Meet*. Diante da demanda de uma aula síncrona, não é raro, nós professores, nos questionarmos sobre como interagir com os alunos durante uma aula *on-line*, uma vez que somos cientes de que a mudança do presencial para o

1 As diretrizes podem ser acessadas no seguinte link: https://www.seduc.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/37/2020/03/diretrizes_escolas.pdf. Acesso em: 21 out 2020.

2 Os CCIs são centros de idiomas criados e mantidos pela Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC-CE) com o objetivo de ofertar cursos livres de idiomas (inglês, espanhol e francês) para alunos e professores da rede pública da educação básica.

remoto impacta as formas de interação, especialmente quando essa mudança se dá em contexto emergencial.

Por tudo isso, apresento este estudo com o objetivo de compreender as características das interações discursivas em uma aula *on-line* de língua inglesa na plataforma *Google Meet*. Para dar conta do objetivo, analiso as interações discursivas de uma aula da turma de semestre dois do curso de inglês do CCI, unidade Jóquei. Assumindo um olhar dialógico, as interações discursivas foram caracterizadas a partir do contexto de realização da aula e das atitudes ativo-responsivas dos interlocutores – professor e alunos – em função da construção de um projeto comunicativo no qual os alunos pudessem falar sobre acessórios e perguntar sobre preços em inglês, comparando, sempre que possível, com as interações da aula presencial. Parto do pressuposto de que o discurso e, conseqüentemente, as interações discursivas em uma sala de aula – presencial ou remota – é uma atividade situada em um determinado contexto sócio-histórico (BAKHTIN, 2016). Por isso, as interações discursivas são diversas, mas organizadas a partir de um repertório de fórmulas recorrentes e, na aula *on-line*, pelas condições sócio-históricas específicas em que estamos vivendo devido à pandemia da covid-19, assumem vicissitudes diferentes da aula presencial, apesar de manterem muitas semelhanças.

Ao fazer esse recorte para a pesquisa, não quero dizer que os problemas anteriormente mencionados foram resolvidos. As questões sobre o acesso dos alunos às tecnologias digitais e a formação do professor carecem de problematização, especialmente no escopo da Linguística Aplicada (LA) que pratico. Mas, por enquanto, os interesses que movem este trabalho partem desse lugar que ocupo, de professor de língua ingle-

sa que interage semanalmente de forma *on-line* com seus alunos e enfrenta o desafio do ensino remoto emergencial. Isto quer dizer que, em minha pesquisa, o ponto de partida é o reconhecimento da minha própria participação no existir-evento de minha vida, na união do mundo da cultura (pesquisa) com o mundo da vida (aula), para usar as palavras de Bakhtin (2017). O que trago para a discussão, contudo, é apenas uma possibilidade de reflexão a partir de um contexto muito particular, mas que pode contribuir para se pensar aspectos que são comuns às aulas *on-line* de língua inglesa em tempos de ensino remoto emergencial e fomentar o debate em torno do ensino-aprendizagem de línguas em contexto mediado pelo uso de tecnologias digitais.

Portanto, para fins de organização textual, além desta introdução e das considerações finais, o artigo traz mais quatro seções. Na primeira, é definido o que é interação discursiva em uma perspectiva dialógica; na segunda, são traçados alguns parâmetros de análise das interações discursivas a partir do contexto espaço-temporal de realização da aula; na terceira, são elencados os aspectos metodológicos da pesquisa; e finalmente na quarta, são analisadas as características das interações discursivas vinculadas às etapas de organização da aula, comparando, sempre que possível, com a aula presencial.

As interações discursivas nas aulas de línguas em uma perspectiva dialógica

Apresentarei, nesta seção, os princípios que norteiam meu entendimento sobre as interações discursivas nas aulas de línguas em uma perspectiva dialógica. Para isso, é importante assumir, logo de início, que é por meio de enunciados, pertencentes a um determinado gênero do discurso, que nos diri-

gimos uns aos outros, uma vez que os enunciados são, para Bakhtin (2016), a unidade da comunicação discursiva; dessa forma, a simples réplica de um diálogo cotidiano já pode ser entendida como um enunciado concreto. É, também, por meio de enunciados que o professor se dirige aos alunos e vice-versa. Diante desse quadro, sabemos que a interação verbal, traduzida mais recentemente, no Brasil, por interação discursiva, é um dos pontos centrais de discussão no conjunto da obra de Bakhtin e o Círculo. Volóchinov, por exemplo, no livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem* dedica um capítulo ao tema, denominado *A interação discursiva*. Neste capítulo, encontramos a famosa metáfora da palavra como uma ponte:

Em sua essência, a *palavra é um ato bilateral*. Ela é determinada tanto por aquele de quem procede quanto para aquele *para quem se dirige*. Enquanto palavra, ela é justamente o *produto das inter-relações do falante com o ouvinte*. Toda palavra serve de expressão ao “um” em relação ao “outro”. [...] A palavra é uma ponte que liga o eu ao outro. Ela apoia uma das extremidades em mim e a outra no interlocutor. A palavra é território comum entre o falante e o interlocutor. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 205, grifos no original).

Essa ideia foi posteriormente desenvolvida por Bakhtin em alguns de seus escritos, como, por exemplo, em *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance* e no conhecido texto *Os gêneros do discurso*. Bakhtin (2016, p. 29) afirma, de forma bastante semelhante à de Volóchinov, que “o falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva”. Dessa forma, sabendo que a dinâmica da interação discursiva acontece em torno da relação *eu-o-outro*, assumo que a interação em sala de aula também não escapa a esse processo. A partir dessa compreensão e ao propor um

olhar dialógico sobre as interações em sala de aula, Oliveira, Torga e Ribeiro (2016) refletem sobre as dinâmicas envolvidas nessa interação. Em um primeiro plano, para os autores, o professor aparece como o *eu* que inicia a interação em função do aluno que está no papel do *outro*; em outro plano, o aluno é o *eu* em interação com seu colega de classe ou com o professor, o *outro*. No dizer dos autores “o professor que assume o papel do eu já assumiu o papel do tu em tantas outras interações e, em sala de aula, quando se calar, ouvirá o aluno, que deixará de ser o tu e passará a ser o eu” (OLIVEIRA; TORGA; RIBEIRO, 2016, p. 82).

Nessa dinâmica, Goulart (2009, p.15), na tentativa de encontrar balizadores para a análise de interações discursivas em sala de aula com base em Bakhtin, caracteriza a aula “como um espaço em que o objetivo dos professores é fazer com que os alunos se apropriem discursivamente de determinados modos de conhecer temas vinculados às diferentes áreas de conhecimento”. Assim, como o enunciado reflete/refrata as condições específicas de cada campo da atividade humana, as práticas que são repetidas no dia a dia da escola vão moldando formas de interação discursiva culturalmente transmitidas, efetivando a prática social que convencionalmente denominamos de aula. Isso quer dizer que, recuperando a ideia de Volóchinov (2018, p. 222), “cada situação cotidiana recorrente possui uma determinada organização do auditório e portanto um determinado repertório de pequenos gêneros cotidianos”. Dessa forma, cabe ressaltar que a aula tem

‘um certo repertório de fórmulas correntes’, que organiza o discurso ali produzido de determinadas maneiras: leituras de diferentes tipos e para variados fins (comentada, silenciosa...), conversas, produções escritas, elaboração de resumos, exposição oral, realiza-

ção de exercícios, esquemas e provas, entre outros (GOULART, 2009, p. 18).

Nessa passagem, mesmo se referindo a uma aula presencial, Goulart enumera diferentes formas de interação discursiva, sejam orais ou escritas. Cada uma delas pode ser caracterizada por estratégias discursivas também mais ou menos estáveis. Por exemplo, é comum que o professor de língua inglesa, após uma pergunta realizada a um aluno que não respondeu corretamente, refaça a pergunta a outro aluno, esperando a resposta correta. Da mesma forma, é comum que o professor repita exatamente o que o aluno disse para tentar corrigir a pronúncia de um determinado vocábulo, ou até mesmo, reformular seu dizer para facilitar a compreensão dos alunos. Diante dessas possibilidades, os pesquisadores da interação didática costumam recorrer ao esquema elaborado por Sinclair e Coulthard (1975) para ilustrar a estratégia discursiva mais usada em uma aula de línguas, qual seja *Initiation – Response – Follow-up (IRF)*. O termo em inglês *Initiation* refere-se à estratégia de abertura da interação iniciada pelo professor, constituída por atos de solicitação, informação, diretivos ou de seleção de falantes. Em seguida, espera-se uma resposta (*response*) efetuada pelo aluno, constituída por réplicas ou reação ao que foi iniciado pelo professor. E, finalmente, o prosseguimento, ou, em inglês, *follow-up*, efetuada pelo professor, constituído por atos de aceitação, validação ou comentários.

Ao trazer essa discussão à baila, não quero afirmar que o modelo de Sinclair e Coulthard encerra em si mesmo toda a dinâmica da interação discursiva em sala de aula, como já assinaléi ao discutir as diferentes posições entre o *eu* e o *outro* na interação; e nem para utilizá-lo como uma categoria pré-estabelecida e procurar sua forma de

realização na aula que trarei para a análise. De alguma forma, porém, essa definição serve para pensarmos a sala de aula como um espaço do diálogo. O professor, na maioria das vezes, organiza as interações, gerencia as réplicas do diálogo, faz questionamentos e aponta a vez dos alunos falarem. Por isso, as interações discursivas nas aulas de línguas, de forma particular, têm sido descritas com foco na interação do professor com os alunos, procurando as especificidades da interação discursiva na aula, destacando os recursos que são recorrentes, como, por exemplo, na perspectiva de Cicurel (2011), o diálogo interrogativo e os recursos de reformulação constante do dizer.

A interação discursiva em sala de aula, portanto, pode ser caracterizada por diferentes estratégias que dão forma às interações, seja para ensinar ou para aprender. Em uma perspectiva dialógica, podemos dizer que a relativa estabilidade dos acontecimentos em uma aula é vinculada ao tipo de instituição, à estrutura, aos objetivos e à composição social da escola, organizada de um certo modo discursivo, caracterizando, junto com outros elementos, uma cultura escolar (GOULART, 2009). Dessa forma, para dialogar com o trabalho de Goulart, trago, no Quadro 1, inspirado no trabalho de Matêncio (1999)³, uma possível organização de uma aula presencial (na coluna da direita) e a caracterização das interações discursivas frequentemente usadas para levar a cabo o objetivo da aula (coluna da esquerda). Isso é feito com o propósito de compararmos, sempre que possível, na análise, as etapas e os tipos de interações discursivas da aula presencial com a aula *on-line* de língua inglesa.

3 Matêncio (1999) utiliza outro quadro teórico-metodológico para construir seu entendimento sobre as interações didáticas. Considero, contudo, o diálogo produtivo com a discussão que estamos desenvolvendo.

Quadro 1 – Etapas de organização de uma aula presencial

ETAPAS DA AULA	INTERAÇÃO DISCURSIVA
ABERTURA	Abertura da interação com função preliminar. Realização da chamada, por exemplo. Foco na interação oral entre professor e aluno.
INTRODUÇÃO	Abertura efetiva da interação quando a seu objetivo didático. Início efetivo das atividades do dia. Foco tanto na interação oral quanto na interação escrita.
DESENVOLVIMENTO	Desenvolvimento das tarefas que constituem as atividades do dia. Foco, muitas vezes, na interação escrita quando o aluno responde ao exercício, por exemplo.
CONCLUSÃO	Encerramento das atividades. Pode coincidir com a etapa de encerramento. Foco na interação oral entre professor e aluno, com perguntas e respostas.
ENCERRAMENTO	Encerramento da interação com função de conclusão e despedida. Não ocorre sempre.

Fonte: elaborado e ampliado a partir de Matêncio (1999).

Para compreender as características das interações discursivas em uma aula *on-line* de língua inglesa na plataforma *Google Meet*, por seu turno, precisamos, além dos elementos apresentados acima, levar em consideração que estamos vivendo um tempo de pandemia e isolamento social e que o uso de plataformas digitais, como o *Google Meet*, tornou-se um dos espaços de acontecimento da aula síncrona. Essas especificidades espaço-temporais demandam um olhar cuidadoso sobre as interações discursivas, a fim de compreender melhor as potencialidades e os desafios que conduzem, de uma forma ou de outra, à adaptação e/ou à mudança de práticas docentes e discentes e das próprias interações. Para dar conta disso, discuto, a seguir, alguns aspectos espaço-temporais nos quais emergem a aula *on-line* de língua inglesa, traçando alguns parâmetros para a análise.

Alguns parâmetros de análise das interações discursivas considerando o contexto espaço-temporal de realização da aula *on-line* de língua inglesa

Nesta seção, trago a ideia de que a porta de entrada para a compreensão dos fatores que caracterizam as interações discursivas em uma aula *on-line* de língua inglesa será a necessária descrição (i) do tempo em que a aula está acontecendo, o ensino remoto emergencial durante a pandemia da covid-19 e (ii) do espaço em que a aula está acontecendo, a plataforma *Google Meet*, para, a partir daí, traçar alguns parâmetros de análise para as interações discursivas.

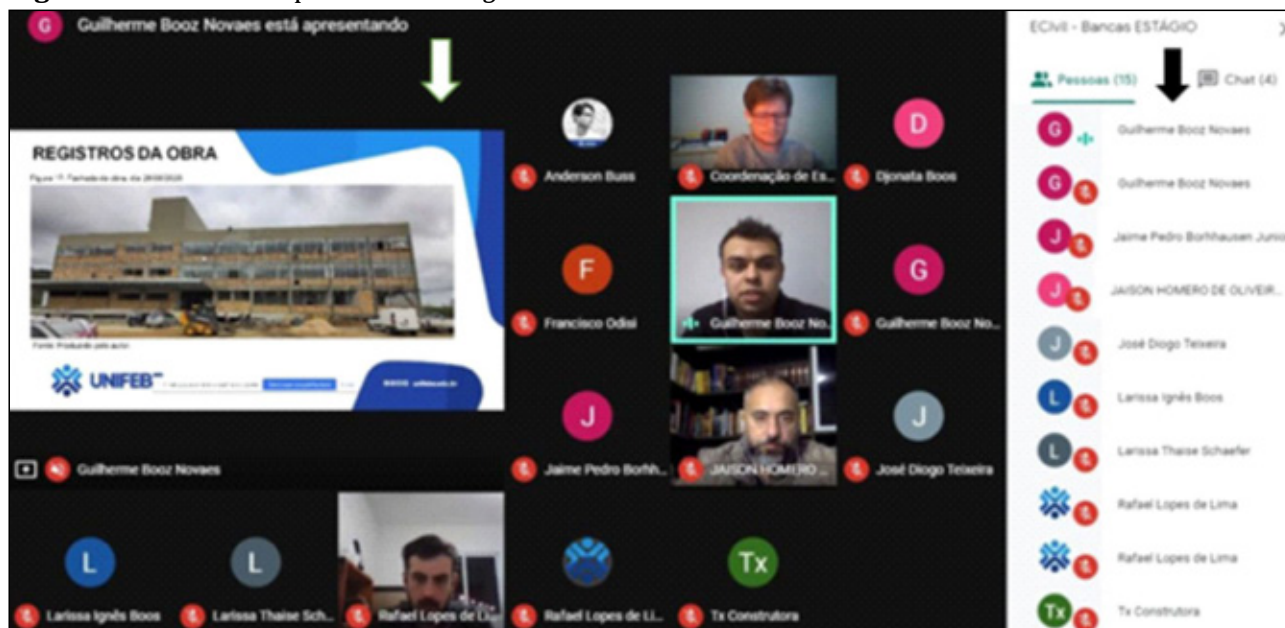
Anteriormente, já foi discutido o contexto do ensino remoto emergencial. Contudo, sobre o ponto (i), ainda posso acrescentar que vivemos, além da crise sanitária, um momen-

to de crise política em nosso país, com um governo que propaga *fake news*, desinformação e anticientificismo, relativizando a gravidade da doença, colocando cada vez mais em risco a saúde do cidadão (para uma revisão sobre o assunto, ver RECUERO; SOARES, 2020). Exemplo disso, além dos muitos já registrados e divulgados amplamente pela imprensa, é a desorganização e o desinteresse do governo federal em promover um plano nacional de imunização. Paralelo a isso, o trabalho dos professores nunca parou. Mesmo sendo acusados pelo mesmo governo de não quererem trabalhar⁴, no estado do Ceará, por exemplo, as atividades de forma remota foram retomadas logo no mês de março de 2020. Tudo isso, certamente, atravessa e se relaciona organicamente com as interações discursivas que acontecem durante um encontro *on-line*

com os alunos; afinal, como afirma Bakhtin (2016, p. 16-17), “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua”.

Dito isso, passo, então, ao ponto (ii) o espaço em que a aula *on-line* acontece. Como já informado, foi durante o ensino remoto emergencial que a SEDUC-CE oficializou a plataforma *Google Meet* como o espaço de realização das aulas *on-line*. Conhecer o funcionamento da plataforma pode auxiliar na caracterização das interações discursivas, uma vez que elas acontecem em seus limites espaço-temporais. Na Figura 1, retirada de uma notícia do *site* da Rádio Araguaia AM, portanto, de domínio público, é apresentada a foto de um encontro realizado na plataforma.

Figura 1 – Reunião na plataforma *Google Meet*



Fonte: <https://araguaiabrusque.com.br/noticia/academicos-apresentam-trabalhos-de-conclusao-de-curso-via-google-meet/66751>. Acesso em 21 out. 2020.

Como vemos na imagem, ao utilizar a plataforma *Google Meet*, é possível o en-

contro *on-line* de diversas pessoas, sendo permitidos até 100 participantes na versão gratuita. Seu uso tem impactado decisivamente as formas de interação social. Como exemplo, podemos destacar os deslocamentos espaço-temporais, do presencial para o remoto, de diversas atividades, se-

4 A *live* em que o Presidente Jair Bolsonaro acusa os professores de não quererem trabalhar pode ser acessada no link: <https://youtu.be/JsIdVBSushc>. Acesso em: 08 maio 2021.

jam de estudo ou de trabalho, dos mais variados campos da atividade humana. Com isso, seja de suas próprias casas, ou até mesmo do trânsito ou de um consultório médico, os participantes do encontro podem interagir de forma oral, ligando seus microfones, ou de forma escrita, usando o *chat*. Na aba Pessoas (seta preta), aparecem três pontos verdes assimétricos, como se fossem uma pequena onda sonora, no ícone de quem está com a palavra; e um ícone vermelho com o desenho de um microfone cortado por um traço em paralelo para quem está com o microfone desligado. Devido a esse *layout*, fica fácil identificar quem está falando e resolver problemas de interferência sonora. O administrador do encontro pode, a qualquer momento, desativar o áudio de outro participante. Isso geralmente é feito quando um microfone está ligado, produzindo algum tipo de barulho.

A foto do perfil, muitas vezes, não se trata de uma foto do participante, pode ser uma paisagem ou algo semelhante; em outros casos, vemos o que pode ser a letra inicial do nome do participante. Também do lado direito da tela (seta preta) encontramos outros dois ícones. O primeiro mostra a lista de pessoas que participam do encontro e o segundo mostra as mensagens que estão sendo escritas no *chat*. Durante o encontro, é possível que os participantes entrem e saiam, desde que a opção esteja habilitada pelo administrador. A entrada/saída é registrada por uma caixa de diálogo que surge no canto inferior da tela. Quando há oscilação na conexão com a internet, entradas e saídas são frequentes. É possível, também, que seja compartilhada a tela de qualquer um dos participantes (seta branca). Neste momento, quem está compartilhando a tela fica impedido de ver as mensagens digitadas no *chat*, bem como de ver os demais par-

ticipantes do encontro. Esse fato, tem sido apontado frequentemente, tanto nas aulas que ministro como nas aulas das quais participo, como um dos fatores mais negativos da interação na plataforma.

São nesses limites espaço-temporais, discutidos no ponto (i) e (ii), que o professor e os alunos produzem seus diálogos, esperando sempre uma atitude ativo-responsiva do interlocutor em função da construção de um projeto comunicativo, promovendo diferentes formas de interações discursivas. Entendo que os diálogos em sala de aula e cada uma de suas réplicas “por mais breve e fragmentária que seja, tem uma conclusibilidade específica ao exprimir certa posição do falante que suscita resposta, em relação à qual se pode assumir uma posição responsiva (BAKHTIN, 2016, p. 30). Essas réplicas do diálogo, ou seja, as posições responsivas do falante, podem assumir diferentes formas, pressupondo a relação entre professor-aluno, aluno-professor, aluno-aluno, seja de pergunta-reposta, afirmação-concordância, comando-execução, participação-incentivo. Assim, pensando especificamente na análise das interações discursivas em sala de aula, encontramos em *Questão de Literatura e Estética: a teoria do romance*, uma pista metodológica para a caracterização das interações discursivas na aula *on-line* de língua inglesa na plataforma *Google Meet* durante o ensino remoto emergencial. Vejamos o que Bakhtin (2002, p. 141) afirma:

Pois para a apreciação cotidiana, e para adivinhar o significado verdadeiro das palavras de outrem pode ser decisivo saber-se quem fala e em que precisas circunstâncias. A compreensão e o julgamento cotidiano não separam a palavra da pessoa totalmente concreta do falante (o que é possível na esfera ideológica). Além disto, é muito importante situar a conversação; quem esteve presente no ato, que expressão tinha, como era sua mímica

ao falar, quais as nuances de sua entonação enquanto falava.

A partir desse excerto, advogo que para a análise das interações discursivas em sala de aula serem bem caracterizadas, é necessário, em uma perspectiva dialógica, *saber quem fala e em que precisas circunstâncias*. Foi a partir desse parâmetro de análise que busquei definir os elementos contextuais, ou seja, as *precisas circunstâncias* que envolvem essa interação, descrevendo o tempo e o espaço em que ela surge. Além disso, irei situar, na seção de análise, as interações discursivas em sala de aula levando em consideração *quem fala* e como fala. Por isso, quando preciso, serão descritas as expressões corporais do professor e as nuances de sua entonação ao falar. Acredito que tudo isso é engendrado pelo enunciado concreto em função da construção de um projeto comunicativo em que os alunos podem relacionar a palavra na língua estrangeira ao gesto/expressão do professor e produzir a partir daí uma compreensão. Nesse sentido, vale destacar que, em uma perspectiva dialógica, a compreensão está sempre relacionada à resposta. Sobre isso, Bakhtin (2002, p. 90, grifos meus) afirma

Na vida real do discurso falado, toda compreensão concreta é ativa: ela liga o que deve ser compreendido ao seu próprio círculo, expressivo e objetual e está indissolúvelmente fundido a uma resposta, a uma objeção motivada - a uma aquiescência. Em certo sentido, *o primado pertence justamente à resposta*, como princípio ativo: ela cria o terreno favorável à compreensão de maneira dinâmica e interessada. A compreensão amadurece apenas na resposta. A compreensão e a resposta estão fundidas dialeticamente e reciprocamente condicionadas, sendo impossível uma sem a outra.

Como alerta Bakhtin, a compreensão e a resposta estão fundidas dialeticamente,

uma depende da outra. Nessa perspectiva, todo enunciado, inclusive as réplicas do diálogo em sala de aula, deve ser caracterizado como uma resposta a enunciados anteriores, que procede de alguém e é endereçado a alguém, como elo na complexa relação entre o já-dito, o dito e o ainda-não dito, uma vez que “toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva” (BAKHTIN, 2016, p. 25). Trazendo para o contexto da aula *on-line*, a compreensão dos interlocutores será concretizada a partir da resposta que foi suscitada. Na interação discursiva em sala de aula, por exemplo, o aluno precisa tomar uma posição ativo-responsiva frente ao enunciado do professor, que pode ser compreendido, no momento da interação, como uma pergunta, um pedido, uma correção, um elogio etc. Ao passo que se torna respondente, o aluno assume o lugar de interlocutor esperando, conseqüentemente, uma resposta do professor e/ou de seus colegas, em uma cadeia dialógica infinita em que não existe a primeira e nem a última palavra. Ao adotar esse olhar sobre as interações discursivas em sala de aula, trago, na próxima seção, os aspectos metodológicos da pesquisa.

Aspectos metodológicos

Sigo, neste trabalho, as orientações de uma pesquisa dialógica proposta por Bakhtin (2017, p. 44), que busca “superar a perniciosa separação e a mútua impenetrabilidade entre cultura e vida”. Dessa forma, para compreender as características das interações discursivas em uma aula *on-line* de língua inglesa na plataforma *Google Meet* são apresentadas interações discursivas provenientes da gravação de uma de minhas aulas que aconteceu no dia 17 de setembro de 2020. A turma era do segundo

semestre do curso de inglês do CCI Jóquei. Os alunos da turma eram adolescentes entre 15 e 17 anos de idade, cursando, em sua maioria, o primeiro ano do ensino médio da rede pública estadual do Ceará. A aula, nesse contexto, foi planejada para alunos iniciantes que estavam na fase de aquisição das noções básicas do idioma. O conteúdo do dia era referente à Unidade 8, Lição B, com o tema *Things to buy*. O objetivo da aula era falar sobre acessórios e perguntar sobre preços em inglês. Neste dia, estavam presentes 13 alunos, do total de 17 alunos matriculados.

Para iniciar a gravação da aula, os alunos foram informados que os dados seriam usados para a pesquisa e que o anonimato de cada um seria preservado. Cientes dessas condições, os alunos escreveram no *chat* “sim”, concordando com a gravação. Todos os alunos concordaram e, para efeitos de transcrição, denominarei minha participação na interação como *Professor* e a dos alunos com nomes fictícios aleatoriamente escolhidos. Quanto às convenções de transcrição, temos a demarcação de: a) pausa (...); b) comentários descritivos do transcritor (()); e c) alongamento de vogais (::).

Ilustro a análise com exemplos de interações retirados da gravação da aula que fica disponível no *e-mail* utilizado para acessar à plataforma. Para tanto, assisti a aula algumas vezes e retirei exemplos de interações que julgo representativos para caracterizar as interações discursivas em uma aula *on-line* de língua inglesa na plataforma *Google Meet*, seguindo, analiticamente, os parâmetros apresentados na seção anterior, a saber, a caracterização das interações discursivas a partir do contexto de realização da aula e das atitudes ativo-responsivas dos interlocutores – professor e alunos – em função da construção de um projeto comunicativo no

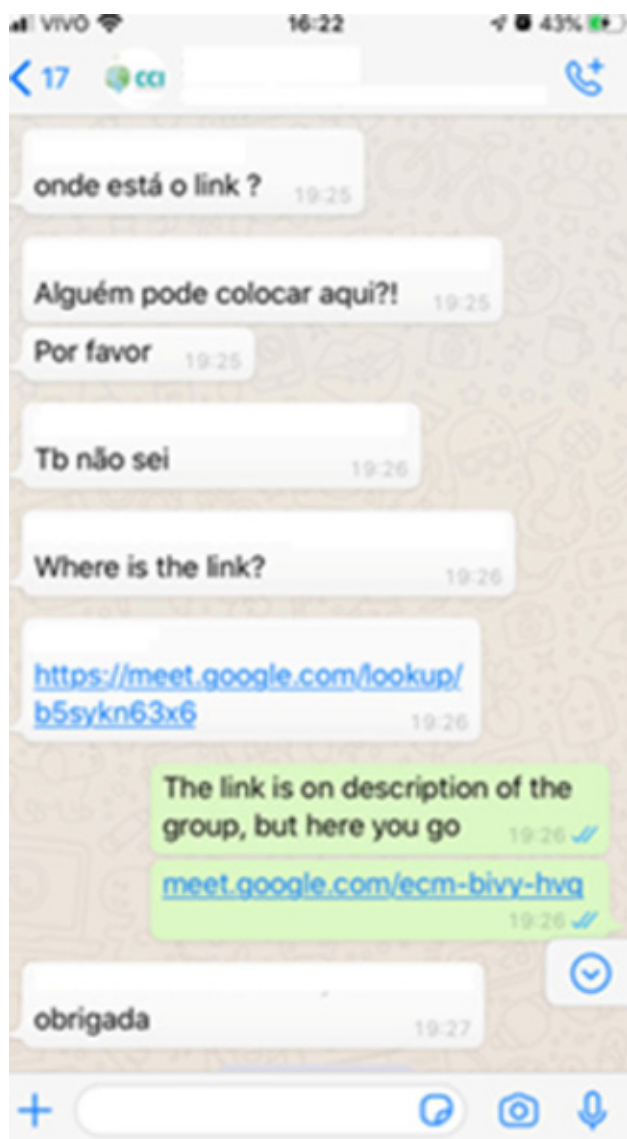
qual os alunos pudessem falar sobre acessórios e perguntar sobre preços em inglês, comparando, sempre que possível, com as interações da aula presencial. Trago também um exemplo de interação no *WhatsApp* antes da entrada dos alunos na plataforma para ilustrar a Etapa 1 da aula. Recorro, em alguns momentos, ao Quadro 1, apresentado na seção 1, para fazer o paralelo entre a aula presencial e a aula remota. Para concluir, apresento um quadro que resume as características das interações discursivas vinculadas às etapas de organização da aula *on-line*.

Como faço a descrição de minha própria prática, as interpretações trazidas, por certo, atravessam axiologicamente meu ser professor e meu ser pesquisador. Esse deslocamento que realizo, da condição de professor para a condição de pesquisador, permite-me, no entanto, olhar exotopicamente para a minha prática e transformá-la em objeto de pesquisa, que, dialogicamente, está ligado e informa a minha atividade de ensino. É a partir dessas condições que procedo com as análises.

Interações discursivas em uma aula *on-line* de língua inglesa na plataforma *Google Meet*

No horário agendado para o início da aula, os alunos acessam a plataforma via *link* disponibilizado na descrição do grupo da turma no *WhatsApp* e no mural da plataforma *Google* sala de aula. Mesmo assim, alguns deles enfrentam problemas de acesso. Podemos, dessa forma, assumir que, na aula *on-line*, a Etapa 1 é o *acesso à plataforma*. Essa Etapa demanda interações escritas no grupo da turma no *WhatsApp* para a *viabilização da entrada na plataforma*. A Figura 2, traz um exemplo desse tipo de interação.

Figura 2 – Interação de *viabilização da entrada na plataforma*



Fonte: arquivo pessoal.

Essa interação é iniciada por perguntas dos alunos, escritas no grupo da turma no *WhatsApp*, sobre o *link* para permitir o acesso à plataforma. A pergunta inicial “onde está o link” gera uma atitude responsiva em um aluno que diz “alguém pode colocar aqui”. Diante da interação em português, outro aluno, escrevendo em inglês, pergunta “where is the link?”. Imediatamente um dos alunos posta o *link* da aula e, em seguida, o Professor também posta o *link* e relembra que ele está na descrição do grupo. Diferente da aula presencial, descrita por Matêncio

(1999), na aula *on-line* de língua inglesa na plataforma *Google Meet*, a interação discursiva acontece antes do início das interações sobre o conteúdo e até mesmo antes da entrada dos alunos na plataforma e é, como vimos, protagonizada pelos alunos que assumem o papel do eu na interação, endereçando seus enunciados aos demais colegas e ao professor, o outro. Essa dinâmica é representativa dos diferentes posicionamentos entre o eu e o outro salientados por Oliveira, Torga e Ribeiro (2016), na qual tanto os alunos como o professor ocupam o papel do eu e do outro na interação, desafiando a ideia de que o professor seria sempre o responsável pelo início da interação em sala de aula de acordo com o esquema de Sinclair e Coulthard (1975).

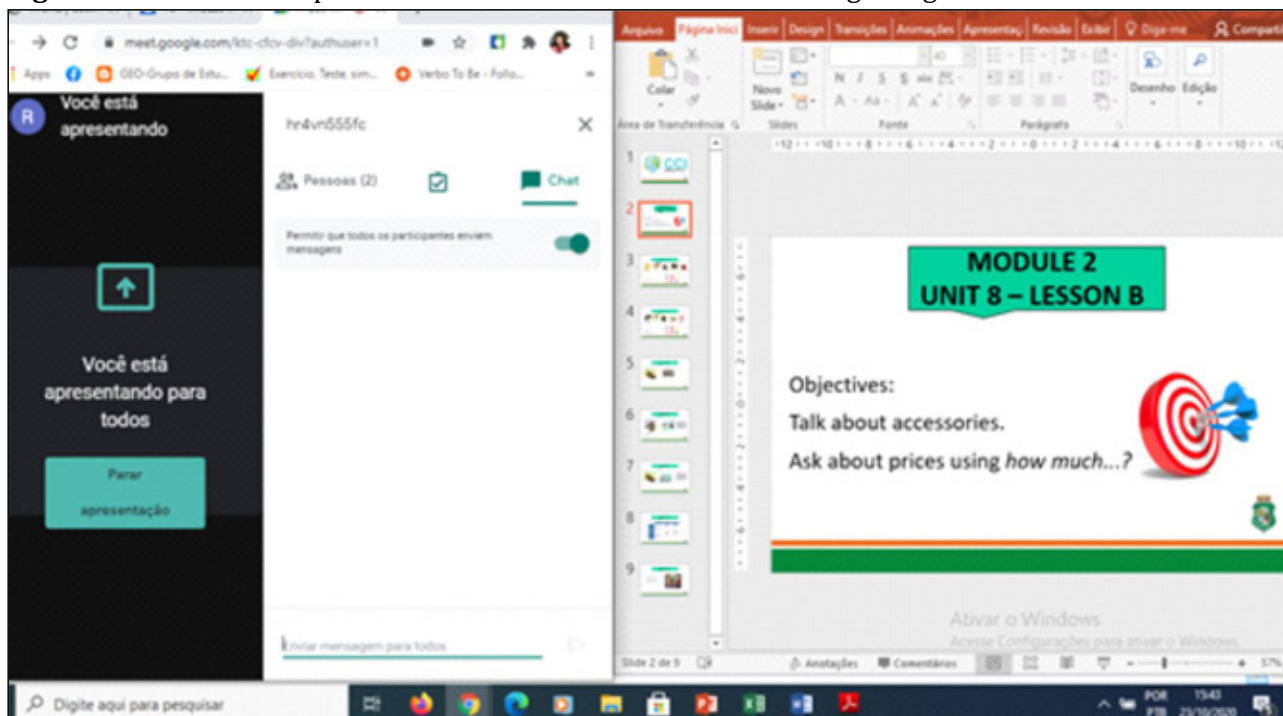
Na Etapa 2 da aula, enquanto os alunos entram no *Google Meet*, o Professor inicia a interação dando as *boas-vindas*. Esse tipo de interação discursiva pode ser caracterizada a partir de cumprimentos como “good morning” e de perguntas como “hello, how are you?” por parte do professor e não está vinculada, pelo menos diretamente, ao conteúdo a ser trabalhado no dia. As respostas vêm, por vezes, de forma oral, quando o aluno liga o microfone, ou de forma escrita, quando o aluno digita no *chat* a resposta. Frequentemente os alunos se cumprimentam, especialmente escrevendo no *chat*. Esta Etapa é muito semelhante à Etapa 1 da aula presencial descrita por Matêncio (1999), e, por isso, também será denominada de *abertura*.

Depois de cinco minutos em média, quando a maioria dos alunos está na sala de aula *on-line*, é iniciada a Etapa 3 da aula. Nesta Etapa, compartilho com a turma a minha tela com o *slide* que traz o objetivo da aula e a explicação do conteúdo. Nesse momento, deixo de ver a turma e vejo apenas a minha tela. Contudo, tenho praticado colocar a ja-

nela que compartilho lado a lado com a janela do *Google Meet*, como mostra a Figura 3. Isso permite ver, ao mesmo tempo, as interações no *chat* e o material compartilhado. Às vezes, os alunos reclamam que a janela compartilhada é pequena, dificultando a vi-

sualização. A maioria dos alunos usa o celular para participarem da aula, o que torna a visualização também mais problemática. Por isso, pontualmente, coloco a janela em modo de tela inteira e, logo após, retomo a apresentação com as janelas lado a lado.

Figura 3 – Modo de compartilhamento de tela na aula *on-line* de língua inglesa



Fonte: arquivo pessoal.

A Etapa 3, neste contexto, será nomeada de *explicação do conteúdo*. Ela guarda muito em comum com a Etapa de desenvolvimento da aula presencial (MATÊNCIO, 1999). Isto é, durante essa Etapa são desenvolvidas as tarefas do dia, explicação do conteúdo, resolução de exercícios etc. No contexto da aula *on-line* de língua inglesa em análise, no entanto, a Etapa de desenvolvimento se desdobra em duas, ela se inicia com a explicação do conteúdo e segue com a produção oral dos alunos, como veremos adiante. Abaixo, ilustro um tipo de interação discursiva desta Etapa da aula que denomino *interação de certificação*:

Professor: Can you see the PowerPoint?
((segue uma pequena pausa)).

Joana: Yes.

Professor: All right.

A depender da qualidade da internet do professor e dos alunos, as respostas, sejam orais ou escritas no *chat*, podem demorar para acontecer. Sempre é necessário que o professor se certifique de que os alunos estão vendo a tela compartilhada e que podem acompanhar sem grandes dificuldades. Por vezes, pode acontecer de a tela compartilhada congelar. Por isso, perguntas como “can you see?” e “can you hear me?” são características desta interação discursiva que emerge vinculada a esse novo contexto de aula. Afinal, como insiste Bakhtin (2016), o objetivo da interação é conectar os interlocutores por meio do diá-

logo e só pode haver diálogo (em sala de aula) quando há uma resposta. As respostas dos alunos vêm, muitas vezes, de forma oral, pois, devido ao repertório dos pequenos gêneros (VOLÓCHINOV, 2018), ou seja, das fórmulas recorrentes de interação, os alunos já sabem que o professor não consegue ver o *chat* ao mesmo tempo que compartilha a sua tela.

Da mesma forma, ainda durante essa Etapa, busco incentivar a participação dos alunos no *chat* e verificar se todos estão atentos à explicação. Não é incomum que os alunos, como estão em suas casas ou em outros espaços, como no trabalho, no veterinário ou, até mesmo, em um hospital, fiquem desatentos à aula. Tal composição social dos alunos é própria de uma aula *on-line* durante o ensino remoto emergencial e define bem o adjetivo emergencial, permitindo que os campos das atividades íntimas se vinculem aos das atividades educacionais. Levando em consideração o pressuposto de que para se entender uma interação discursiva, de acordo com Bakhtin (2002), precisamos compreender as precisas circunstâncias em que o discurso aparece, posso afirmar que a aula, deslocada de um espaço físico para uma plataforma digital, ressignifica o que é institucional, promovendo, ao mesmo tempo, interações espaço-temporais diversas. Diante de tal composição, na maioria das vezes, os alunos avisam sobre a impossibilidade de falar durante a aula, seja porque estão fazendo o almoço ou esperando para serem atendidos em um consultório. Por isso, faço perguntas sobre o conteúdo e peço para eles escreverem as respostas no *chat*, quando possível. Esse tipo de interação discursiva irei denominar de *interação de incentivo*. Podemos observar um exemplo que caracteriza esse tipo de interação a seguir:

Professor: Last class, we talked (...) about the clothes, ri(::*ght*? So how to say pants, jacket, jeans. What else? Do you remember the names of the clothes? Can you write on the chat? The na(::*mes* (...) blouse, t-shirt, please (...) if you remember, please just (...) write on the cha(::*t*, please ((fazendo movimentos de digitar com as mãos suspensas)). The name of the clothes ((dito muito pausadamente)). Let me see if you remember.

((pausa para conferência do *chat*)).

Professor: ((professor ler o *chat*)) skirt, jacket, shoes, skirt, drees, short, (...) right, shoes, skirt. What el(::*se*?, pants. Right. Socks and shoes. Right. (...) Gabriele, very good (...) tie, right, pants (...). How can I say boné ((apontando para a cabeça)) in English? Do you remember? (...) Boné is an accessory. Cap! Ri(::*ght*. Very good!

A interface entre a produção oral e a produção escrita, ao meu ver, é uma das principais características desse tipo de interação e uma novidade da aula *on-line*. Nela, percebemos que o professor inicia o diálogo oralmente e a resposta dos alunos acontece de forma escrita, no *chat*. O professor organiza a interação, usando expressões interrogativas como “What else?” e “Do you remember?”, incentivando a participação dos alunos. Os alunos escutam o professor, mas também veem os seus gestos transmitidos pela câmera. Dessa forma, o professor complementa o comando “write on the chat” com o gesto de digitar com as mãos suspensas. Essa característica contribui para que os alunos compreendam e, portanto, respondam às perguntas do professor, afinal, os gestos, também são parte da composição do enunciado e a compreensão sempre está fundida com a resposta (BAKHTIN, 2002). Quando os alunos digitam as respostas, o

professor lê o nome “cap” e parabeniza, incentivando os alunos, com expressões do tipo “very good!”.

Depois da Etapa 3 da aula, dedicada à *explicação do conteúdo* e a interação por meio do *chat*, inicia-se a Etapa 4, *a produção oral dos alunos*. Ela pode acontecer por meio de perguntas e respostas ou leitura de pequenos diálogos, simulando o uso da língua alvo. No caso em tela, a opção foi pela leitura de um diálogo sobre uma compra em loja, já que um dos objetivos da aula era perguntar sobre preços em inglês usando expressões como “how much”. Os alunos deveriam ler a conversação em duplas, cada um dos alunos assumindo um papel, o de vendedor(a) ou o de cliente. Antes de os alunos começarem os diálogos, expliquei o contexto da conversação; foram feitas perguntas sobre o local e as personagens envolvidas na cena. Após sanar dúvidas de vocabulário, a interação, que caracteriza a Etapa 4, denominada *interação de comando*, prosseguiu da seguinte forma:

Professor: So class, let's practice the conversation, right? In pairs. So please, Alan and Darlene. Alan, you are going to be letter A (...) and Darlene is going to be letter B, right?

Alan: Right!

((pequena pausa))

Professor: You can start, Alan.

Nesse diálogo, o professor inicia a interação orientando como será feita a atividade, nomeando os alunos para a realização da tarefa. Nota-se que o aluno Alan usa a expressão “right” como atitude ativo-responsiva ao comando do professor. Porém, após pequena pausa, foi necessário que o professor reformulasse seu comando, dizendo “you can start, Alan”. Esse exemplo ilustra que é comum, na aula *on-line*, a demora entre as

réplicas do diálogo e a dúvida de que o aluno tenha ouvido a fala do professor devido aos frequentes problemas de conexão, por isso se faz necessário, talvez de forma mais recorrente do que já acontecia na aula presencial (CICUREL, 2011), a reformulação do que está sendo dito para promover a continuidade da interação. Em outros momentos, o professor alongou vogais para dar ênfase a alguns de seus comandos. A palavra “pairs”, por exemplo, foi alongada, possivelmente para produzir a compreensão de que os alunos trabalhariam em duplas. Dessa forma, tanto os gestos, como a entonação (BAKHTIN, 2002), que compõe o todo do enunciado, são ativados no projeto de dizer do professor para suscitar a atitude ativo-responsiva dos alunos, no caso, a leitura do diálogo em duplas em função da construção de um projeto comunicativo no qual os alunos pudessem falar sobre acessórios e perguntar sobre preços em inglês.

Vale salientar que na aula *on-line* de língua inglesa continuamos privilegiando o trabalho com o *role play*, isto é, leitura e emulação de diálogos. Investir nesse tipo de interação pode ser uma resposta mais imediata ao ensino remoto emergencial, ou seja, foi o mais fácil ou viável de ser feito na aula *on-line* naquele momento. Essa prática também pode ser entendida como uma resposta ao contexto institucional, ao cumprimento do conteúdo programático e a sequência apresentada no livro didático, como já antecipou Goulart (2009). A cultura institucional, de acordo com a autora, acaba influenciando nas discursividades que são possíveis durante a aula. Por isso que as interações discursivas precisam ser entendidas, em uma perspectiva dialógica, como uma resposta, não apenas aos interlocutores imediatos – professor e alunos –, mas também, ao contexto sócio-histórico

no qual emergem, ao campo de atividade no qual estão inseridas.

No último exemplo, ainda durante a Etapa 4 da aula, trago uma interação discursiva que ilustra uma *interação oral interrompida*. Essa interação se caracteriza pela impossibilidade de participação oral, pois a aluna que foi solicitada para interagir estava com problemas no microfone e, por isso, não pôde dar continuidade à leitura do diálogo. Apesar desse tipo de interação ser possível em uma aula presencial, no caso de um aluno estar doente e impossibilitado de falar, por exemplo, as especificidades, aqui, são outras.

Professor: Now, Glória and Júlia. Glória, you are going to be letter A. Júlia is going to be letter B, right? So please, Glória you can start.

Glória: Can I help you?

((pausa e um barulho de mensagem chegando no *chat*)).

Glória: Ah (:), não tá prestando não, o microfone.

Professor: Ok, So, então ((pausa)). So, Glória and Joana, right? (...). Glória and Joana. Glória, please, start again.

Glória: Ok.

A característica dessa interação é a reformulação discursiva do comando que foi programado anteriormente pelo professor (CICUREL, 2011). Assim, quando a aluna Glória começa a ler a conversação, percebemos uma pausa. Seguida da pausa, vem a resposta no *chat* da aluna Júlia que informa ao professor que seu microfone não estava funcionando. Mesmo impedida de falar, a aluna compreende e responde ao professor escrevendo no *chat*. Como o professor não estava vendo a tela, quem replica o diálogo é a aluna Glória que assume o papel do

eu na interação, ligando o microfone e falando, em português, que o microfone da colega não estava funcionando. Depois da situação inesperada, quando retoma a fala, o professor usa a expressão “so” e o equivalente em português “então”, gerando uma acentuada pausa, possivelmente uma resposta aos enunciados que dizem que o professor de inglês precisa falar apenas em inglês durante a aula. Para resolver a situação, o Professor, depois da pausa, reformula seu comando inicial, nomeando outra aluna como dupla de Glória e a interação continua até a última dupla ler o diálogo. Expressões do tipo “excellent” e “very good” seguidas dos nomes dos alunos são ditas ao final de cada leitura, evidenciando que as *interações de incentivo* não são características apenas da Etapa 3 da aula.

Finalmente, na Etapa 5, denominada de *encerramento*, o Professor (i) retoma o objetivo da aula; (ii) avisa sobre o conteúdo do próximo encontro e pede para os alunos realizarem as atividades disponíveis no *Google* sala de aula; (iii) despede-se. Essa etapa é muito semelhante e mescla, as etapas de conclusão e encerramento da aula presencial conforme apresentado no Quadro 1 adaptado de Matêncio (1999). A interação discursiva de *despedida* é caracterizada com expressões como “thank you for coming” e “see you next class”. Alguns alunos respondem oralmente ao professor e outros usam o *chat*.

Para concluir esta seção, resta dizer que, por meio das orientações metodológicas de Bakhtin (2002), busquei caracterizar as réplicas do diálogo da aula como uma atitude ativo-responsiva dos interlocutores – professor e alunos – em função da construção de um projeto comunicativo no qual os alunos pudessem falar sobre acessórios e perguntar sobre preços em inglês. A partir da

análise empreendida, no Quadro 2, são resumidos os tipos de interações discursivas vinculados às etapas de organização da aula

on-line de língua inglesa na plataforma *Google Meet*, apontando as características de cada um.

Quadro 2 – Interações discursivas em uma aula *on-line* de língua inglesa na plataforma *Google Meet*

ETAPA DA AULA	TIPO DE INTERAÇÃO DISCURSIVA	CARACTERÍSTICAS
Acesso à plataforma	Viabilização da entrada na plataforma.	Perguntas escritas pelos alunos no grupo de <i>WhatsApp</i> sobre o <i>link</i> da aula. Professor responde postando o <i>link</i> .
Abertura	Boas-vindas aos alunos.	Professor usa expressões como “good morning” e “how are you” para cumprimentar os alunos. Os alunos respondem oralmente ou escrevem no <i>chat</i> .
Explicação do conteúdo	Interação de certificação	Professor usa expressões como “can you see” para se certificar de que os alunos estão atentos à aula ou com algum problema técnico.
	Interação de incentivo	Professor usa expressões do tipo “what else” e “very good” para incentivar a participação dos alunos.
Produção oral dos alunos	Interação de comando	Professor usa expressões no imperativo como “Let’s practice the conversation” complementada com gestos e mudança na entonação. Os alunos demoram na réplica oral.
	Interação oral interrompida	Professor reformula oralmente o comando feito aos alunos. Alunos respondem no <i>chat</i> para garantir a continuidade da interação.
	Interação de incentivo	Professor usa expressões como “excellent” e “very good” seguidas dos nomes dos alunos ao final de cada leitura.
Encerramento	Interação de despedida	Professor usa expressões do tipo “thank you for coming” e “see you next class”. Os alunos respondem oralmente e por escrito no <i>chat</i> .

Fonte: elaboração própria.

A análise ilustra que uma aula *on-line* de língua inglesa na plataforma *Google Meet*, durante o ensino remoto emergencial, possui tipos relativamente estáveis de interações, como resumido no Quadro 2. Portanto, reafirmo que as interações discursivas são diversas, mas organizadas a partir de um repertório de fórmulas recorrentes (GOU-LART, 2009) e, na aula *on-line*, pelas condições sócio-históricas específicas em que estamos vivendo devido à pandemia da covid-19, elas assumem vicissitudes diferentes da aula presencial, apesar de manterem com ela muitas semelhanças.

Considerações finais

Como foi anunciado na introdução deste trabalho, o objetivo era compreender as características das interações discursivas de uma aula *on-line* de língua inglesa na plataforma *Google Meet*. A análise permitiu, ao assumirmos um olhar dialógico, que as interações discursivas entre professor e alunos fossem caracterizadas a partir do contexto de realização da aula, levando em consideração as atitudes ativo-responsivas dos interlocutores – professor e alunos – em função da construção de um projeto comunicativo no qual os alunos pudessem falar sobre acessórios e perguntar sobre preços em inglês comparando, sempre que possível, com as interações da aula presencial. O estudo apresentou, portanto, um panorama das características das interações discursivas em uma aula *on-line* de língua inglesa na plataforma *Google Meet*.

A análise das interações discursivas e de suas características demonstra, de forma geral, que nesta aula *on-line* de língua inglesa na plataforma *Google Meet* os principais desafios tem sido os relacionados à conexão com a internet e ao funcionamento dos microfones que impede, por vezes, a participação oral de todos os alunos. Destaco, ainda, a possibilidade de resposta dos alunos no *chat* pode ser compreendida como um aspecto positivo desse contexto, pois mesmo diante de problemas técnicos, garante a continuidade da interação e a participação de todos os alunos.

Por fim, mesmo de caráter preliminar e sobre um contexto muito situado – uma pequena narrativa –, esta pesquisa pode ser um instrumento para a compreensão mais detalhada das características das interações discursivas em uma aula *on-line* de língua inglesa. Dessa forma, as pesquisas que as-

sumem um olhar dialógico sobre as interações discursivas podem, ainda, contribuir para o campo da LA, no que se refere ao ensino-aprendizagem de línguas e à formação do professor, provocando reflexões para se pensar aspectos que são comuns às aulas *on-line* de língua inglesa em tempos de pandemia e fomentar o debate em torno do ensino-aprendizagem de línguas em contexto mediados pelas tecnologias educacionais.

Referências

- BAKHTIN, M. M. **Os gêneros do discurso**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e de Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.
- BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini, José Pereira Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena Spryndis Nazário e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Editora Hucitec, 2002.
- BASTOS, R. L. G.; LIMA, S. de C. Narrativas de aprendizagem de inglês em tempos de pandemia. In: OLIVEIRA, K. C. C. de; ALBUQUERQUE, F. G. de; ARAÚJO, A. da S.; SANTIAGO, A. G. J. de (org.). **Reflexões sobre o ensino de línguas e literatura, formação docente e material didático**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. p. 75-91.
- CICUREL, F. De l'analyse des interactions en classe de langue à l'agir professoral : une recherche entre linguistique interactionnelle, didactique et théories de l'action. **Pratiques**, [S.L.], n. 149-150, p. 41-55, 15 jun. 2011.
- GOULART, C. Em busca de balizadores para a análise de interações discursivas em sala de aula com base em Bakhtin. **Revista de Educação Pública**, [S. l.], v. 18, n. 36, p. 15-31, 2012.
- PAES, F. C.; FREITAS, S. Trabalho docente em tempos de isolamento social. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 12, n. 2, p. 129-149, 21 set. 2020.

OLIVEIRA, A. S. S. de. TORGA, V. L. M.; RIBEIRO, M. D'A. A. A interação verbal em sala de aula: leituras bakhtinianas sobre o lugar da palavra no processo de ensino-aprendizagem. Caderno Seminal Digital. Rio de Janeiro, v. 19, n. 19, 29 jul. 2013.

RECUERO, R.; SOARES, F. O Discurso Desinformativo sobre a Cura do COVID-19 no Twitter: Estudo de caso. **E-Compós**, [S. l.], Ahead of print, 10 set. 2020.

SINCLAIR, J. MC. H., COULTHARD, R.M. **Towards**

an Analysis of Discourse. Oxford University Press, 1975.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.

Recebido em: 08/04/2021

Aprovado em: 06/06/2021



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

O “R caipira” no sul do Pará: uma marca sociolinguística da (de)colonialidade

*Manoella Gonçalves Bazzo (UFMS)**

<https://orcid.org/0000-0002-5746-5306>

*Tânia Ferreira Rezende (UFG)***

<https://orcid.org/0000-0003-3954-2758>

Resumo:

Este artigo aborda a relação língua e sociedade, numa perspectiva decolonial, sobre a realização da variante retroflexa [ɺ] no município de Redenção, sul do Pará. Baseada na Sociolinguística Laboviana (LABOV, 2008), desenvolvemos uma pesquisa de campo, valorizando o caráter qualitativo, envolvendo aspectos históricos, culturais, sociais e linguísticos em torno da história da região sul paraense e os sujeitos redencenses. A partir da pesquisa, destacamos que a variante [ɺ] torna-se uma estratégia de manutenção da colonialidade quando associada à realidade rural, especialmente, vinculada ao agronegócio; ao mesmo tempo, ela se torna espaço de luta política e de enfrentamento, relacionado a contextos internos do estado do Pará e envolvendo a variante alveopalatal [ʃ].

Palavras-chave: Sociolinguística; Decolonialidade; Variante retroflexa; Paraense.

Abstract:

The “R caipira” in Southern of Pará: a sociolinguistic mark of (de)coloniality

This article addresses the relationship between language and society, in a decolonial perspective, on the realization of the retroflex variant [ɺ] in the municipality of Redenção, southern Pará. Based on Labovian Sociolinguistics (LABOV, 2008), we developed a field research, valuing the character qualitative, involving historical, cultural, social and linguistic aspects around the history of the southern region of Pará and the Redemption subjects. From this research, we highlight that the variant [ɺ] becomes a strategy for maintaining coloniality when associated with the rural reality, especially linked to agribusiness; at the same time, it becomes a space for political struggle

* Doutoranda em Estudos de Linguagens: Linguística e Semiótica, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: manugbazzo@gmail.com.

** Professora Associada na Universidade Federal de Goiás (UFG). Doutora em Estudos Linguísticos, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: taniaferreirarezende@gmail.com.

and confrontation, related to internal contexts in the state of Pará and involving the alveopalatal variant [ʃ].

Key words: Sociolinguistics; Decoloniality; Retroflex variant; Paraense.

Introdução

A proposta desse artigo é apresentar os resultados de uma pesquisa sociolinguística, desenvolvida no interior do estado do Pará, especificamente no município de Redenção, envolvendo a realização da variante retroflexa ([.ɹ]) com aspectos históricos, culturais, geográficos e sociológicos da região sul do Pará e sua população.

Essa variante predomina em pesquisas dos estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, construindo uma rota sociolinguística de sua realização pelo centro-sul do Brasil, baseada na rota dos bandeirantes (CARREÃO, 2017). Isso porque, os bandeirantes, carregando em seus corpos mestiços a mistura étnica, resultado da violenta miscigenação ocorrida entre homens brancos e portugueses e mulheres indígenas e ameríndias (CARREÃO, 2017), bem como a mistura linguística, também resultado dos encontros conflituosos entre brancos, indígenas e africanos, tornaram-se os grandes representantes e disseminadores do *dialeto dos bandeirantes*, traço da cultura caipira, pelo interior do Brasil (AMARAL, 1920; REZENDE, 2005).

Com isso, apesar de pouca abrangência sobre a região norte do Brasil, a rota bandeirante torna-se a rota de expansão do dialeto caipira em diferentes lugares brasileiros. Contudo, para o contexto da Amazônia, esse processo é ressignificado sobre a proposta dos *bandeirantes modernos* (SILVA, 2008) ou *novos bandeirantes*. Tal ressignificação perpassa o contexto histórico de colonização do espaço amazônico, especificamente a região sul do Pará, também conhecida como Araguaia Paraense.

Até meados da última década do século XIX, a região do Araguaia Paraense era, por um lado, predominantemente indígena, e, por outro, favorecia o campesinato pastoril (SILVA, 2007). Contudo, a partir de 1960, devido ao processo de integração da Amazônia com o restante do Brasil e ao desenvolvimento da indústria automobilística, que incentivou a ampliação do setor rodoviário brasileiro, esse espaço foi drasticamente transformado, favorecendo oligarquias rurais paulistas, bem como o grande capital nacional e internacional (ALMEIDA, 2006; SILVA, 2007; 2008). É nesse período que os *novos bandeirantes* se firmam no sul e sudeste paraense, especificamente na região Araguaia, agora ressignificados no corpo do homem, branco, produtor rural, e sociolinguisticamente marcados pela realização da variante retroflexa ([.ɹ]), tendo em vista a origem de seus corpos dentro do espaço brasileiro.

A partir disso, entende-se que a forma como o processo colonizador presente no sul e sudeste do Pará foi conduzido é muito semelhante ao que aconteceu em toda a América Latina: exploração dos recursos naturais e humanos baseada na dominação política, social e epistêmica, favorecendo o mercado capitalista externo.

Com o passar dos anos, a forma colonial de exploração se extingue (em partes), mas sua estrutura, base de dominação, permanece dominando corpos e epistemes. Esta estrutura é compreendida como colonialidade do poder (QUIJANO, 2005; 1992) e encontra-se sustentada em duas ideias principais – a classificação racial de corpos

e o controle do trabalho e do mercado mundial. Como aponta Quijano (1992, p. 440), “a colonialidade [...] é ainda o modo mais geral de dominação no mundo atual”, especialmente porque se desmembra em outras dimensões com a dominação e o controle das intersubjetividades e culturas dos povos dominados, o que é conhecido como “colonialidade do saber” e a inferiorização, subalternização e desumanização de povos e corpos – “colonialidade do ser” (WALSH, 2012).

Conforme Silva (2010), a maior parte das histórias de origem dos municípios do sudeste do Pará traz como mito fundador os processos de migração ocorridos na década de 70. Com isso, algumas das identidades construídas são a do migrante, notadamente os do centro-sul do país, denominados como *pioneiros, desbravadores, paulistas*¹ e, no caso específico, *novos bandeirantes*; e, do outro lado, os *indígenas, os caboclos, os ciganos*, e, em alguns casos, os *ribeirinhos, o nordestino, o maranhense*. Aos primeiros, ligam-se aspectos como *desenvolvidos, corajosos, civilizados*, enquanto que os do segundo grupo são conhecidos como *selvagens, inimigos e preguiçosos*, definidos pela lógica da colonialidade do ser (WALSH, 2012).

Com o decorrer dos processos de ocupação, a prática de discriminação identitária classificou os migrantes que foram chegando e se instalando na região do Araguaia Paraense. Conforme Silva (2006, p. 22), “as qualidades do caboclo e do nordestino são aquelas necessárias para se enfrentar o trabalho braçal em condições extremamente

adversas. Já a contribuição do sulista diz respeito à técnica e à experiência”. A marca do corpo é racializada a partir de uma geopolítica que favorece o migrante do Centro-Sul (migrante rico) em relação ao migrante do Nordeste (migrante pobre).

Diante dessa lógica, Quijano (2005, p. 118) explica que “as novas identidades históricas produzidas sobre a ideia de raça foram associadas à natureza dos papéis e lugares na nova estrutura global de controle do trabalho”. Com isso, no sul e sudeste paraense, a discriminação construída para o corpo nordestino (particularmente o maranhense) justifica a exploração de sua mão de obra e determina seu lugar dentro do espaço como o *dominado, o incapaz, o subalterno*, bem como justifica o corpo branco do Centro-Sul como o *dominante* e mantém seu lugar de *pioneiro, desbravador, patrão, fazendeiro, produtor rural*.

Essa lógica foi sustentada pelo próprio governo por meio de uma geopolítica que, por um lado, incentivou a vinda de grandes projetos de colonização e de incorporação de terras, com investimentos provenientes do centro-sul do país e também do exterior; e por outro, favoreceu a migração nordestina com vistas a garantir mão de obra para esses grandes empreendimentos e minimizar os conflitos da seca no nordeste brasileiro (SOUZA, 2002).

Dessa forma, além de espaço de conflitos agrários, o sul do Pará é marcado pelos conflitos em torno da construção e eliminação de *identidades alocadas* (MIGNOLO, 2008), fundamentadas no processo de modernidade/colonialidade presente na região e no jogo enunciativo de vozes silenciadas.

Procurando aprofundar essa questão, essa pesquisa se desenvolveu para além do caráter linguístico, pois todo o contexto histórico, social e cultural da região foi impor-

1 Silva (2010) explica que, no período de 1970, no território amazônico, a maior parte dos migrantes do sul e sudeste do Brasil são assim denominados, sendo conhecidos como “[...] aquele que vem de fora, com muito dinheiro no bolso, comprador de terras” (MARTINS, 1980, p. 06-07 *apud* SILVA, 2010, p. 44).

tante para compreender a relação língua, sociedade e cultura envolvendo a presença da variante [ɫ] no sul do Pará. A decolonialidade foi a perspectiva adotada para a interpretação da materialidade empírica, promovendo novos olhares sobre a realidade histórica, social, cultural e linguística do município de Redenção.

A Sociolinguística como área de pesquisa

O surgimento da Sociolinguística traz para o campo de debate a variação e a mudança linguística presente na comunidade e comum nas línguas naturais humanas. Divergindo de algumas propostas que tratavam a variação na estrutura linguística ou como *alternância de código* ou como *variação livre*, Labov (2008) reconhece a existência da variação como a ruptura ao paradigma da homogeneidade linguística. Como ele aponta: “tão logo eliminarmos a suposta associação entre estrutura e homogeneidade, estaremos livres para desenvolver os instrumentos formais necessários para lidar com a variação inerente dentro da comunidade de fala” (LABOV, 2008, p. 238).

Nesse aspecto, a variação está ligada às estruturas heterogêneas presentes em qualquer língua e em qualquer comunidade, e os diferentes modos de falar caracterizam uma comunidade (ALKMIN, 2007). Essas diferenças podem ser influenciadas por aspectos linguísticos ou extralinguísticos. Dessa forma, há questões de ordem fonológica, sintática, morfológica que justificam a variação existente; por outro lado, os aspectos extralinguísticos podem relacionar-se ao contexto interfalante/social (idade, sexo/gênero, escolaridade) ou intrafalante/estilística (atenção).

A relação com a linguagem é entendida como uma forma de ser e estar no mundo

(REZENDE, SILVA, 2018). As práticas sociolinguísticas das pessoas incorporam realidades múltiplas, envolvendo o lugar, o corpo, o espaço, a cultura, a política, entre outros aspectos, compartilhados e não compartilhados pelas pessoas em determinados contextos e encontros sociais. Assim, “as práticas sociolinguísticas identificadoras dos seres passam a ser parâmetros de avaliação desses seres e credenciais de valoração de suas práticas sociais em geral” (REZENDE, SILVA, 2018, p.176).

Por conta disso, algumas variáveis ou variantes linguísticas são comumente associadas a determinadas comunidades sociolinguísticas, a elas sendo estabelecidos critérios de avaliação social, agregando valores aos seus diferentes usos e realizações. Esse tem sido o caso da variável <R>. Em estudo desenvolvido em Nova York, Labov (2008) destaca a pronúncia dessa variável como um padrão de prestígio no falar nova-iorquino. Já Amaral (1920) aponta o uso da variante retroflexa dessa variável <R>, no contexto brasileiro, como um caso de estereótipo linguístico, ao associá-la aos “roceiros ignorantes da antiga província de São Paulo”, ao dialeto caipira.

Nota-se, portanto, que a variação sociolinguística torna-se espaço de disputas e debates que vão além do campo linguístico, envolvendo relações de poder que atravessam as estruturas sociais na comunidade, apontando as estruturas sociolinguísticas presentes. Com base nisso, Labov (2008) define uma variável sociolinguística em três níveis de consciência sociolinguística dentro da comunidade:

- a) indicador ou traço linguístico – apresenta distribuição regular na estrutura sociolinguística; “[...] [é usado] por cada indivíduo mais ou menos do mesmo modo em qualquer contexto”

(LABOV, 2008, p. 275). Como exemplo, temos o padrão de realização da variante tepe alveolar [r] nas posições intervocálica e seguindo consoante na mesma sílaba, no português: *arame* [a'ráme], *cravo* ['kravu];

- b) marcador – apresenta algum tipo de hierarquia dentro da estrutura, com distribuição social e estilística. Um bom exemplo é o emprego dos pronomes *nós* e *a gente* no português brasileiro;
- c) estereótipo – “um pequeno número de marcadores sociolinguísticos ascendem à consciência social explícita e se tornam *estereótipos*” (LABOV, 2008, p. 287, grifo do autor). Portanto, há um alto nível de avaliação social sobre a realização de certo fenômeno linguístico, como é a realização retroflexa da variável <R> em algumas comunidades dentro do Brasil.

Esses níveis de consciência têm fundamentado diversas pesquisas dentro do universo sociolinguístico da realidade brasileira, além de embasar discussões em torno de situações de preconceito e prestígio sociolinguístico, como se verifica nos trabalhos de Leite (2004) e Roncarati (2008).

Há diversas situações que agregam prestígio a certa variante sociolinguística dentro da sociedade, a principal delas é a gramática normativa, favorecida pelo ensino escolar e pela academia. Apesar disso, algumas variantes, mesmo estigmatizadas, conseguem se manter dentro da estrutura sociolinguística, sendo favorecidas por uma avaliação social mais velada, denominada como prestígio encoberto (LABOV, 2008, p. 288). Esse tem sido o caso da variante retroflexa [ɹ] no contexto brasileiro. Apesar de Amaral (1920) prever o seu desaparecimento e extinção, essa variante encontra-se cada vez

mais forte e presente em diferentes comunidades pelo Brasil, conforme verificado em estudos como Aguilera e Silva (2011), Castro (2013), Leite (2004), Oushiro e Mendes (2011), Rezende (2005), Silva (2016).

Aspectos metodológicos

O presente trabalho traz uma pesquisa de campo de caráter qualitativo, embasada na proposta da Teoria da Variação e Mudança Linguística desenvolvida por Labov (2008). Com isso, escolhemos um fenômeno linguístico para estudo – a variante [ɹ]; delimitamos o campo de pesquisa – o núcleo urbano do município de Redenção, sul do Pará; além de definirmos grupos de fatores para a análise – gênero (masculino/feminino), faixa etária (Faixa I - Faixa I – 18 a 26 anos / Faixa II – 27 a 36 anos) e escolaridade (Ensino Fundamental/ Ensino Médio/ Ensino Superior) dos(as) coparticipantes.

Para alcançar a materialidade empírica do trabalho, optou-se por realizar entrevistas focalizadas e parcialmente estruturadas com 12 (doze) redencenses natos e que tenham vivido grande parte da sua vida no município. As entrevistas ocorreram em dois momentos distintos, sendo: a) primeiro encontro (outubro/2018 a abril/2019) – momento em que o material gravado gerou a materialidade empírica da pesquisa, a qual foi transcrita e serviu de base para a interpretação desenvolvida; b) segundo encontro (agosto/2019 a outubro/2019) – permitiu a apresentação da materialidade gerada aos(as) coparticipantes, buscando receber as opiniões e análises particulares de cada um(a) sobre a pesquisa, com vistas a construir uma interpretação compartilhada sobre o estudo em geral.

A escolha dos(as) coparticipantes pauteou-se na definição das células sociais acima, e a seleção envolveu diferentes contextos

sendo: 1) contatos da rede social *Facebook* da pesquisadora; 2) contatos da rede familiar da pesquisadora; 3) contatos a partir de indicações, seja pelos(as) próprios(as) coparticipantes, seja a partir da indicação de pessoas que não participaram da pesquisa.

Ressalta-se que nem todos(as) os(as) coparticipantes aceitaram participar do 2º momento de entrevista, o qual foi realizado com oito dos(as) doze coparticipantes iniciais.

Interpretação compartilhada da materialidade empírica

Ao final do primeiro momento de entrevistas, feita a transcrição da materialidade empírica gerada, constatamos a realização da variante [ɹ] por três coparticipantes. Apesar disso, sua realização não é categórica, visto que a variante fricativa glotal ([h]) foi a realizada por todos(as) os(as) coparticipantes, entendida, portanto, como a variante menos marcada na realização da variável <R>, especialmente no contexto pós-vocálico de sílaba interna.

Ressaltando o caráter qualitativo de compreensão do fenômeno em questão, algumas temáticas, como colonialidade, língua, cultura e sociedade no contexto redencense são destacadas num processo de *tessitura* da materialidade empírica a partir dos apontamentos, percepções e discussões surgidos durante os encontros ocorridos.

Uma dessas discussões envolve a diversidade cultural e linguística que constitui Redenção, relacionada ao contexto histórico, com destaque especial ao *processo migratório*, como se observa nas falas seguintes²:

2 As falas do primeiro momento, que constituíram a materialidade empírica do trabalho, seguiram o modo de transcrição fonográfica, ou seja, transcrição da fala, aproximando, na medida do possível, da oralidade, conforme orientações das Normas para Coleta e Transcrição de Dados do

- (1) 245 P1 – [...] porque aqui nessa região no sul do Pará aqui tem muito
246 imigrante de fora né ... muito paraense {muito/}

E – {Ahh} os nossos pais são exemplo né

247 P1 – Gaúcho né eles vem de fora pra cá p'a tu achá um ... um daqui mermo é só essa

248 molecada que 'tá nascendo por agora

(REMCS³, 30 anos, feminino)

- (2) 191 P1 – [...] Redenção aqui é muito misturado tem goiano tem minêro
192 tem paraense tem maraense é tudo misturado ... nũ é aqueles/ 'gora dee eu acho que de...

193 de marabá pra lá ... já é mais ... os paraense' mermo ... 'gora 'qui é tudo misturado aqui

194 quarre nũ tem paraense pra falá a verdade

(REJPSS, 32 anos, feminino)

- (3) 286 P4 – Sim ... que nem ... que nem aqui pra nós a gente tem uma cultura muito ... minêra

287 goiãna ... nortista/ não nordestina e ... e a gaúcha né agora lá pra cima rá de marabá pra...

288 p'a belém ... já a cultura mermo do paraense ... da gema ((ele tosse)) da gema ... come

289 pêxe come açaí na tigela ... chia né ... então

(RERMS, 30 anos, masculino)

Obiah - Grupo de Estudos Interculturais Decoloniais da Linguagem, da UFG. As linhas dos enunciados da pesquisadora são iniciadas pela letra E (entrevistadora) e as linhas do(a) coparticipante, pela letra P (participante). E, os enunciados da pesquisadora se encontram em negrito e os do (a) coparticipante sem destaque gráfico.

- 3 Cada coparticipante foi identificado(a) por uma sigla iniciada por RE (Redenção), seguida das iniciais dos nomes de cada um(a). Além disso, o estudo respeitou as orientações do Comitê de Ética, com aplicação de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para todos(as) os(as) coparticipantes.

- (4) 257 P9 – Culturaa aqui no sul doo sul do pará é mu/ é um pôquĩ de cada estado po’que tem
 258 muita gente de fora ... tem muita gente do Maranhão tem muita gente nordestina aqui
 259 tem muita gente dee... do Goiás tem minêro ...’tendeu? nũ é uma cultura tão forte como é
 60 láá no norte do Pará que é em Belém toda’ aquelas cidades próximas ali que são cidades
 261 bem mais velhas né belém tem seus quatrocentos e tantos anos.

(REMVVN, 25 anos, masculino)

- (5) 130 P11 – Ah cultura de Redenção aqui aqui em Redenção praticamente a gente tem aqui
 131 maranhense tem minêro tem goiano acho quee virô essa mistura aqui acho que nũ tem
 132 nada havê com pará mesmo né?

(RENDCEB, 28 anos, masculino)

Nesse grupo, nota-se que as falas e os discursos são semelhantes na constatação da diversidade cultural existente no município e na aparente divergência sobre as representações e significações do que seja a cultura paraense e a região sul do Pará. É o “sentimento deslocado”, discutido por Loureiro (2002), como se esse espaço não pertencesse ao Pará.

Os excertos (1)-(5) permitem inferir uma percepção de diversidade cultural expressa pelo termo *mistura* e seu contraponto, a não diversidade, uma cultura sem mistura, *paraense da gema*. A noção do que seja cultura inter-relaciona linguagem, lugar e alimentação, como se pode perceber, de forma mais nítida, no excerto (3). A constituição do lugar, Redenção, é percebida a partir da migração, a *mistura*. A migração, com a mistura, desmonta a *gema*, que está mais ao Norte, em Belém, e refaz o lugar, com a di-

versidade que o caracteriza agora, com sua linguagem e sua cultura (pessoas/corpos e comidas), deslocando-o do macro espaço, o Pará.

Assim, o *paraense da gema* ou o *paraensezão*, que é o *verdadeiro paraense* é aquele de Belém ou do norte do estado, que, na percepção dos(as) coparticipantes desta pesquisa, tem a língua como uma das principais características de diferenciação, como se observa nos excertos (6) e (7):

- (6) 20 P4 – [...] só p’o ‘cê té ideia a gente nũ conversa igual os paraense’ a gente tem 21 ôto linguajá ôta cultura... p’a gente conversá né aqui a/ ... tem muitas pessoas que falo que
 22 a gente/ conversa parecido com goiano qu’é ... mistura demais de/

(RERMS, 30 anos, masculino)

- (7) 441 P9 – Eeu sei ... assim ... eu vejo que o pessoal lá do/ eu vejo ... quee ... que o paraense
 442 que a gente paraense ... maioria p’incipalmente ... eessa aqui/ que é da gema mesmo eles
 443 ... eles são mais eles são mais a/ abertos ... eles xi/ xi/ xingam maais ... ‘tendeu? eles eles
 444 são meio que ((ele gagueja)) eles são bem disarado’ entendeu? eles são assim ... (nũ)
 445 tem vergonha{eles/}

(REMVVN, 25 anos, masculino)

A identidade do *verdadeiro paraense* não está relacionada ao contexto desse lugar, cuja presença de migrantes de diferentes regiões do país é destacada para apresentar a formação da população, da mistura existente.

Com isso, a ocorrência da variante alveopalatal ([ʃ]) para a realização da variável <S> é apontada como uma marca linguística da diferença. Os(as) coparticipantes desta-

cam dois tipos de paraense: os que *chiam* e os que *não chiam*, sendo que os primeiros são considerados os típicos paraenses: os *verdadeiros, os da gema, o paraensezão*.

Estudos de base sociolinguística, como os de Van Samson e Bentes (2017) e Carvalho (2000), constataam a ocorrência da variante [j] na fala de pessoas da capital, Belém. Na fala dos(as) coparticipantes redencenses, essa ocorrência é verificada e percebida no cotidiano. O uso da variável <S> (chiar ~ não chiar) como marca sociolinguística da diferença destaca a confusão na construção de referência quanto ao ser ou não ser paraense.

Outro tema destacado nas conversas envolveu a perspectiva dos(as) coparticipantes sobre trabalho e desenvolvimento no município. Apresento os excertos dos coparticipantes REAPS, RERMS e REMNDS:

(8) **E – É eu já tã perguntado/ mais assim com relação aqui a a cultura aqui de redenção o que que você acha?**

121 P10 – Éé ... é boa algumas parte' também né? ... que a maioria do povo daqui tamém nũ

122 qué trabalhá pode se dizê aí fala quee que aqui é ruim

E – {É?}

123 P10 – {Mais} fora a parte né não

E – Não?

124 P10 – Quee o povo de fora vem vem montá empresas aqui e sobe na vida ... agora se a

125 maioria doo do povo daqui sobesse trabalhá também né? nũ dizia nada não ma' nũ sabe

E – É nũ sabe não?

126 P10 – Não

E – Por que que 'cê fala que nũ sabe?

127 P10 – Porquee nũ sabe a maioria te/ tem preguiça

(REAPS, 20 anos, masculino)

(9) 162 P4 – Aqui em Redenção então assim é... é uma cidade que tem muito a crescê

né ... muita

163 a ... assim desenvolvê ainda

E – Ūrrũ

164 P4 – Éé igual eu falei pra mĩa esposa que nem ... a gente vai pra cima aí ééé a gente tem

165 que tê visão ... de crescimento pra cá po'que ... muitas pessoas que tá ... tipo em capital

166 que nem Goiânia ... vem p'uma cidade pequena p'a ganhá dinhêro e e ganha po'que tem

167 ôtas visões né que nem aqui 'a cidade que ... o pessoal aqui é exigente Redenção é um

168 pessoal exigente que nem ... muitas culturas muitas ... pessoal do sul do país pessoal

169 muito enjoado muito ... então assim é um pessoal que que qué coi/ vestí coisa boa vestí

170 rôpa boa qué andá de carro bom ... então eles nũ querem ... nũ querem coisas ruins né

E - Ūrrũ

171 P4 – Eu eu acho que aqui é um/ uma cidade que tem muito a desenvolvê 'inda

(RERMS, 30 anos, masculino)

(10) 65 P3 – E questão de de de/... oportunidade tem muita oportunidade em Redenção a rente não

66 vê mais um ...

67 Uma coisa que me chamou muita atenção no dia qu'eu vi ... eu vi um sinhôzĩ com

68 uma caxinha vendendo salgado da renascer ... ele comprava a cinquenta centavos e vendia

69 a um e cinquenta

E – Ah aqueles doo/

70 P3 – É da Renascer ali na caxĩa comprava/ foi lá pe/comprô DEiz salgado' ... e foi vendê

71 na rua ... e e e ele tá (emprendeno) ele tá sobreviveno

E – Ārrã

72 P3 – 'Cê vê ele pega um um capital aí de ci/ ele comprô deiz ele gastô cinco reais e vai

73 ganhá quinze

E - Ūrrũ

74 P3 - Né

E - É ... aí ele sai vendeno/

75 P3 - Vendeno na rua andano então quem qué trabalhar ... dá um jeito

E - É

76 P3 - Né ... i dia p'a traiz eu ta' observano na frente do Banco do Brasil nũ tem ninguém

77 vendeno água na frente daqueles banco o cara passa uma hora e meia dent'ó daquele banco

78 o cara sai {morrendo de sede} ele nũ espera chegá em casa ...

E - {Morrendo de sede} ... verdade

79 P3 - 'Cê ele tem dois reais ele compra a água ali

E - Ūrrũ

80 P3 - Tem a/ então assim falta essas essa/ tem pessoas que nũ tem essa visão aqui em em

81 em em Redenção ainda sabe (ainda 'cê vê) ... a agora o que eu tipo tenho se/ apareceu o

82 semáfaro né

E - É

83 P3 - Aí p'a pedí tem rente pedino ... é essas coisa' é né

E - Malabarista

84 P3 - É essas coisa' entendeu nũ nũ é que vo/ nũ é contra isso

E - Ārrã

85 P3 - Mais o povo nũ olha {pra esse/}

E - ((eu digo algo que não consigo compreender)) Que tem outros lugar' que tem oportuni{dade/}

86 P - Da de de ganhá dinhêro mai' ninguém ninguém ninguém vai

(REMLDS, 27 anos, masculino)

O que chama a atenção nessas falas é a congruência para um discurso pejorativo com relação ao povo paraense: *povo preguiçoso*. Na fala do coparticipante mais jovem - REAPS - esse discurso é explicitamente empregado, sendo expresso em eufemismos nas falas seguintes. Essa constatação justifica-se pela prosperidade alcançada pelas pessoas que “vem de fora”, que sabem

“ganhar dinheiro” nesse espaço - “vem montá empresas aqui e sobe na vida”, “tem outras visões”. A colonialidade do poder é a base fundante para a construção e reprodução desse tipo de discurso pelos sujeitos redencenses, os quais não usam a variante retroflexa e são descendentes de famílias nordestinas.

A imagem das pessoas de origem nordestina, especialmente, maranhense, está associada ao serviço braçal, e a imagem das pessoas de origem sulista associa-se ao fazendeiro e ao patrão (SILVA, 2010). Ou seja, os corpos trazem codificações que constroem representações e valores sociais atrelados às historicidades dos grupos, sejam os grupos subalternizados ou os subalternizadores, situados no processo histórico de Redenção. Os corpos e as vozes dos coparticipantes REAPS e RERMS são representativos de sujeitos não hegemônicos, de grupos subalternizados, entretanto, seus discursos reproduzem os discursos de quem narra a história oficial e de como é retratada a realidade do município.

A fala do coparticipante REMLDS ressalta a prosperidade que o município apresenta, mas faltam pessoas dispostas a trabalhar. Sendo produtor rural, muito da conversa trouxe a temática de sua vivência nesse âmbito. Ao destacar Redenção como “terra de oportunidade”, observamos que ele reproduz o discurso que ecoa desde o passado colonizado desse espaço. Muitos migrantes vieram para essa região buscando novas oportunidades, melhoria de vida, acreditando no discurso colonizador de enriquecimento e abundância produzido pelo governo.

Na Figura 2, para ilustrar essa perspectiva de prosperidade e oportunidade que ainda ecoa no município e na região, destacamos uma propaganda do governo do período da colonização da Amazônia.

Figura 2 - Propaganda do governo incentivando a ocupação da Amazônia no final de 1970.



Fonte: <http://cesppmgeografia.blogspot.com/2013/05/chega-de-lenda-vamos-faturar.html>

Observa-se que a imagem *vende* o discurso da abundância e da riqueza para aqueles que estão dispostos a investir no espaço amazônico. Contudo, essa promessa não esteve disponível para todos, como se verificou na história da região. Uma grande parte dos migrantes não conseguiu prosperar, estando à mercê da marginalização e da pobreza, em grande parte devido à falta de incentivos governamentais, que buscou favorecer os grandes projetos agropecuários e o capital estrangeiro (VAZ, 2013).

As relações de trabalho presentes nesse espaço são perpassadas por situações análogas à escravidão e também de especula-

ções, arranjos e incertezas. Desvincular o contexto de prosperidade ou de preguiça significa reconhecer situações e lugares de privilégios ou de subalternidades no contexto amazônico. Essa situação ainda é delicada num contexto de exploração recente e presente para a realidade sul paraense.

Após a apresentação da materialidade empírica da pesquisa aos(as) coparticipantes, constatamos o reconhecimento da variante ([L]) dentro do município de Redenção. O fenômeno inclusive recebeu algumas nomeações como *erre puxado*, *falar arrastado*, *puxadinho do erre* e *erre goiano*. Apesar disso, a maior parte dos(as) coparticipantes

avaliou que a variante retroflexa não é uma variante *normal* do lugar. Ela está associada a pessoas que vieram de fora e chegaram à região, vinculadas ao processo de migração, característico desse espaço. Os(as) próprios(as) coparticipantes reconhecem que o fator que justifica a existência da variante retroflexa em Redenção-PA são as trocas linguísticas ocasionadas pela presença de migrantes dos estados de Goiás, Mato Grosso e Minas Gerais e seus descendentes.

Além disso, os(as) coparticipantes reforçaram a narrativa do *paraense da gema*, quando apontaram diferenças sociolinguísticas, vinculadas à distância do centro hegemônico cultural e linguístico, mais presente ao norte do Estado. A realidade linguística do município de Redenção distancia-se da *cultura paraense*, caracterizada linguisticamente pela fricativa alveopalatal desvozeada ([ʃ]) e pelo uso de gírias como *égua*, *mana*, reforçando diferenças não apenas no campo linguístico, mas também cultural, como apontado nas falas a seguir:

(11) Marabá pra lá [Belém] já começa né a falar aquelas/as língua' dele. Aqui quase não tem paraense paraense, paraense legítimo mesmo aqui quase não tem não ... são poucos.

(REJPSS, 32 anos, feminino)

(12) Na verdade, Redenção não tem um linguajar ... certo. O paraense tem, que é chiano, né, só que nós num chia pra cá ... então assim ... é bem complicado pra nossa região

(REMLDS, 27 anos, masculino)

(13) Tudo quanto fala “Pará” o povo já pensa assim, do chiado, né. Sendo que pra li, na região Sul [do Pará]... já não tem muito, assim, o chiado, igual tem pra Marabá, Belém ... a gente não vê, né, muito ... essa essa parte. Então ... mas, se falar em ... Pará, assim, o pessoal já fala, né, “Cadê o chiado?” não tem, né ... igual quando eu/ já pergun-

taram “Uai, tu não chia não?” ... pois é, e a gente não tem isso, entendeu?

(REBRMP, 19 anos, masculino)

Como se observa, o fator linguístico é uma marca de identificação. Apesar de haver uma exigência externa pela realização da variante [ʃ] sobre os(as) redencenses, o *chiado*, assim como a realização da variante retroflexa, não caracteriza um *linguajar* redencense.

Com isso, foram reconhecidas como as variantes não marcadas, a variante fricativa glotal ([h]) da <R>, conforme apontado pela fala da coparticipante RETCC: “O erre daqui [Redenção] é o erre arrastadinho normal”; e a variante fricativa alveolar ([s]) para a <S>, comumente presente no início de sílabas como sono [ˈsõnu] e saci [saˈsi].

Percebendo o teor da avaliação social associado às variantes, abordamos a respeito do preconceito linguístico envolvendo sua realização. Pela fala da maioria dos(as) coparticipantes, o indivíduo que realiza a variante [ʃ] é um alvo mais forte de “brincadeiras” do que o indivíduo que realiza a variante [ɹ]. Entre os argumentos apontados para explicar essa realidade, destaca-se o do coparticipante REBRMP, apresentado no excerto (14):

(14) Pra gente ali, a gente está mais próximo do Goiás, né, assim ... praticamente. Tanto é que é/ mais perto ir pra Goiás do que pra Belém, entendeu? Então, eu creio que/ ... a nossa cultura tem mais puxado, tanto é que antigamente, né, não sei, parece que ali pertinho era Goiás, agora que afastou um pouco, entendeu? Então, eu acho que a gente é mais ... tem mais a ver com Goiás do que pra lá, entendeu? [...] Até eu falo assim às vezes, o/a capital de Redenção é Goiânia. Até eu gosto de brincar, entendeu? Porque ... porque a maioria do povo vai pra Goiânia, entendeu? Então, tipo assim, a cultura ...

(REBRMP, 19 anos, masculino)

Nota-se que a relação de identificação com aspectos culturais e o fator da distância que dificulta o acesso à capital do estado e, conseqüentemente, o contato com aquela realidade, justificam atitudes de preconceito linguístico com relação às pessoas que realizam a variante [ʃ]. Para esse jovem redencense, a cultura de Redenção se aproxima mais da realidade de outros estados como Goiás. Esse fator foi também muito destacado durante a primeira entrevista com os(as) coparticipantes. Aspectos como culinária, dança e língua são diferentes e justificam realidades diferentes entre o norte e o sul do estado do Pará.

Para o coparticipante REMVVN, contudo, a variante [ʃ] é mais estigmatizada devido a um preconceito existente com relação à região norte do Brasil, como apresentado no excerto (15). O coparticipante traz em sua análise um macro contexto social e cultural de discriminação nacional, muito vivido por pessoas dessa região, e também da região Nordeste.

- (15) Eu acho que tem [preconceito] mas, eu eu digo assim, não em grande escala mais como era antigamente, porque preconceito é difícil tu dizer que va/ acabou, vai ter preconceito com língua ... com região/ às vezes, tu fala que é do/ tu vai no Sul e fala que é do Norte, já tem certo preconceito, mas no sotaque nem tanto. Eu acho que, hoje em dia, eu vejo mais preconceito de região: “Ah”, tipo, “você é do Pará. Lá o índice de criminalidade é muito alto”. Então, as pessoas já ficam meio assim, porque tem tem uma certa divulgação daqui, que aqui é horrível/ do No/ eu digo do Norte em geral.

(REMVVN, 25 anos, masculino)

Essas duas abordagens (excertos (14) e (15)) trazem à tona diferentes graus da relação *centro vs periferia* imbricados nas re-

lações de poder e alteridades presentes na região do Araguaia Paraense. Internamente, a região sul do Pará é periferia em comparação com a região Norte. Essa é considerada o centro do poder administrativo e político do Estado; conta com a capital Belém, que possui 402 anos de criação e emancipação; é marcada pelo desenvolvimento e reconhecida como espaço das principais representações culturais paraenses. Externamente, o Pará se torna parte da periferia brasileira, pois está situado na região norte do Brasil, que junto com a região Nordeste, é uma das regiões, em termos políticos e sociais, menos valorizadas no contexto nacional, especialmente em relação à região Sudeste – centro do poder econômico e político brasileiro. A título de exemplificação, aquelas duas regiões apresentam os menores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) do Brasil, onde o estado do Pará ocupa a 24ª posição entre os estados brasileiros, perdendo apenas para o Piauí (25ª), Maranhão (26ª) e Alagoas (27ª); enquanto que, ocupam a dianteira o Distrito Federal (1ª), São Paulo (2ª) e Santa Catarina (3ª) (IBGE, 2010).

Dessa forma, o envolvimento com os(as) coparticipantes da pesquisa apontou diferentes conflitos no campo da linguagem, como o embate de significações dos usos das variantes [ɹ] e [ʃ]. Como ressaltado na fala da maior parte dos(as) coparticipantes, apesar de Redenção pertencer ao Pará, sua realidade sociolinguística distancia-se da cultura do norte do estado, representada na fala pela predominância da variante fricativa alveopalatal desvozeada [ʃ] na realização da variável <S>. Isto é, a realização da variante [ʃ] distingue os sujeitos do norte dos sujeitos do sul do Pará, caracterizando aqueles(as) como *verdadeiros paraenses, paraenses legítimos, paraenses da gema*, e os(as) demais como os(as) *outros(as)* pa-

raenses. Se esses(as) *outros(as)* paraenses realizarem a variante [ɹ], além de serem os(as) *outros(as)*, são *os(as) outros(as) misturados(as)*.

Ainda, com relação à realização da variante [ɹ], apesar dela ressaltar a diferença, percebemos uma avaliação social que associa sua realização com aspectos da tradição agropecuarista no município, agregando prestígio social ao seu uso.

Essa associação vincula-se ao processo histórico da região, marcada pela colonização do espaço pelo corpo do homem migrante, especialmente, dos estados do centro-sul brasileiro. Esses são reconhecidos no município como os *pioneiros*, os *grandes desbravadores*, que colaboraram para o desenvolvimento da região sul-paraense.

No contexto deste trabalho, envolvendo as rachaduras decoloniais, esses são reconhecidos como *novos bandeirantes*, ou seja, uma continuidade tardia e renovada dos antigos bandeirantes que se estabeleceram nos estados de Goiás, São Paulo e Minas Gerais, principalmente.

Esses *novos bandeirantes*, bem como outros grupos migrantes, encontram-se interligados aos diferentes ciclos econômicos que ocorreram no sul do Pará, em diferentes níveis de atuação e presença, mas, marcadamente atuantes no campo econômico e cultural do agronegócio. No campo cultural e linguístico, esse encontro proporciona diferentes manifestações, de cujos processos a variante [ɹ] é uma marca simbólica, porém não sendo sua única fonte de expressão. Tal associação pode ser verificada na fala do coparticipante RENDCB: “Esse erre [retroflexo] é uma herança do pessoal que ficou aí pra gente aí, que os cofundadores aqui da cidade praticamente, eles eram mineiros”.

Dessa forma, a variante retroflexa apresenta estreita relação com o processo co-

lonizador no contexto amazônico, firmando-se como uma marca sociolinguística da diferença e da colonialidade.

Algumas considerações

A partir de Quijano (1992), entendemos que, “finda a colonização, permanece a colonialidade”. No contexto sul-paraense essa é percebida, principalmente, nos diferentes níveis de relações presentes nesse espaço amazônico. Além da repercussão nacional dos constantes conflitos agrários e de posse de terra, envolvendo os diferentes grupos populacionais existentes (migrantes, indígenas, quilombolas, assentados, posseiros), Silva (2010) destaca que as alteridades entre esses sujeitos foram construídas valorizando o corpo do homem branco centro-sulista, em detrimento dos corpos mestiços do Nordeste, particularmente o maranhense, e dos corpos indígenas, quilombolas e ribeirinhos.

Isso contribuiu para justificar a criação de mitos relacionados à criação dos municípios nas regiões sul e sudeste paraense, bem como a constituição da figura dos *pioneiros*. Através de um processo advindo da estrutura colonial de poder (QUIJANO, 1992), entende-se esses mitos como uma dominação do imaginário dos sujeitos redencenses para com o aspecto histórico desse lugar. Os *pioneiros* são lembrados e homenageados como os grandes *desbravadores*, cujas ações foram importantes para o desenvolvimento dessa região. Aqui, eles são comparados à figura dos bandeirantes, pela proposta de ação colonial e exploratória dos recursos existentes na região.

Dessa forma, retomando a problematização exposta no início do trabalho, entendemos que a variante [ɹ], no sul do Pará, mais especificamente, em Redenção, torna-se ambivalente: continua sendo uma estraté-

gia de enfrentamento à colonialidade sociolinguística, bem como de manutenção da colonialidade.

O material empírico desta pesquisa demonstrou que as diferentes realizações da <R>, por meio, principalmente, da fricativa glotal ([h]) e do zero fonético ([ʁ]), em contexto final de sílaba, predominam na fala dos(as) coparticipantes do núcleo urbano do município de Redenção. Portanto, a concorrência entre a variante [ɹ] e a variante [h], em Redenção e em todo o sul do Pará, é a representação, na linguagem, das lutas sociais, culturais e econômicas na região; representa a dominação dos *de fora* sobre os *de dentro* e marca quem é e de onde é o *de fora* que está entrando e dominando o espaço.

Dessa forma, a variante [ɹ] torna-se uma estratégia de manutenção da colonialidade sociolinguística quando é associada à fala rural vinculada ao agronegócio e, nesse sentido, está correlacionada à fala do atual grupo de dominação da região, que desloca a identidade linguística local e impõe outra, a de fora.

Por outro lado, observamos que o enfrentamento à colonialidade se manifesta na oposição centro vs periferia, especialmente relacionada ao contexto de desenvolvimento e investimentos nas diferentes regiões do Pará. Na fala dos(as) coparticipantes, a região sul do Pará foi destacada como *uma região esquecida* pelas autoridades do governo, cujas condições históricas apontam um favorecimento ao Norte, pois lá se encontra o centro do poder estadual, a capital Belém. Com a distância e os interesses longe da capital, a marca sociolinguística do sul do Pará torna-se a variante [ɹ], uma variante constituída com e na colonialidade, que representa interesses de um grupo econômico e político de grande influência na localidade: o agronegócio.

Por conta disso, percebemos que, diferentemente do que tem ocorrido nas pesquisas sociolinguísticas em geral, em Redenção, o embate sociolinguístico ocorre entre duas variantes ([ɹ] vs [ʃ]) de diferentes variáveis (<R> vs <S>), relacionando contextos econômicos, políticos e culturais. De certa forma, a expansão dos *novos bandeirantes* continua e encontra-se estabelecida no campo sociolinguístico.

Assim, enquanto a variante [ʃ] caracteriza conflitos internos em torno do território paraense; a variante [ɹ] representa, por um lado, conflitos de ordem externa à região, quando relacionado à origem do corpo que marca o uso da variante (homem, branco, centro-sulista – *novo bandeirante*); e, por outro lado, de aspecto localizado, pois demarca situações de poder e alteridades na constituição de lugares e participação dentro do município.

Além disso, percebemos que a não realização de ambas as variantes é outra forma de enfrentamento sociolinguístico por parte de alguns(mas) redencenses, especialmente vinculados ao contexto migratório na região sul do Pará, que não se vinculam nem ao Pará *legítimo* nem ao Pará *ilegítimo*. Tal situação marca Redenção como uma comunidade de participação complexa, cujo encontro de diferentes grupos populacionais proporcionados pelo processo colonizador da região do Araguaia Paraense, influencia para uma realidade linguística diversa e conflituosa nas relações de alteridades e construções simbólicas existentes.

Conforme Castanheira (2013, p. 104), uma comunidade de participação é entendida como “[...] uma comunidade que se propõe a, por meio de suas práticas cotidianas, estabelecer sentimentos de identificação, de pertencimento, de coletividade”. No trabalho específico, a autora aprofundou os

atos de nomeação dentro de uma ONG, a Guaimbê, para perceber como os indivíduos se inserem e se sentem participantes da comunidade.

No contexto de Redenção, essa noção é um pouco mais complexa, tendo em vista ser, conforme nosso entendimento, um *lugar de encontros e de passagens* de diferentes povos e diferentes cosmologias; um espaço marcado pela colonialidade do poder, do ser e do saber (QUIJANO, 1992; WALSH, 2012), construindo sentimentos e relações de inferioridade e deslocamentos identitários, como resultado de um amplo processo de dominação e exploração do espaço, dos corpos, dos conhecimentos existentes, porém apagados e subalternizados em detrimento de uma narrativa hegemônica ahistoricamente favorecendo o processo colonizador e os *novos bandeirantes*.

Assim, entendemos que a variante [ɹ] é uma variante sociolinguística de valor simbólico social, que envolve todo o processo histórico do município de Redenção, sul do Pará, marcando realidades e lugares de participação dentre desse espaço, bem como favorecendo outras formas linguísticas de enfrentamento à colonialidade ainda presente.

Referências

AGUILERA, Vanderci de Andrade; SILVA, Hélen Cristina da. Dois momentos do /r/ retroflexo em Lavras - MG: no Atlas Linguístico de Minas Gerais e nos dados do projeto do Atlas Linguístico do Brasil. *Diadorim*: revista de estudos linguísticos e literários, [S.l.], v. 8, fev. 2011. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/7962>. Acesso em: 16 Ago. 2018.

ALKMIN, Tânia. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2007. P. 21-47. 1 v.

ALMEIDA, Rogério Henrique. *Territorialização do campesinato no sudeste do Pará*. 2006.

Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos – NAEA, Universidade Federal do Pará, Belém, 2006. Disponível em: <http://www.repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/1979>. Acesso em: 10 dez. 2018.

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. 1920. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000004.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2018.

CARREÃO, Victor. A variante rótica retroflexa no português brasileiro: uma caminhada pela linguística histórica. *Sociodialeto*, v. 7, n. 20, p. 84-118, nov./ fev. 2017. Disponível em: <http://sociodialeto.ojs.galoa.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/10>. Acesso em: 30 jun. 2019.

CASTANHEIRA, Karla Alves de Araújo França. *Guaimbê: a construção de uma comunidade de participação por meio de práticas de nomeação*. 2013.113 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/3104>. Acesso em: 13 jan. 2019.

CASTRO, Vandersí Sant’Ana. O “r caipira” em Mato Grosso do Sul – estudo baseado em dados do ALMS, Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 566-575, jan./abril 2013. ISSN 1413-0939. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1129>. Acesso em: 14 ago. 2018.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Índice de desenvolvimento humano*. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/pesquisa/37/30255?tipo=ranking>. Acesso em: 23 dez. 2018.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008. 392 p.

LEITE, Cândida Mara Britto. *Atitudes linguísticas: a variante retroflexa em foco*. 2004. 149 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/268969>. Acesso em: 14 ago. 2018.

- MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Tradução: Ângela Lopes Norte. *Cadernos de Letras da UFF*, Rio de Janeiro, n. 34, p. 287-324, 2008. Disponível em: <http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/34/traducao.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2018.
- OUSHIRO, Livia; MENDES, Ronald Beline. A pronúncia de (-r) em coda silábica no português paulistano. *Revista do GEL*, v. 8, n. 2, p. 66-95, 2011. Disponível em: http://projetosp2010.fflch.usp.br/sites/projetosp2010.fflch.usp.br/files/OUSHIRO-MENDES_2013-RCoda-SP.pdf. Acesso em: 14 ago. 2018.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgar (org). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142. Disponível em: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_QUIJANO.pdf. Acesso em: 15 dez. 2018.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/ racionalidad. *Perú indígena*, v. 13, n. 29, p. 11-20, 1992. Disponível em: <http://www.lavaca.org/wp-content/uploads/2016/04/quijano.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2018.
- REZENDE, Tânia Ferreira; SILVA, Daniel Marra da. Desobediência linguística: por uma epistemologia liminar que rasure a normatividade da língua portuguesa. *Porto das Letras*, v. 4, n. 1, p. 174-202, 2018. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/5534>. Acesso em: 15 jul. 2019.
- REZENDE, Tânia Ferreira. Falares rurais brasileiros. *Revista UFG*, Goiânia, v. 7, n. 1, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/download/49115/24115>. Acesso em: 07 abr. 2019.
- RONCARATI, Cláudia. Prestígio e preconceito linguísticos. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Preconceito linguístico e cânone literário*, n. 36, p. 45-46, 1. sem. 2008. Disponível em: <http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/36/artigo2.pdf>. Acesso em: 03 set. 2019.
- SILVA, Fábio Carlos da. Bandeirantes modernos na Amazônia: a formação sócio-econômica da frente pioneira de Redenção. *Paper do NAEA*, Belém, PA, n. 225, dez. 2008. Disponível em: http://www.abphe.org.br/arquivos/2003_fabio_carlos_silva_bandeirantes-do-seculo-xx-na-amazonia-a-formacao-socio-economica-da-frente-pioneira-de-redencao-no-sul-do-para.pdf. Acesso em: 07 abr. 2019.
- SILVA, Fábio Carlos da. A economia pastoril e os primórdios do capitalismo na região do Araguaia paraense (1890-1960). *Novos Cadernos NAEA*, [S.l.], v. 10, n. 1, dez. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/68>. Acesso em: 25 set. 2019.
- SILVA, Hélen Cristina da. *Pelas veredas do /R/ retroflexo*. 2016. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Santiago de Compostela, Londrina, PR; Santiago de Compostela, Espanha, 2016. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000207233>. Acesso em: 18 ago. 2018.
- SILVA, Idelma Santiago da. *Fronteira cultural: a alteridade maranhense no sudeste do Pará (1970-2008)*. 2010. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, 2010. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tde/1217>. Acesso em: 13 set. 2018.
- SILVA, Idelma Santiago da. Fronteiras culturais: alteridades de migrantes nordestinos e sulistas na região de Marabá. *Espaço Plural*, Paraná, v. 7, n. 15, p.21-24, 2 sem. 2006. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/espaco-plural/article/view/1442>. Acesso em: 15 dez. 2018.
- SOUZA, Carlos Henrique Lopes de. A trajetória da força de trabalho no Sudeste paraense: de agricultores migrantes a garimpeiros, de garimpeiros a posseiros, a excluídos, a sem terra. In: *Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais*, 13., 2002, Ouro Preto (MG). Anais [...]. Ouro Preto: ABEP, 2002, p. 1-21. Disponível em: <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/issue/view/33/showToc>. Acesso em: 11 dez. 2018.
- VAZ, Vania. *A formação dos latifúndios no sul do Estado do Pará: terra, pecuária e desflorestamento*. 2013. 166 f., Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável)-Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <https://>

repositorio.unb.br/handle/10482/14836.
Acesso em: 14 abr. 2019.

WALSH, Catherine. Interculturalidad crítica/ pedagogía de-colonial. *Revista de Educação Técnica e Tecnológica em Ciências Agrícolas*, [S.l.], v. 3, n. 6, p. 25-42, dez. 2012. ISSN 2236-3483. Dis-

ponível em: <http://www.ufrjr.br/SEER/index.php?journal=retta&page=article&op=view&path%5B%5D=1071>. Acesso em: 16 dez. 2018.

Recebido em: 05/04/2021
Aprovado em: 06/06/2021



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

A Organização das Nações Unidas e o uso das línguas

*Laura Janaina Dias Amato (UNILA)**

<https://orcid.org/0000-0003-0339-1185>

*Pablo Ávila Militão (UNILA)***

<https://orcid.org/0000-0002-3430-7196>

Resumo:

O presente artigo tem como objetivo apresentar o uso das línguas na Organização das Nações Unidas (ONU). Para tal discussão trouxemos um breve histórico sobre a criação da ONU, para compreendermos as relações das línguas mantidas no e através do discurso fundacional. A partir disso exporemos como foi determinado o estabelecimento dos idiomas de trabalho e oficial da ONU, a partir de sua criação histórica, de base europeia e estadunidense. Com isso, buscamos mostrar que os discursos presentes em alguns documentos da organização não abordam explicitamente o uso institucional das línguas, mantendo assim as relações já pré-estabelecidas.

Palavras-chave: Políticas de linguísticas; ONU; relações de poder; discurso.

Abstract:

The United Nations and the language use

This article aims to present the functioning of languages in the United Nations (UN). For this, a brief history of the creation of the UN was necessary to understand the language relations maintained in and through the foundational discourse. From this we will try to show how the establishment of working and official languages of the United Nations was determined, from its historical creation, with a European and American base. Thus, we seek to show that the discourses present in some of the organization's documents do not explicitly address the institutional use of languages, thus maintaining pre-established power relations.

Keywords: Language policies; UN; power relations; Discourse.

* Docente da área de Letras e Linguística, no Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História, da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), Foz do Iguaçu-PR-Brasil.
E-mail: laura.amato@unila.edu.br

** Mestrando no Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais, Instituto de Economia e Relações Internacionais, Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia – MG – Brasil.
E-mail: militaopablo@gmail.com

Introdução

Espaços de encontros internacionais consistem em importantes ambientes que auxiliam na compreensão sobre trocas linguísticas entre grupos de falantes de línguas diferentes. Nesse aspecto, a Organização das Nações Unidas, doravante ONU, se apresenta como um relevante ambiente de reunião internacional, possuindo o maior número de grupos linguísticos distintos reunidos em um único espaço de diálogo, uma vez que tal fórum é composto por 193 Estados-membros. Em locais de encontro multilíngues é possível observar como ocorrem as relações de fala e quais os idiomas mais utilizados entre os sujeitos. No entanto, essa relação é modificada nas organizações internacionais, pois são espaços institucionalizados através de uma burocracia e um sistema de coordenação que organiza tais reuniões, estabelecendo quais são as regras de comunicação entre os sujeitos.

Dessa forma, este artigo tem como objeto de estudo central o sistema linguístico da ONU e a relação entre os grupos linguísticos que exercem maior domínio sobre o uso da palavra nesse ambiente. Por ser uma organização internacional de vasta atuação em inúmeros assuntos no âmbito global é constituída por órgãos principais e subsidiários, comissões técnicas e regionais, departamentos e escritórios, programas, fundos e agências especializadas. É preciso delimitar, portanto, os espaços de encontro que serão analisados por este trabalho, sendo escolhidos os cinco principais órgãos da instituição (Assembleia Geral, Conselho de Segurança, Conselho Econômico e Social, Secretariado, Corte Internacional de Justiça, Conselho de Tutela) e a agência especializada da ONU para a educação, a ciência e a cultura (UNESCO).

A partir disso, este trabalho procura responder a seguinte pergunta: como são as relações de poder que rodeiam as práticas linguísticas da Organização das Nações Unidas. Para isso, inicia-se na primeira seção a apresentação dos principais conceitos, perspectivas e debates sobre o estabelecimento desse fórum internacional, apontando para os principais atores internacionais que estabeleceram seu funcionamento. Em seguida, analisamos alguns documentos dessa organização internacional, buscando compreender a construção de seu ordenamento linguístico e a disposição desses nos diferentes organismos institucionais criados.

Por fim, testa-se a hipótese que a prática linguística consiste em uma das diferentes técnicas existentes dentro da ONU que mantém relações de posição de poder e de controle entre grupos de falantes diferentes. Quanto à metodologia do artigo, opta-se por uma análise de conteúdo de documentos de fontes primárias da ONU, sendo esses a Carta das Nações Unidas, estatutos internos dos principais órgãos, resoluções da Assembleia Geral e conteúdos disponibilizados no endereço eletrônico oficial daquele organismo. A análise de conteúdo consiste em uma metodologia essencial para este trabalho, visto que se propõe a analisar as significações do texto, a forma e a distribuição de seu conteúdo, procurando observar as informações também do contexto em que os documentos foram escritos (BARDIN, 2011).

Genealogia da Organização das Nações Unidas

A criação da Organização das Nações Unidas, doravante ONU, se desenvolve em torno de diferentes variáveis, e conseqüentemente, apresentar somente um fator histórico que

a compôs ou como um “acidente” histórico que permitiu sua formação seria uma maneira didática na qual se esconderiam distintos processos, como as relações de dominação entre diferentes grupos participantes desde o momento da criação da ONU. Desse modo, para uma compreensão mais profunda dos fatores que a compuseram, não é necessário buscar na história a origem do objeto de estudo, a essência de algo naquilo que esse possui de mais verdadeiro, aquilo que Michel Foucault (1979, p. 19), retomando de Nietzsche, apresentou como *Ursprung* (origem). É preciso recorrer à genealogia, observar os discursos que a formaram e auxiliaram na criação de uma instituição carregada de legitimidade e autoridade.

Entretanto, estabelecer uma visão entre o contexto histórico e os discursos envolvidos não se apresenta como uma tarefa de fácil execução, ainda mais quando se observa o imenso período histórico de tradição das formações de diversas outras organizações internacionais. De acordo com Herz, Hoffman e Tabak (2004, p. 23), as bases para tais instituições são resultados de práticas entre os países europeus ocorridas desde o século XIX, quando essas passaram a ter mais relevância no sistema internacional. Diante dessa realidade, uma Organização Internacional é formada para responder diferentes questões e interesses de grupos diversos, para realizar, de maneira mais institucionalizada, a cooperação internacional (HERZ; HOFFMAN; TABAK, 2004, p. 9). Ela possui, também, um alto aparelho burocrático, com orçamento definido e com servidores internacionais para produzir certa medida de governança global¹. Tal organis-

1 O termo governança global é utilizado para situações em que as normas e regras não são seguidas por uma autoridade formal, logo, por um governo de algum Estado. A governança global é utilizada para definir ambientes em que a coope-

mo é resultado de relações multilaterais, “(...) a coordenação de relações entre três e mais Estados de acordo com um conjunto de princípios” (HERZ; HOFFMAN; TABAK, 2004, p. 11), e com uma participação voluntária de seus atores, embora é sabido, em muitas ocasiões, que há uma grande pressão para a adesão na Organização (HERZ; HOFFMAN; TABAK, 2004, p. 16).

A tradição europeia aqui faz referência ao sistema moderno de Estados instituído no continente desde o século XVII, com o marco da Paz de Vestfália. Tal evento corrobora com a construção de uma ordem internacional, visto que, “a Paz de Vestfália é qualificada na Carta Constitucional Europeia, uma vez que encerra um conjunto de normas, estabelecidas mutuamente de modo a definir os detentores da autoridade no cenário internacional europeu, suas prerrogativas e deveres” (ARAÚJO, 2008, p. 72). Dessa forma, uma ordem internacional europeia surge enxergando somente uma entidade como autor legítimo desse espaço: o Estado. A Paz de Vestfália não é somente um marco internacional que introduziu o conceito de soberania, é a concepção de uma nova ordem internacional, em que os atores que a conformaram, respaldados por regras de convivência estabelecidos, puderam introduzir um novo modo de governar em um cenário internacional (KISSINGER, 2014, p. 29).

O Congresso de Viena, ocorrido em 1815, consiste em outro evento que compôs tal tradição anteriormente citada. De acordo com Henry Kissinger (2014, p. 50) entende-se que “os Estados conservadores procuravam erguer defesas contra uma nova onda revolucionária; buscavam incluir mecanis-

ção resolve diferentes impasses e gera regras de conduta entre os atores envolvidos. Para mais sobre o termo, lê-se em (ROSENAU; CZEMPIEL, 1992, p. 4).

mos para a preservação da ordem legítima - que entendiam ser o governo monárquico”. A partir disso então, e com o intuito de assegurar um novo ordenamento ao continente europeu, cujo objetivo era redesenhar as fronteiras após a derrota napoleônica, é elaborada a constituição de três conjuntos de instituições através do Congresso de Viena: a Quádrupla Aliança; a Santa Aliança; e, por fim, a concretização de um sistema de conferências diplomáticas periódicas (KISSINGER, 2014, p. 50).

Logo, embora existam outros processos históricos², essas duas experiências genuinamente europeias (a Paz de Vestfália e o Congresso de Viena) compõem um sistema de relações de dominação de um grupo de países a outros países com diferentes níveis de força. Tais relações auxiliaram na construção de um sistema de regras que uns puderam se apoderar melhor e de forma magistral. Para avançar sobre a análise acerca das relações entre os grupos dominantes no sistema internacional que formalizaram a ONU, é preciso ir para as Conferências de Teerã, Moscou, Yalta e Potsdam.

Tais Conferências foram responsáveis pela tentativa em reorganizar o contexto mundial pós Segunda Guerra. Os maiores poderes de decisão estavam, todavia, entre os EUA e a URSS, pois a Grã-Bretanha já havia perdido boa parte de sua influência mundial e nunca voltaria a ser o que fora antes de 1918 (HOBSBAWM, 1995, p. 38). Assim, tais reuniões significaram para o mundo o

2 A exposição de diferentes momentos históricos que relatam o vínculo entre as relações de dominação de um grupo a outro e a criação de Organizações Internacionais ou Tratados Internacionais para exercer um sistema de regras que poucos se apoderam resulta em um extenso trabalho de investigação. Por conseguinte, não será evidenciado outros processos históricos que influenciaram nas práticas desses Organismos Internacionais.

ponto alto de uma colaboração entre os EUA e a URSS (VIZENTINI, 1997, p. 8). A sociedade internacional viria a ser organizada e construída, então, de acordo com uma concepção europeia de Estado-nação, independentemente se esse sistema organizacional incluía, de maneira humanitária, satisfatória e representativa, todos os demais territórios mundiais. Em ciência dessa construção de uma ordem de acordo com a tradição europeia, juntamente com os interesses dos países reunidos, ocorreu, durante o período de conferências, o planejamento da criação de uma Organização Internacional que assegurasse o controle da ordem mundial e as vontades de tais aliados. A Organização Internacional é nomeada posteriormente por Organização das Nações Unidas, e assiste seu nascimento, durante o mesmo ano, em 26 de Junho de 1945, a partir da Conferência de São Francisco, ocorrida nos EUA.

Desde o primeiro marco histórico apresentado - a Paz de Vestfália - até as últimas conferências citadas, o que se estabeleceu como resultados foram diferentes exercícios de poder de um grupo sobre o outro. O exercício de alguns decidirem o destino dos adversários e derrotados. Os indivíduos que pronunciaram tal narrativa não são neutros, pois esses estão obrigatoriamente de um lado da batalha, encontra-se que “(...) aquele que fala, aquele que diz a verdade, aquele que narra a história, aquele que recobra a memória e conjura os esquecimentos, pois bem, este está forçosamente de um lado ou do outro” (FOUCAULT, 2010, p. 47). Em suma, o discurso exposto terá sempre uma perspectiva, um ponto de vista próprio - é um discurso que se desenvolve dentro de uma dimensão histórica (idem, ibidem) - e, por consequência, faz estabelecer uma verdade que é assegurada por uma posição de combate (FOUCAULT, 2010, p. 45).

Têm-se, pois, dentro desse percurso, a construção de uma racionalidade e de procedimentos técnicos para manter a vitória do grupo estabelecido no poder, “(...) para fazer calar, aparentemente, a guerra, para conservar ou inverter as relações de força” (FOUCAULT, 2010, p. 46). É uma racionalidade vinculada a uma estratégia para manter as relações de dominação daquele que exerce um poder (FOUCAULT, 2010, p. 47). Em suma, pode-se concluir que, devido à concepção do discurso de uma guerra perpétua, é criado um imaginário de que a justiça; a fórmula da lei e a estabilidade da ordem são elementos necessários para se evitar outra batalha.

Idiomas na ONU

A ONU estabelece, atualmente, seis idiomas oficiais e de trabalho para o funcionamento de suas atividades, que são: árabe, chinês, espanhol, francês, inglês, russo. A organização é composta pelos seguintes órgãos: Assembleia Geral, Conselho de Segurança, Conselho Econômico e Social, Secretariado, Corte Internacional de Justiça, Conselho de Tutela; e em nenhum momento conseguimos identificar quando houve e qual órgão decidiu a adoção destas línguas. Sabe-se que há uma diferenciação entre língua oficial e língua de trabalho, mas como não houve nenhuma regularização sobre como o sistema ONU estabeleceu suas atividades em seu documento fundacional, cada órgão determina, então, como é estabelecido suas línguas oficiais e de trabalho.

Devido à ausência de regularizações dos idiomas oficiais da ONU, a Assembleia Geral se encarregou de nomear recomendações de quais seriam as possíveis línguas oficiais e de trabalho dos demais órgãos, ademais de estabelecer como funcionaria o sistema de uso das línguas internamente. Dessa forma,

a primeira escolha de toda a Organização é encontrada na Resolução 2 (I) da Assembleia Geral em 1946, em que se recomenda a seguinte configuração: “los idiomas oficiales en todos los órganos de las Naciones Unidas, aparte del Tribunal de Justicia Internacional, serán chino, francés, inglés, ruso y español; el inglés y el francés serán los idiomas de trabajo.” (ONU, 1946). Essa foi a primeira determinação sobre as línguas feita pelo fórum internacional. No entanto, após 78 anos desse marco histórico, é visto que a ONU considera seis línguas oficiais da Organização: o árabe, o chinês, o inglês, o francês, o russo e o espanhol³. Por outro lado, tal fonte não apresenta se há idiomas de trabalho ou não no fórum global. Esse dado, retirado do site oficial do organismo, é ambíguo, visto que não se responde o que é ser uma língua oficial deste organismo, nem ao menos responde em quais dos órgãos estabelece essa composição. Como não há um regulamento determinando as relações das línguas nesses espaços, não há como comprovar, e nem ao menos cobrar dos órgãos, tal informação citada pelo endereço eletrônico. Portanto, tal ausência acarreta para cada órgão o estabelecimento de seus idiomas oficiais e de trabalho dentro de cada estatuto interno.

A Assembleia Geral, ainda na Resolução 2 (I), assegura que é de responsabilidade do Secretário Geral a instalação de todo equipamento para a interpretação aos outros idiomas de trabalho da Organização (ONU, 1946). Tal regulamento aprovado pela Assembleia Geral estabelece que o idioma pronunciado em uma das línguas de trabalho, será traduzido a outra língua de trabalho por responsabilidade desse fórum (ONU, 1946). No entanto, os discursos pronunciados em

³ Disponível em: <http://www.un.org/es/sections/about-un/official-languages/>. Acessado em: 22/02/2018.

um dos outros três idiomas oficiais será somente traduzido para as duas línguas de trabalho (ONU, 1946). Nota-se, então, uma distinção oculta entre as duas categorias de idiomas: os idiomas oficiais e os idiomas de trabalho.

Por outro lado, é assegurado o direito de qualquer membro se pronunciar em qualquer um dos idiomas que não sejam os oficiais, contudo, é papel da própria delegação a responsabilidade em traduzir qualquer discurso ou ato escrito para um dos idiomas de trabalho (ONU, 1946). As resoluções desse organismo serão publicadas em todos os idiomas oficiais, porém os diários serão publicados somente nos idiomas de trabalho (ONU, 1946). Destarte, é apresentada a primeira referência ao tratamento de idiomas de toda a Organização Internacional, e desde essa Resolução, houve um grande caminho até a composição das línguas atualmente encontrada no Estatuto da Assembleia Geral.

Entre 1948 até 1973, houve adesões aos idiomas de trabalho da Organização, a primeira, em 1948, durante a Resolução 262 (III), em que se incorpora o espanhol⁴; a segunda, em 1968, durante a Resolução 2479 (XXIII), incorporando o russo; e a última, em 1973, durante a Resolução 3189 (XXVIII), incorporando o chinês; e a Resolução 3190 (XXVIII), incorporando o árabe. Ainda

4 Observa-se que os seguintes países se posicionaram contra a essa primeira adesão: Austrália, Bélgica, Bielorrússia, Canadá, China, Checoslováquia, Dinamarca, França, Islândia, Luxemburgo, Holanda, Nova Zelândia, Noruega, Polônia, Suécia, URSS, Reino Unido, EUA e ex-República Iugoslava da Macedônia. Os países que se posicionaram a favor consistem em: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, República Dominicana, Equador, Egito, El Salvador, Etiópia, Grécia, Guatemala, Haiti, Honduras, Irã, Líbano, Libéria, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Filipinas, Arábia Saudita, Síria, Turquia, Uruguai, Venezuela e Iêmen.

nesta última Resolução de 1973 é aderido também o árabe como um idioma oficial da Assembleia Geral, tomando nota que os Estados membros árabes custearam por três anos a consequência da mudança do estatuto interno do órgão.

O próximo passo histórico a compor o cenário linguístico da Assembleia Geral está definido pela Resolução 3355 (XXIX), de 1974, em que a língua alemã também passa a ser usada para a tradução dos documentos oficiais, resoluções e decisões do Conselho de Segurança, do Conselho Econômico e Social e da Assembleia Geral (ONU, 1974). Não obstante, tal idioma não chega a receber o *status* de língua de trabalho ou oficial. A razão desse fato incide em quais sujeitos executarão tal política, os países de língua alemã, Áustria, República Democrática Alemã e República Federal da Alemanha⁵, serão, de forma conjunta, os contribuintes sobre todos os gastos que tal ação demandar (ONU, 1974). Dessa forma, a língua alemã não receberá os privilégios de uma língua oficial ou de trabalho da Organização, uma vez que a ONU não se responsabilizará sobre tais gastos. A Resolução supracitada somente enuncia a preocupação de certos países de língua alemã pela tradução de documentos relevantes no cenário internacional; o reconhecimento da importância desses documentos para sua população; e falta de interesse da Organização em adequar mais uma língua em seu corpo linguístico oficial ou de trabalho (ONU, 1974).

As entidades responsáveis pela execução do funcionamento paritário dessas seis línguas - com exclusão do alemão - dentro da Assembleia Geral são de responsabilidade da Secretaria. Durante o capítulo VII, do es-

5 Observa-se que a República Democrática Alemã e a República Federal da Alemanha constituem, atualmente, um mesmo país: a República Federal da Alemanha.

tatuto da Assembleia Geral⁶, é estabelecido pelo Artigo 47 que: “La Secretaría recibirá, traducirá, imprimirá y distribuirá los documentos, informes y resoluciones de la Asamblea General, sus comisiones y sus órganos; interpretará a otros idiomas los discursos pronunciados en las sesiones.” Assim, é finalizado a composição das línguas do principal órgão das Nações Unidas: a Assembleia Geral, um espaço que se diz universal e de encontro de diferentes culturas com uma estrutura cristalizada por processos históricos em seis pré-determinados idiomas oficiais e de trabalho. É através do Departamento para a Assembleia Geral e Gestão de Conferências (DGACM), um dos departamentos da Secretaria, que o órgão atua sobre as obrigações perante o funcionamento pleno das seis línguas em todas as reuniões das Nações Unidas, incluindo suas sedes fora do continente americano, responsável também pelo funcionamento das reuniões e das documentações oficiais daquele órgão.

Em continuidade a isso, o Conselho de Segurança é outro órgão que, atualmente, possui a mesma estrutura que a Assembleia Geral, definida pelo Artigo 41 de seu estatuto interno. Da mesma forma, os discursos pronunciados em um desses seis idiomas, serão interpretados aos outros cinco idiomas. Ainda assim, cada Estado membro obtém o direito de se pronunciar na língua que for de seu interesse, sendo que os custos de todo o trabalho de tradução e impressão dos documentos deverá ser de responsabilidade de tal membro. As Resoluções e demais documentos também serão publicadas somente nos seis idiomas oficiais e de trabalho do Conselho de Segurança. Tal composição não se originou dessa forma, em junho de 1946,

6 Disponível em: <http://www.un.org/es/comun/docs/?symbol=A/520/rev.18>. Acessado em: 23/02/2018.

inicialmente, foram adotados somente cinco idiomas oficiais - russo, chinês, espanhol, francês e inglês - e dois desses como idiomas de trabalho - inglês e francês. Em seguida, foi a vez dos idiomas espanhol e russo receberem o *status* de idiomas de trabalho, presente na Resolução de 263 de 1969. Tal modificação foi uma consequência de uma recomendação anterior vinda da Assembleia Geral. O mesmo processo ocorreu também com a adesão do chinês como língua de trabalho, em janeiro de 1974, e, por último, com o árabe em 1982, esse recebendo a categoria de idioma oficial e de trabalho ao mesmo tempo.

Esses são os únicos órgãos principais que estabelecem uma similaridade sobre o cenário linguístico de seu regimento interno. O Conselho Econômico e Social, por sua vez, estabelecem como língua oficial o árabe, o chinês, o russo, o inglês, o francês e o espanhol, e como língua de trabalho somente o espanhol, o francês e o inglês (ONU, 1992). Sua única modificação ao documento atual se deu em abril de 1982, aderindo o árabe como um idioma oficial (ONU, 1992). Assim, as diferenças entre uma categoria e outra se encontram na produção de documentos, dado que embora as resoluções e outras decisões oficiais do órgão sejam interpretadas em todas as seis línguas, as atas somente serão publicadas nos três idiomas de trabalho. Como já informado, a secretaria também é responsável pela tradução e distribuição de todos documentos oficiais.

Em contrapartida, uma agência subsidiada ao Conselho Econômico e Social, a UNESCO⁷, estabelece como línguas oficiais os se-

7 De acordo com a própria agência, a UNESCO, fundada em 16 de novembro de 1945, tem como objetivo procurar o diálogo entre as civilizações para a construção da paz através da cultura, ciência e educação. Ver mais site oficial da UNESCO: <http://unesdoc.unesco.org/ima>

guintes idiomas: árabe, chinês, espanhol, francês, hindi, inglês, italiano, português e russo. Em seu estatuto consta que qualquer Estado membro poderá solicitar o emprego de seu idioma com o *status* de língua oficial dentro desse organismo (UNESCO, 2020, p. 46)⁸. Porém, as línguas de trabalho são compostas somente por aquelas seis línguas oficiais da ONU (UNESCO, 2020 p. 45), estabelecendo, assim, distinções entre o emprego de cada idioma. É identificado que todos os documentos de trabalho serão interpretados para as seis línguas de trabalho, em contrapartida, o emprego das línguas oficiais é utilizado somente para a tradução da Constituição de tal organismo (UNESCO, 2020, p.46). Ainda assim, é oferecido o direito à qualquer delegação traduzir um documento da UNESCO para o idioma de sua preferência, sendo que deverá proporcionar os recursos necessários à tal ação⁹ (UNESCO, 2020, p. 45-46).

O Secretariado é outro órgão com uma composição de línguas diferente daquela recomendada pela Assembleia Geral. Embora reconheça as seis línguas oficiais da Organização como também sendo seus idiomas oficiais, as línguas de trabalho do Secretariado se limitam somente entre o inglês e o francês. Por conseguinte, o órgão que contém o mais alto cargo de toda a ONU, aquele que é também responsável por outro departamento, o DGACM, encarregado pela interpretação e distribuição dos documentos- isto é, pela manutenção do suposto multilinguismo da Organização - não execu-

[ges/0014/001473/147330s.pdf](https://portal.unesco.org/es/ev.php-URL_ID=48895&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html). Acessado em: 10/06/2018.

8 Disponível em: http://portal.unesco.org/es/ev.php-URL_ID=48895&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html. Acessado em: 07/04/2021.

9 A mesma situação de arcar com os custos se repete no emprego de qualquer outra língua, que não for um idioma de trabalho, na pronúncia do discurso de qualquer membro.

ta a igualdade e o equilíbrio entre todos os idiomas oficiais descritos pela ONU.

A Corte Internacional de Justiça é a instituição com menos diversidade linguística, tendo essa conservado seu sistema de uso de línguas intacto desde sua criação. De acordo com o capítulo III de seu estatuto, as únicas línguas oficiais serão o francês e o inglês¹⁰, sendo assim, reserva-se o direito de que o processo jurídico seja proferido em francês ou em inglês, como as partes preferirem (ASSEMBLEIA GERAL DA ONU, 1945, p. 79)¹¹. Dessa forma, aqui se encontra outro exemplo da situação das línguas da Organização Internacional, que embora tenha afirmado que seus idiomas oficiais serão as seis línguas listadas, há ainda organismos que não incorporaram tal recomendação. Ou ainda, mesmo que um órgão tenha tais idiomas listados com o *status* de língua oficial, seus idiomas de trabalho seguem com disparidades.

Ademais, como um último ponto a ser ressaltado, observa-se que além da ausência de uma política pontual sobre o uso das línguas na organização, esse fórum internacional também falha em não conceituar o que configura cada *status* idiomático de seu organograma. O que se compreende por idioma oficial e idioma de trabalho é dúbio até mesmo para a própria organização, uma vez que a carência dessa política é demonstrada no Documento da Assembleia Geral 32/237¹², produzido com o auxílio da ins-

10 Não há nenhuma referência sobre a existência de línguas de trabalho para este órgão. Nesse aspecto, o estatuto interno da Corte Internacional de Justiça somente reconhece a categoria de idioma oficial para o uso de suas atividades.

11 Disponível em: <https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2017/11/A-Carta-das-Na%C3%A7%C3%B5es-Unidas.pdf>. Acessada em: 26/02/2018.

12 Disponível em: https://digitallibrary.un.org/record/660422/files/A_32_237-EN.pdf. Acessado em: 03/03/2018.

peção realizado pela Dependência Comum de Inspeção (DCI)¹³, em que, desde 1977, não conseguiram determinar com clareza a distinção entre as duas categorias linguísticas mencionadas. Desse modo, o simples conceito de “idioma oficial” e de “idioma de trabalho” não é relacionado a nenhum significado de imediato, tais denominações não implicam, portanto, legalmente em nenhuma interpretação.

Com o intuito de sintetizar as informações analisadas por esta seção, apresentamos duas tabelas e um gráfico. A Tabela 1 evidencia as línguas oficiais e de trabalho utilizadas por cada órgão e agência analisa-

dos anteriormente. Em seguida, a Tabela 2 expõe, então, a quantidade de vezes somadas que cada idioma foi empregado durante a escolha linguística de tais organismos. Tais dados são aplicados para a conformação do Gráfico 1, que evidencia a porcentagem da soma da representatividade que cada língua possui nesses espaços. No entanto, é importante notar que tais dados revelam apenas a aplicação de cada língua dentro do sistema de regras e normas da ONU, assim, não é possível ler, através do gráfico, a quantidade e a empregabilidade que cada idioma possui durante a rotina desses organismos.

Tabela 1: Sistema Linguístico das Nações Unidas

Órgão	Idiomas Oficiais	Idiomas de Trabalho
Assembleia Geral	A, C, E, F, I, R	A, C, E, F, I, R
Conselho de Segurança	A, C, E, F, I, R	A, C, E, F, I, R
Conselho Econômico e Social	A, C, E, F, I, R	E, F, I
Secretariado	A, C, E, F, I, R	F, I
Corte Internacional de Justiça	F, I	_____
Organização das Nações Unidas para a Ciência, Educação e Cultura	A, C, E, F, H, I, IT, P, R,	A, C, E, F, I, R

Legenda: A: Árabe; C: Chinês; E: Espanhol; F: Francês; H: Hindi; I: Inglês; IT: Italiano; P: Português; R: Russo.

Fonte: Elaboração própria. Dados extraídos de Estatutos Internos de cada organismo analisado.

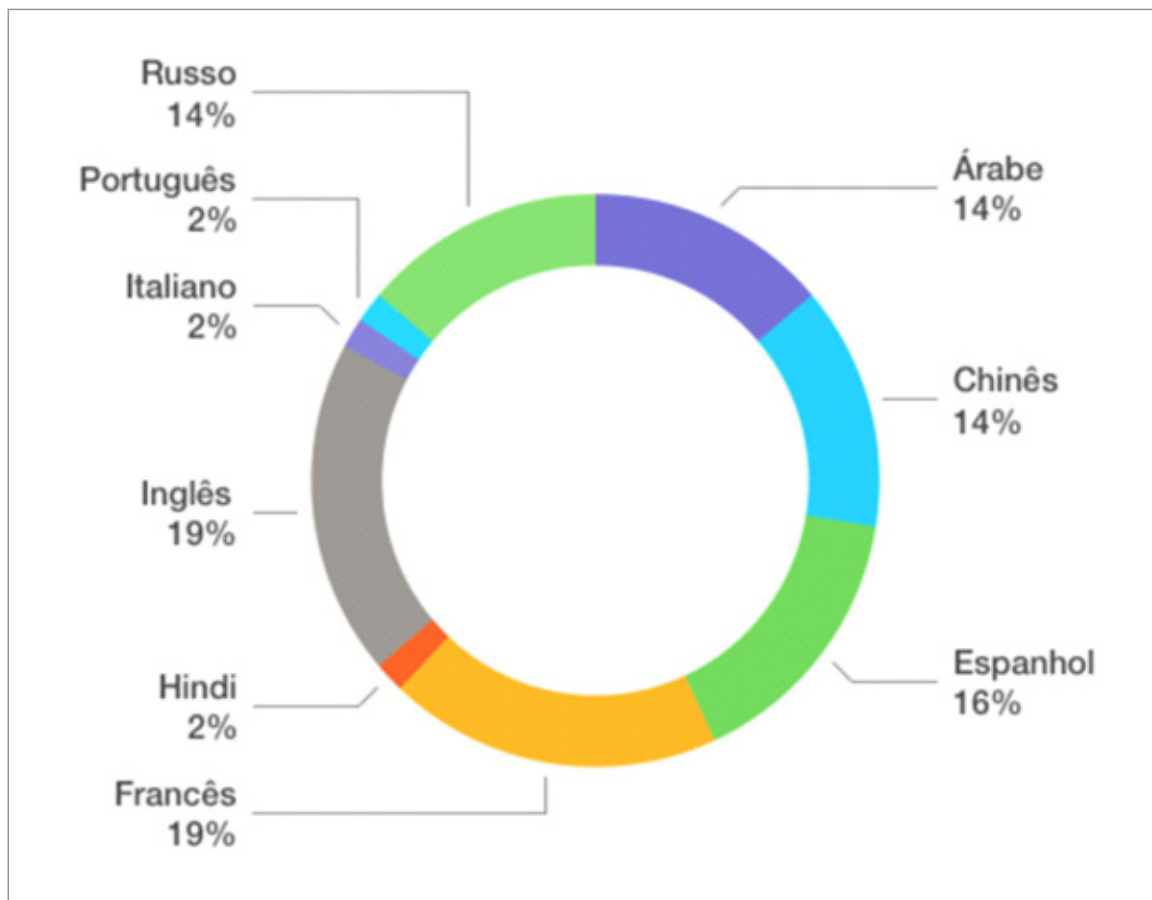
13 A Dependência Comum de Inspeção é um organismo criado pela Resolução da Assembleia Geral (A/RES/31/192), com a finalidade de investigar os assuntos que refletem no funcionamento do trabalho dessa Organização Internacional (A/RES/31/192, 1976, p. 2). Ver mais no seguinte endereço eletrônico: <http://www.un.org/es/comun/docs/?symbol=A/RES/31/192>. Acessado em: 02/03/2018.

Tabela SEQ Tabela * ARABIC 2: A Participação de Idiomas no Sistema Linguístico das Nações Unidas

Idiomas	Quantidade de vezes utilizados em idiomas oficiais ou de trabalho
Árabe	8
Chinês	8
Espanhol	9
Francês	11
Hindi	1
Inglês	11
Italiano	1
Português	1
Russo	8

Fonte: Elaboração própria. Dados extraídos de Estatutos Internos de cada organismo analisado.

Gráfico 1: A porcentagem da utilização de cada idioma no sistema linguístico dos Estatutos Internos observados.



Fonte: Elaboração própria. Dados extraídos de Estatutos Internos de cada organismo analisado.

Por fim, verifica-se em todos os seis órgãos principais da ONU que os membros possuem o direito de se pronunciarem em um outro idioma diferente daqueles listados como oficiais ou de trabalho por cada órgão. Nesse sentido, o membro, que optar pelo exercício de tal direito, terá como sua obrigação arcar com todas as responsabilidades e custos de interpretação e produção de documentos e discursos. Logo, após o conhecimento de tais informações sobre o sistema de uso das línguas da ONU, observa-se que essa instituição – construída com o objetivo de concretizar um espaço de encontro para membros com o interesse em manter a paz, a segurança internacional e a cooperação entre os Estados (ASSEMBLEIA GERAL DA ONU, 1945, p. 5) - não garante a universalidade e a representatividade linguística para seus membros.

Conclusão:

Com base no que foi apresentado, destaca-se que a construção da ONU, enquanto Organização Internacional, pode ser observada a partir de influências de diferentes processos históricos genuinamente europeus e em um último período, estadunidenses. Por conseguinte, entende-se que suas atuações e formas de organizar as relações internacionais refletem a realidade de experiências dessas regiões. Para além dessa análise, e a partir de uma abordagem genealógica de tais eventos, é observada a repercussão de um discurso histórico que irá auxiliar na conformação desse fórum global. A concepção de que existiria uma “guerra perpétua” traz como consequência a necessidade de se criar um sistema de regras e técnicas para obter a conservação de relações de poder entre os grupos. Logo, a lei não consiste em um sinônimo de pacificação ou regulação da ordem, uma vez que dentro dessa ordem

ainda continua exercendo uma batalha incessante (FOUCAULT, 2010, p. 43).

Compreende-se que cada Estado-membro concorda em assumir o compromisso de adesão a essa instituição sem a convicção de que terá sua voz garantida de interpretação por esse espaço. Assim, nem todos possuem o mesmo direito de fala. Existem Estados-membros que são favorecidos pela escolha linguística dessa instituição, uma vez que as relações de comunicação são estabelecidas por normas e regras em que alguns falantes são beneficiados por tal política. São disparidades encontradas debaixo dos panos, escondidas entre as categorias de idiomas de trabalho e oficial, que constroem relações de dominação entre grupos linguísticos diferentes. É visto a construção de procedimentos técnicos e racionais para manter as relações de dominação entre os grupos, sendo que uma dessas se comporta dentro da escolha linguística dessa Organização Internacional. Desse modo, o fato de a Organização possuir seis idiomas oficiais não condiz com o uso de fato deles, uma vez que não há a implementação de uma política coesa para toda a instituição internacional e, por conseguinte, não possui uma base jurídica clara.

Referências:

ARAÚJO, M. P. A.. A Ordem Mundial de Vestfália. In: Alexander Zhebit. (Org.). **Ordens e Pacis:** abordagem comparativa das relações internacionais. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

ASSEMBLEIA GERAL DA ONU. **Carta das Nações Unidas.** São Francisco, 1945.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Ed. Almeida. 2011.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, v. 15, 1979.

_____. **Em defesa da sociedade:** curso

no Collège de France (1975-1976) tradução Maria Emantina Galvão. – 2. Ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

HERZ, Mônica; HOFFMAN, Andrea; TABAK, Jana. **Organizações internacionais: história e práticas.** Rio de Janeiro: Elsevier Brasil, 2004.

HOBBSAWM, Eric. **A era dos extremos.** São Paulo: Companhia das Letras, p. 97-118, 1995.

KISSINGER, H. **Ordem Mundial.** 1. ed. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas 2 (I) de 1 de fevereiro de 1946.** Disponível em: [http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=a/res/2\(i\)](http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=a/res/2(i)). Acessado em: 18/06/2018.

_____. **Resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas 3355 (XXIX) de 18 de dezembro de 1974.** Disponível em: [http://www.un.org/es/comun/docs/?symbol=A/RES/3355\(XXIX\)](http://www.un.org/es/comun/docs/?symbol=A/RES/3355(XXIX)). Acessado em: 23/02/2018.

_____. **Regulamento do Conselho Econômico e Social 5715, Rev. 2.** 1992. Disponível em: <http://www.un.org/es/comun/docs/?symbol=E/5715/Rev.2>. Acessado em: 30/03/2018.

ROSENAU, James N.; CZEMPIEL, Ernst-Otto. **Governança sem governo: ordem e transformação na política mundial.** Brasília:: Editora UnB, 1992.

UNESCO. **Reglamento de la conferencia general.** Edição 2020. Disponível em: http://portal.unesco.org/es/ev.php-URL_ID=48895&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html Acesso em 07 de abril de 2021.

VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. O Sistema de Yalta como condicionante da política internacional do Brasil e dos países do Terceiro Mundo. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 40, n. 1, p. 5-17, 1997.

*Recebido em: 08/03/2021
Aprovado em: 26/05/2021*



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

A semiótica dos traços de dominação masculina *versus* a inércia feminina no conto “A mulher ramada”, de Marina Colasanti

Edinaldo Flauzino de Matos (UNIR)*

<http://orcid.org/0000-0002-9812-5703>

Resumo:

No presente artigo objetiva-se refletir no conto “A mulher ramada”, de Marina Colasanti, a relação social histórica que incide na perspectiva de dominação masculina ante à sujeição feminina. A análise busca ponderar a respeito da legitimação e intensidade do viés patriarcal apreendido no mundo social desde a origem genesíaca e, por conseguinte, ainda prevalece reafirmado em muitos aspectos em pleno século XXI. Essa dessimetria de poder e submissão encontra-se coligada pelas arbitrárias divisões entre os sexos, nas quais os traços de dominação e os efeitos opressivos exercidos nos corpos femininos ainda perduram ou teimam em persistir em detrimento/prejuízo dos avanços emancipatórios da mulher na sociedade contemporânea. O conto simboliza o limite da experiência feminina no que se refere ao corpo moldado pelo/para o outro, uma vez que encontra-se implicado no olhar e no discurso do (s) outro (s). Assim, evoca-se estudos afins ao tema proposto, no sentido de refletir e descrever os arcaísmos que incidem na ordem histórica, tradicional, social e religiosa que corroboram para a gama de caracteres opressivos ante as mulheres.

Palavras-chave: Colasanti; Dominação; Inércia; Gêneros; Semiótica.

Abstract:

The semiotics of traits of male domination versus female inertia in the tale “A mulher ramada” by Marina Colasanti

This article aims to reflect on the short story “A mulher ramada”, by Marina Colasanti, the historical social relationship that focuses on the perspective of male domination in the face of female subjection. The analysis seeks to

* Doutor em Letras na área de Literaturas em Língua Portuguesa pela UNESP – Universidade Estadual Paulista. Mestre em Estudos Literários pela UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso. Professor efetivo da UNIR – Universidade Federal de Rondônia, Campus de Guajará-Mirim. Líder do Grupo de Estudos Teóricos e Literários – GESTELIT. E-mail: edinaldo.matos@unir.br

ponder the legitimacy and intensity of patriarchal bias seized in the social world since the genesis of the social world and, consequently, still reaffirmed prevails in many aspects in the 21st century. This dissymmetry of power and submission is intertwined by arbitrary divisions between the sexes, in which the traits of domination and oppressive effects exerted on female bodies still persist or persevere in persisting to the prejudice of women’s emancipatory advances in contemporary society. The tale symbolizes the limit of the female experience about the body shaped by/to the other, since it is implied in the look and discourse of the other(s). Thus, studies related to the proposed theme are evoked, in order to reflect and describe the frameworks that affect the historical, traditional, social and religious order that corroborate the range of oppressive characters before women.

Keywords: Colasanti; Domination; Inertia; Genres; semiotics.

A mulher faz-se planta, pantera, diamante, madrepérola, misturando a seu corpo flores, pelos búzios, penas; perfuma-se a fim de exalar um aroma como a rosa e o lírio: mas penas, sedas, pérolas e perfumes servem também para esconder a crueza animal de sua carne, de seu odor (BEAUVOIR, 2019, p.222).

Considerações iniciais

Ao refletir sobre a dissimetria de poder entre homens e mulheres acionamos, por vezes, até inconscientes, a inferência de esquemas de percepção e de julgamento que reafirmam o arcabouço estrutural histórico, no qual a naturalização do poder masculino permanece reincidente ante o feminino. Nesse sentido, a máxima assertiva: “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (BEAUVOIR, 2019, p.11), por efeito de uma reflexão semiótica discursiva, confirma na análise do conto “A mulher ramada”, de Marina Colasanti, a dicotomia entre os sexos, uma vez que a personagem de Rosamulher tem seu destino biológico, psíquico, econômico definido mediante a perspectiva do homem (jardineiro). De tal modo, no conto em proposição analítica, Rosamulher, sob a alcunha de a mulher ramada, representa a fêmea elaborada ante o conjunto dialético histórico social de uma civilização pri-

vilegiada, cuja visão masculina, por efeito, distingue o feminino como uma construção apreendida na acepção de alteridade alinhada/desalinhada entre o Eu (homem) e o Outro (a mulher).

Nessa acepção, a construção dos corpos femininos encontra-se ajustada aos pensamentos de ordem masculina que definem as diferenças de natureza e traços distintivos entre os sexos. Conforme Perrot (2008), as mulheres são imaginadas e representadas no mundo em detrimento de uma efetiva e positiva exposição, isto é, em prejuízo de serem descritas ou contadas. É inegável que se fala muitos sobre as mulheres, isso ocorre de forma um tanto contumaz, porquanto, essas evocações incidem em delimitar o que as mulheres são e o que/como deveriam ser. “Corpo desejado, o corpo das mulheres é também, no curso da história, um corpo dominado, subjugado, muitas vezes rouba-

do, em sua própria sexualidade” (PERROT, 2008, p.76). Assim, a figura feminina ainda, por vezes, configura o objeto depositário das múltiplas expectativas masculinas, cujo teor valorativo motivador de que sejam um repositório padrão modelar, ou seja, em conformidade ao que determina a conjuntura tradicional patriarcal.

A relação de coexistência entre os sexos, no sentido amplo, encontra-se legitimada pela dominação masculina, pois incide da base social e histórica de causas e efeitos pelas quais o corpo da mulher é socialmente percebido e determinado pelas estruturas discursivas que privilegiam os homens. Assim, o conto “A mulher ramada”, a exemplo do jardineiro que molda sua companheira, lembra a assertiva sociológica:

Essa experiência apreende o mundo social e suas arbitrarias divisões, a começar pela divisão socialmente construída entre os sexos, como naturais, evidentes, e adquire, assim, todo um reconhecimento de legitimação (BOURDIEU, 2019, p.23).

Análogo à citação, o estudioso observa que a ordem social histórica funciona como elemento simbólico que corrobora no esboço de dominação masculina ante o feminino. Nesse contexto, Rosamulher é produto desse mecanismo profundo que fundamenta a estrutura cognitiva e social da mulher, logo, como exemplo simbólico, a mulher ramada se torna mulher sem ter sido consultada e é continuamente podada pelo seu criador para que se apresente ao mundo sob a perfeição do viés masculino, do qual ela não tem domínio.

No entanto, conforme a perspectiva do conto em leitura, considerando o seu desfecho, não houve a efetiva inserção da experiência do manejo feminino, pois apesar da aceitação do jardineiro à sua ramagem expansiva, essa mulher não inverte a técnica

e, de certo modo, mesmo que ficcional, não remodela os instrumentos masculinos e tão pouco os coloca na fronteira do seu domínio feminino. Essa condição de subordinação feminina em plena contemporaneidade é evidenciada pela escritora Marina Colasanti, nascida em Asmara, na Etiópia (atual Eritreia), viveu na Itália e veio para o Brasil ainda, muito jovem, onde se estabeleceu como jornalista e, por excelência, uma grande escritora que perspectiva sutilmente temáticas de gêneros que reivindicam a emancipação feminina, mas que ainda se mostram um tanto inexpressivas na maioria de seus desfechos¹.

A literatura de Colasanti agrega dois mundos aparentemente dicotômicos, uma vez que há uma junção máxima da tradição contígua a modernidade. O leitor pode observar que, na maioria de seus contos, a escritora confirma como destaque às personagens mulheres, essas quase sempre envoltas no universo e castelos de reis, rainhas, príncipes e princesas, isto é, suas criações femininas encontram-se ajustadas ao universo fantástico que incide no maravilhoso. Nesse contexto, a inferência de sua ficção é análoga ao pensamento voltado para questões feministas, porém efetiva-se mediante sutileza prosaica adjunta a certa poeticidade.

Ora, o que define de maneira singular, a situação da mulher é que, sendo, como todo ser humano, uma liberdade autônoma, descobre-se e escolhe-se num mundo em que os homens lhe impõem a condição do Outro (BEAUVOIR, 2019, p.26).

De tal modo, na ficção da autora, a exploração feminina que advém do masculino é recorrente, porquanto, no que se refere ao

1 Essa ressalta refere-se aos contos da autora, intitulados: “A moça tecelã”, “Longe como meu querer”, “Uma ponte entre dois reinos” e “Verdadeira história de um amor ardente”; “A primeira vez só”, “Entre as folhas do verde”, “Com sua voz de mulher”.

posicionamento feminista das personagens, o enfretamento se mostra ínfimo, cuja aceção ficcional prevalece na efetiva evidência dessas constantes sem muitas mudanças de paradigmas, exceto no caso que incide na decisão sumária da personagem no conto “A moça tecelã” e na representação de um Deus feminino no conto “Com sua voz de mulher”, portanto, na sua maioria prevalece a ideia de opressão ante a figura que incide das entrelinhas do texto subjetivamente e, por sua vez, precisa ser decodificada pela perspectiva da semiótica do discurso².

Nessa aplicabilidade analítica observa-se na literatura de Colasanti, a princípio, a perspectiva de ideias e militâncias um tanto tímidas, pois não se mostram direta e, por outro lado, quando ressignificadas, por vezes, não se escondem mediante caráter corbarde. Como consequência, nos desfechos de suas histórias, a exemplo do conto em leitura, predomina a força masculina em prejuízo da emancipação feminina. Entretanto, é conclusivo que suas personagens remontam à tradição envoltas no mito da criação (gênesis), talvez por isso há certa predominância na descrição feminina no que remete ao *modus operandi*, pelo qual as personagens se posicionam no mundo e na forma que se reorganizam ante seu papel de mulher numa sociedade contemporânea e que, por conseguinte, corroboram na reiterada aceção de poder masculino que vislumbra para as mulheres o perfil de sujeição aos resquí-

cios da tradição histórica social patriarcal.

Conforme Giddens, a história da humanidade é marcada por descontinuidades, porém essa dinâmica não se encontra caracterizada na sua totalidade. “Existem indiscutivelmente descontinuidades em várias fases do desenvolvimento histórico – como, por exemplo, nos pontos de transição entre sociedades tribais e a emergência de estados agrários” (GIDDENS, 1991, p.10). É nesse sentido que se avalia o processo de não descontinuidade do papel estabelecido pela mulher em Marina Colasanti, pois o processo do enfretamento rememora a tradição, porém está inversamente associado ao período moderno e, ainda mais, necessita ser efetivado na contemporaneidade. “Os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilharam de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não tem precedentes” (GIDDENS, 1991, p.10). Assim, como *spoiler* conclusivo, as transformações das personagens femininas na obra da escritora incidem de certa profundidade que reivindica uma revisão da postura masculina. Por outro lado, a mulher personagem da ficção, na maioria das vezes, não reclama o seu lugar na sociedade e, por conseguintes, as conquistas efetivas ainda lhes são negadas.

Dessa conjuntura, as personagens de Colasanti representam efetivamente como objetos de servidão tradicional de interconexão social entre o sexo oposto, cuja característica habitual implica uma existência pautada na subserviência ao outro. Noutras palavras, as figuras femininas em conjunto dos elementos fantásticos representada na mulher ramada também flui mediante natureza biológica pela qual foi criada, porém não lhe dão direito a voz e, por conseguinte, não se posiciona e nem faz valer as suas prerrogativas sociais.

2 Conforme ressalta Fontanille (2008, p.11), a respeito da semiótica do discurso: “Do micro ao macro, da parte para todo, e vice-versa, **a semiótica** procura conhecer mais sobre o sentido ou, simplesmente, fazer sentido – ou fazer signo”. E acrescenta: “Mas, para a semiótica do discurso, na qual se interpreta e reinterpreta ininterruptamente a ‘cena primitiva’ da significação, ou seja, a emergência do sentido a partir do sensível, essas questões tornam-se primordiais” (FONTANILLE, 2008, p.49, aspas do autor e grifo nosso).

Essencialmente, a mulher ramada incide numa figura plana, uma vez que não avança de forma positiva no segmento feminista de enfrentamento que remete às descontinuidades do papel da mulher na sociedade. Ademais, o conto “A mulher ramada” rememora as reiteradas continuidades que advém da tradicional visão do eterno feminino que se forma em espiral perante os tempos modernos, ou seja, repete estados de subordinação, no sentido de que a suposta reivindicação de descontinuidades ante dialética transformacional da sociedade contemporânea se mostra mínima na sua efetividade.

Nesse sentido, considerando que sua ficção agrega, de forma metonímica, o todo em detrimento da parte. Ao religar ao princípio, ou seja, juntar as duas pontas da conjuntura de mundo, isto é, da história da criação genesíaca à atualidade, nas quais a figura feminina apresenta/representa certa perspectiva dicotômica no que se refere à visão amorosa entre homem *versus* mulher inter-relacionada aos elementos do imaginário contíguo ao fantasioso e ao mágico.

Há certa recorrência, na obra da escritora, no que se refere aos relacionamentos amorosos, pois encontram-se concretizados, ao menos na sua ficção, como promessa de emancipação feminina e, porém se mantém presa à zona de conforto que pressupõe a completude possível e real, porém, longe de ser a condição feminina ideal. A própria Colasanti em seu livro intitulado: **E por falar em amor** (1984), ressalta que a tradição literária buscou perpetuar no imaginário coletivo, principalmente das mulheres, a fantasia do casamento perfeito, consumado no eternizado: “Foram felizes para sempre”. Nenhuma história de amor clássica relata os percalços do casamento em prejuízo da propagada concepção de felicidade plena.

Nessa acepção de plenitude, Colasanti observa que há uma ausência de conflitos entre os sexos: homem *versus* mulher que seja determinante na arquitetura do encontro amoroso envolto na fantasia inventiva do eterno, uma vez que não sublinha a aceção de finitude. “As narrativas então comecem com o namoro, o noivado, o casamento, esquecidas do resto” (COLASANTI, 1984, p.230). Entretanto, a questão do amor ajustado à realidade ante o primeiro conflito surge a racionalidade que perspectiva o seu fim. “Se o pensamento é capaz de introduzir a ideia de fim é porque admite a possibilidade do desencontro, da imperfeição” (COLASANTI, 1984, p.148). É nessa conjuntura que o conto em leitura remete ao clássico do “Era uma vez”, análogo ao conjunto amoroso e à dissimetria dos conflitos entre homens e mulheres.

Nos contos de Colasanti, o silêncio que pesa sobre as mulheres é aterrador e rememora fatores históricos sociológicos e políticos. A perspectiva de dominação masculina atravessa a espessura do tempo. “A sedentariade é uma virtude feminina, um dever das mulheres ligadas à terra, à família e ao lar” (PERROT, 2008, p.135). Conforme citação, os limites traçados para as mulheres incidem no tempo e no espaço, no corpo, especialmente no sexo de forma apavorante. Ademais, a mulher é direcionada a atuar quase que exclusivamente no contexto de confinamento que envolve a família, a casa e o que lhe é servido nessa ambientação espacial. “São invisíveis. Em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas” (PERROT, 2008, p.17). Segundo a estudiosa, em sentido múltiplo, a mulher é empurrada para o que ela chama de ordem das coisas porque o masculino tem medo do viés feminista, do feminismo que é designado como “a coisa”

por aqueles que buscam diminuir a grandeza de espírito das pessoas que lutam pela igualdade dos sexos.

Análise do conto “A mulher ramada”: o criador *versus* a criatura

O conto “A mulher ramada”, de Marina Colasanti, no primeiro parágrafo, intertextualiza e rememora a acepção das histórias clássicas, ou seja, do “Era uma vez” adaptadas ao tempo mítico da criação do mundo. Entretanto, em nenhum momento a autora faz inferências direta à bíblia e ao gênesis. Essas intertextualidades ocorrem reiteradas vezes no decurso de suas histórias e, por conseguinte, denuncia a inferência religiosa no decurso da dialética social feminina. No viés interpretativo, sob a perspectiva da semiótica do discurso³, a autora demonstra, nas vozes narrativas, em terceira pessoa, que o texto é apresentado sob múltiplas possibilidades de se fazer sentido. Assim, evoca-se, a princípio, a psicodinâmica das cores na sua máxima efetividade.

Verde-claro, verde-escuro, canteiro de flores, arbusto entalhado, e de novo verde-claro, verde-escuro, imenso lençol do gramado; lá longe o palácio. Assim o jardineiro via o mundo toda vez que levantava a cabeça do trabalho (COLASANTI, 2006, p.23).

Observa-se o paradoxo do verde, por vezes, claro e, por vezes, escuro acrescido do enunciado “e de novo” remete à passagem temporal incluso os dias e as noites. Esse

3 Conforme Matos (2020, p.38-39): O estudo da semiótica evidencia que a objetiva apreensão da perspectiva de sentido da linguagem para se efetivar, como significantes, “faz-se necessário ampliar os códigos específicos como parte da observação dos signos e da rede de relações. Desse modo, o leitor pode fazer inter-relações interpretativas para flagrar vestígios de elementos discursivos que simplesmente façam sentidos.”

contraste também lembra a perspectiva da criação do mundo a partir do momento que foi criado o dia e a noite. Nesse contexto, conforme versa o seguinte estudo a respeito das cores: “Não é demais repetir que a cor é uma realidade sensorial à qual não podemos fugir” (FARINA, 1990, p.101). Nessa acepção, o jardineiro, no seu Éden particular, encontra-se subordinado ao seu mundo pela psicodinâmica das cores. “Além de atuar sobre a emotividade humana, as cores produzem uma sensação de movimento, uma dinâmica envolvente e compulsiva” (FARINA, 1990, p.101). Apesar da preponderância do verde, o estudioso ressalta que as cores influenciam na dinâmica ambiental: “Simboliza a faixa harmoniosa entre que se interpõe entre o céu e o Sol. Cor reservada e de paz repousante” (FARINA, 1990, p.114). Essa conformidade das cores encontra-se ajustada ao canteiro de flores que nascem, crescem e florescem no decorrer do tempo.

Conforme descrito no conto, “o jardineiro via o mundo”, no qual diante da preciosidade dos sentidos, a exemplo da visão, concebida ante à natureza. “É o sentido da visão que faz vibrar o ser humano e o faz pensar, gozar e desfrutar as coisas do mundo que o rodeia” (FARINA, 1990, p.39). Nessa significação sensitiva pondera-se que é através dos olhos, cuja visão se constitui como órgão de ligação entre o mundo tanto interior como exterior. No caso desse conto especificamente, essa dinâmica eufórica ocorre durante o dia, enquanto à noite o verde escuro remete à disforia. Nesse interim que incide nos dias e noites, o jardineiro, uma espécie de Adão no seu paraíso, vê o mundo (palácio) em seu torno que não lhe é permitido desfrutar. Assim, pondera-se a perspectiva de um mundo à parte dentro de outro mundo. Nesse contexto, ao mesmo tempo que rememora a tradição o texto desloca-se para

a modernidade perspectivada pela oposição entre burguesia e proletariado, considerando o aspecto de invisibilidade do trabalhador doméstico, braçal.

Esse deslocamento ocorre de forma constante na ficção de Colasanti, pois ao mesmo tempo que o mundo burguês palaciano é descrito, a exemplo das damas que arrastam seus mantos nas aleias, cujo papel social tradicional da mulher implica, por outro lado, os cavaleiros que partem de suas casas ajustados ao papel social do homem como provedor. Ante esses mundos em contrastes e movimentos coexiste, no palácio, a figura do jardineiro que representa o proletariado doméstico, logo há espaços distintos dentro do *locus* maior (palácio) ao *locus* menor (o jardim).

Mas ele, no canto mais afastado do jardim, que a seus cuidados cabia, ninguém via. Plantando, podando, cuidando do chão, confundia-se quase com suas plantas, **mimetizava-se com as estações**. E se às vezes, distraído, murmurava sozinho alguma coisa, sua voz não entrelaçava à música distante que vinha dos salões, mas se deixava ficar por entre as folhas, sem que ninguém a viesse colher (COLASANTI, 2006, p.23, grifo nosso).

Essencialmente, observa-se que apesar do palácio, a história narrada não se pauta nos tradicionais enlevos amorosos entre príncipes e princesas. O jardineiro ganha voz e vez em meio à sua importância social histórica de apagamento adaptado para sua sobrevivência às cores das estações. E, também, como já salientado, sem a menor inferência direta ao gênesis, apesar de estar relacionado, o jardineiro representa a figura adâmica no paraíso destituído, a princípio, da presença de Eva.

Essa intertextualidade genesíaca faz analogia ao que se encontra escrito no Gn 2:8 – “E plantou o Senhor Deus um jardim no

Éden, do lado oriental; e pôs o homem que tinha formado ali”. Acresce também em Gn 2:15 – “E tomou o Senhor Deus o homem, e pôs no jardim do Éden para lavrar e guardar”. Ademais, a temporalidade é descrita a partir do crescimento da primeira árvore plantada inferida diretamente pelas estações. Ainda, considerando os vestígios de relação semiótica discursiva, o jardineiro metaforiza a figura de Adão extensiva à figura de Deus, ambos masculinos.

Já se fazia grande e frondosa a primeira árvore que havia plantado naquele jardim, quando uma dor de solidão começou a enraizar-se no seu peito. E passado dias, e passado meses, só não passando a dor, disse o jardineiro a si mesmo que já era tempo de ter uma companheira (COLASANTI, 2006, p.23).

Esse entrecho, novamente remete diretamente ao mito genesíaco da criação de Eva que advém da costela de Adão. Conforme trecho bíblico em Gn 2:18 – “E disse o Senhor Deus: não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma ajudadora idônea para ele”. Desse modo, é evidente a remodelação da criação do homem e mulher por meio da prosa poética de Marina Colasanti. No que se refere à prosa envolta na poeticidade destaca-se as repetições de movimentos e alusão temporal ritmado num aprosá poética: “plantando, podando e cuidando”. Dessas ações, o jardineiro, espécie de Adão/Deus contemporâneo, recria a figura de Rosamulher/Eva.

No dia seguinte, trazidas num saco duas belas mudas, o homem escolheu o lugar, ajoelhou-se, cavou cuidadoso a primeira cova, mediu um palmo, cavou a segunda, **e com gestos sábios de amor** enterrou as raízes. Ao redor afundou um pouco a terra, para que a água de chuva e rega mantivesse sempre molhados os pés de rosa (COLASANTI, 2006, p.24, grifo nosso).

No trecho citado, pode-se observar que a criação de Eva, sob outra roupagem, parece ajustar-se melhor ao conceito de que o ser humano veio da terra (pó) e ao (pó) voltará, conforme Gn 3:19b – “porquanto és pó e em pó te tornarás”. Porquanto, é necessário observar que a escritora não faz essa remodelagem de forma que remete a ideia de profanação do sagrado. Assim, a analogia e readaptação do mito da criação inferidos pela autora se apresentam sob a sutileza da forma de narrar, na poeticidade da prosa que reitera a configuração do maravilhoso que sua ficção infere ante temas que, por excelência, implica um peso entre os sexos, por isso são tratados, em sua ficção, sem os escárnios de uma ironia como máxima do deboche. Essa forma de expor a condição feminina é um modo exclusivo da autora de inferir a sua visão subordinada da mulher no mundo ante sua evolução diacrônica, porquanto não se pode valorar que o ativismo elaborado ao teor irônico e escárnio seja menos positivo para as lutas feministas.

Nessa dinâmica temática, o trecho destacado chama a atenção: “com gestos sábios de amor”, pelos quais a mulher é posta na sua construção pelo homem como algo positivo, porém é preciso considerar a representação simbólica da árvore. Ela encontra-se inerte, parada, plantada. O ir e vir não lhe é permitido. Essa construção do feminino por meio do viés masculino encontra-se atrelado aos conceitos do imaginário coletivo bíblico, no qual como lembra Simone de Beauvoir em seu tratado sobre o segundo sexo: “Em toda parte e qualquer época, os homens exibiram a satisfação que tiveram de se sentirem os reis da criação” (BEAUVOIR, 2019, p.18). Talvez, por isso, Colasanti rememora a aceção genesíaca para discutir o papel da mulher sempre alicerçado no privilégio absoluto da quase eterna prerrogativa masculina,

pois o feminino carrega o peso das lendas de Eva que justificam reservas sociais do masculino. “Criada depois de Adão, é evidentemente um ser secundário, dizem uns; ao contrário, dizem outros, Adão era apenas um esboço e Deus alcançou a perfeição do ser humano quando criou Eva” (BEAUVOIR, 2019, p.24). Mas não esqueçamos, o homem foi criado à imagem, ou seja, à semelhança de Deus, conforme Gn 1:26a – “E disse Deus: Façamos o **homem** à nossa imagem, conforme a nossa **semelhança**” (grifo nosso). Assim, o jardineiro se assemelha a Deus, ao moldar sua mulher e, de certo modo, simboliza um semideus diante das mulheres e, por conseguinte, ao tentar se afirmar denuncia seu complexo de inferioridade. “Entretanto, conhecemos mais intimamente do que os homens o mundo feminino, porque nele temos nossas raízes” (BEAUVOIR, 2019, p.25). Nesse sentido, conforme a estudiosa, a mulher inclusa no arcabouço social humano sabe e vive o peso de pertencer ao sexo feminino e, por isso, busca ainda mais o conhecimento, isto é, suas lutas e emancipação passa pelo crivo do saber.

Nessa acepção, há deliberante crítica implícita no enunciado “com gestos sábios de amor”, uma vez que remete à ideia de que intenções boas nem sempre resultam em positividade para o Outro, nesse caso, em referência à mulher. Essa constância é reiterada no texto, possivelmente com objetivo de chamar a atenção do leitor para essa dinâmica discursiva análoga ao esboço do morde e assopra ao mesmo tempo.

Foi preciso esperar. Mas ele, que a tanto tempo esperava, não tinha pressa. E quando os primeiros galhos tênues despontaram, **cariñosamente os podou**, dispendo-se a esperar novamente, até que outra brotação se fizesse mais forte (COLASANTI, 2006, p.24, grifo nosso).

Assim, é importante atentar para o paradoxo dessa informação, o homem paciente que espera pela mulher moldada à sua perspectiva. Entretanto, os enunciados que caracterizam a predominância da conjuntura bíblica/religiosa na acepção social do comportamento feminino. Ao podar a rosa, ele a faz para seu próprio bem, ou seja, para não a deixar exposta, paradoxalmente promove a ideia de que o seu criador a protege de alguma forma.

É interessante observar que o jardineiro (homem) destrói a essência e natureza expansiva da mulher (Rosamulher), cuja oposição é abstrata, ele a destrói para torna-la perfeita, ou seja, torna-la aceitável socialmente. O termo podar remete ao que ressalta a simbologia de uma violência discreta sem parecer diretamente como abuso: “A força simbólica é uma forma de poder que exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquer coação física” (BOURDIEU, 2019, p.69). Essa dissociação/dissimetria da intenção revela a perspectiva de inferência ideológica da escritora perante o poder brutal masculino pautado sob *pseudas* sutilezas e levezas. A apreensão narrativa desloca-se para a atualidade no sentido de chamar a atenção do leitor para o dicotômico e, por vezes, hipócrita discurso masculino de que a mulher é repreendida, proibida para seu próprio bem.

Paradoxalmente, há inúmeras proposições que limitam a mulher sob a roupagem de autopreservação. A exemplificar: quando uma mulher coloca uma determinada roupa que o marido, ou os pais, irmãos etc. reprovam e solicitam que mantenha a descrição mediante falácia de que a determinada proibição é feita por amor, ou seja, acresce a ideia de evitar agressões e até estupros. Assim, o texto evidencia a perspicácia de que o jardineiro repreende a mulher com carinho

e, conseqüentemente, o seu criador sabe o que é melhor para a sua conduta efetiva na sociedade.

Entretanto, é sabido que, desse modo intervencionista artificioso, o masculino não abdica do seu poder e promove a alienação do feminino por meio de uma tática de feminilidade falseada que lhe assegura virtudes que corroboram na sua permanência de poder em detrimento da condição feminina. “É o princípio masculino de força criadora, de luz, de inteligência, de ordem que ele reconhece então como soberano” (BEAUVOIR, 2019, p.111). Essa assertiva é reafirmada no seguinte trecho do conto:

Durante meses trabalhou conduzindo os ramos de forma a preencher a preencher o desenho **que só ele sabia**, podando os espigões teimosos que escapavam à **harmonia exigida**. E aos poucos, entre suas mãos, o arbusto foi tomando feitio, fazendo surgir dos pés plantados no gramado duas lindas pernas, depois o ventre, os seios, os gentis braços da mulher que seria sua. Por último, cuidado maior, a cabeça, levemente inclinada para o lado (COLASANTI, 2006, p.24, grifo nosso).

Essencialmente, os termos grifados são análogos à reflexão ao modo Simone de Beauvoir de que o masculino sabe, repito, de forma irônica, “só ele sabe” que, diante do poder e da teimosia feminina o que lhe escapa à harmonia exigida, ou seja, aflorar, aparecer, se mostrar, ser livre, não é o que se espera do feminino sob o ponto vista social, histórico do masculino. Os termos e enunciados destacados corroboram para a efetiva pretensão do criador: “O lugar da mulher na sociedade sempre é estabelecido por eles. Em nenhuma época ela impôs sua própria lei” (BEAUVOIR, 2019, p.113). Essa afirmativa é reiterada em Colasanti, pois as personagens femininas de sua ficção, por vezes, incidem na máxima subordinação,

a exemplo de Rosamulher, só flui a própria natureza biológica, logo é involuntária a percepção de que ela impõe suas regras e desafia burlar a harmonia exigida.

O trecho que apresenta o jardineiro como símbolo de Deus ajustado na figura adâmica e, de modo intersemiótico, afirmado na tesoura e na ação de cortar, no sentido metonímico que vislumbra retirar partes de um todo, numa espécie de mutilação do feminino: “O jardineiro ainda deu os últimos retoques com a ponta da tesoura. Ajeitou o cabelo., **arredondou a curva de um joelho**. Depois afastando-se para olhar [...]” (COLASANTI, 2006, p.24, grifo nosso). Assim, quando o jardineiro, diante da sua obra prima exclama: “- Bom dia Rosamulher” (COLASANTI, 2006, p.24). É necessário destacar a simbologia do joelho, pois, se de um lado representa força e poder, por outro lado, delimita a fraqueza. “Donde o sentido das expressões: dobrar o joelho = fazer ato de humildade” (CHEVALIER & GHERBRANT, 2020, p.548). De tal modo, no sentido simbólico, pode-se ponderar as duas constantes da inconsciente força *versus* fraqueza involuntária de Rosamulher. É evidente que numa interpretação sob o ponto de vista simbólico, o jardineiro pressupõe na mulher o ato de humildade, de fidelidade ou até mesmo de súplica, considerando o seu estado de árvore plantada num determinado espaço sem a perspectiva do ir e vir. Assim, a árvore na sua multiplicidade representativa simbólica:

Símbolo da vida, em perpétua evolução e em ascensão para o céu, ela evoca todo o simbolismo da verticalidade. Por outro lado, serve também para simbolizar o aspecto cíclico da evolução cósmica: morte e regeneração. Sobretudo as frondosas evocam um ciclo, pois se despojam e tornam a recobrir-se de folhas todos os anos (CHEVALIER & GHERBRANT, 2020, p.132).

Conforme assertiva, acresce também, a perspectiva simbólica da árvore: “Com efeito, é bem essa ideia de evolução biológica que faz da árvore da vida um *símbolo da fertilidade* sobre o qual se veio construindo” (CHEVALIER & GHERBRANT, 2020, p.134, grifo dos autores). Essa dinâmica, adjunta aos quatro elementos: terra, água, fogo e ar, nos quais pode-se vislumbrar certa multiplicidade de símbolos de oposição entre o bem e mal, Terra e Céu, tradição e modernidade. “Seria dizer pouco que vivemos num mundo de símbolos e um mundo de símbolos vive em nós” (CHEVALIER & GHERBRANT, 2020, p.12). Nesse sentido, a árvore rememora o trecho de Gn 2:9 – “E o Senhor Deus fez brotar da terra toda árvore agradável à vista, e boa para comida; e a árvore da vida, no meio do jardim, **e a árvore do conhecimento do bem e do mal**” (grifo nosso).

No contexto da narrativa, atualizada na temática da dissimetria entre os sexos, o texto evidencia, a exemplo de muitos trechos na ficção da autora, a perspectiva disfórica na afirmação do mito da criação, uma vez que é evidente a ressalva de que a ideologia cristã não contribui na sua efetividade para a emancipação feminina. Os códigos bíblicos asseguram a supremacia masculina e, de forma sumária, infere à mulher a máxima subordinação, porque Deus assim o exige em Ef 5:23a – “[...] porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o Salvador do corpo”; acresce também o trecho: Ef 5:24 – “Assim como a igreja está sujeita a Cristo, de igual modo as esposas estejam em tudo sujeitas a seus próprios maridos”. Em I Co 11:3, essa advertência é reiterada: “Mas quero que saibais que Cristo é a cabeça de todo homem; e o homem é a cabeça da mulher; e Deus, a cabeça de Cristo”. É certo

que há, na bíblia, outras referências cruzadas que objetivam manter essa constância de submissão feminina.

No que se refere ao enredo do conto, há, portanto, a efetividade harmoniosa do encontro entre homem e mulher inserido no contexto que se infere no período de lua de mel entre os amantes. Nesse interim, a inter-relação do texto ficcional com os relacionamentos reais, tradicionais e contemporâneos se faz universal, uma vez que corresponde à tradição e à atualidade.

Agora, levantando a cabeça do trabalho, não procurava mais a distância. Voltava-se para ela, sorria, contava o longo silêncio da sua vida. E quando o vento batia no jardim, agitando os braços verdes, movendo a cintura, **ele todo se sentia vergar de amor**, como se o vento o agitasse por dentro (COLASANTI, 2006, p.24, grifo nosso).

Efetivamente, observa-se que o jardineiro se apaixona pela imagem que ele cria da mulher. O enunciado grifado antecipa a tendência do jardineiro ao se dobrar de forma aparentemente “positiva” ante à beleza natural de Rosamulher no desfecho da narrativa. A completude masculina encontra-se ajustada ao modelo de mulher, parte de um imaginário coletivo que invoca o sexo masculino em detrimento do feminino. Essa aparente harmonia entre os sexos permite a ressalva do viés feminista: “É a Natureza elevada à transparência da consciência, uma consciência naturalmente submissa” (BEAUVOIR, 2019, p.201). O trecho do conto remete ao arcabouço masculino que vislumbra possuir carnalmente a mulher inserida numa perfeição e liberdade e docilidade almejada. “Na mulher encarna-se positivamente a falta que o existente traz no coração, e é procurando alcançar-se através dela que o homem espera realizar-se” (BEAUVOIR, 2019, p.202-203). Assim,

o jardineiro procura na mulher ramada, ou seja, em Rosamulher o Outro como Natureza criada, sua criação, mas é certo que sentimentos ambivalentes irão encerrar essa harmonia que pressupõe certa assimétrica existente entre os dois.

O problema da solidão do jardineiro (homem adâmico) parece resolvido, cujo êxtase de desejo e paixão se volta para as curvas do corpo feminino, considerando a modulação perfeita com a tesoura. No que remete à solidão pondera-se que esse estado humano é uma sensação primitiva e à medida que crescemos se transforma num sentimento que necessita de intervenção do outro, o seu contrário. “Todas as crenças [...] demonstram que, *sexualmente*, o simbolismo da árvore é ambivalente” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2020, p.136, grifo dos autores). Essa proposição andrógina contradiz a ideia da busca pelo seu contrário.

A intervenção no Éden se deu na criação de Eva por meio da costela de Adão. “O homem busca arrancar-se da solidão pelo êxtase, esse é o objetivo dos mistérios, das orgias, das bacanais” (BEAUVOIR, 2029, p.213). Nesse sentido, ante a perspectiva da solidão é importante observar a aferição Octaviana: “Todos os homens em algum momento na vida, sentem-se sozinhos; e mais: todos os homens estão só” (PAZ, 1984, p.175). Conforme o filósofo, o homem busca-se realizar-se no outro, pois é metáfora da nostalgia e aspira comunhão. No caso do conto em estudo, o jardineiro busca essa comunhão no seu oposto. “A solidão é a profundidade última da condição humana. O homem é o único ser que sente só e o único que é busca do outro. Sua natureza” (PAZ, 1984, p.175). O texto em interpretação corrobora para a aferição feminina, uma vez que, conforme o estudioso, o homem, desde o princípio, sempre representou o outro

no universo masculino, ou seja, o contrário ajustado ao complemento, enquanto que a mulher incide na acepção dos contrários.

A mulher é um objeto, alternadamente precioso ou nocivo, mas sempre diferente. Ao transformá-la em objeto, em ser aparte e ao submetê-la a todas as deformações que seu interesse, sua vaidade, sua angústia e até mesmo seu amor lhe ditam, o homem transforma-a em instrumento (PAZ, 1984, p.177).

Nessa definição, a mulher é transformada pelo homem como meio de adquirir conhecimento, prazer e, por conseguinte, é a via para sobreviver à solidão. Essa dissimetria entre ambos interpõem o fantasma da imagem feminina desenhado pelo masculino. Há certa dicotomia instaurada, o homem deseja um corpo erótico, mas sacraliza esse corpo em objeto servil e dócil, no qual a mulher ramada no seu estado de planta/plantada invoca mediante a própria natureza mudanças por meio das ramagens (galhos). “A mulher vive presa à imagem que a sociedade masculina lhe impõe; portanto, **só pode escolher rompendo consigo mesma**” (PAZ, 1984, p.178, grifo nosso). Os termos grifados são análogos à mulher ramada e outras tantas da ficção da escritora, pois a subordinação feminina de suas personagens cobra o preço de uma autodestruição para uma suposta reconstrução do eu feminino pela essência do próprio feminino.

Ademais, na conjuntura da solidão, pode-se ponderar que o homem busca impedir esforços no sentido de abolir a solidão. “A mulher sempre foi para o homem ‘o outro’, seu contrário e complemento. Se uma parte do nosso ser deseja fundir-se nela, outra, não menos imperiosamente, a separa e exclui” (PAZ, 1984, p.177). A filosofia do amor ressaltada pelo estudioso adverte que essa proposição de substituição pelo o outro (mulher) pode ser uma experiência

quase inacessível por conta das oposições, a saber: moral, classes, leis, raças e a própria dicotomia entre os sexos.

A noção de temporalidade em analogia ao conto “A mulher ramada” corresponde a certo esquema transcendental, uma vez que se encontra vinculado ao conceito das estações. O empirismo é evidente, sob a perspectiva kantiana, na qual Leonardo Polo discorre sobre a acepção do tempo ajustado ao pensamento kantiano e destaca essa representação temporal como algo que sublinha a sua natureza própria, isto é, natureza anímica. “A interpretação do tempo que chamamos de anímica considera-o como o conjunto de épocas reunidas pelo próprio viver” (POLO⁴, 2007, p.61). A totalidade efetiva do tempo vital ocorre através da sucessão de épocas, cada uma na sua especificidade estão condicionadas a um tempo anterior.

Acabou o verão, fez-se inverno. A neve envolveu com seu mármore a mulher ramada. Sem plantas para cuidar, agora que todas descansavam, ainda assim, o jardineiro ia todos os dias visita-la. Viu a neve fazer se gelo. Viu o gelo desfazer-se em gotas. E um dia em que o sol parecia mais morno do que de, viu de repente, na ponta dos dedos engalhados, surgir a primeira brotação da primavera (COLASANTI, 2006, p.24 e 26⁵, grifo nosso).

4 A referência apresentada pode causar ambiguidade, uma vez que apresenta lições de Polo sobre a teoria do conhecimento baseada num exame da gnosiologia Kantiana. Assim, esclarece-se que a origem do texto intitulado **A crítica Kantiana do conhecimento** (2007): “corresponde a um curso de teoria do conhecimento ministrado por Leonardo Polo, durante o ano acadêmico de 1974-75, a alunos da licenciatura em filosofia da Universidade de Navarra. Alguém provavelmente datilografou os apontamentos desse curso, os quais corrigidos por Polo e fotocopiados, depois foram distribuídos no ano seguinte entre os alunos de um novo curso” (2007, p.7). Assim sendo, o texto original, por meio de um desses alunos, chegou às mãos de Juan Garcia Gonzalez, editor do livro.

5 Obs.: A página 25 corresponde à ilustração do conto feito pela própria Colasanti.

Os termos grifados, considerando a significação temporal pode-se inferir que o tempo cósmico, em reiterado contraste ao tempo em espiral, ou seja, de modo circular reverbera no eterno retorno. No trecho citado, as noções de euforia e disforia estão ajustadas ao próprio viver do casal: o jardineiro e Rosamulher compreendem no decorrer da relação amorosa o fazer-se e desfazer-se para refazerem-se. Essa associação que nulifica o inexorável remete à dialética e noção de temporalidade que vislumbra o instável, a mutabilidade. Assim, a acepção de quietude alterna-se em contrastes que alteram a permanência da aparente imutabilidade e efetiva as transformações.

Conforme pensamento de cunho intertextual religioso:

O ano tem tempo para as flores e tempo para os frutos. Porque não terá também o seu outono a vida? As flores, umas caem, outra secam, outras murçam, outras leva o vento; aquelas poucas que se pegam ao tronco e se convertem em fruto, só essas são as venturosas, só essas são as que aproveitam, só essas são as que sustentam o Mundo (VIEIRA, 2010, p.22).

Análogo ao trecho do “Sermão da sexagésima” pode-se observar no conto, a exemplo do trecho citado que o jardineiro funde perfeição e destruição ante à sua criação, isto é, as dialéticas transformacionais da vida social e da própria consciência de mundo que sofre as alterações condicionadas ao seu tempo. A conjuntura amorosa tem altos e baixos e, por sua vez, dura fracções das estações. No enunciado, além do texto propriamente dito, pode-se vislumbrar uma série de metáforas. Os altos e baixos (euforia e disforia) dos relacionamentos amorosos. Observa-se que há uma noção transcendental, isto é, da consciência que implica nos fatos narrados. As crises do casal, no sen-

tido da rotina, a ociosidade e a convivência implicada na dureza de dias ruins no relacionamento. Há, nas entrelinhas, a simbologia do gelo como esfriamento da relação, as gotas remetem à ideia de choro por parte da figura feminina e a euforia da felicidade ante ao fluxo de brotos que se interligam à primavera.

Em pouco tempo, o jardim vestiu o cetim das folhas novas. Em cada tronco, em cada haste, em cada pedúnculo, a seiva empurrou para fora pétalas e pistilos. E mesmo no escuro da terra os bulbos acordaram, espreguiçando-se em pequenas pontas verdes (COLASANTI, 2006, p. 26).

A acepção semiótica⁶, no que se refere sobre a dinâmica do discurso relativo ao tempo, pode-se observar que se configura na personificação da natureza ao espreguiçar-se, enquanto que as pontas verdes reiteram a psicodinâmica da significação das cores, na qual o verde no imaginário coletivo representa a esperança e certa calma: “Cor reservada e de paz repousante. Cor que favorece o desencadeamento das paixões” (FARINA, 1990, p.114). Esse valor de expressividade das cores torna-se preponderante na transmissão de sentidos. “Não ignoramos também que a reação do indivíduo a ela não tem fronteiras espaciais ou temporais” (FARINA, 1990, p.27). Essas mensagens se efetivam dentro do próprio empirismo da vida, considerando o modo primitivo descrito no enredo do conto.

A euforia primaveral no conto “A mulher ramada” não dura muito tempo, uma vez que o jardineiro sucumbe às inferências beauvoirianas: “Tanta força inspira aos ho-

⁶ Conforme Santaella (2012, p.19): “A semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido.”

mens um respeito misturado de terror e que se reflete em seu culto. Nela é que se resume toda a Natureza estranha” (BEAUVOIR, 2019, p.104). Assim, com a desculpa de que a afloração do vermelho remete à conjuntura da sexualidade, isto é, do fogo, da paixão, as quais o jardineiro medroso tenta evitar a espontaneidade e sensualidade natural de Rosamulher que, como promete a acepção do vermelho, vislumbra a aproximação e o encontro.

Mas enquanto todos os arbustos se enfeitavam de flores, nem uma só **gota de vermelho brilhava no corpo da roseira**. Nua, obedecia ao esforço de seu jardineiro que, temendo que viesse a floração a romper tanta beleza, cortava rente todos os botões (COLASANTI, 2006, p.26, grifo nosso).

Conforme entrecho, o jardineiro representa símbolo do homem tradicional e, ao mesmo tempo, contemporâneo, pois implica-se na consciência da evolução natural da mulher ramada, símbolo feminino que reivindica a emancipação da própria natureza. Diante dessa investida o jardineiro, por sua vez, busca impor sua vontade. Observa que a princípio, mesmo assustado o jardineiro não abdicou do seu poder, porquanto ao podar rente ele permanece senhor do espaço e dominador, porquanto, a mulher, mesmo inferida da força natural, se obriga ao estado de dominação, exploração e possessão do outro. “Em todas as civilizações, e até em nossos dias, ela inspira horror ao homem: é o horror da sua própria contingência carnal que ele projeta nela” (BEAUVOIR, 2019, p.208). De tal modo, ante a hesitação do macho implicado no medo e no desejo e, por conseguinte, essa figura masculina teme ser possuído pelas forças incontroláveis da mulher ramada em conflito com a vontade captá-la e amá-la livremente como ocorre no desfecho do conto.

O excesso de cuidados, ou seja, deter os desejos, resultou em efeitos negativos para si mesmo. O jardineiro a idolatra, mas o seu querer carnal pode significar a permissão da espontaneidade em prejuízo da dureza da natureza fria desinteressada. “De tanto contrariar a primavera, adoeceu porém o jardineiro. E ardendo de amor e febre na cama, inutilmente chamou por sua amada (COLASANTI, 2006, p.26). Observa-se que o jardineiro busca contrariar a alteridade feminina que incide no desejo, no carinho, no amor, porquanto, a princípio, escolhe permanecer por mais um tempo subordinado ante consciência patriarcal. “O privilégio masculino é também uma cilada e encontra sua contrapartida na tensão e contensão permanentes, levada por vezes ao absurdo, que impõe a todo homem o dever de afirmar, em toda e qualquer circunstância, sua virilidade” (BOURDIEU, 2019, p.88). Efetivamente, tudo concorre para a impossibilidade de cuidados extremos em fazer da mulher ideal a mulher possível do viés masculino para a realidade masculina: “A virilidade, como se vê, é uma noção eminentemente *relacional*, construída diante de outros homens, para outros homens” (BOURDIEU, 2019, p.92, itálico do autor). Essas investidas masculinas revelam o medo do feminino construída no interno do homem.

O fato de o homem adoecer demonstra sua condição humana e vulnerável diante do seu oposto. O mito do superpoder é negligenciado/negado ante à vulnerabilidade da própria honra. Enquanto o jardineiro busca a plenitude/completude ao moldar a mulher ramada ajustado à necessidade de exaltar os valores masculinos que, por sua vez, diante do feminino invoca os medos e as angústias que a feminilidade natural de Rosamulher suscitava nele.

Muitos dias se passaram antes que pudesse voltar ao jardim. Quando afinal conseguiu se levantar para procurá-la, **percebeu de longe a marca da sua ausência**. Embaralhando-se aos cabelos, desfazendo a curva da testa, uma rosa embabadava suas pétalas entre os olhos da mulher. E já outra no seio despontava (COLASANTI, 2006, p.26, grifo nosso).

O trecho destacado demonstra que o jardineiro percebeu a marca da sua ausência e, por conseguinte, se torna resiliente, pois o termo “cuidados” simboliza opressão, proibição, estagnação do outro, nesse caso da mulher (podada) que, por efeito dos descuidos, se torna a expressiva mulher (ramada). Nesse interim, a figura masculina reconhece a naturalidade da mulher despida do seu molde e percebe a sua feminilidade, na qual pode-se viver a objetiva concretude natural em prejuízo da configuração feminina idealizada.

Parado diante dela, ele olhava e olhava. Perdida estava a perfeição do rosto, perdida a expressão do olhar. Mas do seu amor nada se perdia. Florida, pareceu-lhe ainda mais linda. **Nunca Rosamulher fora tão rosa**. E seu coração de jardineiro soube que jamais teria coragem de podá-la. Nem mesmo para mantê-la presa em seu desenho (COLASANTI, 2006, p.26-28, grifo nosso).

Observa-se que as mudanças foram vistas pelo jardineiro de modo positivo, uma vez que ele percebe que as boas intenções estavam a prejudicar a essência verdadeira de Rosamulher. Assim, ele voluntariamente reconhece a implicada natureza de Rosamulher, isso não significa empobrecer a experiência masculina que apenas se ajusta à realidade do feminino, porém vai na contramão das lutas feministas⁷ ante o poder

e a hierarquia masculina, pois de certa, o desfecho do texto adverte que as mulheres oprimidas devem aguardar a utópica compreensão e resiliência do seu opressor para então alcançar a emancipação necessária e, de certo modo, isso poderia ocorrer sem investir nos enfrentamentos. Assim: “Então docemente a abraçou descansando a cabeça no seu ombro. E esperou” (COLASANTI, 2006, p.28). A aparente resiliência e a aceitação “positiva” da parte do marido, por conseguinte, promove certo ânimo na esposa que mesmo presa nas raízes: “E sentindo sua espera, a mulher-rosa começou a brotar, lançando galhos, abrindo folhas, envolvendo-o em botões, casulo de flores e perfumes” (COLASANTI, 2006, p.28). É importante observar que a brotação é por efeito e consequência da sua natureza de árvore no seu curso vital representada pela mulher ramada, logo não é privilégio e nem mérito do masculino representado pelo jardineiro.

das décadas de 1960-70, no mundo ocidental. Esse feminismo contemporâneo surgiu em um contexto no qual emergiram diversos movimentos de libertação denunciando a existência de Feminismo de vários tipos de opressão. Movimentos pelos Direitos Civis, pela igualdade racial, ecologistas, movimentos de homossexuais e de mulheres surgiram, então, como forma de pensar a opressão de modo mais amplo do que a partir da ideia de luta de classes, até então o fundamento das principais críticas à desigualdade social. Cada vez mais esses grupos foram percebendo que suas vidas estavam carregadas de estigmas e preconceitos, bem como que seus objetivos políticos nem sempre se confundiam com os objetivos do operariado, então considerado a classe social que seria a vanguarda de uma nova forma de organização social, o Socialismo. Foi nesse contexto que as mulheres começaram a perceber que o sexo é político, ou seja, que é permeado por relações de poder e de hierarquia, e essa situação (marcada pela desigualdade) continuaria a existir mesmo em um regime no qual inexistisse a luta de classes.

⁷ Conforme Silva & Silva (2009, p. 145-146): Todavia, se queremos definir o feminismo como movimento de massas, ele é um fenômeno bastante contemporâneo, que pode ser datado em torno

A cor rosa na acepção intersemiótica representa a disforia⁸, ou seja, o abrandamento do vermelho, isto é, a ausência eufórica da efervescência erótica na máxima dos desejos sexuais se objetiva numa infantil acepção de afetividade e ternura.

Ao longe, raras damas surpreenderam-se com o súbito esplendor da roseira. Um cavaleiro reteve seu cavalo. Por um instante pararam, atraídos. Depois voltaram a cabeça e a atenção, retomando seus caminhos. **Sem perceber debaixo das flores o estreito abraço dos amantes** (COLASANTI, 2006, p.28).

A visibilidade feminina é interposta e, ambos são observados/admirados no jardim do palácio, porquanto a máxima visibilidade remete ao feminino pela sua exuberância natural. Os termos em negrito, paradoxalmente, também inferem uma aparente harmonia entre a mulher ramada e o consensual apagamento masculino. Esse aniquilamento do jardineiro pode ser contradito, pois a resiliência da figura do homem anuncia uma perspectiva dialética da transformação humana masculina na ficção de Marina Colasanti, mas é importante ressaltar que essa condição de ambos pouco se efetiva no processo de lutas de equiparação entre os sexos, uma vez que é pressuposto ao fim do êxtase romântico que o jardineiro retoma o seu privilégio de ir e vir, enquanto Rosamulher permanece inerte (plantada) no aguardo de outro momento de resiliência o seu criador.

Considerações finais

É conclusivo na leitura empreendida que a

8 Conforme Fiorin: A categoria *euforia/disforia* do nível fundamental converte-se em traços modais que modificam as relações entre sujeito e objeto. Assim, um valor marcado euforicamente no nível fundamental converte-se, por exemplo, em objeto desejável no nível narrativo, enquanto um valor disfórico torna-se, por exemplo, um objeto temido no nível narrativo.

ficção de Colasanti vislumbra a reciprocidade na relação de ambos os sexos, a exemplo do conto “A mulher ramada”, apesar da iminência da manutenção de poder do homem. Contudo, há um esforço para afirmar certa resiliência masculina, na qual os homens ficcionados pela escritora se configuram de forma a promover o fim de uma luta entre os sexos. Essa acepção um tanto falseável é reiterada em outros contos da autora, a saber: “A moça tecelã”, no qual depois de muita opressão, a própria tecelã desfaz o seu companheiro quando não mais corresponde às suas prerrogativas de felicidade. Acresce também em “Longe como o meu querer”, no qual infere-se a efusiva decisão que a jovem castelã impetra ao caminhar rumo ao mar ao encontro do seu amor e também seu explorador sem previamente consultar o pai (Rei), por outro lado, durante a maior parte da narrativa, apenas a parte da cabeça do jovem moço foi capaz de persuadir a castelã a um processo reiterado de servidão.

Em o conto “Uma ponte entre dois reinos”, o rei oferece a sua mão à moça no intuito de unir dois reinos, mas antes a personagem feminina é explorada financeiramente pela própria mãe. No conto “Verdadeira história de amor ardente” predomina o crime de feminicídio. Esse ato criminoso, de certo modo, é descrito sob uma ambígua poeticidade ao assassino. Em “A primeira vez só” reitera a solidão feminina e o desejo de se relacionar com o mundo. Esse processo solitário leva a princesa ao suicídio por afogamento no intuito de interagir com a própria imagem. No conto “Entre as folhas do verde”, a mulher-corça desiste do seu relacionamento com o príncipe ao perceber a intenção do homem em moldá-la. Nesse quadro de personagens, a redenção feminina se torna mais evidente no conto “Com sua voz de mulher”, no qual a figura feminina alcan-

ça o *status* de Deus mediante seu poder de contar histórias.

A breve descrição de outros contos da escritora reitera que as personagens femininas das tintas de Colasanti, no mundo ficcional, de certa forma, representa o real, porquanto se mostram previsíveis e não sofrem transformações drásticas e nem coadunam com a conjuntura de efetiva emancipação. Badinter (2008), ressalta que os avanços femininos deslocam de uma condição de culpabilidade para outra que infere a servidão, isto é, a figura feminina quando não mais é comparada à serpente genesíaca contígua a uma criatura astuta e diabólica que necessita ser vigiada e aprisionada. Essa dialética transformacional invoca para a mulher certa submissão a Deus que, por contiguidade, corrobora na sua doçura e sensatez, cuja indulgência se estende ao homem, imagem e semelhança do divino. “Eva cede lugar, docemente, a Maria. A curiosa, a ambiciosa, a audaciosa metamorfoseia-se numa criatura modesta e ponderada, cujas ambições não ultrapassam os limites do lar” (BADINTER, p. 175). Dessas constâncias, é evidente que o patriarcado não é destronado ante a efêmera conquista feminina.

Rosamulher, por ora temida, e por ora desejada, apresenta-se como a modulação feminina que se mostra desmoldada ao natural no sentido positivo, isto é, “ramada/exuberante”. O aspecto mais inquietante desse conto se efetiva na fascinante força da própria natureza biológica. Ademais, a tendência natural da mulher ramada por efeito da ausência masculina rompe a sua moldura, ou seja, promove a autodestruição das formas moldadas para efetivar-se na essência da reconstrução de si mesma, ou seja, ramada em demasia. A natureza no seu curso nega as formas perfeitas para a dissimetria da expansão do corpo por meio metáfora da

ramagem que cresce desordenada. Ela se torna mais mulher quando nega a mulher na sua perfeição pelo viés masculino.

Nesse sentido, o conto em ajuizamento representa as injunções explícitas que incidem da construção simbólica da visão social histórica que conflita homem e mulher. O texto em essência denuncia os excessos de cuidados do jardineiro, mas dicotomicamente evoca outra forma de dominação. “Hoje mais do que nunca, exigem quase sempre um gasto considerável de tempo e de esforços, determinam uma somatização da relação de dominação, assim naturalizada” (BOURDIEU, 2019, p.95). Infelizmente, a mulher de Colasanti não escapa às dialéticas discursivas impostas do sujeito (homem). Assim, ainda não se mostra como proposição de uma retórica da liberdade, do empoderamento feminino, cujo exercício literário se mostra contíguo à complacência emancipatória da mulher contemporânea.

Assim, o texto em proposição soma-se ficcionalmente como um documento histórico a mais que expõe a realidade estarrecida, na qual a sociedade ainda não se organiza efetivamente de forma a equiparar a igualdade dos pares. “De maneira ampla, o feminismo pode ser definido como um longo processo não terminado de transformação da relação entre os gêneros. Um processo com raízes que se estendem desde o passado remoto até o presente” (SILVA & SILVA, 2009, p. 145). A sensação de progresso é ínfimo e não corrobora para a ideia de que a mulher contemporânea vive no melhor dos mundos. “Mas é preciso também não transmitir a sensação de “progresso” na condição feminina” (SILVA & SILVA, 2009, p. 145). Conforme citação, ainda são necessários muitos enfiamentos para alcançar o máximo de igualdade de direitos na relação entre mulheres e homens.

A escritora demonstra por meio da linguagem do imaginário como o poder simbólico da ficção desencadeia múltiplos sentidos, pelos quais os dominados contribuem, muitas vezes, à revelia ou até contra a vontade para a efetividade do opressor. No que se refere ao masculino, não se pode negar a responsabilidade social histórica que o homem, por sua vez, também é vítima de si e da sociedade que ele representa sob o estímulo da opressão do outro e a negação do amor. O círculo histórico social impõe ao macho poucas possibilidades de escolhas ante a imagem feminina interposta pela tradição, na qual a mulher é o instrumento da sua vaidade a ser exibida a outros machos e à sociedade em geral como modelo de perfeição fruto da sua capacidade criadora.

Enfim, na condição de inferência masculina, nesse artigo, é possível que, por vezes, alicerçado num machismo estrutural correspondo a parte dessa dominação, logo, sou também implicado pelo arcabouço discursivo de raízes profundas e, por conseguinte, torno-me de repente contradito ao inferir um discurso de cunho feminista, mesmo que indeliberado. Simone de Beauvoir reitera na epígrafe de seu livro **O segundo sexo**, a fala de François Poulain de La Barre, filósofo e escritor, no século XVII, que apresentava uma visão feminista audaciosa, ao tratar, mediante o ponto de vista cartesiano, a desigualdade entre os sexos, tanto de ditames da razão quanto de natureza advinda da exclusão feminina, considerando a sociedade patriarcal do seu tempo. “Tudo o que os homens escreveram sobre as mulheres deve ser suspeito, pois eles são, a um tempo, juiz e parte” (BEAUVOIR, 2019, p.7).

Referências

BADINTER, Elisabeth. **Um Amor conquistado**: o mito do amor materno. Tradução: Waltensir

Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: fatos e mitos. Tradução: Sérgio Milliet. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: a experiência vivida. Tradução: Sérgio Milliet. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BÍBLIA, Português. **A bíblia Sagrada**. Tradução: João Manuel de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução: Maria Helena Kühner, 15 ed. Rio de Janeiro: Beltrand Brasil, 2019.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**: mitos, sonhos costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Tradução: Vera Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim, Lúcia Melim. 34. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.

COLASANTI, Marina. **E por falar em amor**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1984.

COLASANTI, Marina. **Contos de amor rasgado**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

COLASANTI, Marina. **Longe como meu querer**. São Paulo: Ática, 1997.

COLASANTI, Marina. **Uma ideia toda azul**. São Paulo: Global, 1999.

COLASANTI, Marina. **Doze reis e a moça no labirinto do vento**. 12. ed. São Paulo: Global, 2006.

FARINA, Modesto. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. 4. ed. São Paulo: Edgard Blücher, 1990.

FIORIN, José Luiz. Sendas e veredas da semiótica narrativa e discursiva. **Delta**: Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 177-207, 1999. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S010244501999000100009>>. Acesso em: 05 abr. 2020.

FONTANILLE, Jacques. **Semiótica do discurso**. 1. ed. Tradução de Jean Cristtus Portela. São Paulo: Contexto, 2008.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da mo-**

ternidade. 3. ed. Tradução: Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

MATOS, Edinaldo Flauzino de. A semiótica do “fio” e das “missangas” na ficção de Mia Couto: as metáforas assimétricas entre os sexos. **Missangas**: Estudos em literatura e linguística. Vol. 1, nº. 1, p. 34-55. jul. – dez. 2020.

PAZ, Octavio. **O labirinto da solidão e post scriptum**. 3. ed. Tradução: Eliane Zagury. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

PERROT, Michelle. **Minha história de mulheres**. Tradução: Angela M.S. Corrêa. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

POLO, Leonardo. **A crítica kantiana do conhecimento**. Organização e apresentação: Juan A.

Garcia Gonzalez. Tradução: Cassiano Medeiros Siqueira e Sérgio A. P. do Amaral. São Paulo: Escala, 2007.

SANTAELA, Lúcia. **O que é semiótica**. 1. ed. 34. reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2012.

SILVA, Kalina Vanderlei & SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

VIEIRA, Antônio. **Sermões do Padre Antônio Vieira**. Seleção, introdução e notas de Homero Vizeu Araújo. Porto Alegre: L&PM, 2010.

Recebido em: 14/04/2021

Aprovado em: 06/06/2021



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Community, Therapies, and Alternative Spiritualities in Toni Morrison's *Home*

José de Paiva dos Santos (UFMG)*

<https://orcid.org/0000-0002-1100-4037>

Abstract:

This article discusses the notions of home, community, and alternative spiritualities in Toni Morrison's novel *Home* as spaces of healing and empowerment of black subjects. Drawing from the field of trauma studies, cultural anthropology, and religious studies, the analysis examines the main characters' return to their hometown as a meditation on black history, the black body, and black spiritualities. It focuses especially on the rituals, local therapies, and black spiritualities black communities have developed as a means for physical and psychological healing.

Keywords: Morrison; Trauma; Spirituality; Home; Healing.

Resumo:

Comunidade, Terapias, e Espiritualidades Alternativas em *Home*, de Toni Morrison

Este artigo analisa noções de lar, comunidade e espiritualidades negras como espaços de cura e empoderamento do sujeito negro em *Home*, de Toni Morrison. Com base em conceitos do campo dos estudos do trauma, antropologia cultural e estudos da religião, a análise examina o retorno dos protagonistas Cee e Frank à cidade onde cresceram como uma reflexão sobre trauma, história negra, o corpo negro e espiritualidades negras. A análise se concentra nos rituais, terapias e manifestações negras de espiritualidade que comunidades negras têm desenvolvido como meios para se obter cura física e psicológica.

Palavras-chave: Morrison; Trauma; Espiritualidade; Lar; Cura.

Introduction

In *The Fire Next Time*, published in 1963, James Baldwin comments on the various forms of discrimination and exclusion black

families, and especially black men, endured in a nation which, in mid-twentieth century, still viewed blacks as inferior and a hurdle to

* Doutor em Literatura Comparada pela Purdue University, EUA (2001), com pós-doutorado em literatura e religião pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), Belo Horizonte (2020). Atualmente, é professor associado de literaturas de língua inglesa na UFMG, com pesquisa e ensino nas seguintes áreas: literatura afro-estadunidense, literatura comparada, literatura e espiritualidade. Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8788381150981867>. E-mail: josedepaivasantos@gmail.com

the country's development. He denounced the failures of racial integration policies, both at the micro and macroeconomic level, and pointed out, as an example, the specific case of war veterans who, after risking their lives to serve their country, found no support whatsoever when they returned home. He put it this way:

Home! The very word begins to have a despairing and diabolical ring. You must consider what happens to this citizen, after all he has endured, when he returns home: search, in his shoes, for a job, for a place to live; ride, in his skin, on segregated buses; see, with his eyes, the signs saying 'White' and 'Colored,' and especially the signs that say 'White Ladies' and 'Colored Women'... And this is happening in the richest and freest country in the world, and in the middle of the twentieth century. (1963, p. 74)

Here, he questioned common notions of home associated with protection, mutual support, and brotherhood, elements denied to blacks in times of either war or peace. He also pondered on the devastating effects of a racialized society upon young men and women, who since an early age saw their prospects of moving up the social ladder destroyed by ubiquitous institutional and structural racism. If blacks were to be assets and not burdens, he asked, how could they achieve it in a culture which emasculated black men and forced them to rely on their women for family support? Or, as he blatantly put it, how was it possible in a culture which believed that when they raped black women, they were doing the black population a favor by pumping precious white blood into their future generations (1963, p. 103).

Toni Morrison's *Home*, echoing Baldwin's incisive account of race relations in the United States, gives voice to some of these anxieties as she narrates the struggles of a Kore-

an War veteran named Frank Money and his attempt to reintegrate after fighting in the Korean War (1950-1953). Mirroring Baldwin's description of black experience in the 1950s and 1960s, Frank faces enormous obstacles as soon as he sets foot on his native land: segregation, unemployment, and sheer disregard for what he did as a soldier during the war. To make matters worse, whatever chances he might have had of integrating in the community is compromised by his involuntary outbursts of violence and rage, clear symptoms of Post-Traumatic Stress Disorder (PTSD). Along with Frank's predicaments, the novel also presents Ycidra, Frank's sister, also known as Cee, and her journey back home, not from a battlefield, but away from the hands of an unscrupulous doctor who deceitfully performed experiments on her uterus. As brother and sister make their way back to their place of birth – Lotus, Georgia – their story becomes a reflection on trauma, home, race and gender oppression, as well the power of communal bonds and alternative spiritualities in processes of physical and psychological healing. Responding, in many ways, to Baldwin's denunciation of the fallacies of post-World War II racial integration policies, the novel suggests that healing from personal and collective traumas take place when individuals not only confront the past but also, and, especially, when they embrace the rituals, traditions, and spiritual wisdom of their communities.

Trauma, History and the Black Body in Frank's and Cee's Journeys Back Home

Trauma, at both the individual and collective level, stands at the heart of Morrison's novel, as can be attested by the numerous

challenges the novel's main characters Frank and Ycidra (Cee) face to recover from the physical and, especially, psychological effects of their experiences of pain, fear, and hopelessness. In Frank's case, poverty and racism lead him to join the army, hoping that service for his country might somehow change his social status in the highly segregated rural community where he grew up in the state of Georgia. Yet, as soon as he is discharged from his duties in Seattle, he learns firsthand that his standing as a US citizen remains the same, if not worse, for now, besides pervasive contempt for his skin color, he has to deal also with the symptoms of Post-Traumatic Stress Disorder (PTSD), a direct consequence of the gruesome reality he experienced in the battlefield. After fleeing from a mental institution where he had been locked up for disruption of public order, Frank asks for Reverend John Locke's help to get back to Georgia. The reverend sums up in plain words how the vast majority of US citizens views black war veterans: "An integrated army is integrated misery. You all go fight, come back, they treat you like dogs. Change that. They treat dogs better" (18). Before sending him on his way, the reverend later remarks: "Listen here, you from Georgia and you been in a desegregated army and maybe you think up North is way different from down South. Don't believe and don't count on it. Custom is just as real as law and can be just as dangerous" (2012, p. 19). As he embarks on his journey to Georgia, he realizes the reverend has not exaggerated when it comes to veiled racism, hate, and violence against blacks.

Reverend Locke's warnings prove themselves true when he meets another pastor in Portland who is supposed to help him get to Chicago and, eventually, Georgia. Jessie Maynard provides him with a little money,

but nothing more: "Help, yes. But the contempt was glacial. The Reverend was devoted to the needy, apparently, but only if they were properly clothed and not a young, hale, and very tall veteran" (2012, p. 22). The excuse for not inviting him into the house is that his daughters are at home. Frank soon understands that being a war veteran does not mean much when the individual is poor and black. An incident in Chicago when Frank and his new friend Billy are randomly frisked by the police outside a store will confirm that nothing has changed since he left the country:

The younger officer noticed Frank's medal.
 "Korea?!"
 "Yes, sir."
 Hey Dick. They're vets."
 "Yeah?"
 "Yeah. Look." The officer pointed to Frank's service medal.
 "Go on. Get lost, pal." The police incident was not worth comment so
 Frank and Billy walked off in silence. (2012, p. 37)

The police officers' remarks reflect the general view that his services to the country are not guarantee of either safety or respect.

However, Frank's encounters with structural racism look small in comparison to the challenges he faces when fear and rage seize him unexpectedly, sometimes throwing him on the ground, other times making him weep before strangers, pick fights in barrooms or simply feel at loss in places otherwise familiar. The more he tries to understand what is taking place, the more memories from the battlefield keep coming back to haunt him. When describing the manifestation of PTSD, Cathy Caruth's definition is enlightening:

While the precise definition of post-traumatic stress disorder is contested, most descriptions generally agree that there is a response, sometimes delayed, to an over-

whelming event or events, which takes the form of repeated, intrusive hallucinations, dreams, thoughts or behaviors stemming from the event, along with numbing that may have begun during or after the experience, and possibly also increased arousal to (and avoidance of) stimuli recalling the event. (1995, p. 4)

Caruth's explanation underscores two important elements in PTSD symptoms: the delay in the response to a traumatic event and the numbing effects that accompany it. Since the emotional shock that caused the event is so overwhelming, the mind cannot process it at the moment; consequently, it buries the emotions that will surface later, normally as a response to a stimulus similar to the traumatic event. In other words, because the subject has not fully assimilated the experience of trauma, the experience itself does not become a coherent narrative and thus comes back to haunt the individual.

Caruth's views regarding the belatedness of the manifestation of trauma symptoms shed light on Frank's involuntary outbursts of rage after his discharge from the army. In Frank's case, the surges are preceded by the discoloration of people and objects around him. The first time it happened, Frank remembers, "all color disappeared and the world became a black-and-white movie screen" (2012, p. 23) and what he experienced next was an unmanageable anxiety, "a free-floating rage, the self-loathing disguised as somebody else's fault" (2012, p. 15). Frank sometimes has difficulty remembering what takes places next, but it generally involves violent acts against strangers or himself. While trying to recall a recent episode in which the police arrested and locked him up in hospital, he is utterly lost:

Other than that B-29 roar, exactly what he was doing to attract police attention was long gone. He couldn't explain it to himself, let alone to gentle couple offering help. If he wasn't in a fight was he peeing on the sidewalk? Hollering curses at some passerby, some schoolchildren? Was he banging his head on a wall or hiding behind bushes in somebody's backyard? (2012, p. 15).

Anne Whitehead explains that since trauma is not absorbed entirely or sufficiently at the time it first occurs, the individual does not possess it, cannot control and recount it at will. For this reason, trauma "acts as a haunting or possessive influence," insisting in returning and, repeatedly, plaguing the traumatized subject (2004, p. 5). It is these repetitions that drive Frank almost insane and cause him to find solace in alcohol and women, but this approach ends up worsening his condition. Scenes from the battlefield keep coming back whether he is sober or drunk: "...whatever the surroundings, he saw a boy pushing his entrails back in, holding his entrails like a fortune-teller's globe shattering with back news; or he heard a boy with only the bottom half of his face intact, the lips calling mama" (2012, p. 21). Other times scenes in which he saw his friends from Lotus, his hometown, get shot and lose their lives come to mind. He cannot conceive the idea of returning home and tell their families about how bravely they fought, but lost their lives anyway. Throughout the novel, Morrison inserts chapters in which Frank talks about, in first person, his war memories: "Korea. You can't imagine it because you weren't there.... Battle is scary, yeah, but it's alive. Orders, gut-quickening, covering buddies, killing – clear, no deep thinking needed" (2012, p. 93). The challenge for Frank is to put all these pieces together in the hope of constructing a narrative that will bring comfort and healing.

If Frank's major challenge is to put his war experiences into a more manageable perspective as an attempt to overcome, or at least deal with, the symptoms of PTSD, for his sister Cee, the issue at hand is gender and race oppression, which starts at home within the family and continues later within the community where she lives. Many of Frank's memories from childhood show how his entire family was constantly moving to escape either from hunger or from persecution by violent, racist white neighbors. In an episode when they had to hurry out of Bandera County, Texas, he remembers the heat and hunger the family had to endure: "Talk about tired. Talk about hungry. I have eaten trash in jail, Korea, hospitals, at table, from certain garbage cans. Nothing, however, compares to the leftovers at food pantries" (2012, p. 40). For Cee, all this moving around leaves an indelible mark, at least according to her grandmother Lenore, who takes every opportunity to remind her that she was not born in a house like decent people, but on the road like prostitutes and street women. For Lenore, with whom the family was forced to live after fleeing Texas, "being born in the street – or the gutter as she usually put it – was prelude to a sinful, worthless life" (2012, p. 45). Against the meanness of her grandmother and relatives, she had the protection of her brother Frank, but after Frank left town to enlist in the army, Cee sees no reason to remain in Lotus. She gets married and leaves town as soon as the opportunity appears.

It is in Atlanta that Cee will face disappointment, pain, and almost encounter death, were it not for the help of strangers and, especially, her brother Frank who comes to her rescue as soon as he learns she about to die: in fact, the note he received was short and clear: "She be dead" (2012,

p. 103). After a few weeks in Atlanta with her husband Prince, Cee quickly realizes that he married her not for love but for the old automobile her aunt owned. She is soon abandoned to her fate in a big city. Unable to return home and running out money, she takes a job as an assistant for Dr. Beauregard Scott, a man known in Atlanta as a medical doctor as well as a scientist. If at first her duties involved "cleaning instruments and equipment, tidying and keeping a schedule of patients' names, time of appointments and son on" (2012, p. 64), she later becomes the guinea pig for his experiments with eugenics. It is the housekeeper Sarah who notices that Cee's health was declining quickly and decided to write Frank and ask for help. Even though Sarah knew the doctor performed abortions and invented medicines, she was unaware that as of late he "got so interested in wombs in general, constructing instruments to see farther and farther into them. Improving the speculum" (2012, p. 113). In ways similar to what he did in the battlefield, Frank rescues his sister from the enemy's territory and takes her back to the safety of their hometown Lotus, bleeding and burning with fever, but still alive. The love and care she receives from a group of strong women will save her from death and teach her precious lessons about trust, self-esteem, and gender and racial resistance.

In her discussion of the pathology and dynamics of trauma manifestations, Caruth also makes an important connection between trauma and history. For her, what traumatized subjects manifest in outbursts of anger, fear and despair is more than the symptoms of buried or unconscious pain. As the subjects cannot entirely absorb or process the traumatic events they experience, they end up carrying this "impossi-

ble history within them,” thereby becoming “themselves the symptom of history that they cannot entirely possess” (1995, p. 5). This remark is important because it places the body, and not just the immaterial unconscious, as an important factor in the dynamics of trauma expression and development. This observation is especially relevant within the context of the African diaspora because the black body has always figured as a site of trauma at multiple levels. As slaves, blacks often had their bodies marked with a branding iron, sometimes as a form of punishment for disobedience, other times simply to designate their status as inferior, as commodity to be sold for profit. The psychological consequences of such branding cannot be measured. After slavery, the black body continues to be a site where multiple discourses intermix and leave their imprint. The black man as the potential rapist and the black woman as lascivious by nature have been enduring stereotypes with dire consequences for the black community. Thus, as Maxine L. Montgomery has rightly remarked, “Literally and symbolically, the black body functions as a text bearing witness to the...history of blacks in the New World” (2012, p. 330).

Morrison’s treatment of Cee’s and Frank’s traumatic experiences in *Home* constitutes a meditation on history, especially on the black body as a site of trauma. Their stories represent aspects of black history that have been distorted or left out of official historical accounts. Dr. Beau’s experiments on Cee’s uterus, for instance, alludes to the infamous Tuskegee Syphilis Study which started in 1932, an experiment in which six hundred black men were used as guinea pigs for a study on the development of syphilis. Even though the researchers knew who in the group was infected, they did not

provide adequate treatment and many of them died, lost their eyesight, went insane or developed other health problems. It took decades for reparations to be made to the families of those involved in the experiment. In the novel, Cee is a victim of not only racial but gender oppression, which makes her an easy prey for the unscrupulous Dr. Beau. No wonder the black community that aids Cee to recover is very suspicious of traditional medical care: “– nothing made them change their minds about the medical industry” (2012, p. 122). Morrison also revisits history by bringing the participation of blacks in wars, hoping that they would gain respect and achieve social equality. Frank’s disappointments after his discharge from the army show how such a project was no more than a fantasy. In *Home*, Cee’s and Frank’s bodies not only carry the symptoms of pain and trauma, but also bear witness to the traumatic history of a people that has faced slavery, racism, oppression, and generational trauma.

Rituals, Healing, and Community in Frank’s and Cee’s Paths to Recovery

The community of Lotus, Georgia, has certainly experienced its share of trials and hardships, so when Frank hurries Cee, on the brink of death, into Miss Ethel’s house, she immediately gathers the women in the community to provide the much needed help. The novel describes them as more than simply caring people, as years of toiling in a hostile land has taught them to handle “sickness as though it were an affront, an illegal, invading braggart who needed whipping” (2012, p. 121). They cannot stand laziness and lack of common sense, either. For them, “sleep was not for dreaming; it

was for gathering strength for the coming day” and “conversation was accompanied by tasks: ironing, peeling, shucking, sorting, sewing, mending, washing, or nursing” (2012, p. 123). This is the environment that will strengthen and lead Cee in the path of physical and psychological recovery. As Cee recovers, Frank will also find ways to heal from his childhood and war traumas. In contrast to the rhetoric and instruments of conventional science, vital in this therapeutic process are the rituals, medicines, and folk beliefs the black community of Lotus has nurtured over the years as a strategy to face sickness, pain, trauma, and death.

Albert J. Raboteau in his seminal work on slave religion in the antebellum South remarks that African-based religious beliefs did not disappear after blacks landed in the New World and got in touch with new forms of spirituality. He comments that “African styles of worship, forms of rituals, systems of belief, and fundamental perspectives have remained vital on this side of the Atlantic, not because they were preserved in a “pure” orthodoxy but because they were transformed” (2004, p. 4). Raboteau’s observations emphasize the strategies of resistance blacks developed to maintain their worldviews in an environment that disdained their origins and demonized their religions. Christianity was certainly imposed on them, but the black community learned to filter and transform what they were taught, thereby adapting the Christian faith into a religion of their own. In this process of transformation, their former rituals, beliefs, and indigenous traditions gained different forms and purposes in the New World. In the novel, the women in Lotus draw from this syncretic repertoire of folk beliefs and rituals when Cee and Frank come back in search of spiritual protection and physical

treatment. The syncretic aspects of these rituals can be perceived in the combination of Christian ethics and symbolism with indigenous beliefs and therapeutic medicines.

Scholars have provided numerous definitions and assessed the various effects of rituals on social groups and individuals. Some of these definitions have religious undertones while others a more secular, sociological twist. Victor W. Turner, for example, defines ritual as “a stereotyped sequence of activities involving gestures, words, and objects, performed in a sequestered place, and designed to influence preternatural entities or forces on behalf of the actors’ goals and interests” (1973, p. 1100). As an anthropologist, Turner views rituals from a more religious perspective. Others such as Émile Durkheim see rituals as social acts whose goals are “to strengthen the bonds attaching the individual to the society of which he is a member” (2008, p. 226), even when practiced in religious contexts. Another aspect is the connection to memory, since ritual is linked to the act of remembering and dramatizing in a safe environment that which is considered taboo, scary and disturbing within a particular social group. The goal is to prevent chaos from setting in by providing, as Joseph Campbell comments in *Myths to Live By*, a coherent, organized picture of the cosmos (1972, p. 114-115). Despite the differences in emphases and contexts, the agreement seems to be that rituals, be they religious or secular, have the power to bring people together by fostering feelings of belonging, camaraderie, and confidence when chaos is expected or is already in place. As individuals take part in ritualistic, repetitive behaviors such as chants, melodies, dances, worship rites, food preparation, and medicine ceremonies, to mention a few, they hope to reestablish order and keep individ-

ual and communal fears, frustrations, and hate under control.

In *Home*, decisive in Cee's process of recovery are the use of local medicines and the rituals of physical healing to which Cee is introduced as soon as she is brought into Miss Ethel's home. The novel shows that one of the first procedures to rid her of the pain and infection in her uterus is to avoid anything industrially manufactured. The narrator remarks how nothing could convince Miss Ethel and the other women about the benefits of the medical industry, even when Cee mentioned Dr. Beau's intentions, which for her seemed noble at the time she went through his experimental practices. As soon as they find out "she had been working for a doctor, the eye rolling and tooth sucking was enough to make clear their scorn" (2012, p. 121). To revert what the doctor had performed, their first strategy is to resort to the indigenous treatments "they had been taught by their mothers" (2012, p. 122). Surrounded by what Cee's remembers "as women who loved mean," she takes various sorts of concoctions to stop the infection and have whatever had been "packed into her vagina...douched out" (2012, p. 121). She has no say in what they make her eat or drink. If it hurts, they tell her, it is because it is healing; if she vomits it, she will have to take it again. The treatment culminates in a procedure she finds the most embarrassing – to have her private parts exposed for several days to the sun heat: "The final stage of Cee's healing had been, for her, the worst. She was to be sun-smacked, which meant spending at least one hour a day with her legs spread open to the blazing sun. Each woman agreed that the embrace would rid her of any remaining womb sickness"; although Cee hesitated, out of shame and fear that others might see her unclothed,

the women assured it was necessary: "The important thing is to get a permanent cure. The kind beyond human power" (2012, p. 124). The women's confidence in the natural powers of the sun to permanently cure the infection suggests a total rejection of synthetic medicines and valorization of long-held ancestral knowledge about the relation between individuals and the natural world. More than that, as Laura Castor comments, it shows that "genuine healing does not happen in the houses and institutions of the medical establishment" (2014, p. 146). The therapeutic procedure lasted for ten days, after which Cee is allowed to interact more openly with the women around her.

Despite Cee's health improvement, Miss Ethel and her neighbors know that for Cee to recover fully, she needs more than physical health. Being aware of her history of family abuse and low self-esteem, they provide the environment for the kind of psychological strength she needs in order to face the world as a black woman and never again be the victim of another doctor. The transformation that takes place during the weeks she spends with Miss Ethel and the women from Lotus's community surprises even Frank, as "they delivered unto him a Cee who would never again need his hand over her eyes or his arms to stop her murmuring bones" (2012, p. 128). This time, critical in this process are the rituals of spiritual cleansing and emotional bonding Cee experiments during her sojourn with the Ethel and her friends.

To be able to stand for herself, Cee needs to rid herself of all the negative input she has absorbed over the years from both family and social institutions. To gain spiritual strength and boost her self-confidence, an important piece of advice Cee receives from Miss Ethel is to see herself as a worthy, free human being born with the strength to

lift herself up. Cee later ponders on how it “was the demanding love of Ethel Fordham, which soothed and strengthened her the most” (2012, p. 125). Neglect and family abuse had turned her into a fragile, insecure woman unable to defend herself and fight for rights as a black woman. Miss Ethel’s words for her are kind but firm: “Don’t let [your grandmother] or some trifling boyfriend and certainly no evil doctor decide who you are. That’s slavery. Somewhere inside you is that free person I’m talking about. Locate her and let her do some good in the world” (2012, p. 126). The rituals of emotional bonding and spiritual strengthening Cee is exposed to day in day out in Miss Ethel’s company have the purpose to tap this inner power society and family has suppressed over the years.

Important in this process of emotional cleansing and bonding is the practice of quilting, an activity the women of Lotus cultivate to make some money, but, more importantly, to maintain the traditions and knowledge that has been passed on from generation to generation. The narrative tells that as Cee heals, the women transform Ethel’s home in a sort of quilting center, a place where they share ancestral experience and communal knowledge: “Ignoring those who preferred new, soft blankets, they practiced what they had been taught by their mothers during the period that rich people called Depression and they called life” (2012, p. 122). On discussing the role quilting has played in African American culture, Floris Barnett Cash remarks that more than a means to increase the family’s income, quilts have played a symbolic role in African American communities in that they constitute “a record of their cultural and political past...The voices of black women are stitched within their quilts” (1995, p. 30). For black cul-

tural critics such as Cash, the act of stitching pieces of cloth in different shapes and sizes stands for restoration, a shout of resistance amidst the chaos of a fragmented black history. In the novel, the act of stitching assorted pieces of cloth points to the reconstruction of African American women’s black experience, a symbolic feature Morrison is very much aware of in the narrative. As Olga Idriss Davis remarks, in Morrison’s novels, she “present[s] the quilt in ways which conceptualize identity and redefine history, setting in place a dialectical tension between traditional learning and critical literacy” (1998, p. 67). As Cee becomes more involved with the women’s activities and hear their stories, songs, and life experiences, her personal history begins to be, likewise, reconfigured, redirected, this time by her own hands. Frank’s response to Salem, Cee’s grandfather, about how Cee is doing, attests to the connection between the quilt metaphor and Cee’s recovery: “Salem, impatient to get back to the chessboard, changed the subject: ‘Say, how’s your sister?’ ‘Mended,’ Frank answered” (2012, p. 140). When Frank says that Cee has been mended, he suggests that what has taken place in past weeks has been more than physical recovery – she has reconnected with the past so as to be better equipped to face the uncertainties of the future.

As Cee is spiritually and physically treated under the care of Ethel and her neighbors, Frank is left “to sort out what else was troubling him and what to do about it” (2012, p. 132). Once again, the community provides Frank with the atmosphere to reconnect with his origins and find ways to heal from both past and present wounds. Frank’s childhood disappointments, expectations, and fears as well as painful memories of the Korean War appear, as mentioned before, in

italics and are interposed among the chapters, as an internal monologue, challenging the narrator's ability to put it all down into words. One episode in particular was when he shot a Korean child who used to crawl into camp at night scavenging for food leftovers in the trash can. The image of the little girl's hand going through the trash and later touching his private parts in return for the favor does not leave his mind: "*A child. A wee little girl. I didn't think. I didn't have to. Better she should die. How could I like myself, even be myself if I surrendered to that place where I unzip my fly and let her taste me right then and there*" (2012, p. 134. Italics in the original). Thoughts such as these have haunted Frank since the day he landed on home soil. On discussing the tensions between home and displacement in the novel, Mark A. Tabone remarks that Cee's and Frank's return to Lotus constitute, above all, a search for a true home amidst a life of constant, forced moving. It is "not until the pair's embattled return to Lotus [that] they finally 'arrive'"; in other words, Lotus becomes "an affirmative 'beloved community' that enables healing, belonging, and self-determination" (2018, p. 292; p. 301). In Frank's case, this is especially relevant, for he is been literally everywhere in his search for a home – the war in Korea, the arms of strange women, bars, even a mental institution.

While he waits for Cee to recover, Frank visits places and old friends in Lotus. In a way, this time with the community turns into an opportunity to reconnect with himself, his people, and the land. Aside from the moments when he is battling past memories and the symptoms of PTSD, the burial ritual he performs in the outskirts of Lotus with the help of his sister is certainly the most emblematic moment in Frank's journey towards healing. In the beginning of the novel,

the narrator mentions an episode in which, when children, Frank and Cee witnessed a group of men on horses throwing the body of a black man into a hole. Frank remembers that he and his sister had sneaked into the property to see the wild horses that used to play in the fields. Yet, they are petrified at what they see:

We could not see the faces of the men doing the burying, only their trousers, but we saw the edge of a spade drive the jerking foot down to join the rest of itself. When she saw the black foot with its creamy pink and mud-streaked sole being whacked into the grave, her whole body began to shake" (2012, p. 4. Italics in the original).

In bits and pieces, Frank has learned that the owners of the stud farm into which they crawled used to kidnap black men and have them fight each other till one of them died. Salem and his friends even recall the day a young man wandered into Lotus covered in blood saying he was forced to kill his own father during one of these competitions. These gatherings were publicized for the community as dog fights, but everyone knew what really took place over at the farm: "You want to know about them dogfights?...More like men-treated-like-dog fights" (2012, p. 139).

Having found out that what they saw being discarded like an object had most probably been the boy's father, Frank decides to disinter whatever is left of the body and provide the man a proper burial. The re-burial gains a symbolic dimension in that the act of disinterring the bones of an unknown man becomes the act of opening up the tombs he has constructed to hide his fears, shame, rage, and other traumatic memories. Once again, the quilt becomes a significant symbol in a ritual with the power to connect different generations of black people. When they reach the place where the body had been

buried, Frank picks up the shovel and digs up the bones and skull: "Carefully, carefully, Frank placed the bones on Cee's quilt, doing his level best to arrange them the way they once were in life. The quilt became a shroud of lilac, crimson, yellow, and dark navy blue" (2012, p. 143). After that, Frank carries the man's wrapped bones in his arms to be buried properly under a tree nearby. While Frank digs a hole in the ground, Cee has the impression she sees a man standing on the opposite side of the river watching the whole ritual. When she asks Frank who the gentleman might be and Frank turns around to check on him, the man is no longer there. The novel does not elaborate on this sighting, simply leaving up to the reader to imagine the importance of the ritual to connect different generations of black people. Frank then pays final homage to the man by nailing a sign on a tree: "Here Stands a Man" (2012, p. 145). In these final rites, the quilt serving as the man's coffin becomes more than his last shelter; it points to the rejoining of the living and the dead, an important aspect of the African religious heritage alive in black communities. For Frank, the quilt is even more meaningful, as it stands for survival, protection, and care at the home he is been searching for so long and that he has finally found; it stands also for mending and stitching together in a more coherent whole the pieces of his fragmented history. And the sign "Here Stands a Man" nailed on the tree becomes the representation of his resistance towards a history of exploitation and emasculation of black subjects. Home becomes the starting point of a new journey for both Cee and Frank.

Final Remarks

Toni Morrison's rendering of Cee's and Frank's journey of healing and recovery

are marked by an emphasis on the role folk beliefs and indigenous rituals play in keeping black communities strong and united, especially in times of adversity and social hostility. In times such as these, they create strategies of resistance to face white supremacist practices of racial discrimination and social exclusion. In *Home*, the notion of home as trumpeted by mainstream U.S. culture in the context of the 1950s is challenged when race is added to the equation. In the novel, Frank's personal battle against PTSD and racial discrimination shows the sordid side of Jim Laws, which give blacks hopes of integration and acceptance when they are recruited to join the army, but deny their rights as war veterans when they return from the battlefield. Frank's struggles to remain alive and, later, to save his sister from the hands of Dr. Beau, testifies to the indifference of U.S. social policies towards black minorities. In Cee's case, besides race, gender becomes a key component in the fight for justice and social acceptance. Having lost the protection of her brother, she becomes the victim of both black men who take advantage of her social vulnerability, and white supremacist groups who see in her a potential asset for their unscrupulous eugenic experiments. By placing Cee's and Frank's psychological recovery in the hands of a small group of women living in a black rural community, Morrison wants to rescue important values, customs, and indigenous religious beliefs that have protected and given black communities a sense of identity for decades.

References

- BALDWIN, James. *The Fire Next Time*. New York: Vintage: 1963.
- CAMPBELL, Joseph. *Myths to Live By*. New York: Viking Press, 1972.

CARUTH, Kathy. Introduction. In: **Trauma: Explorations in Memory**, CARUTH, Kathy (Ed.). Baltimore: The John Hopkins University Press, 1995, p. 3-12.

CASH, Floris Barnett. Kinship and Quilting: an Examination of an African American Tradition, **The Journal of Negro History**, v. 80, n. 1, p. 30-431, Winter 1995.

CASTOR, Laura. "This house is strange": Digging for American Memory of Trauma, or Healing the "Social" in Toni Morrison's *Home*. In: SHANDS, Kerstin W; MIKRUT, Giulia G. (Eds.). **Living Language Living Memory: Essays on the Works of Toni Morrison**. English Studies 4. Sweden: Elanders, 2014, p. 5-153.

DAVIS, Olga Idriss. The Rhetoric of Quilts: Creating Identity in African American Children's Literature, **African American Review** v. 32, n.1, p. 67-76, Spring 1998.

DURKHEIM, Émile. **The Elementary Forms of Religious Life**. Trans. Joseph W. Swain. Mineola, NY: Dover Publications, 2008 [1915].

MONTGOMERY, Maxine L. Remembering the Forgotten War: Memory, History, and the Body in Toni Morrison's *Home*, **CLA Journal**, v. 55, n. 4, p. 320-334, 2012.

MORRISON, Toni. **Home**. New York: Vintage, 2012.

RABOTEAU, Albert J. **Slave Religion: The "Invisible Institution" in the Antebellum South**. Updated Version. New York: Oxford University Press, 2004.

TABONE, Mark A. Dystopia, Utopia, and "Home", in Toni Morrison's *Home*, **Utopian Studies**, v. 29, n. 3, p. 291-308, 2018.

TURNER, Victor W. Symbols in African Ritual, **Science**, New Series, v. 179, n. 4078, p. 1100-1105, Mar. 1973.

WHITEHEAD, Anne. **Trauma Fiction**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2004.

Recebido em: 14/04/2021
Aprovado em: 11/06/2021



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

***Ciranda de pedra e Fazes-me falta:* linguagem errante em Lygia Fagundes Telles e Inês Pedrosa**

*Licilange Gomes Alves (UFC)**
<https://orcid.org/0000-0002-8221-0575>

*Cid Ottoni Bylaardt (UFC)***
<https://orcid.org/0000-0002-2090-431X>

Resumo:

Este artigo objetiva dialogar as literaturas brasileira e portuguesa contemporâneas, focando na análise dos romances *Ciranda de pedra*, de Lygia Fagundes Telles, e *Fazes-me falta*, de Inês Pedrosa, na perspectiva da linguagem. Parte-se do princípio de que esta categoria, na obra das referidas autoras, apresenta-se como errante, revelando-se impotente para esclarecer o que diz. No tocante à escritora brasileira, *Ciranda de Pedra* foi seu primeiro romance, após três livros de contos publicados. Já Pedrosa, segundo a crítica, passou a figurar no campo da literatura portuguesa, principalmente, a partir de *Fazes-me falta*. Desse modo, os dois livros foram significativos na consagração de ambas, o que se justifica, também, pela irreverência da linguagem neles trabalhada. A análise foi perspectivada por teóricos e críticos que tecem contribuições voltadas ao estudo da literatura contemporânea, especialmente Maurice Blanchot (1997; 1987). Para compreender as considerações da crítica acerca das ficções pedrosina e lygiana, foram consultados, dentre outros, os trabalhos de Diana Navas, Telma Ventura (2018) e Sônia Régis (1998). Os estudos sobre as obras das referidas escritoras vêm crescendo bastante à medida que mais leitores passam a tomar conhecimento de um expressivo legado romanesco à espera de novos pesquisadores que desejem aventurar-se nos meandros de sua linguagem.

Palavras-chave: Lygia Fagundes Telles; Inês Pedrosa; Linguagem errante; Ausências.

* Doutoranda em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza, Ceará, Brasil. Professora da SEDUC (CE). E-mail: licilangealves88@gmail.com – Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5618374257485001>

** Professor Doutor Associado II de Literatura Brasileira na Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: cidobyl@gmail.com – Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9466072856241017>

Abstract:***Ciranda de pedra and Fazes-me falta: the errant language in Lygia Fagundes Telles and Inês Pedrosa***

This article aims to highlight the dialogue between the contemporary Brazilian and Portuguese literatures, focusing on the analysis of the novels *Ciranda de Pedra* (*The Marble Dance*), by Lygia Fagundes Telles, and *Fazes-me Falta* (*Still I Miss You*), by Inês Pedrosa, from the perspective of language. It is assumed that the principle of this category, in the work of those authors, presents itself as incorrect, revealing itself impotent to clarify what it says. Regarding the Brazilian writer, *Ciranda de Pedra* was her first novel, after three books of short stories published. Meanwhile, Pedrosa, according to criticism, stood out in the Portuguese literature field, mainly, from the *Fazes-me Falta* novel. In this way, the two books were significant in the consecration of both authors, which is also justified by the irreverence of the language worked on them. The analysis was based on theorists and critics contributions aimed at the study of contemporary literature, especially Maurice Blanchot (1997, 1987). In order to understand the considerations of the criticism about the Pedrosin and Lygian fictions, were consulted, among others, the works of Diana Navas, Telma Ventura (2018) and Sônia Régis (1998). Studies on the Lygia and Pedrosa works are growing a lot as more readers become aware of a significant Romanesque legacy waiting for new researchers who wish to venture into the intricacies of their language.

Keywords: Lygia Fagundes Telles; Inês Pedrosa; Errant language; Absences.

Introdução

As produções de Lygia Fagundes Telles e Inês Pedrosa parecem comungar da ideia de que a literatura é expressão da cultura de uma nação. Suas narrativas apresentam cunho engajado com aspectos sociais que singularizam o contexto do Brasil e de Portugal. Ao mesmo tempo, é sabido que os dois contextos se entrelaçam, tanto no tocante a estes aspectos sociais, quanto em relação à literatura.

Vários pontos atestam esses entrecruzamentos existentes nas literaturas produzidas nos dois países, entre eles, a linguagem adotada pelas duas escritoras, cujas obras foram escolhidas para compor o *corpus* analítico do presente artigo. O estudo propõe-se a analisar a linguagem empregada por

Telles e Pedrosa na tessitura dos enredos de *Ciranda de pedra* e *Fazes-me falta*, considerando que esta é errante por apresentar-se lacunar, assim como o próprio contexto temático dos romances.

O lugar da ficção de Lygia Fagundes Telles

A ficção de Lygia Fagundes Telles possui um expressivo público de leitores e também de pesquisadores. Autora de vasta produção galardoada com vários prêmios literários, Lygia escreveu textos que apresentam, a cada nova leitura, outros olhares sobre os mesmos temas, como loucura, solidão, morte, medo, amor, inclusive sobre a linguagem.

O delineamento de suas personagens raramente é feito com objetividade, haja vista sua preferência pela introspecção. Sônia Régis (1998) aponta como uma das características da obra lygiana o aprisionamento do leitor, de modo que este se limita à estreita linha entre realidade e representação. Segundo esta pesquisadora, uma das grandes inquietudes da ficcionista é abordar o mistério existente na palavra de modo a formar uma atmosfera simbólica inédita.

De seus romances, o mais conhecido e reverenciado pela crítica é *Ciranda de Pedra*, o qual tomaremos como *corpus* deste artigo. Trata-se de um texto que a própria escritora considera uma espécie de divisor de águas em sua carreira literária por ser esteticamente mais elaborado do que os anteriores¹. Após ser publicado, este livro causou bastante impacto no meio literário, recebendo apreciação positiva de grandes nomes, dentre eles, o crítico Antonio Candido:

[...] Lygia Fagundes Telles (maturidade literária com *Ciranda de pedra*, 1954) [...] sempre teve o alto mérito de obter, no romance e no conto, a limpidez adequada a uma visão que penetra e revela, sem recurso a qualquer truque ou traço carregado, na linguagem ou na caracterização. (CANDIDO, 1989, p. 205)

Esse primeiro romance de Lygia chamou atenção do poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade, que declarou em carta dirigida à própria autora:

Ciranda de Pedra é um grande livro, e V. é uma romancista de verdade – [...] Contando com grande fôlego, dispondo cenas e episódios com uma segurança de quem sabe o que está fazendo, criando realmente pessoas vivas e não simples personagens, V. compôs

1 Esta afirmação de Lygia Fagundes Telles pode ser encontrada no texto *Mysterium*, que compõe seu livro de fragmentos de memórias intitulado *Durante aquele estranho chá*, publicado em 2002.

um livro perturbador, que nos prende e nos assusta, que nos faz sofrer e ao mesmo tempo nos oferece o remédio compensador da própria arte, pois a força da criação resolve num plano mágico os conflitos que ela mesma suscita (DRUMMOND DE ANDRADE citado em TELLES, 1998, p. 157)

Os conflitos percebidos pelo poeta afetam todos os personagens do romance, especialmente a protagonista Virgínia. Mas comprometem, também, os leitores, daí o fato de Drummond atentar-se para o envolvimento emocional do sujeito que entra em contato com uma história que o atinge, ferindo-o e, ao mesmo tempo, curando-o. Nessa ambiguidade é que ele enxerga a grandiosidade de uma obra que resiste ao tempo, sendo que, mesmo depois de mais de cinquenta anos de sua publicação, ainda continua atual, representando questões de nosso tempo.

O contexto histórico e a ficção romanesca de Inês Pedrosa

Publicado em 2002, o romance *Fazes-me falta* é parte da produção de uma autora cuja obra se situa no panorama da Literatura Portuguesa contemporânea. Para compreender o cenário literário no qual está situada a obra de Inês Pedrosa, é preciso antes recorrer ao contexto histórico marcado por um conflituoso período político de Portugal: a Ditadura Salazarista. As pesquisadoras Diana Navas e Telma Ventura, no artigo intitulado *A escrita feminina em Fazes-me falta: corpo morto, corpo desconstruído* (2018), contextualizam que esse fato marcou o longo período do governo autocrata de António de Oliveira *Salazar*. Tal cenário findou com a chamada Revolução dos Cravos, marcada por mudanças significativas na literatura, visto que foi fomentada, também, por intelectuais.

Tanto os discursos políticos e sociais quanto os literários expressavam o anseio por democracia e liberdade de expressão, assim como o fim do silenciamento imposto pelo regime ditatorial. Novas formas de discurso foram construídas com o intuito de subverter o silêncio imposto. Segundo atestam Navas e Ventura,

certamente, após décadas de repressão fascista, o povo português vivenciava as marcas da própria crise de identidade, às quais se somaram as questões da colonização e dos retornados. Tais fatos constituíram, pois, a temática da escrita de muitos romancistas e poetas que, conscientes dessa crise, decidiram escrever uma nova História, parodiando a oficial. A reconstrução histórico-social de Portugal é assim idealizada, dentre outras formas, também por meio da literatura, por meio de um novo olhar, olhar este que abarcou inúmeras revoluções estéticas, as quais poderiam apenas ser expressas através da paródia e da linguagem poética – recursos, ambos, transgressores das formas tradicionais (NAVAS; VENTURA, 2018, p. 86-87).

Dessa forma, a produção de muitos escritores desse período voltou-se para temáticas que buscavam redesenhar o contexto pós-ditadura. A partir disso, o compromisso social da literatura tornou-se muito evidente porque passou a ser instrumento propício para manifestar o desejo de subversão ao repressor momento anterior.

Em *O romance português contemporâneo* (2012), Miguel Real nomeia de “romance desconstrucionista” aquele que foi produzido nesse período pós-ditadura (décadas de 1960 a 1970), caracterizado pela ausência de narrador fixo, descontinuidade com as categorias tradicionais do romance, sem fatos inquestionáveis, uma vez que a narrativa passa a ter mais percepções e reflexões. Assim, seu teor de criticidade torna-se mais aguçado.

Não há mais o tradicional enredo contado com início, meio e fim. Com efeito, uma das peculiaridades da narrativa pedrosina é a não linearidade. Em sua obra, há uma multiplicidade de “eus” narrativos, com vários pontos de vista que se entrelaçam, não havendo unicidade de voz.

Inês Pedrosa faz parte da geração posterior, situada nas décadas de 1980-1990. De acordo com Navas e Ventura, a autora adotou em sua literatura as subversões de estilo da geração que a precedeu e “retomou o Realismo em sua escritura textual por meio das temáticas históricas, marcando suas produções literárias com o estilo narrativo desconstrucionista” (NAVAS; VENTURA, 2018, p. 88).

A linguagem errante em *Ciranda de pedra e Fazes-me falta*

Em seus textos, Lygia e Inês costumam tecer considerações acerca de questões metaliterárias, incitando reflexões sobre o seu objeto: a linguagem. Ambas são consideradas, nesta análise, transgressoras no tocante ao modo como constroem suas narrativas por transcender os limites da linguagem através de discursos que permeiam o indizível. Referindo-se à obra lygiana, Carlos Magno considera que

[...] o jogo metanarrativo faz parte das opções estéticas de Lygia Fagundes Telles. Por exemplo, em *Ciranda de Pedra* (1954), temos os quadros de Otávia, irmã da protagonista Virgínia, funcionado como referência à desestruturação familiar; em *Verão no aquário* (1963), há os comentários críticos de Raíza, a protagonista transgressora, acerca dos romances de Patrícia, sua mãe. Tais críticas mostram uma repulsa ao romance tradicional de formação feminina que a mãe escreve; em *As meninas* (1973), identificamos o mal-estar da literatura em Lia, uma feminista guerrilheira, que abandona a es-

crita de um romance engajado por se sentir traída pela subjetividade da escrita literária; já em *As horas nuas* (1989), a metanarração pode ser identificada pela construção paródica da biografia de Rosa, uma atriz decadente que faz uma escrita teatral de suas memórias (GOMES, 2017, p. 558).

Conforme o crítico, a metanarratividade é uma das características da escrita lygiana. Assim como na obra de Lygia, na de Inês Pedrosa também é possível notar marcas metanarrativas, provando assim que a linguagem literária pode dizer sobre a sociedade na qual é produzida, sobre o sujeito que a produz e sobre os pontos de vista perspectivados em suas personagens, mas também diz algo sobre si e seu próprio tecer.

Apesar de muitos afirmarem que o romance “chegou ao fim”, conforme Carlos Reis (2018), surgem a cada dia novas produções com temas múltiplos que atendem expectativas de gostos variados. Isso mostra que esse gênero não parou de se reinventar, haja vista sua evolução vir acompanhando as mudanças e os conflitos que perpassam a existência humana. Nesse sentido, embora os romances em tela apresentem enredos tão destoantes com a realidade física – o de Lygia mais que o de Inês – ainda assim eles mantêm coerência com o atual caos que atravessa o mundo contemporâneo em decorrência das reflexões suscitadas acerca da condição humana.

Em *Ciranda de pedra*, Lygia apresenta um enredo delineado por delicados laços familiares: de um lado, há a família legítima, composta pelos personagens Natércio e suas duas filhas, Otávia e Bruna; de outro, a família ilegítima, composta por Laura, a esposa adúltera que teria traído Natércio, seu amante Daniel e a filha Virgínia, personagem central. Virgínia vive um caos de conflitos em razão da rejeição que sofre por ser fruto de um adultério, relação ilegítima

bastante criticada pelos preceitos religiosos da irmã Bruna.

Silviano Santiago, no posfácio da edição de *Ciranda de pedra*, da editora Companhia das Letras, de 2009, chama de “linguagem alucinatória” (SANTIAGO citado em TELLES, 2009, p. 150) a que é usada pelo narrador desse romance para contar a vida de Virgínia. O crítico considera essa a linguagem mais adequada para a narração de um enredo tão repleto de situações aparentemente irracionais, tendo a própria loucura como uma das principais temáticas do livro. Desse modo, essa linguagem seria usada de forma bastante estratégica pela escritora.

Uma das justificativas encontradas no romance para essa “escrita do delírio” é que humano e inumano se confundem, partilhando das mesmas situações. Em vários momentos, insetos e anões de pedra são mencionados parecendo exprimir alguma resposta à Virgínia.

Essa linguagem alucinatória é notada, especialmente, nas falas de Laura, acometida de loucura, doença que, segundo a filha, Bruna, adveio sobre a mãe como castigo por ter cometido o pecado do adultério. As falas de Laura são, quase sempre, proferidas por meio de discursos vazios, que não dizem nada para o núcleo racional da narrativa. Virgínia tenta encontrar sentido nas falas da mãe, buscando entender, por exemplo, o que são as tais raízes que esta, recorrentemente, menciona:

— Ele voltou, Daniel, ele voltou. Eu quis me defender mas as raízes estão muito fundas, olhe aí, nem posso mais mexer os dedos... Não posso mais mexer os dedos... Gravemente, Daniel examinou-lhe as mãos crispadas. E devagar foi alisando dedo por dedo, tirando algo invisível de cada um e atirando longe. — Agora esta raiz aqui... Agora esta... Pronto, já arranquei todas, está vendo? Todas! (TELLES, 1998, p. 32)

Estas raízes, é dito, ficam na profundidade, são obscuras, não podem ser vistas nem compreendidas, assim como a própria linguagem, que muito fala, mas é vazia de dizeres. São falas circulares que tratam sempre de raízes e besouros, assim como certos comentários que ela faz lembrando um possível passado, como se fosse recuperando suas memórias, porém, como são falas proferidas por uma mulher louca, não lhe é dada credibilidade.

Em *Fazes-me falta*, a narração de cada capítulo é intercalada pela fala de duas personagens: uma mulher morta e um homem vivo, ambos sem nome. A mulher é chamada de Sininho pelo personagem devido à semelhança entre ela e a fada do clássico infantil *Peter Pan*. Para a mulher, o homem afirma o seguinte: “refilavas muito e espalhavas pó de ouro em tudo o que tocavas. Em contrapartida, eras temperamental e chorosa, hipersensível. E tinhas uma excessiva tendência para a vingança [...]” (PEDROSA, 2011, p. 43).

O relacionamento que houve entre essas duas personagens não é esclarecido. Em nenhum momento é dito que eles se beijaram; sobre o sexo, ambos defendiam a possibilidade de fazer mal ao relacionamento existente entre eles. A relação, deduz-se, trata-se de uma forte amizade firmada em muito afeto de um pelo outro. Trata-se de uma relação indefinida.

A linguagem é tecida com bastante lirismo, característica que justifica o romance ser considerado por Navas e Ventura (2018) como prosa poética. As pesquisadoras afirmam que *Fazes-me falta* está amparado nessa hibridização de gêneros, por isso, transcede os limites da linguagem por meio de um discurso que atinge o indizível.

Anjo que tardas, minha lotaria, dá-me as tuas asas que eu dou-te alegria. Anjo sem casa nem sabedoria, balda-te ao céu, faz-me

companhia. Anjo fugido, de cabeça esguia, pousa no meu colo e diz-me “bom dia”. Anjo enganado, cor da minha vida, volta para o meu lado ou dá-me uma saída. Anjo do escuro, pássaro sem medo, leva as minhas penas, dá-me o teu segredo (PEDROSA, 2011, p. 75).

O excerto demonstra bem a fusão das duas modalidades textuais supramencionadas. Há uma musicalidade expressa pelas rimas – “lotaria”, “alegria”, “sabedoria”, “companhia”, “esguia”, “dia/enganado”, “lado/vida”, “saída/medo”, “segredo” –, realçando o tom lírico dessa prosa. Destarte, nota-se um monólogo proferido pelo homem, compondo um curtíssimo capítulo em que o eu lírico faz uma súplica por companhia para fugir da solidão e do tédio.

Além da poeticidade, a linguagem de *Fazes-me falta* é caracterizada pela presença de um dos elementos comuns ao romance contemporâneo: a fragmentação. É relevante perceber a linguagem fragmentada e céptica constituída de modo similar ao mundo criticado pelas personagens, aos sujeitos habitantes dele e ao enredo inusitado. É como se tudo isso fosse colocado em xeque porque acontece em “espaços” movediços que não oferecem estabilidade para quem vive nele. Tal perspectiva é apresentada por meio de um elemento também instável, não confiável e que nada diz: a linguagem.

A linguagem do texto pedrosino não é linear, porém, talvez se o fosse, não desse conta de falar por essas personagens tão densas e marcadas por incertezas e lacunas. Os dizeres ficam no vazio, apenas no campo das possibilidades. Paradoxalmente, tal linguagem é empregada apenas para dizer que ela nada diz e reside na incompletude, pois todas essas situações chegam ao leitor de modo duvidoso e incompleto. Assim, quanto mais o leitor cumpre seu papel de juntar

os dados expressos para ter uma compreensão de tudo, mais ele se depara com o vácuo, com o vazio dos discursos das personagens, isso porque a linguagem é impotente e não pode dar conta de dizer tudo.

Característica semelhante ocorre em *Ciranda de pedra*, cujo enredo é dividido em duas partes. Na primeira, a protagonista Virgínia é representada como uma menina que vive uma infância solitária e triste. Ela mostra-se uma criança meio perdida que deseja muito ver os pais, Laura e Natércio, unidos novamente.

Na segunda parte, ela retorna do colégio interno onde resolveu morar para fugir de toda a rejeição que sentia morando com o suposto pai, Natércio. O intervalo entre as duas partes da personagem é marcado pelo silêncio que, deduz-se, é o transcorrer do tempo que passou e provocou toda a mudança em Virgínia. Mas tudo é apenas deduzido pelo leitor, pois nada disso é dito; como no romance pedrosino, no lygiano, é preciso que o leitor complete as “partes fragmentadas” do texto.

A linguagem sempre deixará algo em suspenso, conforme sugere este trecho de Pedrosa: “Mas também a amizade se mostrou vulnerável ao tédio e à decepção. Tudo o que tocamos se desfaz. Depois fica-nos o vício da decomposição, o perfume intoxicante das coisas mortas” (PEDROSA, 2011, p. 56). A tentativa de adentrar à literatura para compreendê-la faz com que esta seja dissipada, ficando apenas o espaço vago. Em consonância com estas considerações, Maurice Blanchot (1997) associa a ideia de morte à arte afirmando que tanto esta, quanto aquela são espaços em que os dizeres não podem ser explicados claramente.

Na concepção blanchotiana, o próprio ato de compreender está ligado à ideia de morte, visto que, ao buscar a compreensão

de uma obra, o sujeito a mata, portanto, a literatura não tem direito à morte, não devendo ser compreendida para não morrer. Tanto a literatura, quanto a morte e a noite tendem para o obscuro, o incompreensível. É interessante observar as várias menções feitas à noite no romance pedrosino:

Os tios que tomaram conta de mim diziam-me que eles estavam no céu a velar pelo meu futuro, e eu enfurecia-me com esses pais mudos que me deixavam na solidão da noite interrogando as estrelas. Nunca os ouvi, como tu não ouves agora o que te digo. Mas o sorriso de Deus tocou-me, provando, na sua oscilação, que eles estavam lá, algures, no negro. E parecia-me que a graça da existência consistia em procurar vozes na noite — uma noite cuja cauda se arrasta pelo fundo do mar e pelo interior da terra, uma noite que o vapor branco do sol apenas abre um pouco mais. Assim me apaixonei pelos livros — pela noite que neles nos invade, quando os abrimos, pela noite que neles nos resiste, depois de lidos, relidos e fechados. Pela noite que prossegue, incansável, entre as palavras, as palavras sem dono, escritas da ausência para a ausência (PEDROSA, 2011, p. 50).

A literatura se constitui no limiar da ausência. É essa mesma ausência que se nota também na obra de Pedrosa por meio de sua linguagem que aparece ligada ao inacabado. Na citação acima, a personagem que está narrando, no caso, a mulher morta, lamenta a ausência dos pais mudos, o que provoca a solidão da noite. Essa ausência de fala é referida em várias situações: quanto aos pais (“pais mudos”), ao homem vivo com quem, possivelmente, ela fala (“tu não ouves”), na solidão que ela diz ter sentido durante o tempo em que era viva. Após a morte dos pais, ela é criada pelos tios.

A mulher diz que os pais estavam no “negro”, ou seja, no obscuro, aludindo à noite. Também fala da procura de vozes pela noite, logo, são vozes que habitam o silên-

cio da escuridão. Ela cita uma noite que há nos livros e permanece neles mesmo após serem lidos. Por fim, afirma que a noite segue entre palavras, que não têm dono e são escritas do nada, isto é, da “ausência para a ausência”.

Também no romance lygiano, escuridão da noite é associada ao indizível e à morte, aquilo que é obscuro, incompreensível, especialmente à Virgínia, como no trecho que segue: “[...] Virgínia enxugou os olhos. Vinha-lhe agora a certeza de que não a veria nunca mais. O relâmpago a iluminara e a devolvera à escuridão, lá onde também estavam os outros.” (TELLES, 1998, p. 84) A narração se refere aos mortos, Laura e Daniel, pais de Virgínia, que estariam no lugar do indizível, aquilo que não se conhece, portanto, não se sabe explicar.

Para Blanchot, “na noite, reside a ausência, a escuridão, a falta de clareza, o silêncio. [...] aí se realiza e se cumpre a palavra na profundidade silenciosa que a garante como o seu sentido” (BLANCHOT, 1987, p. 163). Portanto, é notável que, tanto no texto pedrosino quanto no texto do teórico francês, a noite é representada como uma falta, algo cuja visibilidade não se alcança. Em ambos, há uma relação com a linguagem literária, feita não apenas de palavras, mas também de sentidos e ausências.

A peculiaridade da linguagem nos romances pedrosino e lygiano provoca no leitor a impressão de haver erros na pontuação e na sintaxe, constantes truncamentos e uma incompletude nas frases. Seriam “escritas gagas”, segundo Gilles Deleuze (1997), que aplica o termo a alguns escritores, no caso, apenas aqueles ditos bons. Para o filósofo, escritores “gagos” estão entre os mais criativos. O trecho a seguir, de *Fazes-me falta*, é iniciado com uma pergunta da mulher para o homem:

Estás a ver porque é que eu preferi desistir dessa nossa ideia infantil de escrever romances? Já há tantos, hoje — e são tão parecidos com a mentira hiper-realista da realidade. Já há tantos, meu querido — ao menos nunca foste nenhum Sousa para mim. Tu-que-fumas. Meu querido. Velhinho. Bebé. Cabrão. Bebé é que não suportavas que eu te chamasse — e por isso te chamava tanto. O teu nome já estava demasiado gasto quanto eu te conheci. Demasiadas mulheres, demasiados códigos secretos demasiadas vezes arrombados (PEDROSA, 2011, p. 89-90).

Entretanto, pelo modo como os capítulos são estruturados, percebe-se que não há uma conversa em que perguntas são feitas e respondidas simultaneamente. Há criação de expressões (*Tu-que-fumas*), constantes períodos curtos, que, a princípio, deduz-se que sejam a sequência do que a personagem vem dizendo, mas a inserção de vários finais compromete a estrutura frasal, parecendo conter problemas de coesão. Esses aparentes erros caracterizam o que se chama aqui de “escrita errante”, peculiar à de Inês Pedrosa.

De início, pode parecer estranho o porquê de um possível defeito – a “gagueira” – ser tão bem visto por Deleuze. Para o francês, o escritor se torna “gago” em sua própria língua, fazendo-a gaguejar e habitar o espaço da errância. Segundo as propostas literárias do século XX, ter estilo não é mais uma característica daquele que escreve corretamente e sim daquele que mais se aproxima de uma criação.

Destarte, o estilo configura-se como uma transgressão às normas tradicionais, “[...] um grande escritor é sempre estrangeiro na sua própria língua” (DELEUZE, 1997, p. 124). Os bons escritores fazem a língua gaguejar e essa gagueira revela uma singularidade na linguagem do escritor.

O gago é um sujeito que, em sua linguagem defeituosa, repete, faz retomadas de

falas já ditas e se esforça para conseguir dizer algo. Nessas citações, é possível notar indícios dessa gagueira pelas repetições e frases entrecortadas com pontuações que sugerem uma inconclusão no pensamento das personagens.

Nas escritas pedrosina e lygiana, há um esforço por meio de palavras e efeitos que geram possibilidades e expectativas, mas que não se concretizam, ficando a critério do leitor fazê-lo. São escritas aparentemente sem conexão nem coerência, exigindo participação do leitor para construir os sentidos das narrativas; há um esforço feito para dizer e não para se fazer entendido.

É possível afirmar que são escritas rizomáticas, palavra derivada de rizoma, metáfora botânica desenvolvida por Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011). Ambientando o termo ao contexto da linguagem em questão, a grama se assemelha à língua, fazendo desta um rizoma. Diferentemente de outros vegetais, o rizoma cresce em sentido horizontal, ficando defeituoso. Entretanto, no caso dos grandes escritores, esses “defeitos” lhes são próprios; eles não têm a preocupação de “falar bem” para serem aceitos.

Para Deleuze e Guattari (2011), o rizoma é transgressor em relação ao pensamento linear, uma vez que se espalha por múltiplas direções indefinidas. Ele se abre, esparramando-se por vários caminhos por meio de suas linhas de fuga². Característica semelhante é perceptível nas escritas das autoras em questão: ao iniciar a leitura, espera-se linearidade e clareza nas ideias apresentadas, entretanto, não é isso que se nota, como é possível atestar no seguinte trecho de *Fazes-me falta*:

2 Termo trabalhado por Gilles Deleuze e Félix Guattari em *Mil Platôs* para se referir aos desvios feitos pelo rizoma visando escapar da linearidade.

Estou sozinho. Sozinho com o coração em bocados espalhados pelas tuas imagens. Já não posso oferecer-te o meu coração numa salva de prata. Alguma vez o quis? Alguma vez o quiseste? Dava-me agora jeito um deus qualquer para moço de recados. Um deus que te afagasse os cabelos e me recordasse como eram macios. Um deus que me libertasse desta imagem fixa do teu corpo encaixotado. Logo tu, que tantas vezes te rias daquilo a que chamavas o meu “encaixotamento compulsivo”: – Um dia chego cá e encontro-te no meio dessa papelada, morto de cansaço, pronto a encaixotar. Olha, eu é que não te empacoto – ganhei medo a mortos (PEDROSA, 2011, p. 9).

Esta citação consta no início do capítulo que abre o livro, narrado em primeira pessoa; nela, é explicitada a ausência pela solidão que o narrador diz sentir em razão da morte da mulher, a quem ele faz indagações. Tais dúvidas ficam no vazio, suspensas, uma vez que a pessoa a quem ele se dirige não está mais no mesmo plano terreno para que possam desenvolver uma conversa aos moldes convencionais. Parece mais tratar-se de divagações, ou pensamentos aleatórios, ditos apenas para quem os narra, e perguntas que não esperam respostas.

Identifica-se, no trecho, uma forma rizomática de escrita porque não há uma linearidade no que está sendo dito - ou apenas refletido. Uma possível fala da mulher é lançada no meio destas divagações que o homem faz. Tais divagações também são entrecortadas com questionamentos que ele lança aleatoriamente, sem esperar retorno.

Os travessões remetem a um diálogo, mas, como se vê, não é uma conversa entre duas pessoas, então não pode ser, de fato, um diálogo, pelo menos não no momento presente em que estas situações estão sendo contadas, mas, talvez o fora em um passado longínquo quando a mulher era viva.

Os trechos iniciados por travessões corresponderiam às falas dela. Desse modo, é mais coerente pensar que são lembranças do homem em razão da saudade deixada pela mulher.

A escrita das autoras em questão exige que o leitor vá além da superfície da leitura, querer ler o que está além do legível, do explícito. A escrita pedrosina incita escavar a superfície do texto, ir além do que está aparentemente dito. Nos romances em estudo, os acontecimentos se passam no campo das incertezas: em *Fazes-me falta*, não se sabe se são fatos, quase tudo é recontado na fala de ambas as personagens por meio de lembranças, que promovem o limiar entre real e irreal, uma vez que a própria memória transita na esfera da ficção. Dessa forma, memória e ficção são entrecruzadas em *Fazes-me falta*, assim como as vozes narrativas.

Em *Ciranda de pedra*, na primeira parte, Virgínia tenta descobrir o que há de estranho consigo para não ser aceita pela família legítima e busca encontrar respostas especialmente na linguagem de delírios de mãe, ficando em dúvida se o que é contado por esta trata-se de memórias ou se é fruto da loucura da qual padece. Na segunda parte, ela já conhece o motivo, mas, ao lembrar do passado que viveu na primeira, não tem mais certeza se aconteceram. Tudo lhe é transmitido por fragmentos de memória construída pela linguagem de pessoas que já não existem mais.

No trecho a seguir, nota-se sua vida sendo metaforizada com um rio: “Não, não, tudo aquilo era memória, chegara a hora de dizer-lhe adeus. O fluxo da vida que corria como aquele rio era tão belo, tão forte! O sonho era o futuro. Tinha apenas que libertar-se e viver (TELLES, 1998, p. 186). Virgínia deseja libertar-se das palavras, pois estas lhe atri-

cionam a um passado do qual ela luta para esquecer por lhe trazer sofrimento. Ela almeja libertar-se das lembranças para poder usufruir do que o futuro lhe reserva. Porém, as palavras relacionadas a tais recordações ficam ecoando em sua memória, embora de forma vaga, mesmo elas sendo apenas sombra que não lhe propiciam nenhuma certeza, afinal, a personagem descobre que nem pertence à família legítima, nem tem mais a família construída pelo adultério que lhe gerou.

Sobre a escrita de Inês Pedrosa, Navas e Ventura (2018) consideram ser semelhante a uma tessitura composicional em renda porque é como se apresentasse brechas, lacunas, construindo – ou desconstruindo? – uma escrita fragmentada, embora seus dizeres sejam proferidos por meio de uma voz lírica que é própria da tradição literária portuguesa, como se a sua obra residisse entre uma tradição e uma inovação.

A renda é constituída por linhas que formam buracos, mas não os preenchem, deixando sempre espaços a serem completados pelo leitor, no caso da leitura do texto pedrosino. Esses “buracos” fazem com que existam, no romance, mais dúvidas do que certezas e mais ausências do que presenças. Todos esses ditos/não-ditos caracterizam a linguagem tanto de Inês quanto de Lygia, cujos textos não se deixam desvendar por completo.

Relacionando essa discussão ao espaço literário, é possível trazer à cena os estudos de Blanchot, para o qual a linguagem que não fala, por si só já fala. Para o crítico, a linguagem “não é silenciosa porque, precisamente, o silêncio fala-se nela” (BLANCHOT, 1987, p. 45). Desse modo, a linguagem é destituída de poder e revela sua impotência por não conseguir dizer tudo. Não sendo disponível, fica no silêncio, e é justamente

neste em que residem as condições de um possível entendimento.

No trecho que segue, o homem fala da difícil relação que teve com a mãe: “Eu dizia que a amava e visitava-a cada vez menos para não ver o que a casa já não era” (PEDROSA, 2011, p. 66). Após a saída dos filhos, a mãe ficou morando sozinha; a casa tornou-se habitada pelo silêncio. Era este que preenchia o vago dos cômodos e do coração da mãe que fora, aos poucos, sendo abandonada pelos filhos.

Semelhante ao que ocorreu à mãe, é a amizade entre os dois, homem e mulher que narram. Essa amizade se reduziu ao nada, ao que não houve, não foi dito e ao tempo em que ambos não mais existiam, isto é, o suposto presente em que tudo está sendo narrado, pois a amizade agora não mais existe de fato, já que cada um habita um espaço e um tempo diferentes: ele, o plano físico e tempo presente; ela, o plano metafísico e o tempo passado, conforme é expresso na citação: “A nossa morta amizade, vê tu – fotografia sem mancha. Sobrou dela tudo o que não dissemos. Tudo o que nos afastou, o tempo em que já não existíamos – nós. E isso não morre – o que não existiu” (PEDROSA, 2011, p. 86).

A impotência da linguagem faz com que as duas personagens do romance sejam impossibilitadas de se expressar por completo. Cada uma se expressa em cada capítulo, dizendo muito em palavras, mas, ao mesmo tempo, sem concluir e sem dizer nada por completo, deixando margens apenas para o vago. Não há uma comunicação efetiva porque o próprio contexto situacional não o permite: um vivo e uma morta falando sobre um passado incerto. Os silêncios, ou os buracos dessa renda de Inês Pedrosa, são preenchidos pela ausência de palavras; de-seja-se tocá-las, porém, elas são inatingíveis,

difíceis, não sendo permitido alcançá-las.

No âmbito das incertezas presentes nos dois romances, é relevante notar a marca de ausência que é central em ambos os textos: a morte. Os enredos estão ambientados em contextos marcados por ausências, também, de vidas: a morte da personagem que fala com o homem, no caso do romance português; a morte de seus pais; da mãe do homem; de um bebê mencionado nas falas; de uma menina que foi espancada, assim como outras mortes citadas.

Já no romance brasileiro, há as mortes dos pais de Virgínia, a possível morte da empregada Luciana e outras que vão sendo mencionadas no decorrer da narrativa. “Vida e morte se entrelaçavam. E se no momento era difícil amá-las, impunha-se recebê-las com serenidade” (TELLES, 1998, p. 186). A morte é entendida como um mistério, um vazio que fica, deixando apenas incertezas. Até quem ainda não morreu tem “cheiro de morte”, como descreve o narrador na visita que Virgínia faz à Frau Herta quando está doente.

Curiosamente, até a casa do pai posição de Virgínia é associada à morte. A casa é caracterizada como sombria e estranha, chegando a ser comparada a um túmulo, conforme este trecho: “— A ideia foi minha. Achei que a casa estava parecendo um túmulo, os ciprestes cresceram demais, ficaram sinistros” (TELLES, 1998, p. 118). Na fala citada, Bruna esclarece à Virgínia sobre a ideia de mandar cortar as árvores que circundavam a morada, haja vista proporcionarem uma aparência estranha ao lugar. Ciprestes são enormes árvores usadas como ornamento para cemitérios, daí porque serem associadas ao luto e à tristeza, características atribuídas à casa de Natércio.

Há presenças constantes de símbolos, cuja busca do significado é deixada a cri-

tério do leitor, o que torna a leitura dos dois romances enigmática. Nas duas obras, é possível perceber a íntima relação construída pelas escritoras entre os vários temas que discutem e a linguagem por meio da qual são elaborados tais assuntos. As várias reflexões metalinguísticas presentes nos textos possibilitam entrever a preocupação que as autoras têm com o fazer literário ou com sua própria matéria-prima: a linguagem.

É por meio desta infundável, errante e transgressora linguagem que muitos leitores são atraídos a emaranhar-se nas teias das ficções de Inês Pedrosa e Lygia Fagundes Telles, situadas em cenários literários tão fecundos e aproximados, como são o português e o brasileiro.

Considerações finais

Este trabalho apresentou um estudo dos romances *Ciranda de pedra*, de Lygia Fagundes Telles, e *Fazes-me falta*, de Inês Pedrosa, ambas escritoras contemporâneas e com extensa contribuição para as literaturas brasileira e portuguesa, tendo como objeto a linguagem por meio da qual os textos são construídos. Após o contato com leituras de críticos que consideram a linguagem de ambas transgressora e lacunar e, posterior constatação na leitura dos romances, percebeu-se que a análise das obras perspectiva pelo inusitado de sua construção é uma seara de possibilidades para estudo.

Com base nisso, optou-se por verificar de que modo se tece essa linguagem cheia de “buracos” a partir da concepção de pesquisadores que compõem parte da fortuna crítica das autoras, assim como críticos e teóricos que trazem contribuições acerca dos modos de visualização da linguagem literária contemporânea, como Maurice Blanchot (1997) e (1987), especialmente.

Notou-se também que, ao longo dos romances, são suscitadas várias reflexões metaliterárias, dando margem para inferir que a literatura, ao falar sobre temáticas e contextos sociais diversos, também fala muito de si. É preciso, assim, ter sensibilidade aguçada para perceber o que há nos entremeios dessas palavras que, aparentemente, só dizem sobre aspectos sociais, mas que, entre os “buracos de sua renda” dizem bastante a respeito daquilo que traz esse social até o leitor: a linguagem.

Espera-se que este estudo venha suscitar reflexões em torno das múltiplas possibilidades ofertadas pelas obras de Lygia Fagundes Telles e Inês Pedrosa, especialmente com foco nas discussões que envolvem reflexões acerca da linguagem, contribuindo para o florescer de novas pesquisas voltadas à literatura, fator que muito aproxima os dois países, Brasil e Portugal.

Referências

- BLANCHOT, Maurice. A literatura e o direito à morte. In: **A parte do fogo**. Trad. Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- CANDIDO, Antonio. A nova narrativa. In: **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. 2ª ed. Vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 2011.
- DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. Carta. In: TELLES, Lygia F. **Ciranda de Pedra**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- GOMES, Carlos Magno. A circularidade da escrita de Lygia Fagundes Telles. **Alea**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 557-570, dez. 2017. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo>>

[php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2017000300557&lng=pt&nrm=iso>](https://doi.org/10.1590/1517-106x/2017193557570). Acesso em 02 mar. 2020. <https://doi.org/10.1590/1517-106x/2017193557570>

NAVAS, Diana.; VENTURA, Telma. A escrita feminina em Fazes-me falta: Corpo morto, corpo desconstruído. **Revista Desassossego**, [S. l.], v. 9, n. 18, p. 85-100, 2018. DOI: 10.11606/issn.2175-3180.v9i18p85-100. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/desassossego/article/view/131468>. Acesso em: 20 nov. 2019.

PEDROSA, Inês. **Fazes-me falta**. [recurso eletrônico] / Inês Pedrosa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. Formato: e-PUB.

REAL, Miguel. **O romance português contemporâneo: 1950-2010**. Lisboa: Caminho, 2012.

REIS, Carlos. "Estudos narrativos". In: **Dicionário de Estudos narrativos**. Coimbra: Almedina, 2018. p. 119-132.

RÉGIS, Sônia. A densidade do aparente. In: **Cadernos de literatura brasileira**: Lygia Fagundes Telles. Nº 5. São Paulo: Instituto Moreira Salles, março 1998.

SANTIAGO, Silviano. Posfácio. In: TELLES, Lygia Fagundes. **Ciranda de pedra**. São Paulo: Companhia das Letras, de 2009.

TELLES, Lygia F. **Ciranda de Pedra**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Recebido em: 14/03/2021

Aprovado em: 02/06/2021



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Aspectos de interlíngua em português língua estrangeira: estruturas sintáticas

*Diocleciano Nhatuve (UZ)**

<https://orcid.org/0000-0003-4749-1348>

*Sávio Malope (UZ)***

<https://orcid.org/0000-0001-9310-2644>

*Nelson Ernesto (UEM)****

<https://orcid.org/0000-0001-6098-7327>

Resumo:

A aprendizagem e o uso do português como língua estrangeira revelam aspectos linguísticos e estratégicos particulares, sobretudo no que respeita à construção de estruturas frásicas nos primeiros estágios de aprendizagem. O objetivo deste estudo é identificar e descrever as tendências de aprendentes do português tendo como línguas materna e segunda o shona e o inglês na construção de frases simples. O estudo é norteado pelos princípios teóricos da interlíngua e, em termos metodológicos, adota uma abordagem qualitativa. A base empírica é constituída por estruturas sintáticas escritas por estudantes universitários no primeiro e no segundo anos de aprendizagem do português. Os resultados revelam tendências como (1) a construção de enunciados sem verbos, (2) o uso de dois verbos em frases simples, sem que um seja auxiliar, (3) a combinação de formas verbais incongruentes com os traços gramaticais dos respetivos sujeitos, (4) a falha na seleção de argumentos, (5) a intransitivização dos verbos transitivos e a seleção de argumentos externos (sujeitos) para os verbos impessoais e (6) a tendência de usar o número e o gênero não marcados no estabelecimento da concordância nominal. Todas estas dificuldades, entretanto, são interpretáveis sob o ponto de vista das manifestações das fases da interlíngua.

Palavras-chave: Português língua estrangeira; Ensino-aprendizagem; Manifestações das fases da interlíngua; Estruturas sintáticas; Tendências.

Abstract:

Interlanguage aspects in Portuguese as Foreign language: Syntactic Structures

The learning process and the use of the Portuguese as a foreign language re-

* Doutor em Linguística - Universidade de Coimbra. Leitor de Língua Portuguesa – Universidade do Zimbabwe. E-mail: djrnhatuve@gmail.com

** Doutorando na Universidade do Zimbabwe. E-mail: saviojustinorafaelmalope@gmail.com

*** Docente de Língua Portuguesa na Universidade Eduardo Mondlane (Maputo). Doutorado em Metodologias de Ensino de Português Língua Não-Materna (Universidade Nova de Lisboa). E-mail: lua1974nel@gmail.com

veal particular linguistic and strategic aspects regarding construction of sentences, especially in the first stages of learning process. The aim of this paper is to identify and describe tendencies of speakers of Shona and English when constructing simple sentences in Portuguese. The study is informed by principles of interlanguage and it adopts a qualitative approach. Data comprises syntactic structures (simple sentences and phrases) written by first and second-year university learner of the Portuguese language. Results reveal the following tendencies: (1) omission of verbs in simple sentences, (2) the use of two verbs in simple sentences, (3) lack of agreement of grammatical person and number between verbs and subjects, (4) irregular combination of verbs and arguments (subjects and objects), (5) the use of transitive verbs as non-transitive ones, and (6) non-target nominal agreement of grammatical gender and number. All these tendencies, however, can be analyzed considering manifestations of different stages of the interlanguage.

Keywords: Portuguese as foreign language; Teaching and Learning processes; Manifestation of interlanguage phases; Syntactic structures; Tendencies.

1. Introdução

A aprendizagem das línguas estrangeiras (LE) e, de forma particular, do Português língua estrangeira (PLE) tem conhecido uma adesão significativa em várias partes do mundo. As habilidades profissionais, os conhecimentos linguísticos e mesmo os materiais mobilizados para o ensino do Português língua materna (PLM) e do Português língua segunda (PLS) não são necessariamente os mesmos para o ensino do PLE. Com efeito, a performance dos alunos do PLE apresenta particularidades próprias quer na sintaxe e fonética, quer na escrita e oralidade. A influência das línguas já desenvolvidas pelos alunos é visível nos domínios da língua enumerados.

A aprendizagem das línguas não maternas (LNM) implica a passagem por diferentes fases em que as estruturas da língua materna (LM) ou da língua segunda (L2) exercem expressivamente a sua influência na construção de enunciados na língua alvo. A estas fases em que os enunciados dos alunos não representam estruturas estáveis nem da LM nem da LE designam-se de in-

terlíngua (CORDER, 1981). Neste contexto, um dos aspectos a considerar na construção da interlíngua dos aprendentes de PLE na Universidade do Zimbabwe (UZ) tem a ver com a produção de frases em Português, cujas estruturas revelam uma forte presença da sintaxe das línguas já desenvolvidas. As diferenças entre Shona, Inglês e Português implicam dificuldades acentuadas aos alunos e aos professores no processo de ensino-aprendizagem.

Neste trabalho, analisam-se, com efeito, as frases simples dos aprendentes de PLE na UZ. O objetivo geral é de apresentar as principais tendências e dificuldades na estruturação de orações, resultantes das manifestações das respectivas fases da interlíngua. Assim, poder-se-á tomar medidas cautelares e estratégias adequadas que permitam minimizar as dificuldades. Este objetivo passa pela apresentação e descrição das orações produzidas pelos alunos, pela sua análise sob o ponto de vista sintático, semântico e funcional e pela identificação de possíveis causas dessas dificuldades.

Os aprendentes do PLE na UZ são maioritariamente falantes de Shona e Inglês, sendo o grupo alvo deste estudo os alunos (com idade entre os 19 e 26 anos) do primeiro e segundo anos que aprendem português pela primeira vez. Aliás, estes grupos têm as disciplinas de Português e cadeiras afins como parte do currículo dos cursos que estão a seguir.

1.1. Problema e hipóteses

O ensino das LNM enfrenta dois aspectos cruciais. O primeiro é relacionado com o fato de o processo de aprendizagem ter como base os conhecimentos linguísticos de outras línguas. Aliás, tal como defende Revuz (1997 *apud* PEREIRA 2001, p. 59) o “estar-já -aí da primeira língua [LM] é um dado iniludível”, e se essa língua é “tão omnipresente na vida do sujeito, que se tem o sentimento de jamais tê-la aprendido”, (ela) exerce, por isso, direta ou indiretamente a sua influência sobre a LE, sendo previsível o rol das dificuldades de construção de frases simples em português pelo nosso grupo alvo.

O segundo seria o contexto social envolvente que, na maior parte dos casos, não oferece um *input* linguístico que favoreça o desenvolvimento de LE (cf KRASHEN, 1981; 1985) sem grandes sobressaltos. Por exemplo, o contexto sociolinguístico do grupo alvo é marcado pelo encontro de várias línguas sobretudo de origem *bantu* e indo-europeia. No entanto, o shona é a língua de comunicação sociofamiliar para a maioria, reduzindo sobremaneira as hipóteses de os alunos desenvolverem competências em português através do *input* sociofamiliar. Aliás, os alunos só têm o contexto escolar (a universidade) para aprenderem e praticarem o português.

Desta feita, são previsíveis dificuldades na articulação de elementos para a constru-

ção de orações. As dificuldades, neste âmbito, despoletam questões de natureza sociolinguística e pedagógica como: quais os aspectos que caracterizam as frases simples dos aprendentes zimbabweanos de PLE? Como se caracteriza a interlíngua dos falantes de Shona e de Inglês na aprendizagem de Português?

Tendo em consideração aspectos sociolinguísticos e pedagógicos, pode-se levantar as seguintes hipóteses relacionadas à construção de frases simples por aprendentes de PLE na UZ:

1. O Shona e o Inglês são línguas cuja sintaxe é diferente da do português, por isso, os alunos apresentam dificuldades acentuadas na construção de frases em PLE nos primeiros anos;
2. As frases simples dos alunos (nas fases de interlíngua) apresentam características sintáticas do Shona ou do Inglês, ou das duas línguas - colocação de palavras e a sua relação dentro da estrutura sintagmática e oracional.

1.2. Enquadramento teórico

Este estudo é norteado pela teoria de interlíngua. Aliás, os aprendentes de LEs não passam da condição de não falantes, neste caso de PLE, diretamente para a condição de falantes proficientes. Existem fases que medeiam os dois estágios, as fases da interlíngua, pelas quais passam todos os aprendentes de LEs.

A interlíngua, cuja teoria tem como precursor Selinker (1972), é o conjunto de realizações linguísticas marcadas por aspectos de sintaxe, estruturas fráscas, fonética e até certo ponto vocabulário da LM ou L2, a partir do momento em que se começa a aprender e usar uma LE, antes de se atingir o potencial máximo (cf. CORDER, 1981, p. 16-

17). Geralmente, a interferência da LM ou da L2 quer na aprendizagem quer no uso é que dá origem ao fenômeno da interlíngua. As produções linguísticas em LE – características das fases da interlíngua – não respeitam nem a gramática da LM ou L2 nem a da LE, embora sejam amiúde comunicativas: “[they are] regular, systematic, meaningful, i.e., [they have] a grammar, and [are], in principle, describable in terms of a set of rules, some sub-set of which is a sub-set of the rules of the target social dialect¹” (CORDER, 1981, p. 17).

A teoria de interlíngua considera que as realizações dos estudantes, entretanto, não devem ser interpretadas como simples erros ou formas desviantes, mas sim como realizações genuínas de um sistema linguístico particular – a interlíngua – (SCHUMANN, 1974, p. 145). Para Schumann (1974), a interlíngua, a partir do momento em que tem lugar no indivíduo, constitui um sistema autônomo cujas realizações devem ser analisadas sob o ponto de vista da interlíngua e não necessariamente da LM ou da LE.

2. Revisão bibliográfica

Nas gramáticas modernas, uma frase é composta por sequências de palavras hierarquicamente organizadas (cf. RAPOSO *et al.* 2013). Tal organização hierárquica consiste na dependência sintática e semântica de alguns elementos em relação aos outros. Em cada sintagma, há um elemento de que dependem os outros, o núcleo. Assim, por exemplo, em um sintagma nominal (SN), o nome funcionará como núcleo e, em um sintagma verbal (SV), o verbo. O SV desempenha, regra geral, a função de predicado e, sob

1 São regulares, sistemáticas, significativas, i.e., têm uma gramática, e são, em princípio, descritíveis em termos de determinadas regras, algumas das quais são regras do dialeto social em aprendizagem (nossa tradução).

o ponto de vista da estrutura argumental, controla o número e o tipo de argumentos.

Uma frase simples contém um único predicador que pode ser ou não um verbo (cf. ELISEU, 2008, p. 93). Na LP, a ordem canônica das palavras em frases simples declarativas é SVO². Estes constituintes podem ter vários elementos (modificadores e especificadores) encaixados “desde que nenhum [...] tenha uma natureza frásica”. É possível encontrar frases simples com mais de um verbo, no entanto, nem todos os verbos têm uma função predicativa, podendo ser, não raras vezes, um dos verbos, auxiliar (id.). Cada verbo tem um número e tipo específicos de argumentos que seleciona, sendo que a falha na seleção implica a agramaticalidade do enunciado (cf. RAPOSO *et al.* 2013, p. 360 -301). A enaridade dos verbos pode, em parte, ajudar a identificar a que verbo pertencem os argumentos colocados na frase. Aliás, “a semântica do predicador verbal impõe requisitos no que diz respeito às propriedades semânticas dos argumentos [traços ± Humano; ± Animado, ± Ativo]; outros [predicadores] não selecionam nenhum [argumento] que com eles se combina” (LOPES; RIO-TORTO, 2007, p. 49-51).

Verifica-se, entretanto, nas diferentes variedades de português, o fenômeno de concordância variável quer em número, quer em gênero. Este fenômeno alastra-se por todo o mundo dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) e dos falantes de PLE. Devido a fatores de caráter sociolinguístico, é neste contexto que a concordância variável se verifica com maior expressão (cf. ERNESTO, 2015; NHATUVE; CHIPARA, 2017; NHATUVE; BWETENGA, 2018; NHATUVE, 2019; NHATUVE, 2020). É que alguns falantes aplicam rigorosamente as normas (classe culta) enquanto outros

2 Sujeito – Verbo – Objeto.

exibem padrões de flexão variáveis (CAMPOS *et al.*, 1991, p. 104). Por exemplo, debruçando-se sobre o português de Moçambique, Gonçalves *et al.* (1998) demonstram que os aprendentes de PLS têm dificuldades na flexão dos verbos de tal forma que estabeleçam uma relação solidária com o sujeito. Há claudicação na concordância em pessoa e número, especialmente, em sujeitos representados por pronomes relativos, nomes coletivos no singular ou sujeitos complexos (cf. GONÇALVES *et al.*, 1998, p. 122-125).

Na obra *A génese do português de Moçambique*, destaca-se a “alteração das propriedades de seleção categorial dos verbos” (GONÇALVES, 2010, p. 47), o que afeta a estrutura argumental das frases. No que tange à marcação do gênero, salienta-se, de acordo com Gonçalves, a tendência de usar o gênero não marcado, o masculino (GONÇALVES, 1997, p. 62-63).

Por sua vez, Jorge Pinto, em um estudo envolvendo estudantes marroquinos aprendentes de PLE, destaca as dificuldades de selecionar o gênero quando o nome não pertence às classes temáticas *-o* ou *-a* com correlação parcial com os valores do gênero masculino ou do feminino; para os aprendentes marroquinos, a concordância em gênero mostra-se mais difícil de aprender do que a de número (PINTO, 2012, p. 27).

No que concerne aos falantes de shona e de inglês, os aspectos salientes na aprendizagem de PLE envolvem a concordância nominal e a concordância verbal. O que sabemos é que, no que se refere à harmonização dos traços gramaticais de pessoa e número entre o verbo e o sujeito, observa-se o cancelamento dos mecanismos de concordância, resultando, por um lado, na combinação das formas verbais de terceira pessoa com sujeitos com traços de [1ª Pessoa] e, por outro, na combinação de sujeitos com tra-

ço [+Singular] com formas verbais plurais (NHATUVE; CHIPARA, 2017).

Ademais, a literatura disponível sobre a aprendizagem do PLE por indivíduos com um perfil sociolinguístico semelhante aos dos nossos informantes sublinha o fato de as fases de interlíngua deste grupo serem marcadas sobremaneira por dificuldades acentuadas no estabelecimento da concordância nominal entre os diferentes especificadores, modificadores e os núcleos nominais (NHATUVE, 2019). Neste âmbito, os trabalhos de Nhatuve e Bwetenga (2018) e de Nhatuve (2020) reiteram as tendências do uso desviante e preferencial dos valores gramaticais de número singular e de gênero masculino nos especificadores e modificadores, independentemente dos traços gramaticais dos respectivos núcleos nominais. Para além disto, diferentemente das conclusões de Pinto (2012) em um estudo envolvendo estudantes marroquinos de PLE, para os falantes de shona e de inglês, a coincidência ou não dos índices temáticos *-a* e *-o* com os gêneros feminino e masculino dos nomes não é determinante no estabelecimento da concordância nominal (NHATUVE, 2019; 2020).

Efetivamente, e como se pode depreender, os estudos disponíveis sobre a interlíngua do nosso grupo alvo focalizam aspectos de concordância e, em muitos casos, as relações entre os elementos de um sintagma. Esta constatação justifica a necessidade de alargar o estudo das manifestações interlinguísticas na aprendizagem do PLE para o nível da frase (e em trabalhos posteriores, para o nível do texto) e para diferentes aspectos inerentes à combinatória dos elementos nas frases.

3. Metodologia

O trabalho consiste no estudo de material escrito (frases) por alunos de PLE na UZ.

São consideradas apenas as estruturas que apresentam anomalias na combinatória das unidades linguísticas. As frases são agrupadas em função da semelhança na combinatória das palavras para facilitar a sua análise. Tem-se, portanto, (1.) frases simples com mais de um verbo; (2.) frases simples/estruturas sem verbos; (3.) frases com problemas na estrutura argumental; (4.) frases com verbos não conjugados; e (5.) frases com problemas de concordância sintática. Naturalmente, a descrição das frases terá como base as regras sintáticas do português europeu (PE), portanto, gramáticas e outros materiais teóricos serão instrumentos a considerar para a análise e fundamentação dos aspectos que se salientarem através dos dados em estudo.

O objetivo do trabalho resume-se em identificar as características das orações produzidas pelos aprendentes de PLE na fase da interlíngua. Esta pretensão implica o recurso à metodologia qualitativa de investigação científica. Aliás, esta abordagem “preocupa-se [...] com aspectos da realidade, [centra-se] na compreensão e explicação da dinâmica das relações [sociolinguísticas]” (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 34). A metodologia qualitativa, postulam Silveira e Córdova, caracteriza-se pela “[...] objetivação do fenómeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenómeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural” (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 34).

4. Apresentação de dados

4.1. Frases simples/estruturas sem verbos

O primeiro grupo de estruturas sintáticas que se destaca na produção linguística dos aprendentes zimbabwuanos sendo fa-

lantes de shona e de inglês diz respeito às estruturas sem verbos, ou seja, sem o predicado expresso. Esta tendência indica uma certa dificuldade com certos verbos na aplicação rigorosa da ordem das palavras em português, embora as línguas materna e segunda dos aprendentes (shona e inglês) tenham, igualmente, em estruturas canônicas, a mesma sequência. As frases 1-15 exemplificam as estruturas acima expostas:

1. *A sua casa na uma janela ao lado de cadeiras... (IPOB10)
2. *O meu quarto não grande ... (IPOB12)
3. *A casa não grande mas bonito... (IPOB21)
4. *A minha casa em frente ao supermercado... (IPOB20)
5. *O meu quarto ali ao lado da casa de banho... (IPOB26)
6. *Você também zimbabweano... (IPOB32)
7. *O Shing meus menina muito clara... (IPOB52)
8. *Os olhos azuis e dentes muito brancos e limpos... (IPOB53)
9. *Minha mãe quarto... (IPOB55)
10. *O meu quarto ao lado casa de banho... (IPOB65)
11. *A minha profissão a médica...(IPOB66)
12. *A minha profissão a contabilista.. (IPOB67)
13. *Eu casada, e você? (IPOB69)
14. *Eu solteira (IPOB70)
15. *O Shing [meus menina muito clara].. (IPOB91)

Tradicionalmente, os enunciados em português têm verbos que exprimem uma ideia. Tais verbos são chamados verbos plenos (comer, chorar, estudar...), os que “apresentam propriedades atribuídas a entidades ou relações entre entidades” (RAPOSO *et al.* 2013, p. 358; 360), podendo funcionar

como predicadores. Em oposição a este tipo de verbos, existem os verbos copulativos (ser, estar, permanecer...), auxiliares e semiauxiliares (ir, ter, poder...) que, como tal, não funcionam como predicadores. Documentam-se, no entanto, casos específicos e não comuns de enunciados como *sim, não, fogo! que alegria! tudo bem* (cf. CUNHA; CINTRA, 2005, p. 119) cuja semântica é projetada pelas coordenadas contextuais, frequentes no discurso oral.

Segundo os dois autores, aquele tipo de frases – sem verbos – depende da melodia, como a única marca por que se pode reconhecê-las como frases (op. cit., 2005, p. 120). No entanto, as estruturas apresentadas acima, nem pelo contexto, nem pela melodia se podem descodificar. Analisando as estruturas 2, 3, 4, 13 e 14, por exemplo, pode-se perceber que a dificuldade dos alunos reside no uso dos verbos *ser* e *estar*, que em inglês se realizam com o verbo *to be*. Os alunos, ora usam erradamente os dois verbos (na mesma frase ou não) como em **nós estamos bebemos café... (IPOB23); *a minha quarto é estudante há livros... (IPOB4)* (vd. infra 5.2.); ora não os colocam onde for necessário usá-los, como em 1-15. Podia pensar-se que os alunos não quisessem construir frases, mas a própria estrutura denota uma clara intenção de construir frases em que os verbos *ser* e *estar* ligassem o sujeito e o predicativo como por exemplo: *o meu quarto não é grande*.

4.2. Frases simples com verbos não conjugados

Para além das estruturas descritas em 4.1., registram-se, nas estruturas sintáticas dos alunos, estruturas que, ao contrário das do primeiro grupo, apresentam verbos, no entanto, associados a sujeitos gramaticais sem que estivessem conjugados. Para o caso em estudo, no lugar de conjugação inade-

quada, como acontece com alguns aprendentes de PLS, em que o verbo é colocado sem respeitar a concordância com o sujeito (cf. GONÇALVES, 1997, 2010), nota-se que os aprendentes de PLE tendem a colocar o verbo no infinitivo, como exemplificado em 16-28.

16. *Eu estudar Bachelor de Artes... (IPOB48)
17. *Próximo semana eu viajar para Bulawayo... (IPOB50)
18. *Ele odiar a dele apelido... (IPOB51)
19. *No domingo eu comprar guitarra... (IPOB57)
20. *...E dormir meu cama... (IPOB64)
21. *Próximo semana eu viajar para Bulawayo... (IPOB83)
22. *Eu comer minha pequena almoço... (IPOB87)
23. *Normalmente eu terminar português as 12:30 horas...(POBII112)
24. *E dormir meu cama... (IPOB89)
25. *Em Masvingo, eu visitar vocês.. (POBII125)
26. *Normalmente eu dormir as nove...(POBII122)
27. *Minha irma ajudar me muito...(POBII121)
28. *Agora, eu estudar a Universidade de Zimbabwe desde o dia três de Setembro de 2014... (IPOB47)

Em um enunciado como 23. **Eu comer minha pequena almoço*, vê-se claramente que os alunos têm dificuldades na flexão dos verbos nas diferentes categorias gramaticais (pessoa e número). Sabe-se que em uma frase, o verbo tem de concordar com o sujeito, ou seja, tendo o sujeito marcas gramaticais de 1ª pessoa do singular (eu), o verbo devia também exibir os mesmos traços. É possível, entretanto, relacionar este fenômeno com as estruturas das línguas que os alunos

já conhecem. Em inglês, a forma verbal não sofre nenhuma alteração na sua estrutura como unidade lexical para estabelecer uma relação de concordância com o sujeito com traços de 1ª pessoa do singular *I eat my breakfast*. Em shona também se pode verificar a não mudança do verbo: *Ndirikudya kudya kwangu kwemangwanani*.

4.3. Frases com mais de um verbo

Ainda que em número reduzido em relação aos outros casos, há que se referir à ocorrência de frases que, pela sua estrutura e pela combinatória de unidades, revelam a intenção de se elaborar frases simples. No entanto, tais frases apresentam dois verbos, todos ligados ao mesmo sujeito através de traços gramaticais, como ilustram as estruturas 29-35, em que as frases 31. e 35., por exemplo, são agramaticais por vários aspectos à margem de qualquer norma ou variante do português. Na frase 34. tem-se uma estrutura com dois verbos *estamos e bebemos*. A estrutura sintática e argumental (da frase) envolvendo o sujeito/argumento externo, o verbo/predicador e o OD/argumento interno (cf. LOPES; RIO-TORTO, 2007, p. 48-49) permite deduzir que a intenção do aluno era de emitir um enunciado como: *Nós bebemos café*. A possibilidade de considerar a outra frase (**nós estamos café*), obviamente, fica à parte, relacionando os elementos que compõem a frase.

- 29. *Na minha quarto fica há cama... (IPOB7)
- 30. *Ela é bebe leite(IPOB62)
- 31. *Ela é amo lambida... (IPOB63)
- 32. *Na minha quarto fica há cama... (IPOB74)
- 33. *Tu és falas shona? (IPOB71)
- 34. *Nós estamos bebemos café... (IPOB23)
- 35. *Eu amar há janela ao lado da minha casa... (IPOB27)

Considerando a possibilidade de o aluno tentar construir uma frase com verbo com auxiliar, importa realçar que a LP tem certos verbos com capacidade de funcionar como auxiliares, no entanto, a listagem de tais verbos varia de autor para autor. Na estrutura da frase 34, o verbo *estar* posicionar-se-ia como auxiliar e o verbo *beber* seria o verbo principal – predicador. Neste caso, o verbo auxiliar *estar* ligar-se-ia ao verbo principal através da preposição *a*; caso contrário, o verbo principal teria de estar no gerúndio; aquele (auxiliar) acomodaria toda a informação flexional do verbo principal, o qual, teria de estar no infinitivo (cf. CUNHA E CINTRA, 2005, p. 394). Conforme se pode notar, no complexo verbal, o auxiliar *estar* e o verbo principal ligam-se diretamente sem a intermediação de uma preposição; mais ainda, o verbo principal está conjugado tal como está o auxiliar. Desta feita, considera-se uma tendência dos aprendentes de PLE à conjugação do verbo e do seu auxiliar.

4.4. Frases simples sem argumentos adequados

Em português, a natureza do verbo é que determina o tipo de sujeito e de complementos com que se associar. Com efeito, a falha na colocação dos argumentos dá lugar a enunciados estranhos. Registram-se, como se pode verificar nos exemplos, duas principais tendências, a saber: 1. o uso de argumentos não selecionados pelo verbo (36-50); 2. a omissão dos argumentos internos dos verbos (51-60).

- 36. *O meu quarto há computador... (IPOB18)
- 37. *Eu chamo-me Peniel, eu tenho 20 anos e estou a estudante. (POBII128)
- 38. *O meu quarto é em frente de irmão quarto(IPOB72)
- 39. *A minha quarto é estudante há livros (IPOB84)

40. *No ano passado eu fui da ideia [com a minha pai e mãe] as irmãs(POBII101)
41. *A minha cama é em frente da janela... (IPOB2)
42. *No chão é tapete...(IPOB3)
43. *A minha quarto é estudante há livros... (IPOB4)
44. *Eu estou prazer... (IPOB8)
45. *Meu quarto é em frente de meu pais... (IPOB9)
46. *O meu quarto tapete é verde... (IPOB11)
47. *O meu quarto é ao lado do banho... (IPOB13)
48. *Eu gosto meu quarto... (IPOB14)
49. *A sua casa é perto de caros... (IPOB16)
50. *O meu quarto fica na ao lado do quarto dos meus pais... (IPOB17)

Analisando frases como 36, 42 e 48 observa-se que a dificuldade envolve a seleção de argumentos quer de verbos predicativos (gostar) quer de verbos não predicativos (ser). A dificuldade pode consistir na seleção inadequada do argumento interno (39; 48), ou de argumento externo 36. Parece ser lógico que a intenção do aluno em 36 não fosse de colocar um sujeito, mas sim, um complemento circunstancial. Portanto, considerando esta hipótese, foi a falha na seleção categorial que levou à falha na estrutura argumental do verbo. Se, no lugar do SN, o aluno tivesse colocado um SP a frase ficaria aceitável: *no meu quarto há computador*. Nesta estrutura, o núcleo predicativo é o verbo *haver*, com sentido de existir. Entretanto, este verbo tem propriedades particulares; é um dos considerados impessoais, portanto, não seleciona nenhum tipo de argumento externo, com função sintática de sujeito (cf. RAPOSO *et al.*, 2013, p. 357-359).

Já em 48. **eu gosto meu quarto*, a agramaticalidade se deve à omissão da preposição *de* (parte do verbo). O argumento interno devia ser um SP *do meu quarto* ao invés do SN *meu quarto*. Para além de frases cujos núcleos predicativos – os verbos - apresentam argumentos inadequados, registram-se, nas orações do grupo em estudo, estruturas sintáticas com verbos sem argumentos internos, como em 51-60.

51. *Na semana passada tu encontraste... (IPOB34)
52. *No ano passado ele comprou... (IPOB35)
53. *No sábado passado eu escrevi... (IPOB37)
54. *Ontem tu leste... (IPOB38)
55. *Há dois anos ele recebeu... (IPOB39)
56. *Há uma semana elas venderam... (IPOB40)
57. *Quem é que abriu...? (IPOB41)
58. *Eles preferiram... (IPOB42)
59. *Ontem eu fiquei... (IPOB43)
60. *O Joseph e o amigo decidiu... (IPOB44)

A frase 52. não pode ser considerada gramatical uma vez que não veicula uma ideia completa. O núcleo predicativo é o verbo *comprar*, muito rico em termos de argumentos a selecionar. Pode ter um máximo de 3 argumentos e um mínimo de dois. No entanto, aquela estrutura apresenta apenas um argumento externo [+ humano *ele*]. Enquanto, sobre os falantes de PLS de Moçambique, Gonçalves detecta a tendência para a transitivização (GONÇALVES, 1996, p. 314) dos verbos, saliente-se, para o caso dos aprendentes de PLE, particularmente da UZ, a tendência para a intransitivização de verbos que são transitivos (vd. 52-62). Portanto, a estrutura 52. não apresenta o argumento interno do verbo *comprar*. É difícil explicar este erro, considerando que o aluno

no mínimo conhece o significado do vocábulo *comprar*. Resta apenas considerar, como causa do erro, o não conhecimento das propriedades de seleção do verbo em causa, especificamente na língua em aprendizagem, o português.

4.5. Estruturas sintáticas com problemas de concordância sintática

No que concerne à concordância sintática, responsável pela coesão de elementos na frase, destacam-se dois aspectos: 1. a falta de concordância entre o verbo e o sujeito e 2. a falta de concordância no interior do SN. Estruturas como 61-65 representam orações em que não há coesão entre os respectivos elementos devido à claudicação na harmonização dos traços de pessoa-número entre o verbo e o sujeito.

- 61. *Uma parede tenho dois quadros pendurados... (IPOB19)
- 62. *Mas eu vamos para comer na casa... (IPOB24)
- 63. *Eu vé a televisão... (IPOB28)
- 64. *O meu quarto tenho o banho (IPOB94)
- 65. *Eu tem um horas...(POBII111)

Considerando, por exemplo, as frases 64 e 65, pode-se constatar que, diferentemente da colocação dos verbos no infinitivo impessoal, o que também dá lugar à falta de concordância verbal, como se viu em 4.2, há uma certa confusão no uso da primeira e terceira pessoas do singular dos verbos em português. Ora a forma da terceira pessoa é combinada com um sujeito com traços de primeira pessoa (6), ora a forma da primeira pessoa é combinada com o sujeito com traços de terceira pessoa (65).

Entretanto, no domínio da concordância sintática, tal como acontece com outros grupos aprendentes de PLE estudados por autores como Leiria (2006), Pinto (2012),

Martins (2015), Nhatuve e Bwetenga (2018) e Nhatuve (2019;2020) entre outros, registram-se com maior expressividade as dificuldades de estabelecimento da chamada concordância nominal, a qual ocorre no domínio do SN, envolvendo, morfemas de gênero e número, como nos exemplos 66-120.

- 66. *Há um cama...(IPOB73)
- 67. *A minha ropeirro é muito bonita... (IPOB5)
- 68. *Eu adoro minha quarto... (IPOB6)
- 69. *As paredes está bonito... (IPOB22)
- 70. *Eu comer minha pequena almoço... (IPOB29)
- 71. *As paredes são brancos... (IPOB31)
- 72. *A jardim é muito bonita (IPOB33)
- 73. *Tem grande nove salas... (IPOB54)
- 74. *Na próximo sábado eu vou visitar o meu amigo... (IPOB56)
- 75. *No próximo terça-feira vou a Mutare... (IPOB58)
- 76. *No próxima semana eu vou trabalhar no restaurante... (IPOB59)
- 77. *No quarta-feira vou comprar carro... (IPOB60)
- 78. *... eu vou visitar da praia com o meu esposa... (IPOB61)
- 79. *Qual é a sua estado civil(IPOB68)
- 80. No próximo terça-feira vou a Mutare. (IPOB79)
- 81. *No próximo terça-feira vou a Mutare. (IPOB 80)
- 82. *No quarta-feira vou comprar carro... (IPOB81)
- 83. *No quarta-feira vou comprar carro... (IPOB82)
- 84. * O meu quarto é muito bonita (IPOB85)
- 85. *Eu adoro minha quarto... (IPOB86)
- 86. * A casa não grande mas bonito... (IPOB88)

87. *Eu banho a minha cão... (IPOB90)
88. * As paredes está bonito... (IPOB92 I)
89. * As paredes são brancos... (IPOB93)
90. * O viagem foi longa e enfadonho... (PO-BII107)
91. *Eu encontrei [muito amigos] (PO-BII108)
92. *Na próximo sábado eu vou visitar o meu amigo... (IPOB75)
93. *Na próximo sábado eu vou visitar o meu amigo... (IPOB76)
94. *No próxima semana eu vou trabalhar no restaurante... (IPOB77)
95. *No próxima semana eu vou trabalhar no restaurante... (IPOB78)
96. *O meu quarto é muito bonita. (IPOB1)
97. *Eu bebo muito água(POBII113)
98. *Eu vi muitos pessoas (POBII109)
99. *Nós vimos o televisão (POBII110)
100. *Na meu quarto há sapatos (IPOB95)
101. *No quintos eles foram a praia... (PO-BII96)
102. *No domingos eu fui a Igreja e voltei em casa as dois horas da tarde... (POBII97)
103. *Na férias da Páscoa eu vou em Moçambique... (POBII98)
104. *Eu gostaria tocar a piano com o amigos nossa... (POBII99)
105. *Foram para casa com o meu irmãos... (POBII100)
106. *No segundos ela foi ao cinema com as minhas amigas... (POBII102)
107. *Na férias da Páscoa eu vou em Moçambique... (POBII103)
108. *Na Pretória visitei a minha relativos... (POBII104)
109. * O viagem foi longa e enfadonho... (PO-BII105)
110. *Às vezes nós festejamos o Páscoa... (POBII106)
111. *Eu vou fazer a minha cabelo (PO-BII126)
112. *Visitei o meu professora...Quando era pequena era muito preguiçoso...(PO-BII127)
113. *A minha professor chama-se senhor Mapisaunga...(POBII124)
114. *No domingos íamos a igreja...(PO-BII1109)
115. *Eu fazia muito atividades...(POBII120)
116. * (POBII114)
117. *Durante as minhas tempo livro(PO-BII115)
118. *Viajava para Mbare todas as fins das semanas...(POBII116)
119. *Era um bebé bonita(POBII117)
120. *A escola jogava a ténis e futebol.. (PO-BII118)

Os exemplos acima apresentados revelam que, igualmente aos outros grupos estudados por aqueles linguistas, os desvios de concordância nominal consistem na tendência de usar o gênero e o número não marcados (singular e masculino) (vd. 66, 71,75, 97). No entanto, o que é particular a este grupo de aprendentes de PLE é o fato de, diferentemente do que se apurou com aprendentes de PLS de Angola (INVERNO, 2009) e com falantes do português brasileiro (VIEIRA; BRANDÃO, 2014), ser o núcleo nominal que carrega amiúde as marcas de gênero e número marcados, enquanto os modificadores e os especificadores permanecem na sua forma não marcada (vd. 82, 105, 109, 115).

Ademais, enquanto Leiria (2006), Pinto (2012) e Martins (2015) são unânimes em considerar que as dificuldades de gênero acentuam-se em nomes cujos índices temáticos não são os tradicionais *-o* e *-a*, associados aos gêneros masculino e feminino, no grupo em estudo, não se registra uma

relação significativa entre o desvio de gênero e os índices temáticos das palavras. Aliás, nomes terminados em *-a*, sendo femininos, por exemplo, são associados a determinantes e modificadores com traços de masculino (vd. 97 e 98), bem como nomes terminados em *-o* são associados a elementos com traços de feminino (vd. 68, 88, 108).

5. Discussão dos resultados

Nas primeiras etapas da aprendizagem de português são frequentes, de fato, as dificuldades no uso dos verbos *ser* e *estar* que correspondem a um e único *to be* em inglês. Os dois verbos indicam *estados*, que podem ser *estáveis* ou *episódicos*. Os primeiros selecionam o verbo *ser* e os segundos, o verbo *estar* (cf. RAPOSO *et al.* 2013, p. 591-598). Exemplos como *?a minha cama é em frente da janela...; ?ela está zimbabueana... e *eu estou prazer...* ilustram tais dificuldades. Ora para além das dificuldades na seleção do verbo *ser* ou *estar* em função do aspecto correspondente, encontra-se nas estruturas sintáticas dos alunos uma tendência de omitir aqueles verbos copulativos, sem função predicativa (cf. CUNHA; CINTRA, 2005).

Efetivamente, o uso do português pelos falantes não nativos, especialmente aprendentes de PLE, apresenta aspectos anômalos diversos, ora como resultado da influência das línguas que os alunos já conhecem, ora como resultado do próprio processo de apropriação da nova língua (que implica fases de interlíngua (cf. SELINKER, 1972)).

A conjugação dos verbos é um dos aspectos que constituem dificuldades para os aprendentes de português língua não materna. Aliás, o português é uma língua de morfologia rica; os morfemas flexionais estão impregnados de informação semântica e sintaticamente pertinente. No caso da morfologia flexional dos verbos, mesmo

em casos de sujeitos nulos e inexistente, os verbos encontram *elementos abstratos* para efeitos de concordância verbal, daí o questionamento de enunciado como *choveram* mas nunca de *chove*.

As irregularidades na conjugação dos verbos em português espelham a flexão deficiente e/ou particular dos verbos em inglês e em shona, línguas cujas estruturas sintáticas influenciam a aprendizagem do português. De fato, um outro aspecto que pode estar na origem de muitas dificuldades no uso do PLE é o fato de o aluno tentar construir frases com base em ideias, estratégias e conhecimentos linguísticos, sociais e pragmáticos particulares das línguas que conhece. Esta situação dá lugar a desvios na LE, principalmente quando a distância entre as línguas conhecidas (neste caso shona e inglês) e a LE (português) for relativamente maior.

O inglês, por exemplo, que parece ter uma influência direta nas estruturas do português, é uma língua de sujeito gramatical obrigatório. Esta característica não é favorável à aquisição de conhecimento de uso de verbos impessoais do português, como *haver* e *chover*. Com efeito, para além da tendência de intransitivização dos verbos transitivos (em oposição à tendência observada por Gonçalves (2010) sobre o português de Moçambique), há, por parte dos aprendentes de PLE, a tendência para a *personalização* dos verbos impessoais, como ilustram os casos frequentes de aprendentes de PLE em enunciados como **ele/isto chove; *ele está calor*, etc. correspondentes a *it rains; it is hot* etc. do inglês.

Já ao nível de SN, os elementos subordinados ao núcleo, diferentemente do inglês, devem reproduzir as marcas de pessoa e número do núcleo. Os dados analisados na secção 4.5. indicam tendências que confirmam as conclusões a que chegaram autores

como Ernesto (2015), Nhatuve e Bwetenga (2018) e Nhatuve (2019; 2020) sobre o fenômeno de concordância nominal por falantes de shona e de inglês. No entanto, os mesmos dados distanciam-se dos aspectos identificados por Pinto (2012) segundo os quais as dificuldades de concordância nominal dependem, em parte, da coincidência dos índices temáticos *-a* e *-o* com os gêneros masculino e feminino dos nomes.

Portanto, as estruturas sintáticas analisadas representam, de fato, as fases da interlíngua dos aprendentes que, mais do que serem julgadas sob o ponto de vista de desvio em relação ao português europeu, devem ser consideradas como um sistema autônomo (cf. CORDER, 1981; SCHUMANN, 1974), embora as estratégias de construção (combinatória sintática) tenham uma origem tripartida (shona, inglês e português). Estas manifestações linguísticas são deveras importantes no processo de ensino-aprendizagem de PLE, ou de qualquer outra LE. A partir delas, os sistemas de ensino (professores, sociedade, organismos que tutelam o ensino, etc.) devem orientar-se no sentido de ir ao encontro das verdadeiras necessidades do aluno – em termos de intervenção na sala – para este se tornar um falante competente de PLE, ou de qualquer outra LE que esteja a aprender.

Conclusão

As estruturas sintáticas dos aprendentes do PLE na UZ apresentam aspectos à margem da norma do PE, como é comum a todos os lusofalantes não europeus (moçambicanos, angolanos, etc.), mas isto não significa que aqueles alunos usem a língua como estes últimos. Os seus desvios apresentam especificidades próprias tais como:

1. A tendência de construir enunciados sem verbos, sem possibilidade de lhes

conferir a devida melodia referida em Cunha e Cintra (2005);

2. O uso de dois verbos em frases simples, sem que um seja auxiliar;
3. A conjugação dos verbos principais com auxiliares;
4. A tendência para a não conjugação dos verbos e para a combinação de formas verbais incongruentes com os traços gramaticais dos respectivos sujeitos, resultando na falta de concordância verbal;
5. A colocação de argumentos não selecionados pelos predicadores;
6. A falha na seleção categorial;
7. A tendência para a intrasitivização dos verbos transitivos e para a seleção de argumentos externos (sujeitos) para os verbos impessoais;
8. A tendência de usar o número e o gênero não marcados no estabelecimento da concordância nominal.

Saliente-se que, por detrás destes desvios, estão fatores como a influência das línguas já conhecidas pelos alunos, nas diferentes fases de interlíngua, e a falta de domínio das particularidades próprias da LP. Aliás, os aspectos revelados como manifestação da interlíngua devem favorecer a conceção de estratégias, materiais e atitudes específicos favoráveis para a aprendizagem de PLE.

A solução para os desvios passa pelo ensino cuidadoso dos aspectos de gramática de PLE, *não como língua*, mas como exercício para munir os estudantes de conhecimento explícito da língua. Tal conhecimento vai permitir o uso consciente e eficaz das estruturas linguísticas. Isto implica buscar da abordagem tradicional a aprendizagem e análise detalhada da estrutura da frase e combiná-la com a abordagem comunicativa que permite o desenvolvimento da habilidade de comunicação. Entretanto, a diversificação de estratégias deve ser privilegiada,

como forma de motivar os alunos. Aliás, no caso concreto da UZ, os alunos aprendem o português, regra geral, com recurso à memória declarativa, sendo, como dizem Pereira e Martins (2009), indispensáveis exercícios reiterados de natureza metalinguística e estratégias que levem os alunos a dominarem estruturas e a praticarem a língua.

Referências

CAMPOS, O. *et al.* A flexão nominal: um problema linguístico ou social. In: NEVES, M. H. M. (Org.). **Descrição do Português II**. Universidade Estadual Paulista, 1991.

CORDER, S. P. **Error analysis and interlanguage**. Oxford: Oxford University Press, 1981.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do Português contemporâneo**. Lisboa, J.S. da Costa, 2005.

ELISEU, A. **Sintaxe do Português**. Lisboa: Caminho, 2008.

ERNESTO, N. **Ensino estratégico da gramática na aula de português língua não materna**. 319f. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa (Tese de Doutoramento Metodologias de Ensino de Português com Língua não Materna, 2015), 319p.

GONÇALVES *et al.* **Panorama do Português oral de Maputo – estruturas gramaticais do Português: problemas e exercícios**. Maputo: INDE, 1998.

GONÇALVES, P. **A génese do Português de Moçambique**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2010.

_____. Aspectos da sintaxe do Português de Moçambique. In: FARIA *et al.* **Introdução à linguística geral e portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1996, p. 313-322.

_____. Tipologia de ‘erros’ do português oral de Maputo: um primeiro diagnóstico. In: STROUD, C.; GONÇALVES, P. (Org.). **Panorama do português oral de Maputo: A construção de um banco de erros**. Maputo: Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação, 1997; p. 37-67.

INVERNO, L. **Contact-induced restructuring**

of portuguese morphosyntax in interior Angola: Evidence from Dundo (Lunda Norte). 475f. Coimbra: Universidade de Coimbra (Dissertação Doutoramento Lingística Portuguesa), 2009, 475p.

KRASHEN, S. **Second language acquisition and second language learning**. New York: Pergamon Press, 1981.

_____. **The input hypothesis: Issues and Implications**. UK: Longman, 1985.

LEIRIA, I. **Léxico, aquisição e ensino do Português europeu língua não materna**. Lisboa: FCG/FCT 2006.

LOPES, A. C. M.; RIO-TORTO, G. **Semântica**. Lisboa: Caminho, 2007.

MARTINS, C. Número e gênero nominais no desenvolvimento das interlínguas de aprendentes do Português europeu como língua estrangeira. **Revista científica da UEM: série letras e ciências sociais**, v. 1, n. 1, 2015, p. 26-51. [online]. Disponível em: <http://www.revista-cientifica.uem.mz/index.php/seriec/article/view/93/54>, [28 April 2017].

NHATUVE, D. **Aspectos de concordância nominal em português língua estrangeira por falantes de língua materna bantu (shona) e de inglês língua segunda**. 376f. Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras e Culturas (Tese de Doutoramento em Linguística do Português), 2019, 376p.

_____. Concordância nominal entre o artigo e o nome em português língua estrangeira. **LINGVARVMARENA**, v.11, 2020, p. 13-30.

_____. Vogais temáticas, gênero e concordância nominal em PLE. **REVISTA X**, Curitiba, v. 12, n. 2, 2017, p. 8-24.

NHATUVE, D.; BWETENGA, T. R. Configuração do valor de número gramatical em português língua estrangeira: interlíngua ou problemas intrínsecos da língua portuguesa?. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 21, n. 1, 2018, p. 5 - 33.

NHATUVE, D.; CHIPARA, M. Aspectos de concordância verbal na aprendizagem do português língua estrangeira. **Mandinga – Revista de Estudos Linguísticos, Redenção-CE**, v. 1, n. 2, 2017, p. 8-24.

PEREIRA, E. F. O. O papel da língua materna na aquisição da língua estrangeira. **Inter-ação. Rev. Fac. Educ. UFG**, v. 26, n. 2, 2001, p. 53-62.

PEREIRA, I.; MARTINS, C. Metodologias de ensino de PL2 à medida dos aprendentes. In: MATEUS, M. H. M. *et al.* (Org.) **Metodologias e materiais para o ensino do Português como língua não materna**. Lisboa: ILTEC, 2009, p. 31-36.

PINTO, J. A aquisição de português LE por alunos marroquinos: Dificuldades interlinguísticas. In: **Atas del II congreso internacional SEEPLU - Difundir la lusofonia Cáceres: SEEPLU/CILEM/LEPOLL**, 2012, 15p.

RAPOSO, E. P. *et al.* **Gramática do Português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

SCHUMANN, J. H. The implications of interlanguage, pidginization and creolization for the study of adult second language. **TESOL Quarterly**, v. 8, n.2, 1974.

SELINKER, L. Interlanguage. In: **International Review of Applied Linguistics in Language Teaching**, v. 10, 1972, p. 209-231.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. Pesquisa Científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Org.) **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, p. 31-43.

VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. Tipologia de regras linguísticas e estatuto das variedades/línguas: a concordância em português. In: **Linguística**, 30, 2014, p. 82-112. [Online], Available: http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/86568/saguata_aw_me_sjrp.pdf?sequence=1. [28 March 2017].

Recebido em: 15/04/2021
Aprovado em: 08/06/2021



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

O cômico e o trágico no conto “O telegrama de Ataxerxes”, de Aníbal Machado

José Mário Jovanelli (UEMS)*
<https://orcid.org/0000-0001-6645-4820>

Altamir Botoso (UEMS)**
<https://orcid.org/0000-0003-3231-2351>

Resumo:

Este artigo visa analisar o conto “O telegrama de Ataxerxes”, de Aníbal Machado, sob a perspectiva do percurso do personagem em sua tentativa de alcançar o objeto de valor, que transformará sua existência. A inaptidão para redigir o telegrama, que permitirá o acesso ao amigo de infância, então Chefe da Nação, é um dos obstáculos que enfrenta. A partir de um advento nomeado por Walter Benjamin de “iluminação profana”, o protagonista estabelece conjunção com seu sonho e percorre um caminho marcado pelo acaso, em um jogo entre essência e aparência, realidade e fantasia. Movido pela ilusão, aproxima-se da figura caricata de um *alazon* moderno. No plano da enunciação, o ironista compõe no conto a alazonia em diferentes situações e modelos de ironia. A sua impotência diante dos fatos faz a diegese desaguar num anticlímax de tragédia. Herói no modelo irônico, sua figura desperta compaixão no leitor, espectador de uma situação que dissolve, no plano da realidade, os sonhos de Ataxerxes e potencializa seu drama na narrativa. Como suporte teórico para as análises, valer-nos-emos dos textos de Aristóteles (2008), Braith (2008), Candido (2002), Muecke (1995), Nadeau (2008), Rosenfeld (2006), Teixeira (2011), dentre outros.

Palavras-chave: “O telegrama de Ataxerxes”; Aníbal Machado; Literatura brasileira; Cômico; Trágico.

Abstract:

The comic and the tragic in the short story “O telegrama de Ataxerxes”, by Aníbal Machado

This article aims to analyze the short story “O telegrama de Ataxerxes”, by Aníbal Machado, from character’s journey the perspective in his attempt to

* Mestrando em Letras - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS - Campus de Campo Grande-MS – Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5961206703761645>

** Doutor em Letras - Professor do Curso de Letras/Espanhol e do Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS – lattes: <http://lattes.cnpq.br/4996564101422445>

reach the valuable object that will transform his existence. The inability to write the telegram that will allow access to his childhood friend, then Head of the Nation, is one of the obstacles he faces. From an advent named “profane enlightenment” by Walter Benjamin, the protagonist establishes conjunction with his dream and follows a path marked by chance, in a game between essence and appearance, reality and fantasy. Moved by illusion, he approaches the caricatured figure of a modern alazon. At the enunciation level, the ironist composes in the tale the sorrow in different situations and models of irony. His impotence in face of facts makes the diegesis flow into a tragedy anticlimax. A hero in the ironic model, his figure awakens compassion in the reader, a spectator of a situation that dissolves, in reality, Ataxerxes’ dreams and enhances his drama in the narrative. As theoretical support for the analysis, we will use the texts by Aristotle (2008), Braith (2008), Candido (2002), Muecke (1995), Nadeau (2008), Rosenfeld (2006), Teixeira (2011), among others.

Keywords: “O telegrama de Ataxerxes”; Aníbal Machado; Brazilian literature; Comic; Tragic.

Introdução

O conto “O telegrama de Ataxerxes”, de Aníbal Machado, foi publicado no livro de contos *Vila Feliz*¹. É a história de três personagens que deixam a zona rural em meados do século XX e seguem para a cidade do Rio de Janeiro, capital da República na época. Esses personagens se chamam João Ataxerxes, sua mulher, Esmeralda, e a filha, Juanita.

A família deixa o sítio em razão de uma súbita “revelação” em uma noite em que Ataxerxes se lembra de ter convivido na infância com o então Presidente da República, com quem dividira brincadeiras e de quem

se tornara amigo. Convencido de que o Zito – apelido do Presidente – o ajudará a alcançar uma posição ilustre, nomeando-o para algum cargo importante no governo, determina a mudança da família para a Capital. Os três deixam o sítio Pedra Branca e partem para a cidade, com sentimentos diferentes em relação àquela aventura. A infausta experiência adquire tom de tragédia, quando a busca pelo reconhecimento da antiga amizade entre Ataxerxes e o Presidente se torna uma obsessão, provocando a desintegração da família, com a morte da mãe e do pai de Juanita.

Marcada pela alternância entre sumários e cenas, a narrativa se estrutura entre o contar e o mostrar, por meio de um narrador em terceira pessoa, heterodiegético – aquele que se posta fora da diegese, com uma focalização, portanto, construída de fora para dentro. No início do conto há uma sincronia espaço-tempo entre fábula e trama, uma vez que a ação motivadora do desejo do protagonista em alcançar o objeto de valor é o

1 *Vila Feliz* (Rio de Janeiro, José Olympio, 1944) foi o primeiro livro de contos de Aníbal Machado, com as narrativas: “O telegrama de Ataxerxes”, “Acontecimento em Vila Feliz”, “O piano”, “Tati, a garota” e “A morte da porta-estandarte”. Na 2.ª edição, em 1959, com o título de *Histórias reunidas* são inseridas as narrativas: “O Iniciado do vento”, “Viagem aos seios de Duília”, “O defunto Inaugural”, “O ascensorista”, “O desfile dos chapéus”, “Monólogo de Tuquinha Batista” e “O homem alto”. Em 1965, o livro recebe o título de *A Morte da Porta-Estandarte, Tati, a Garota e Outras Histórias*, acrescido do conto “O rato, o guarda-civil e o transatlântico”.

que justifica os acontecimentos posteriores.

No gênero conto os personagens tendem a ser retratados em suas características básicas, com densidade psicológica elementar, a fim de cumprir seu percurso na narrativa. No texto em estudo, a diegese se realiza a partir das ações do protagonista e a sua ordem estrutura as relações de causas e consequências.

Um dos elementos fundamentais para suporte da fábula no conto é a mudança espacial abrupta do campo para a cidade. Inseridos no ambiente da “civilização moderna”, os seres estão à mercê de fatores externos à sua vontade. D. Esmeralda não encontra forças para convencer o marido a voltar para o sítio, e sela melancolicamente seu fim; Juanita, fascinada diante da cidade, vive entre a admiração e o medo do novo e acaba sozinha, morando com desconhecidos. Só Ataxerxes parece acreditar que ali é o seu lugar, bastava ser recebido no gabinete do Presidente para que as coisas se resolvessem.

Os impulsos de Ataxerxes se validam pela força do inconsciente que o domina. O motivo inicial de sua busca nasce de uma lembrança repentina, um *insight* surgido na fronteira entre a realidade e o sonho: “- Acabo de descobrir que o Chefe da Nação foi meu colega! Colega de colégio. Estamos feitos na vida. Era Zito o apelido dele. Meu Deus, como é que só agora pude me lembrar! Deixa eu te abraçar...” (MACHADO, 1997, p. 132).

Essa descoberta, fruto do acaso, o surpreende, pois nela irá acreditar e iniciará sua incessante busca. O fato desse acontecimento se passar à noite faz supor que o sonho permitiu uma revelação, na qual o inconsciente se abre à outra realidade, penetrando-a e ocupando o espaço racional: “Altas horas de uma noite nublada de dezembro. Ataxerxes lembrou-se de uma coisa

e começou a caminhar agitado pelo quarto” (MACHADO, 1997, p. 132).

Considerando o efeito dessa revelação, é possível compará-la ao que Walter Benjamin, citado por Olgária Matos em “Iluminação Mística, Iluminação Profana: Walter Benjamin” (1994) chama de

‘iluminação profana’ - aquela que o Sujeito clássico não pode, com sua lógica linear, alcançar. Entre os fenômenos apreendidos por uma “iluminação profana”, Benjamin coloca o acaso, noção que o pensamento racionalista confunde com ilusão, pois, a exemplo da consciência empírica, a consciência reflexiva coloca seus objetos na “realidade”. Acaso pois: encontro ou desencontro. (BENJAMIN apud MATOS, 1994, p. 88).

Embora não se constitua exatamente em uma iluminação profana por não se contrapor ao sagrado, base do conceito de Walter Benjamin, a iluminação de Ataxerxes provoca a abertura para uma realidade abstrata em que o espaço, o tempo e os valores sociais colocam o personagem à margem de uma existência factual, no mesmo instante que origina sua busca. A trama, iniciada por essa revelação, justifica as atitudes do protagonista e o impulsiona em direção ao seu destino, percorrendo um caminho em que a sorte e o azar se alternam em um percurso marcado pelo acaso. O herói se torna vítima de seu próprio desejo, o que fatalmente, culminará na sua tragédia.

A seguir, apontamos alguns elementos do Surrealismo que podem ser verificados no conto e procedemos à sua análise, com ênfase na comicidade e no trágico que permeiam o trajeto do personagem central da narrativa.

Traços surrealistas

O Surrealismo, uma das vanguardas artísticas do século XX, nasceu na França, no início do século XX e se estendeu pelos países

européus, influenciando artistas também da Ásia, África e América. Segundo Maurice Naudeau (2008), em *História do surrealismo*, essa estética considera que “o real é coisa diferente daquilo que vemos, ouvimos, tocamos, sentimos, degustamos. Existem forças desconhecidas que nos regem, mas sobre as quais podemos esperar agir. Resta ir em pós de sua descoberta” (NADEAU, 2008, p. 18).

No Brasil, autores como Jorge de Lima (1893-1953), Murilo Mendes (1901-1975), Rosário Fusco (1910-1977) e Aníbal Machado (1894-1964), todos modernistas, receberam influência, ou se vincularam de alguma forma ao surrealismo. Principalmente em Aníbal Machado, o surrealismo despertou interesse maior como é possível notar em sua obra. Ele era leitor e divulgador do movimento e, além de ter como referência autores ligados ao surrealismo, uma de suas práticas era anotar seus sonhos e os colocar em textos literários, procedimento comum aos surrealistas. Nesse sentido, o próprio Aníbal Machado, em 1951, em uma entrevista ao jornalista Jones Rocha, declara:

Pelo poder do sonho e da imaginação atravessamos a fronteira do cotidiano e incorporamos um domínio donde a vida profunda não cessa de acenar-nos. A importância do surrealismo, como doutrina e como ação, se caracteriza por essa procura sistemática de um mundo maravilhoso, que parece zombar de nossa mediocridade, mediante os seus contínuos e constantes afloramentos no campo da vida prática. (MACHADO, 1951, p. 60).

O crítico M. Cavalcanti Proença, sobre a narrativa de Aníbal Machado, salienta que ela “se desenvolve em terreno fronteiro, ora pisando chão de realidade, ora pairando nas nuvens do imaginário, entre sonho e vigília, entre espírito e matéria, verdade e mentira, relatório e ficção” (PROENÇA, 1997, p. xvi).

Sigmund Freud, em seus estudos sobre o sonho, considera que “o sonho é a realização de um desejo” e acrescenta que uma das características da memória no sonho é que ela

Têm à sua disposição as impressões mais primitivas da nossa infância e até fazem surgir detalhes desse período de nossa vida que, mais uma vez, parecem-nos triviais e que, em nosso estado de vigília, acreditamos terem caído no esquecimento há muito tempo. (FREUD, 2010, p. 104).

No conto, a origem da trajetória de Ataxerxes, nascida a partir de um sonho ou de uma súbita revelação, está ligada à sua memória da infância. Assim, o personagem está conectado ao universo da estética surrealista, a qual se estende por toda a narrativa, ora caminhando pela cidade e se encantando por ela como um *flâneur*, ora como um personagem guiado por uma ilusão, obstinado na sua busca pelo encontro com o amigo. Ataxerxes vive uma realidade interior, que se choca com o mundo fora dele, ligando o irreal com o real. Para ele, acreditar em imagens da infância, distorcidas ou não pelo tempo, verdadeiras ou falsas não importa, o fato é que elas o subordinarão a uma nova existência, e seu mundo será visto e sentido de acordo com as forças invisíveis que o governam.

Ataxerxes cria sua própria realidade e a vontade de estabelecer contato com seu amigo domina sua imaginação. Esses impulsos repentinos do inconsciente já o haviam dominado em outras circunstâncias. Por meio de analepses, situações anteriores análogas às que ele vive são reveladas. Dona Esmeralda, em uma tentativa de demover o marido de seu intento, argumenta:

– É uma aventura, Xerxes. Não fique zangado com o que vou dizer, mas você sempre foi assim, meu marido. Vive contando com

o acaso. No começo, foi com os diamantes; por causa de um que encontrou por acaso, o nosso quintal ficou lá todo revolvido; depois, você se meteu com o zebu, lembra-se? e foi aquele desastre; depois com o cristal; agora é com o Presidente. Que é da resposta ao telegrama, Xerxes?!... (MACHADO, 1997, p. 134).

O conjunto dos eventos que ligam presente e passado da vida de Ataxerxes nos permite entender sua personalidade, reforçando a verossimilhança da narrativa, que desvela uma série de fracassos do personagem, no que tange aos projetos nos quais ele se empenhou.

O mundo descontínuo provocado pelo acaso é uma das características da construção da linguagem literária de Aníbal Machado. No conto, o protagonista se revela um sujeito em constantes preparativos. O pesquisador da obra de Aníbal Machado, Marcos Vinícius Teixeira, afirma que, para o autor, o sujeito

nunca atingirá uma meta, pois não a tem, vive sempre provisoriamente, se coloca de antemão como perdedor na disputa inevitável, prefere passar despercebido, permite-se enxergar a vida e o mundo como algo inacabado. Atingir a meta, chegar ao topo, consagrar-se está na contramão de viver, de buscar o modo de viver, de se preparar constantemente para qualquer coisa que não importa se acontecerá, pois o mais importante é estar em preparativos (TEIXEIRA, 2011, p. 12).

Podemos observar no conto que o mundo agitado em que Ataxerxes se meteu representa essa descontinuidade de ações. Não há uma fixação no objetivo, que é a redação do telegrama, seja por inaptidão, seja por desvios provocados pelo emaranhado dos acontecimentos ao seu redor: pessoas que se reúnem para ouvi-lo; a folha que se perde levada pelo vento e que se cola nas ro-

das de um caminhão; a cidade e sua vida agitada; os homens de negócio que o procuram. Esses fatos provocam uma descontinuidade, a ponto de Ataxerxes duvidar se enviou, ou não, o telegrama a seu amigo presidente, ou seja, o personagem está sempre em preparativos para um futuro que nunca acontece.

O cômico

Motivado pelo seu desejo, o protagonista é inserido em um ambiente urbano, já com ares de modernidade que se contrapõe ao sítio onde vivia. Fascinado pela civilização e obstinado na busca pelo seu espaço nessa sociedade, dedica-se a escrever o texto que enviará ao seu amigo. Nesse ponto, a narrativa revela uma de suas oposições fundamentais: o desejo de redigir o telegrama e a incapacidade de fazê-lo. A busca pelas palavras “certas” ou “adequadas” à situação se transforma em uma luta sem fim, que tensiona toda a narrativa, motivada pela sua inaptidão em juntar as palavras que produzam o efeito de impressionar o destinatário. Suas atitudes e seu esforço são narrados em tom irônico, devido não só à sua inaptidão em escrever, como também pela incongruência entre a estrutura discursiva pretendida e a objetividade própria do telegrama, gênero textual marcado pela comunicação abreviada por uma linguagem elíptica, direta. Assim, motivado pelo desejo e ao sabor do acaso, suas ações revelam um Ataxerxes sonhador, ingênuo e confuso e, por meio dele, observamos o caráter cômico do texto, que se configura no conto por intermédio da ironia.

A forma mais comum de se conceber a ironia é como a figura de linguagem, em que se diz o contrário do que realmente se quer dizer, potencializando sutilmente a crítica ou o escárnio, o que configura a ironia retórica. Mas o significado do termo ironia vai além do jogo entre o dito e o não dito.

Em Aristóteles (2008), aparece em algumas versões da *Poética* no sentido de *peripeteia* – peripécia – como inversão da ordem natural das ações. Na *República* de Platão (2017), aparece como *eironeia* – uma estratégia de enganar o outro, elogiando-o. Aristóteles via a *eironeia* como o disfarce das verdadeiras intenções, por meio da desvalorização do próprio sujeito. O oposto à *eironeia* é a *alazoneia*, que consiste na dissimulação por meio da autovalorização, ostentando os feitos de maneira arrogante. A partir dessas definições, cria-se a figura do *eiron*, aquele que se esconde, disfarçando-se como um ser inferior, e do *alazon*, aquele que se realiza pela bajulação e pelo aplauso. As duas denominações propostas por Aristóteles carregam suas mentiras estabelecidas no jogo da realidade e aparência.

Até o Romantismo, o sentido de ironia pouco se estendeu além de “dizer uma coisa para significar outra”, a partir daí adquire uma forma discursiva que revela a subjetividade do ironista – o “eu” emissor – como uma das formas de repúdio ao objetivismo clássico. Para isso, houve a necessidade de se conquistar o leitor e contar com a capacidade deste para obtenção dos resultados pretendidos, já que o texto aprofunda o caráter subjetivo e irônico. O receptor se torna, portanto, peça fundamental para a construção do sentido pretendido pelo enunciador. A partir do século XX, a tentativa de representação do mundo moderno pela arte, principalmente pela linguagem verbal, fez com que o viés irônico do texto literário se relacionasse com um enunciado/enunciação, de modo a provocar uma abertura a um campo de significações que intensifica a dependência dos leitores e de sua bagagem cultural na captura dos sentidos. Por isso, a ironia assumirá graus diferentes em cada situação.

D. C. Muecke (1995), em *Ironia e o Irônico*, considera que a ironia será mais ou menos poderosa de acordo com o tópico ou tema abordado, porque alguns já estão incorporados no leitor, havendo um envolvimento natural com determinadas situações. Portanto, o jogo entre razão e emoção (ou loucura), entre realidade e desejo, onde o personagem está envolvido, desperta de imediato graus de ironia, compaixão, aversão, crítica de juízo moral etc. Muecke (1995, p. 76) ainda acrescenta que “as áreas de interesse que mais prontamente geram ironia são, pela mesma razão, as áreas em que se investe mais capital emocional: religião, amor, moralidade, política e história”. Esses “tópicos” já conhecidos diminuem a subjetividade com que cada um encara a situação vivida pelo protagonista, já que o leitor se depara com situações que podem, ou não, compor seu universo e estarem circunscritas em sua realidade.

Ironia e humor são formas de sátira, enquanto a ironia busca um sentido subjacente ao fato ou à circunstância narrada, o humor se liga à incongruência de uma situação a partir de um pensamento particular. Ou seja, a ironia está contida nas entrelinhas, propondo significações sem contestar as normas sociais, já o humor é marcado pela subversão do sentido por meio de significantes diretos. A ironia, portanto, se estrutura na organização do discurso, explora mais a mente do que os sentidos, com uma enunciação em que a sagacidade e a sutileza do ironista se mostram e se escondem, de acordo com suas intenções e o discernimento do seu leitor, por isso é sempre aberta e depende do sistema de valores construídos dentro da própria narrativa.

O significado de ironia, na sua concepção clássica, também está ligado à filosofia. Aristóteles (2008) a considera como pro-

cedimento imanente ao ser humano, e seu uso determina uma atitude pessoal. Em textos recuperados de Platão, Sócrates desenvolve a ironia por meio da dialética, ou arte de dialogar. No romantismo, ela passou a ser associada à idealização e à finitude do mundo sem desconsiderar, no entanto, o seu caráter retórico-filosófico. Com os estudos linguísticos desenvolvidos no século XX, a ironia passou a ser concebida, sem desconsiderar seu caráter linguístico ou filosófico, como um traço da linguagem que encontra no processo de enunciação o elemento básico para sua elaboração. Em seus estudos sobre a ironia, Beth Brait (2008), em *Ironia em perspectiva polifônica*, constata que sob uma perspectiva discursiva, a ironia está presente por meio de “marcas da enunciação irônica, detectadas a partir de um discurso literário” (BRAIT, 2008, p. 40-41), e acrescenta que

tanto de uma perspectiva linguística, que concebe a ironia como uma construção de linguagem, quanto de uma perspectiva filosófica, que a vê como uma atitude, como marca de personalidade, como postura estético-filosófica, o elemento que está no centro dos dois caminhos é o processo de enunciação.

No conto, o discurso revela traços de ironia a partir do comportamento de Ataxerxes, como um ato de linguagem não direto de sutil ironia. As marcas enunciativas de ironia estão no próprio desenrolar da trama onde Ataxerxes é o centro de situações engraçadas.

Na classificação de ironia estabelecida por D. C. Muecke (1995) destacam-se a ironia instrumental e a ironia observável. Para o referido estudioso, na primeira o ironista diz alguma coisa para vê-la rejeitada como falsa, unilateral, entre outros; na segunda, o ironista apresenta algo irônico – uma situa-

ção, uma sequência de eventos, uma personagem, uma crença, entre outros – que existe, ou pensa que existe, independentemente da apresentação. Nesse caso, o fato em si não se justificaria por uma ação espontânea do personagem, com ou sem intenção de logro, mas aconteceria simplesmente por causa do destino. Obviamente que, por trás da enunciação, há um enunciador construindo uma narrativa, que permite a intervenção de forças não humanas. No conto, são as ações conscientes, ou não, do personagem, que dão sustentação à ironia, aproximando-o da figura do *alazon*. Segundo Muecke (1995, p. 55-56),

[...] somente na Ironia Observável, segundo parece, é que temos a *alazonia* ou o *alazon*, definindo-se a *alazonia* como a inconsciência confiante encontrada no ou imputada ao *alazon*, a vítima da ironia [...] tais pessoas tendem a enganar a si mesmas mais do que àquelas a quem se vangloriam e chegam a acreditar em suas próprias invenções. [...] o *alazon* pode ser totalmente irreflexivo, ou atrevidamente confiante; ou pode ser infinitamente circunspecto, vendo toda cilada menos aquela em que ele cai.

Podemos considerar nessa classe de *alazons*, por exemplo, personagens como Dom Quixote e Policarpo Quaresma, no sentido de representarem aqueles comportamentos “irresponsáveis”, cujas consequências os ridicularizam e expõem a fragilidade de seus ideais diante de um universo que se contrapõe a eles. Uma distinção em relação ao *alazon* descrito por Muecke (1995) é que esses personagens não visam tirar proveito de situações para benefício próprio. De forma análoga, Ataxerxes se caracteriza como *alazon*, na medida em que é bajulado por ser considerado “alguém importante”, mas sua imagem é construída por um discurso que não visa enganar os ouvintes com mentiras. O mundo de fantasia, fruto de seu sonho,

não permite usar da lógica racional no plano da realidade concreta, então se deixa levar pelo acaso ingenuamente. Ataxerxes acredita em seu discurso, que se torna verdadeiro para ele e para os que o cercam, excluindo notadamente sua mulher Esmeralda.

Elementos como o espaço, o tempo, o contexto histórico, enfim, a ambientação se tornam fundamentais para a existência do *alazon*. No caso de Ataxerxes, o Rio de Janeiro da década de 1940, a Segunda Guerra Mundial, o Capitalismo, os homens de negócios, as diversões noturnas o envolvem em uma atmosfera de modernidade, que delinea suas atitudes e o aproxima de um personagem moderno. Sobre a arte e o personagem modernos, Anatol Rosenfeld tece a seguinte observação:

[...] sem dúvida se exprime na arte moderna uma nova visão do homem e da realidade ou, melhor, a tentativa de redefinir a situação do homem e do indivíduo, tentativa que se revela no próprio esforço de assimilar, na estrutura da obra-de-arte (e não apenas na temática), a precariedade da posição do indivíduo no mundo moderno. (ROSENFELD, 2006, p. 97).

Assim, o personagem moderno é visto sob a perspectiva de um ser fragmentado, que muitas vezes transita à margem de uma sociedade ideal à procura de sua identidade e de seu espaço. A complexidade desse personagem se estende a um narrador também diferente do tradicional que, geralmente, procurava se distanciar do mundo narrado, projetando seu personagem num espaço e tempo lógicos, impondo uma ordem narrativa que, aparentemente, nada tinha a ver com a visão de mundo do autor (ou do narrador). Era a condição privilegiada do narrador realista. A perspectiva do narrador moderno não permite total onisciência e distanciamento do seu mundo narrado. Nes-

se sentido, a ironia ressurgue como estratégia de composição narrativa, mas subordina sua capacidade de absorção às habilidades do ironista e do leitor no entrelaçamento de sentidos que podem ser captados parcial ou totalmente.

Na história, explícita ou sutil, a ironia está focada principalmente nos procedimentos do protagonista, o *alazon*, por meio da ironia observável. Mas não só com Ataxerxes podem-se observar situações irônicas que prenunciam um final infeliz. Na descrição da chegada da família à capital notamos antíteses, que marcam essa desventura:

A cidade sorri pelas miríades de janelas de seu casario aceso [...] o trem vai perdendo as energias e se deixando morrer na plataforma. Logo depois, pela janela do vagão saem sacos, cestos e velhas malas da fazenda. Em seguida, pela porta de trás, os Ataxerxes. (MACHADO, 1997, p. 134).

As marcas enunciativas se contrapõem, por exemplo, em “sorri” e “perdendo as energias e se deixando morrer” e “pela porta de trás”. Também o nome da pensão onde se hospedam – Estrela do Norte – não condiz com o local onde funciona: “Ali é apenas um trecho lívido e deserto de quarteirão, escondendo o crime, escondendo o amor, [...]” (MACHADO, 1997, p. 134).

Cômico, e menos trágico, é o fato de o aspecto físico do Chefe da Nação no retrato pendurado na parede da pensão não estabelecer relação direta com o companheiro de infância que Ataxerxes descreve: “Hoje está calvo, mas possuía bela cabeleira.”, “... sei que agora estão completamente azuis [os olhos]; naturalmente com a idade e o exercício do poder tudo isto vai mudando...” (MACHADO, 1997, p. 137-138).

Um recurso narrativo constante no conto é a alternância entre o discurso indireto e o indireto livre, que potencializa o efeito

de comicidade, como por exemplo, a dificuldade de Ataxerxes em escrever o telegrama:

Pela primeira vez Ataxerxes experimenta a sensação física das palavras. Pena não ser como esses escritores famosos que lidam com elas e sabem manipular todos os sentimentos. Agora, – por exemplo, precisava suscitar no Presidente uma impressão de volta à infância; em seguida, de poder pessoal – o que seria fácil; depois, de piedade pelos fracassados da vida; aí então, já na fase final, o coração do Presidente estaria preparado a receber a semente do pedido. (MACHADO, 1997, p. 139-140).

Nesse trecho, a ironia se constrói tanto pelo caráter metalinguístico, ao se referir à imagem do escritor – que o senso comum considera um sujeito enganador que usa de seu talento para manipular palavras bonitas de acordo com a situação – e tirar algum proveito; quanto pela associação das etapas de construção do texto, tal como as de cultivo da terra para plantio.

Há trechos em que a ironia se presta a uma crítica social pelo jogo de aparências e segunda intenções. As pessoas que se aproximam de Ataxerxes pela sua suposta amizade com o Presidente o tratam com amabilidade:

Com o tempo, cresceu a roda de Ataxerxes. De toda parte apareciam-lhe amigos. Caras novas. Figuras vorazes, rápidas, de olhos ardentes. Alguns o levavam aos cassinos onde travava conhecimento com homens prósperos e ativos, pessoas amáveis propondo negócios que não entendia bem, devido ao barulho do jazz e ao esplendor das girls. Pagavam-lhe a ceia, conduziam-no de carro até a porta da pensão. Eram cavalheiros obsequiosos, corretamente vestidos, todos muito apressados. Alguns tinham ciúmes dos outros. (MACHADO, 1997, p. 142).

Os traços irônicos do discurso estão na qualificação das pessoas como “amigos”, “amáveis”, “obsequiosos” e soam como ironia

retórica para os leitores porque escondem as verdadeiras intenções delas. O *alazon*, sujeito irreflexível, não consegue perceber os reais objetivos dos outros, nem sua precária condição diante dos fatos.

O trágico

Aristóteles (2008), na *Poética*, considera que o âmago da tragédia está na abrupta mudança da trajetória dos personagens. A alteração de percursos, mais ou menos estáveis, geram os traumas que fazem o personagem perceber que ele não é o que projeta, gerando uma crise de identidade. No conto, pode-se considerar que a alteração no curso da vida de Ataxerxes se dá pelo acaso: sonho de infância ou revelação súbita, a trama se liga à trajetória da “segunda etapa” de sua vida, na qual a tragédia já atua no jogo entre realidade e ilusão. No entanto, Ataxerxes não tem consciência de sua condição de vítima diante das circunstâncias, e a tragédia se mostra mais dolorosa a cada ação sua. Seus atos acabam envolvendo-o em uma teia de situações, que o encaminham para o desastre, já que não há a percepção de que o desvio do rumo em sua vida não lhe traz resultados favoráveis.

Desse modo, o personagem vai se embrenhando em uma atmosfera que aos poucos desfaz seus sonhos no mesmo sentido em que aumentam suas atitudes ridículas, reforçando o caráter abnegado demonstrado desde o início. Nesse sentido, o personagem pode ser caracterizado como plano ou de costume, e segundo Antonio Candido (2002), é o que desencadeia o processo de construção da caricatura:

As “personagens de costumes” são, portanto, apresentadas por meio de traços distintivos, fortemente escolhidos e marcados; por meio, em suma, de tudo aquilo que os distingue vistos de fora. Estes traços são fixa-

dos de uma vez para sempre, e cada vez que a personagem surge na ação, basta invocar um deles. Como se vê, é o processo fundamental da caricatura, e de fato ele teve o seu apogeu, e tem ainda a sua eficácia máxima, na caracterização de personagens cômicos, pitorescos, invariavelmente sentimentais ou acentuadamente trágicos. Personagens, em suma, dominados com exclusividade por uma característica invariável e desde logo revelada. (CANDIDO, 2002, p. 58).

Cômico, pitoresco e sentimental, Ataxerxes se revela, no percurso narrativo, um ser cada vez mais fragilizado. Apesar de, às vezes, ser chamado à realidade, a ingenuidade parece aumentar e o imerge gradativamente em um mundo ilusório. Sua figura é ridicularizada, sua esperança se desvanece na mesma medida em que tenta outras estratégias para contatar seu amigo, mas suas atitudes e comportamentos só fazem aumentar a distância entre ele e Zito. O leitor se aproxima de Ataxerxes em um sentimento de compaixão, um dos traços do gênero tragédia.

Além disso, o discurso indireto livre vai compondo com ironia sutil uma atmosfera concentrada, criando uma tensão que aguça a curiosidade do leitor:

O Catete se conservava silencioso. Com certeza, lá se estava conjecturando o que seria reservado a Ataxerxes. Daí a demora. O Zito não falharia.

Ataxerxes via-o passar às vezes em grande velocidade, precedido de batedores de motocicleta. Vinham-lhe neste momento ímpetos de atirar-se à frente e gritar: – Sou eu, Zito, o teu amigo Ataxerxes. Quase na miséria, como vês...

Mas a imponência e a rapidez do espetáculo deixavam-no perturbado.

Contentava-se, então, em bater palmas de longe. Às vezes, o único a fazê-lo... (MACHADO, 1997, p. 146-147).

Começou a frequentar os vestíbulos do Palácio do Catete, em uma espera interminável pelo encontro pessoal com o amigo. Os contínuos e os soldados já estavam habituados com a sua presença, até que um dia Ataxerxes perde a cabeça e xinga. Foi colocado para fora: “Posto na rua, exclama: – Vocês vão ver depois! É porque ele não ouviu a minha voz!... Um dia hão de saber quem sou eu! Afinal, isso aqui é ou não é uma democracia?... Canalhas! saibam que o Presidente é meu amigo...” (MACHADO, 1997, p. 152).

A palavra “democracia” acentua o tom contraditório de seu desabafo, na medida em que se contrapõe semanticamente às expressões “hão de saber quem sou eu!” e “o Presidente é meu amigo...” reforçando o estado mental confuso e ilógico em que se encontra, cada vez mais frágil e patético. O contraste, nesse caso, é condição primordial para a ironia (MUECKE, 1995).

Faz parte também do processo de construção da ironia, o que Muecke nomeia de “princípio do alto-contraste”. Este se traduz por indicar o aumento da disparidade entre “o que se pode esperar e o que realmente acontece” (MUECKE, 1995, p. 74). No caso da aventura de Ataxerxes, o resultado cabe mais ou menos nas expectativas do leitor, no sentido de um resultado nada favorável para o herói, e Muecke complementa afirmando que:

Este princípio do alto-contraste se aplica também ao alazon. Em vez de aumentar o fosso entre a aparência e a realidade, ou entre a expectativa e o evento, pode-se exagerar a confiança cega do alazon ou a circunspeção, ingenuidade ou perseverança que ele demonstra em tentar evitar o inevitável. (MUECKE, 1995, p. 74).

O alto-contraste, então, se manifesta pela gradativa alteração do estado mental de Ataxerxes. Suas ações desesperadas tensionam

a narrativa e o levam à desesperada tentativa de encontrar o amigo por outros meios. Convicto de que Zito não o recebera ainda porque fora impedido, resolve, por fim, ir até sua residência. Em uma cena quixotesca, Zamboni, um amigo da pensão, apoia Ataxerxes nos ombros, que olha por cima do muro, reconhece o presidente, tenta chamá-lo e recebe um tiro da sentinela:

Esperaram a noite e tocaram para lá. Encostaram-se ao muro. Xerxes trepou nos ombros do italiano.

– Cuidado. Suba por aqui!

– Não! Me levanta um pouco mais... Aquelas árvores me atrapalham. Agora! Estou vendo tudo! Ali deve ser o escritório... Que beleza este parque... Entrou uma menina; deve ser Clotilde, a filha.

– E o homem?

– Espera! espera! Não faça barulho... Psiu! Ai que ele vem entrando!... Meu Deus, estou pertinho dele! Como emagreceu! Sentou-se. Acho que está triste... acendeu um charuto!...

– Você está distinguindo bem? sussurra Zamboni. Eu também estou com vontade de espiar.

– Você não, Zamboni, que pode atrapalhar. Até os seus olhos azuis estou vendo!... Mas como ficou calvo!... De tanto se preocupar com a Pátria, não é, Zamboni?

– Ah, sim... com certeza!

– Acho que vou dar um assobio.

– Não faça isso, você está louco?

– Coitado, agora está descansando... trabalha tanto!... Estou quase ouvindo a respiração dele.

– Cuidado! não fale alto. É melhor descer...

– Não; é só transmissão de pensamento... Zito! Zito!... – chamou de novo num cício. – Tão simples que ele é... Meu amigo!... – Olhou para as alamedas; – Que silêncio no parque! Zito! Zito! Adivinha só quem está aqui!...

Houve um tiro seco. Ataxerxes rolou. Zamboni correu. A noite prosseguiu calma. (MACHADO, 1997, p. 157).

O final trágico do herói determina o fim da possibilidade de encontro entre os amigos de infância, e o desfecho da história traz Juanita revirando os guardados do pai, onde se encontra o rascunho do telegrama: “Naquele papel sujo, ia decifrando o mistério da vida de seu pai – o drama de Ataxerxes” (MACHADO, 1997, p. 158).

Ainda sobre o termo tragédia e nos remetendo novamente a Aristóteles (2008) e sua *Poética*, a tragédia se compõe de uma narrativa que desperta no leitor temor e compaixão no processo de catarse. A trajetória do protagonista pode nos levar a compartilhar de sua desventura, justamente por se tratar de um personagem infantilizado por suas ações, retratado de forma irônica e preso ao seu destino. Sua ingenuidade diante do mundo provoca o riso, mas o aproxima do leitor acostumado a *alazons* dispersos nas narrativas de outras épocas. Aristóteles também considera que são dois os efeitos psicológicos resultantes da desgraça do herói. Um se refere ao fato de acharmos que o infortúnio do outro nos causará desgraça semelhante e está prestes a acontecer, o outro “refere-se que daqueles que são atingidos pela desgraça sem o merecer devemos compartilhar a pena e ter compaixão” (ARISTÓTELES, 2008, p. 15). Parece-nos que o fim de Ataxerxes está ligado a esse sentimento.

Na questão da recepção do texto, além da catarse, um efeito comum nos leitores é a sensação de liberdade pela consciência de se estar lidando com um personagem vítima do acaso, atado ao seu destino e preso em sua própria armadilha. Segundo Muecke (1995), quando observamos do alto da nossa condição de leitores, colocamos a vítima em uma posição hierarquicamente inferior,

nesse caso o herói toma a classificação de “herói irônico”.

Também concebida como um “princípio estruturador do discurso”, segundo Beth Brait (2008), a ironia se vale da intertextualidade para potencializar sentidos enunciativos. Nesse sentido, para Ataxerxes, o Chefe da Nação possui *status* de rei: “Ataxerxes será um dos favoritos de sua corte” (MACHADO, 1997, p. 158), em uma possível alusão ao poema “Vou me embora pra Pasárgada”, de Manuel Bandeira, publicado pela primeira vez no livro *Libertinagem*, em 1930. A utopia do eu lírico no poema consiste em desfrutar das maravilhas de Pasárgada, a cidade do Rei Ciro II, O Grande, construída para ser a capital do império Persa (século VI a.C.). Em situação análoga, o desejo de Ataxerxes equivale ao do sujeito lírico, no sentido de obter regalias e vantagens por ser “amigo do rei”. O próprio nome do personagem nos remete a Xerxes, neto do rei Ciro, que se torna imperador e combate os gregos, nas Guerras Médicas, séc. V a.C. (VILAR, 2013). Embora seu exército fosse mais numeroso, Xerxes sofre uma vergonhosa derrota, que o faz cair no ostracismo. Pode-se interpretar que o protagonista do conto de Aníbal Machado seja o representante caricatural de Xerxes, que não atinge seu objetivo mesmo estando muito perto da vitória e Ataxerxes do Palácio do rei (Catete).

Na composição do personagem, portanto, há elementos heroicos, cômicos e trágicos concebidos a partir de um sujeito à mercê de acaso. A figura caricatural na qual Ataxerxes se torna, deixa-o à margem de sua conquista, assim como a cidade, em sua dinâmica, vai absorvendo e repelindo seus habitantes e moldando-os de acordo com a capacidade de cada um em entendê-la e adaptar-se, criando utopias e desfazendo sonhos.

Conclusão

A zona de conforto e segurança em que nos colocamos diante da tragédia também nos faz refletir sobre uma realidade do mundo civilizado. A feição crítica do texto está ligada ao abismo social existente entre classes de poder e o cidadão comum, às injustiças e aos meios de se obter vantagens no universo da modernidade em que vive o personagem, e que por extensão atinge a todos.

Após a morte do pai, uma caixa com as coisas de Ataxerxes chegam às mãos da filha, Juanita:

Começou a examinar os papéis: cautelas de casas de penhor, recibos de tintureiro, listas de jogo de bicho, uma fotografia do Presidente, uma carta de Pedra Branca, um retratinho de Esmeralda. Bilhetes corridos de loteria espalharam-se pelo chão. Havia também um charuto inacabado. (MACHADO, 1997, p. 159).

Esses papéis refletem simbolicamente o que teria sido a vida do pai até aquele instante: cautelas de casas de penhor – dívidas; jogo do bicho e bilhetes de loteria – esperança; carta de Pedra Branca e o retrato de Esmeralda – o passado; fotografia do Presidente – o presente e, talvez, o futuro. Entre os guardados há duas folhas “manchadas de gordura e suor” (MACHADO, 1997, p. 158), o que restou do telegrama, simbolizando a vida confusa que tivera seu pai. O inventário da vida de Ataxerxes reduz sua existência a uma incessante busca impulsionada pelo acaso e alimentada pelo inconsciente, que deságua em uma dissolução de planos, dilacerados pela realidade da qual o protagonista se afastara há muito tempo.

Não menos trágico se afigura o futuro de Juanita, personagem ligada ao movimento e aos elementos fundamentais: água, ar, fogo e terra. Dançarina, acompanha com movimentos de corpo, desde criança, o balanço

das folhas de bananeiras no sítio. Na cidade, dança diante do mar, na praia, e do fogo, por ocasião de um incêndio; faz curso de dança e se destaca. Depois da morte da mãe e do pai, a disjunção da personagem com os elementos fundamentais é potencializada: sozinha, triste; as pessoas que a cercam se preocupam com ela, mas em seu íntimo presente uma “catástrofe irremediável” (MACHADO, 1997, p. 159). Fechada em casa, tem nas fotografias da mãe e do pai as únicas referências de seu passado.

O conto se fecha com uma espécie de moral que, de certo modo, justifica as atitudes impulsivas e obstinadas de Ataxerxes, que o humaniza e se estende a todos os homens: “Quem nunca teve no bolso ou no pensamento um telegrama com o pedido impossível?...” (MACHADO, 1997, p. 159). Dessa maneira, o cômico e o trágico se misturam no universo da ilusão no qual viveu Ataxerxes, o “homem em preparativos”, incapaz de desvincular ilusão e realidade, até ser tragado pela morte.

Referências

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Ana Maria Valente. 3. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2008.

BRAIT, B. **Ironia em perspectiva polifônica**. 2. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2008.

CANDIDO, A. *et al.* **A personagem de ficção**. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2010.

MACHADO, A. **A morte da porta-estandarte, Tati, a garota e outras histórias**. 15. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

MATOS, O. Iluminação Mística, Iluminação Profana: Walter Benjamin. **Discurso**, (23), 87-108, 1994.

MUECKE, D. C. **Ironia e o irônico**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

NADEAU, M. **História do Surrealismo**. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 2008.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. 15. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2017.

PROENÇA, M. C. Os balões cativos. In: MACHADO, A. **A morte da porta-estandarte, Tati, a garota e outras histórias**. 15. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

ROSENFELD, A. **Texto/contexto I**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

TEIXEIRA, M. V. **Aníbal Machado: um escritor em preparativos**. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira), Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – FFLCH-USP, São Paulo, 2011.

VILAR, L. **Xerxes: o Rei dos Reis**. 28 abr. 2013. Disponível em: <<http://seguindopassoshistoria.blogspot.com/2013/04/xerxes-o-rei-dos-reis.html>> Acesso em: 12 jun. 2019.

Recebido em: 10/04/2021

Aprovado em: 08/06/2021



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

REVISTA
TABULEIRO DE
LETRAS

RESENHAS

O avesso da pele de Jeferson Tenório

Alexandra Nova Romero (Universidade de Concepción)*

<https://orcid.org/0000-0002-3256-3188>

En este reciente libro *O avesso da pele*¹ (2020) de Jeferson Tenório, destacado escritor brasileño y maestro de Literatura Afro-Brasileira, nos acerca a una estética literaria que construye la experiencia de vida del sujeto afrodescendiente en Brasil, donde la violencia, el racismo y la segregación llega a un límite inesperado para los personajes. La novela *O avesso da pele* se convierte en una literatura subversiva y contestataria ante el sistema discriminador y racista existente en Brasil que por años ha establecido en el imaginario social la idea de inferioridad de raza, tal como lo explica Daiana Nascimento dos Santos en su libro *El océano de fronteras invisibles: relecturas históricas sobre (¿el fin? de) la esclavitud en la novela contemporánea* (2015), según la autora aún existen resquicios coloniales en el presente a través del racismo, obliteración y la marginación, privilegiando al sujeto blanco sobre al sujeto negro de acuerdo a la raza y al fenotipo.

La obra literaria en estudio nos invita a una reflexión sobre las diferentes problemáticas sociales, raciales y culturales en Brasil, los temas centrales de la novela son variados y serán en torno a los sujetos afrodescendientes que deben sobrevivir ante un sistema que los descentraliza como personas, donde el estereotipo y los prejuicios tienen una carga enorme en la sociedad brasileña al punto de vedar espacios físicos

y comunitarios a los sujetos negros, sintiéndose extranjeros de sus propias tierras, vistos como seres extraños que se pasean por las calles laberínticas del país, donde el acoso constante logra en el sujeto negro el sentimiento de no pertenencia.

En las primeras líneas de la novela se vislumbra la muerte, la ausencia del padre que ha dejado un sentimiento de vacío y soledad en su hijo, este al observar la habitación de su progenitor atiborrado de objetos y recuerdos intenta a través de la escritura armar un rompecabezas para explicarse el asesinato de su padre, pero también para defenderse y soportar la ausencia que le ha provocado la muerte de su ascendente. “Então precisei juntar os pedaços e inventar uma história. Por isso não estou reconstituindo esta história para você nem para minha mãe, estou reconstituindo esta história para mim. Preciso arrancar a tua ausência do meu corpo e transformá-la em vida.” (Tenório, 2020, p. 80). A pesar de que la mayor parte de la obra se dirige a su padre, narrando en segunda persona, aclara que los relatos son piezas inventadas para él, con el propósito de hacer más llevadera la soledad que le ha dejado el descenso de su progenitor.

En el primer apartado de la obra literaria, *Da pele*, el cuerpo del personaje principal (el padre) tiene suma importancia en la narración, la negrura de la piel es el punto de racismo y discriminación social.

* Mestranda em Literaturas Hispânicas da Universidade de Concepción, Chile. E-mail: al3xandraok@gmail.com
1 Al interior de la piel (traducción)

El narrador nos transporta desde antes de la concepción de su padre hasta la adultez, nos manifiesta cómo la sensibilidad de su progenitor ante diversos acontecimientos le provocó una herida de medio centímetro en el estómago, dejando también en descubierto el deficiente sistema de salud pública, no obstante, esta lesión traspasa el ser físico del personaje, “mas às vezes, quando você chora, quando lembra que pode chorar, você tem a sensação de que aquela ferida de meio centímetro sempre esteve dentro de você, desde o momento em que nasceu até a sua vida adulta” (Tenório, 2020, p. 11). La herida se vuelve un símbolo de sufrimiento y segregación que nunca desaparece en el sujeto afrodescendiente, tal como nos evidencia el fragmento.

En el texto se nos explicita que el personaje principal ignoraba las consecuencias de su color de piel, su inocencia no podía comprender la magnitud de ser un hombre negro en una sociedad donde imperaba el poder del sujeto blanco. “Na época, você nem sabia muito bem o que significava ser negro. Não havia discutido nada sobre racismo, nada sobre negritude, nada sobre nada. Naquele momento você era apenas um corpo negro” (Tenório, 2020, p. 11). El protagonista desconocía su negrura, no entendía el odio hacia el sujeto negro, los insultos, la discriminación ni el racismo. Los primeros golpes adquiridos por ser afrodescendiente fueron cuando un grupo de niños lo salieron persiguiendo, y por instinto de sobrevivencia corre a la iglesia, donde es hallado y posteriormente golpeado en masa, nunca se resistió a las patadas, rasguños ni combos, el motivo de este maltrato fue porque lo confundieron con un bandido, no obstante, estas “confusiones” se harán cada vez más recurrentes y normales en la vida del protagonista, “ser con-

fundido com bandido vai fazer parte da sua trajetória. E você vai custar a compreender por que essas coisas acontecem” (Tenório, 2020, p. 10). El protagonista siempre terminará por ceder en los controles policiales y jamás resistirse a ellos.

Superada la etapa de la infancia y en plena juventud, el personaje principal encuentra el amor en una mujer blanca, Juliana, inaceptable e inconcebible para la sociedad presenciar a una pareja donde uno es negro y el otro es blanco, no obstante, para estos personajes el color de piel no tiene ninguna relación ni relevancia en el amor. El personaje principal sumido aún en la ignorancia de su negrura y normalizando los tratos racistas, logra despertar del letargo de su niñez y adolescencia que lo tenían adormecido y abstraído en la ignorancia del verdadero significado de ser negro en Brasil, gracias al profesor Oliveira el protagonista logra comprender las causas y las consecuencias de su negrura, descubrió que la raza y el color fue un invento cruel por los europeos. Desde ese momento, se devela el nombre del protagonista, Henrique, y deja de ser el negro para Juliana y para los lectores, ahora posee una identidad. Asimismo, desde que le es revelada la verdad, el personaje principal siente absoluto rechazo y molestia ante los chistes estereotipados y racistas hacia el sujeto negro. La adquisición de estos nuevos conocimientos provocó un cambio radical en su visión y comprensión del mundo, su relación con Juliana y la familia de esta fue decayendo, la razón es porque en varias ocasiones el racismo estaba presente en los diálogos, y consciente ahora de estos insultos y de la inferioridad con que se le observaba logra romper el silencio y alejarse absolutamente de estos ambientes.

En el segundo apartado, *O avesso*, el narrador cuenta dos historias de manera para-

lela, por una parte, comienza describiendo su nacimiento, acto que logra mantener atados al padre y a la madre quienes no se soportan, pero que intentan estar juntos luego que nace el hijo, “A verdade é que vocês não se amavam o suficiente para suportarem os seus fantasmas. Vocês eram apenas duas pessoas quebradas. Cada um com seus cascos. Cada um buscando uma escora. O amor como muleta.” (Tenório, 2020, p. 13). Y, por otra parte, relata la historia de su madre, Martha, desde la infancia hasta la adolescencia, quien tuvo que alejarse para siempre de sus hermanos pequeños porque su tía no podía hacerse cargo de ella, con esto devela la vida de esta familia afrodescendiente que no solo tiene un pasado de sufrimiento y discriminación por ser negros, sino que también se encontraban en una situación económica compleja donde las necesidades básicas no se lograban suplir del todo.

Lo interesante también de este capítulo es que se manifiestan voces femeninas que perturban normas socioculturales con sus acciones, en primer lugar, Magdalena, una mujer blanca e independiente que elige ser madre soltera y se hace cargo también de Martha. En segundo lugar, la madre del narrador, quien se convierte en una voz doblemente marginada por ser mujer y negra, y que al igual que Henrique, en un principio no tenía consciencia de su color de piel, y es la hija de Magdalena, Flora, quien le hace repensar el origen de su color negro que difiere al de su hermanastra. Posteriormente, la madre del narrador se enamora y convive con su pareja, Vitinho, un hombre blanco que en un principio era atento y respetuoso, pero que con el tiempo se vuelve manipulador e incluso agresivo. Martha en la casa de sus suegros es tratada como una sirvienta y maltratada física y psicológicamente por el hecho de ser negra. Sin embargo, llega un

momento en que esta mujer no permite más los abusos de los sujetos blancos y los abandona definitivamente.

Por otro lado, tanto Martha como Henrique viven en constantes vaivenes emocionales, el padre muchas veces abandona el hogar, pero el sentimiento de culpa lo hace regresar. El narrador relatando estos acontecimientos nos acerca a los recuerdos que posee junto a su padre quien lo previene del mundo, “Você precisa manter o interior para fora, você me disse. Para preservar o que ninguém vê. Porque não demora muito e a cor da pele percorre nosso corpo e determina nosso caminho para estar no mundo” (Tenório, 2020, p. 27), este consejo nos acerca al título del libro, *O avesso da pele*, porque debajo de la piel hay sentimientos, emociones, un lugar único que no se puede observar, que el resto no es capaz de apreciar, porque solo se limitan a ver el color de piel y a través de lo que ven juzgan y discriminan.

En algunos apartados el narrador escribe en primera persona, nos revela su nombre, Pedro, este relata cuando conoce a Saharienne, una joven blanca e inteligente que le gusta el cine y la literatura, esta relación de amistad ayudará a Pedro a comprender y reflexionar sobre los espacios de los blancos, lugar donde los sujetos afrodescendientes evitan asistir, debido a que son discriminados. En relación con estos espacios, el narrador vuelve a relatar en segunda persona, vislumbrando los recuerdos de Henrique sobre las diferentes situaciones de prejuicios y violencia que tuvo que vivir y soportar por parte de la policía brasileña, quienes lo detenían por hallarse en espacios donde vivían o circulaban en su mayoría sujetos blancos, convirtiéndose el protagonista en un sujeto sospechoso, por el hecho de ser negro, develando de este modo, el abuso de poder por parte de la policía que estaba es-

trechamente relacionado con la discriminación y racismo, como consecuencia de esto se llega a un límite de vulneración absoluta del cuerpo y el alma de los sujetos afrodescendientes.

En el penúltimo apartado de la novela, *De volta a são Petersburgo*, el narrador le cuestiona a su padre cómo soportó ser estudiante y luego maestro de un colegio vulnerable en Brasil, lugar donde trató apoderados y estudiantes con personalidades y caracteres complicados. Incluso algunos apoderados se asustaron al ver un profesor negro, debido que en ese tiempo los maestros afrodescendientes eran escasos en el sur del país. Sin embargo, a pesar de las dificultades que tiene el protagonista en llevar a cabo las clases, debido a que los estudiantes no muestran ningún tipo de interés por aprender, se encuentra con Elisa, una mujer casada que necesita sentirse amada, y es Henrique quien estará con ella por un tiempo. Lo destacable de esta breve historia es que en la novela trata el tema del cáncer de mama, siendo Elisa una sobreviviente de esta enfermedad.

Asimismo, el título *De regreso a san Petersburgo* se debe porque el protagonista utilizará la novela *Crimen y castigo* de Fiódor Dostoyevski para sus clases, obra que narra la historia de un miserable estudiante que vivía en un pequeño departamento en San Petersburgo, una mente criminal. Henrique, obsesionado con este relato lo utiliza para sus clases, siendo este todo un éxito entre los estudiantes. Con este triunfo el protagonista comienza a planificar las siguientes lecturas, esperando el mismo recibimiento de *Crimen y castigo* entre los alumnos. El narrador expresa: “Você não sabia que aquele seria um livro que te acompanharia até o fim de sua vida” (Tenório, 2020, p. 63), esto porque el título de la novela explicará de al-

guna forma el descenso del protagonista.

Por último, el libro finaliza con el siguiente apartado, *A barca*, el narrador relata la pesadilla de un policía donde es atacado por alrededor de diez hombres negros, quienes se encontraban en su hogar con el único fin de hacerle daño a su familia, este despierta asustado y no puede volver a dormir, en la tercera noche vuelve a soñar con sujetos negros. Con todas estas pesadillas, el policía recuerda al cabo Almeida, quien fue asesinado hace tres semanas, aún se desconocen a los asesinos, pero todos trabajan para encontrar a los culpables. Los sueños del policía nos develan cómo el imaginario colectivo posee muy marcado los estereotipos hacia el sujeto negro, ya que este se convierte inmediatamente en el inconsciente del policía en un criminal y/o delincuente.

El texto termina cuando el protagonista pasa por la calle soñando y planeando los próximos textos literarios a trabajar con sus estudiantes, asimismo, inmerso reviviendo el éxito vivido en la sala de clases, el protagonista no advierte que los policías le intentaban detener ¿o sí?, le gritaban que se acercara a la pared y subiera los brazos, rutina memorizada por el personaje principal. “Então, você abriu a pasta, ignorando os gritos do policial, os gritos de larga a pasta, porra. Você ignorou porque agora era a sua vez. Era a sua vez de ditar as regras” (Tenório, 2020, p. 77). Sin embargo, por primera vez Henrique a través del silencio puso resistencia, después de que toda su vida tuvo que permitir la discriminación y el racismo, esta vez ignoró la presencia de la policía, provocando la rabia descontrolada de la autoridad, estos sintiéndose inferiores al sujeto negro que no les obedecía, le propinaron varios disparos, el tercero se lo dio el policía de las pesadillas, causándole la muerte inmediata, “um corpo negro será sempre

um corpo em risco” (Tenório, 2020, p. 80). La piel negra es punto de discriminación y racismo, el imaginario colectivo debe ser consciente que este pensamiento viene de la colonialidad, que ha sido impuesto y debe ser suprimido. Por último, es necesario indicar que la obra literaria sin dudas nos acerca a la frase de Angela Davis “No basta con no ser racista, hay que ser anti racista”.

Bibliografía

Tenório, J. (2020). **O avesso da pele**. São Paulo: Companhia das Letras.

Nascimento dos Santos, D. (2015). **El océano de fronteras invisibles: relecturas históricas sobre la esclavitud en la novela contemporánea**. Madrid: Verbum.

Recebido em: 05/02/2021

Aprovado em: 30/04/2021



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Torto Arado: la tierra como fundamento de la (re)construcción de una identidad étnica – entre la esclavización y la resistencia

VIEIRA, Itamar. **Torto arado**. São Paulo: Editora Todavia, 2018, 264 p.

Adianys González Herrera (Universidad de Concepción)*
<https://orcid.org/0000-0003-1564-846X>

Resumen:

La novela *Torto Arado* (2018) del escritor brasileño Itamar Vieira Junior revela el proceso de construcción y reconstrucción de una identidad étnica asociada a un territorio, la finca Água Negra en la Chapada Diamantina. Esta identidad está marcada por la voluntad de reconstrucción de una memoria colectiva en la que tiene una participación principal la religión jâre (tipo de candomblé rural sincrético, variante del “candomblé de caboclo”), que como fuerza unificadora revitaliza lo real maravilloso americano. Sus moradores resisten las hegemonías de la colonialidad, edificadas sobre la noción de raza: el discurso del empoderamiento económico (propietarios de tierras, antes de diamantes y anterior a estos, de oro), la religión (católico y evangélico), el saber (eurocentrismo), el sistema de dominación patriarcal. *Torto Arado* revela que la desigualdad comienza en el tipo de vínculo que se establece con la tierra. Es una novela que denuncia la continuidad del sistema de esclavización y la resistencia de estas minorías. Se sitúa como parteaguas en la literatura brasileña, al trasgredir, como otros pocos autores, la discursividad homogénea en su narrativa contemporánea.

Palabras clave: Torto Arado. Reconstrucción de identidad étnica asociada a la tierra. Itamar Vieira Junior.

Resumo:

Torto Arado: a terra como base da (re) construção de uma identidade étnica – entre escravização e resistência

O romance *Torto Arado* (2018) do escritor brasileiro Itamar Vieira Junior revela o processo de construção e reconstrução de uma identidade étnica associada a um território, a fazenda Água Negra, na Chapada Diamantina. Essa identidade é marcada pelo desejo de reconstruir uma memória coletiva

* Doctoranda en Literatura Latinoamericana. Universidad de Concepción, Concepción, Chile – Agencia Nacional de Investigación y Desarrollo (ANID)/Formación de Capital Humano Avanzado/ Beca Doctorado Nacional. E-mail: adgonzalez@udec.cl

na qual a religião jâre (uma espécie de candomblé rural sincrético, uma variante do “candomblé caboclo”) tem uma participação principal, que como força unificadora revitaliza a o verdadeiro americano maravilhoso. Seus habitantes resistem às hegemonias da colonialidade, construída sobre a noção de raça: o discurso do empoderamento econômico (latifundiários, antes dos diamantes e antes destes, ouro), da religião (católica e evangélica), do saber (eurocentrismo), do sistema de dominação patriarcal. *Torto Arado* revela que a desigualdade começa pelo tipo de vínculo que se estabelece com a terra. É um romance que denuncia a continuidade do sistema de escravização e a resistência dessas minorias. Situa-se como um divisor de águas na literatura brasileira, transgredindo, como alguns outros autores, o discurso homogêneo em sua narrativa contemporânea.

Palavras-chave: Torto Arado. Reconstrução da identidade étnica associada à terra. Itamar Vieira Junior.

Torto Arado (Todavía, 2018) significa en primer lugar una desterritorialización de lo académico para migrar hacia el territorio del lenguaje y la acción: la vida de sujetos olvidados por la historia hegemónica de Brasil ha sido rescatada a partir de la tesis doctoral en Estudios Étnicos y Africanos “Trabalhar é tá na luta. Vida, morada e movimento entre o povo da Iuna, Chapada Diamantina”, del investigador brasileño, específicamente de Bahía, Itamar Rangel Vieira Junior (1979) y han penetrado estas vidas de “terra, morada, trabalho, luta, sofrimento e movimento” en la subjetividad y potencia creativa del escritor Itamar Vieira hasta crear una novela que ya se instaura con autoridad y legitimidad en la narrativa brasileña contemporánea, sobre todo al haber sido merecedora del Premio Portugués de Literatura Lusófona LeYa (2018) y Premio Oceanos (2020).

La novela revela el proceso de construcción y reconstrucción de una identidad étnica asociada a un territorio, la finca Água Negra, en la que sus moradores resisten las hegemonías de la colonialidad, edificadas sobre la noción de raza: el discurso del empoderamiento económico (propietarios de

tierras, antes de diamantes y anterior a estos, de oro), la religión (católico y evangélico), el saber (eurocentrismo), el sistema de dominación patriarcal. Esta identidad está fuertemente marcada por la voluntad de reconstrucción de una memoria colectiva en la que tiene una participación principal la religión jâre (tipo de candomblé rural sincrético, variante del “candomblé de caboclo”), como fuerza unificadora. Además, la reconstrucción de la memoria es posible por tres factores: la longevidad de los sujetos-personajes; la voluntad de los más jóvenes de leer en la historia hegemónica y en la educación recibida cómo se engranó su ascendencia negra: de dónde provienen, por qué estaban allí (Bibiana y Belonísia); la interacción con los otros (Severo).

Circunscritos al territorio de la finca la novela se desenvuelve a partir de la voz de tres narradores que coinciden con las partes en que se estructura: la primera parte, “Fio de corte”, es narrada por Bibiana; la segunda parte, “Torto arado”, es narrado por Belonísia; la tercera parte y última, “Rio de sangue” es narrada por una entidad jâre, que cuando monta a Miúda, se hace llamar Santa Rita Pescadeira.

Las demarcaciones temporales son imprecisas, característico de la oralidad y el proceso de reconstrucción colectiva de la memoria, pero se puede trazar una línea que rememora la infancia de la abuela en el contexto de la esclavitud, el nacimiento de su primer hijo José Alcino dentro del estanco en una plantación de caña de azúcar en Fazenda Caxanga casi treinta años después de instaurarse la Ley Áurea en Brasil (1888) y alcanza aproximadamente hasta los años setenta del siglo XX.

La novela narra la historia de dos hermanas negras Bibiana (de siete años) y Belonísia (de seis años), hijas de Salustiana Nicolau y José Alcino o Zeca Chapéu Grande, hermanas años después de Domingas y Zezé. Todos, descendientes de esclavizados, viven en la finca Água Negra, en la Chapada Diamantina (en Bahía) por un periodo cercano a los cuarenta años, y sin embargo, bajo una nueva esclavización, producto a lo que ha sido llamado “sistema de morada” (Sigaud, 1979 citado por Vieira, 2014, p. 10). A los negros, aunque estaban libres no se les había otorgado garantías que permitieran dignificar su vida al salir de la esclavitud, por ello sus descendientes vagaban en busca de un lugar donde establecerse y trabajar para poder vivir. Esta fue la situación común de los ancestros de Água Negra. Las hermanas, y los demás personajes continúan presos en esa circunstancia, trabajando en una tierra que no les pertenece (de la familia Peixoto y posteriormente de Salomón) en una vivienda de barro que se deterioraba con el sol y la lluvia, sin que estuviera permitido hacer casas de mampostería. Cuando las hermanas adquieren conciencia de la situación por vías diferentes afianzan la idea de la necesidad de la unidad y la defensa de la tierra en que se ha desarrollado su vida. Marcadas por un hecho exótico y verosímil, —el

meterse en la boca el cuchillo que Donana escondía bajo la cama—, ocurre un suceso trágico que influye en el curso de sus vidas: el cuchillo corta la lengua de una de las hermanas y es la otra la que articulará hasta que se separen los pensamientos, mediante el lenguaje no verbal. Este acontecimiento encierra una potencia simbólica en la obra muy fuerte porque Bibiana huye a la ciudad con Severo, llevándose consigo los sonidos que Belonísia no podía articular:

Dentre as coisas que levava, e talvez a que mais me machucava, era a minha língua. Era a língua ferida que havia expressado em sons durante os últimos anos as palavras que Belonísia evitava dizer por vergonha dos ruídos estranhos que haviam substituído sua voz. Era a língua que a havia retirado de certa forma do mutismo que se impôs com o medo da rejeição e da zombaria das outras crianças. E que por inúmeras vezes a havia libertado da prisão que pode ser o silêncio. (Vieira, 2018, p. 76)

Estas palabras de Bibiana retoman la relación de la esclavitud con el silencio, con la máscara como medio y método para evitar que los esclavizados comieran caña de azúcar o cacao en grano. Señala Grada Kilomba (2008) al respecto que su función principal era implementar una sensación de mudez y miedo, ya que la boca era un lugar de mutismo y tortura (p. 33). Con este incidente sobre Belonísia se implanta otra mutilación, el silenciamiento, otra limitación y nueva forma de subyugación, que alcanza su cenit con el matrimonio con Tobías.

En *Torto Arado* hay una clara oposición entre los habitantes de la finca Água Negra y los otros que representan las hegemonías coloniales, oposición que tiene su principal argumento en la relación diferente que establecen los personajes con la tierra: los habitantes sienten que pertenecen a la tierra que cultivan, frente a los propietarios, que

no la trabajan y a los que pertenece el territorio por la autoridad que otorga la propiedad —un documento escrito. El segundo argumento responde a la perpetuación de signos que legitiman una identidad para esta comunidad: el nacimiento, la enfermedad, la muerte o el matrimonio. Por eso declara Salustiana ante la visita de Estela (esposa de Salomón):

Fui parida, mas também pari esta terra. Sabe o que é parir? A senhora teve filhos. Mas sabe o que é parir? Alimentar e tirar uma vida de dentro de você? Uma vida que irá continuar mesmo quando você já não estiver mais nessa terra de Deus? Não sei se a senhora sabe, mas eu peguei em minhas mãos a maioria desses meninos, homens e mulheres que a senhora vê por aí. Sou mãe de pegação deles. Assim como apanhei cada um com minhas mãos, eu pari esta terra. Deixa ver se a senhora entendeu: esta terra mora em mim», bateu com força em seu peito, «brotou em mim e enraizou». «Aqui», bateu novamente no peito, «é a morada da terra. Mora aqui em meu peito porque dela se fez minha vida, com meu povo todinho. No meu peito mora Água Negra, não no documento da fazenda da senhora e seu marido. Vocês podem até me arrancar dela como uma erva ruim, mas vocês nunca irão arrancar a terra de mim». (Vieira, 2018, p. 204)

Esta oposición engloba otras oposiciones que incentivan la identidad étnica vinculada a la tierra: lo rural/ lo ciudadano y la oralidad/ la escritura.

Torto Arado es una codificación literaria que responde a lo que reconoce Vieira como la “o apropriar do espaço em uma perspectiva ontológica do homem e seu grupo” (2015, p. 152), lo que permite leer cómo se construye la noción de identidad de los habitantes de Água Negra como fenómeno de resistencia en un contexto de agresión y violencia, en el que los sujetos-personajes adquieren consciencia de que deben alzar

una voz colectiva como posible solución a la explotación a la que son sometidos. Aunque la obra resuelve el conflicto a través de la violencia, se aprecia cómo el mismo no recae en uno de sus habitantes como acto consciente, en su lugar, se yergue como el justiciero el factor religioso, personificado en la entidad Santa Rita Pescadeira, un jãre de más de cien años, al montar el cuerpo de Bibiana primero, para construir la trampa y Belonísia después, para matar al jaguar. Es una entidad humanizada: en ella crece el odio, los deseos de venganza, el deseo de alcanzar la justicia unido al de volver a montar a alguien y demostrar su fuerza, y/o la fuerza de su gente, —quienes, además, la estaban olvidando.

Não pude mais conter a vontade de cavalgar pelos campos, de nadar pelos rios e deslizar sobre a terra com pés e corpo. Mirava a casa em ruína do outro lado da estrada, a parede onde esculpiram São Pedro com as chaves do céu, num dia, e noutro não mais existia, derrubada pela chuva que caía fina. Sentia saudade de um corpo se movimentando entre o povo nas noites de festa que já não existiam. Havia profundidade nos olhares, nas preces, nos encantados, índios, negros, brancos, santos católicos, caboclos das matas, chegando um após outro, e preenchendo o vazio dos campos da caatinga: sem deus, sem remédio, sem justiça, sem terra. Se esqueceram da encantada, seu nome talvez não seja mais lembrado, e a encantada vai se esquecendo de quem é, muito se aproxima a sua hora. (Vieira, 2018, p. 230)

La entidad muestra junto a su fuerza y poder, la limitación de ese poder, la muerte de un sujeto que es solamente uno de los portadores de un sistema ideológico que supera toda inmediatez y solución inmediata: “A onça que passamos a caçar havia derramado sangue e estava disposta a rasgar a carne de mais gente, até conseguir o que queria”. (Vieira, 2018, p. 231)

Y aunque la novela sostiene la muerte de Salomón como signo positivo que permitió la inserción de esta comunidad en la historia hegemónica a partir de los hechos violentos, y el vivir con cierta autonomía fuera del sistema de explotación, la solución es insuficiente por ser parcial y limitada temporalmente — bastaba con que Estela, aunque loca, vendiera nuevamente la casa, o el hijo se encargara de ello— para la magnitud de la trama que cuenta. ¿Cuál es entonces la propuesta de este jâre? ¿Matar a todo el que represente un obstáculo para la autonomía y la vida digna de su gente? ¿Cuál es la propuesta de Itamar Vieira para solucionar el conflicto de la tierra, del racismo, del poder después de darle voz a estas minorías? ¿La muerte del esclavizador o debió ser la del sistema ideológico que lo sustenta y multiplica? “Sobre a terra há de viver sempre o mais forte” (Vieira, 2018, p. 232), dice la entidad. Itamar Vieira demuestra su astucia además en la elección de sus narradores, sobre todo el de esta entidad que se confunde con lo omnisciente pero continúa siendo una perspectiva.

Por otra parte, la novela retoma una característica que frecuenta la historia y la literatura de los pueblos latinoamericanos en palabras de Alejo Carpentier (2004, p. 238). Lo que pudiera confundirse con realismo mágico es en realidad la revitalización de lo real maravilloso americano, dado sobre todo a la luz de las creencias de la religión jâre, y sus curadores, que como Zeca Chepêu Grande, reciben a los encantados, que vagan por los territorios buscando caballos que montar. De ella resalta su poder unificador, y en tal sentido, político, fuerzas que se concentran en el curador que lidera Água Negra.

Torto Arado revela que la desigualdad comienza en el tipo de vínculo que se es-

tablece con la tierra. Es una novela que denuncia la continuidad del sistema de esclavización y la resistencia de estas minorías. Sus personajes han recibido un *reparto de lo sensible*. Sin dudas se sitúa como parteaguas en la literatura brasileña, al trasgredir, como otros pocos autores, la discursividad homogénea (Dalcastagnè, 2012) en su narrativa contemporánea.

Referencias

CARPENTIER, A. **Diccionario de conceptos de Alejo Carpentier**. La Habana: Editorial Letras Cubanas, 2004. 284p.

Dalcastagnè, R. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro, Vinhedo: Editora da UERJ, Horizonte, 2012. 208p.

Kilomba, G. **Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. 248p.

Vieira, I; Assiz dos Santos, F. **Expressões de territorialidade entre trabalhadores e quilombolas na Chapada Diamantina**. 2014. 20f. Dissertação (Trabalho apresentado na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia), Natal/RN. Disponible en: [http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1401836050_ARQUIVO_artigo_RBA\(2\).pdf](http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1401836050_ARQUIVO_artigo_RBA(2).pdf)

----- Quando a memoria é matrimônio: expressões de territorialidade de comunidades quilombolas, **Geografia em questão**, local de publicação, v. 8, n. 1, p. 150-163, 2015. Disponible en: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/geoemquestao/article/viewFile/10131/8384>

----- **Trabalhar é tá na luta Vida, morada e movimento entre o povo da Iuna, Chapada Diamantina**. 2017. 300f. Tesis (Estudos Étnicos e Africanos) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2017.

----- **Torto arado**. São Paulo: Editora Todavia, 2018, 264 p.

Recebido em: 02/02/2021
Aprovado em: 30/04/2021



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

REVISTA
TABULEIRO DE
LETRAS

ENTREVISTA

Entrevista a Rodrigo Ramos Bañados: migración, identidad y periferia

Grace Lineros (Universidad de Playa Ancha, Valparaíso, Chile)*

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1544-1154>

Inés Hortal (Universidad Andrés Bello, Viña del Mar, Chile)**

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3103-6682>

Rodrigo Ramos Bañados es uno de los escritores más destacados de la literatura nacional chilena de los últimos años. Su obra se caracteriza por re-presentar la sociedad actual y la política nacional, en especial, el norte de Chile. Se autodefine como un “escritor callejero” porque recorriendo la ciudad es como va captando, imaginando y creado sus personajes. Experimentando ese “andar en la ciudad”¹, es lo que va dando el contexto a sus obras.

Nació el año 1973, en la ciudad de Antofagasta, Chile. En ese entonces, Salvador Allende² todavía ejercía como presidente; sin embargo, el autor vivió su infancia y juventud en plena Dictadura Militar³, lo cual afectó y cambió drásticamente la vida familiar. Menciona el escritor que su padre se

vio afectado directamente por este episodio, puesto que era dirigente del MIR⁴. Sus progenitores se conocieron cuando cursaban estudios universitarios de Artes Plásticas en Antofagasta. Después del Golpe de Estado, su padre tuvo que escapar en forma clandestina, ya que era perseguido por sus inclinaciones políticas. Estuvo en Argentina entre los años 1974-1975, mientras que Rodrigo Ramos lo acompañó junto a su madre un tiempo después, viviendo en Rosario. Sin embargo, llegó la Dictadura en Argentina, y su padre, quien tenía contactos con el grupo uruguayo Tupac Amaru, fue detenido y torturado. Pasado un tiempo, su padre se fue exiliado a Francia, pero esta vez Rodrigo y su madre decidieron volver a Antofagasta.

Ramos se crio con su madre y sus abuelos. Desde pequeño tuvo la cercanía con la literatura gracias a su abuelo, quien tenía una gran cantidad de libros, destacándose los clásicos. El autor menciona que gustaba de leer los cuentos de Guy de Maupassant y revistas de fútbol. Proviene de una familia en donde la lectura era considerada una práctica natural. Según el escritor, en ese tiempo

1 DE CERTAU, Michel. Andar en la ciudad. **Bifurcaciones**, n. 7, 2008, pág. 1-17.

2 Político socialista y médico chileno, quien fue presidente desde 1970 hasta 1973. Salvador Allende fue electo democráticamente, apoyado por los partidos de izquierda de la Unidad Popular (UP).

3 El 11 de septiembre de 1973, el gobierno de Salvador Allende fue derrocado por un golpe de Estado encabezado por el general Augusto Pinochet. La dictadura militar (1973- 1990) se impuso durante 17 años.

4 Movimiento de Izquierda Revolucionaria fue un partido político chileno fundado en 1965.

* Profesora de Castellano y Comunicación. Licenciada en Lengua y Literatura Hispánica. Pontificia Universidad Católica de Valparaíso, Chile. Alumna Programa de Magister en Literatura, Universidad de Playa Ancha, Chile. E-mail: grace.lineros@hotmail.com

** Profesora de Inglés. Licenciada en Lengua y Literatura Inglesa. Magister en Literatura Chilena e Hispanoamericana. Pontificia Universidad Católica de Valparaíso, Chile. Dra. en Literatura Hispanoamericana Contemporánea, Universidad de Playa Ancha. E-mail: ineshortal@hotmail.com

se leía más, puesto que llegaba el diario a la casa en papel, lo cual le daba una magia distinta a la lectura.

En cuanto a sus estudios, menciona que estuvo internado en el English College (Colegio Inglés Metodista de Iquique). Terminando su educación secundaria, regresa a su ciudad natal y estudia periodismo. Sus primeros trabajos como periodista los realizó en el periódico *El Mercurio* de Antofagasta. Trabajó alrededor de dieciséis años en diversos lugares como Antofagasta, Iquique, Valparaíso y Santiago⁵. Luego decidió desempeñarse, de forma independiente, en trabajos para sindicatos. Paralelamente, comenzó con su trabajo literario, donde Ramos Bañados destaca que “es un espacio donde me desarrollo como mi yo”.

Su trayectoria como escritor comenzó desde que ganó una Beca del Fondo del Libro y la Lectura (1999) y realizó cuentos para la Revista Sabella de *El Mercurio* de Antofagasta (2000). Su primera novela fue *Alto Hospicio* (2009), publicada por la Editorial Quimantú. Desde ese momento, ha publicado los siguientes libros: *Pop* (Cinosargo, 2010), *Namazu* (Narrativa Punto Aparte, 2013); *Pinochet Boy* (Narrativa Punto Aparte, 2016); *Ciudad Berraca* (Alfaguara, 2018); *Matute* (Aparte, 2020) y *Palo blanco* (Zuramerica, 2020).

Grace Lineros (GL): ¿Qué es la literatura para Ud., el rol del escritor y su relación con el entorno?

Rodrigo Ramos Bañados (RRB): La literatura es una posibilidad de registrar hechos de tu propio tiempo o adelantarse y generar un discurso, adelantarse; no adivinar que va a pasar. Por ejemplo, los libros de Ray Bradbury o George Orwell, los escritores están viendo más allá. Conversaba con un escritor amigo sobre qué escribir en

estos tiempos: es escribir sobre la naturaleza y que el sujeto pase a segundo plano. Le hemos quitado espacio a la naturaleza, la reacción de la naturaleza, los tiempos de la naturaleza y sus necesidades.

La literatura te permite leer el presente y el futuro, y el autor tiene esa posibilidad de registrar. Hay mucho de pulsión (o el don de escribir). Los escritores tenemos ciertas habilidades para esto y las obras se construyen por el afecto y la relación entre afecto y ego. Hay escritores que son más individualistas, pero si aportas a la comunidad, el ego y la recepción del afecto, te impulsan a escribir. A la mayoría nos interesa saber quién nos lee; uno está plasmando su pensamiento con historia, su propia construcción de ideas y lo está generando a través de la literatura. La obra también genera una relación con el lector, pero va en tu pensamiento, en cómo ves la vida.

Inés Hortal (IH): ¿Cuál es la importancia de retratar o representar al norte de Chile en su narrativa?

RRB: Uno es nacido y criado acá; se está relacionado con el norte y con el paisaje, la gente y las características de vida. El norte para mí es una zona que no tiene clara las identidades ni las nacionalidades, tiene un pasado muy chileno, desde 1879 en adelante. Su pasado es muy bélico, de guerra, de héroes, nombres de soldados, partiendo de Arturo Prat desde la Guerra del Pacífico. Después, tenemos ese norte chileno de las salitreras y, por ende, los hombres que llegan a trabajar allí. No obstante, hay un norte que va más atrás, uno peruano, boliviano y antes uno chango. Es un norte trashumante, territorio de tránsito, que es la zona más seca del mundo con un solo río; es una zona hostil, áspera y dura. Se generan migraciones por la minería y con un fin económico, un fin de buscar *El Dorado*. Por el cobre y

5 Ciudades chilenas.

con las grandes mineras hay siempre un flujo migratorio. Este norte tiene mucha gente de historia como la de nuestros ancestros buscando riqueza. Es importante darlo a conocer, de narrar y desmitificar el norte especialmente en el ámbito literario o artístico. Autores desde 1980 hacia atrás, han mitificado mucho al hombre del norte, el forjador, el que no rehúye al sol; la mujer que cría los hijos; la cantinera, etc., son parte del canon literario. Ese canon no me motiva, quiero dar a conocer otro norte, una visión más ruda, más honesta, más de calle. Como soy periodista, más actual, más contemporáneo.

GL: Menciona en una entrevista realizada por Diego Hidalgo⁶ lo siguiente: “Me han condicionado los lugares donde he vivido, un tiempo estuve en Valparaíso y allí escribí unos cuentos del puerto, y si estuviera en Santiago quizás escribiría de Santiago”. Considerando lo anterior, ¿cuál es la importancia de narrar desde lo experiencial para Ud.?

RRB: Es mi formación de periodista. La crónica es relevante, ya que ahí saco el setenta u ochenta por ciento de las historias. En Valparaíso, saqué varias historias; me influyó vivir, ver, oler y luego escribirlo. Nos pasa a los escritores, por ejemplo, los que hablan mucho de los árboles; o bien, autores del sur, que lo hacen de un sujeto o paisaje. Uno como es del norte no se imagina eso, debido a las características propias del lugar. El escritor va describiendo lo que ve, por ejemplo, acá no tenemos árboles, solo las torres de alta tensión, las chimeneas industriales, etc. El sujeto es el mismo, el ser humano es el mismo, te cambia el paisaje. Un trabajador de *Subterra*⁷ puede ser simi-

lar al de la salitrera, pero viven en otro contexto natural, otra naturaleza, y el norte es agreste. Si fuera a China escribiría de ese sitio; soy muy de conocer y de meterme en los lugares.

IH: El norte de Chile ha sido afectado por olas migratorias desde finales del siglo XIX. ¿Cuál o cuáles son o han sido, a su juicio, las consecuencias en la región en términos de su desarrollo sociocultural y, particularmente, en la narrativa de la región?

RRB: Yo creo que sí, el norte, después de pasar a territorio chileno, tiene mucha literatura minera con Juanito Solar, y otras novelas como *Carnalavaca*⁸. Encontramos novelas sociales relacionados con el trabajador minero y con crítica a los empresarios. Hay poca narrativa de mar, un ejemplo: *El Incendio en el Astillero* de Salvador Reyes⁹. Por otra parte, está Andrés Sabella¹⁰ que pretendió hacer la nota del Norte Grande, basándose en las matanzas salitreras. Mario Bahamondes¹¹ que forja, muy generoso con el hombre como tal, el macho, el nor-tino. También se encuentra Hernán Rivera Letelier¹² con más de veinte novelas. Hay una gran cantidad de obras de la Guerra del Pacífico, esto vende. Además, han surgido autores de Arica e Iquique con un norte distinto. Si hablamos de migraciones, está la minera en su época, el trabajo y génesis de la pampa, hombres traídos desde sur. El norte es una zona de trashumancia, tienes los cadáveres de las salitreras. También tiene ciudades que dependen de la minería, del cobre o litio. Iquique podría subsistir debido

Santiago de Chile: Imprenta moderna, 1904. 221p.

8 GARAFULIC, A. *Carnalavaca*. Santiago de Chile: Editorial Nacimiento, 1932. 370p.

9 REYES, S. *El incendio en el Astillero*. Santiago de Chile: Editorial Tales, 1964. 262p.

10 1912-1989.

11 1910-1979.

12 1950- hasta la fecha.

6 HIDALGO, Diego. Rodrigo Ramos, escritor: <<Busco generar un relato del Chile de la barrera, ese de los comentarios de las noticias en Facebook>>. *Biblioteca viva*, 25 de marzo de 2019.

7 BALDOMERO, L. *Subterra: cuadros mineros*.

a que tiene más arraigo turístico, pero Antofagasta es flotante, de paso, aunque tiene su encanto. La literatura es de personajes que entran y salen. En las novelas sociales de las primeras décadas del siglo XX, encontramos los mismos problemas que se van replicando: el trabajador explotado. Es la misma minería. En Collahuasi se puede trabajar hasta los cuarenta y cinco años, esa es la esperanza de vida laboral y después vienen las enfermedades. En general, así es la zona.

GL: Desde su punto de vista, como periodista y luego como escritor, ¿cuáles serían las consecuencias negativas de los desplazamientos migratorios desde países como Perú, Bolivia, Ecuador y Colombia al norte de nuestro país? y ¿cómo esto afecta o afectaría a los habitantes locales?

RRB: Ahí se genera un conflicto, principalmente, en cuanto a migraciones. A los chilenos nos gusta el migrante europeo. Antofagasta acogió muy bien a los yugoslavos y, posteriormente, a los croatas (un ejemplo es la familia Luksic), griegos, españoles. Pero no al andino, el boliviano o el peruano. Todos los domingos desfiles de colegios, lo cual se exacerbó más en la época de Pinochet. Ves festivales de huasos en Arica y rodeos en Antofagasta. Expresiones para chilénizar la zona. Con toda esta memoria social, llegan migrantes pobres, negros, de Colombia, y se produce un choque cultural, eso es como lo negativo y que nos demostró esta confrontación y nos evidencio como una sociedad xenófoba. Nos costó a la fuerza aceptarlos; nos revela y nos encara, especialmente, en Antofagasta. Iquique y Arica no tanto, porque son zonas más andinas. Los abuelos que vivieron la chilénización te cuentan que los peruanos son malos, pero la formación cultural que viene trae cambios.

IH: ¿Cree Ud. que eso se fue al otro extremo?

RRB: Hay una hibridez que no es ni chilena ni colombiana, lo que ha generado una identidad más neutral y diferente como “Antofalombia”¹³. En el centro y las poblaciones encuentras colombianos, aunque no en los sectores acomodados, está muy segmentado. Sería bueno que la municipalidad organizara barrios, como un barrio colombiano. Ahora en los negocios encuentras de todo, por ejemplo, arepas, etc. Se venden cosas que antes no se vendían, como el queso venezolano. El gusto de las personas va cambiando. Hay un cambio que se ha generado de forma muy acelerada.

IH: ¿Considera Ud. que “la cuestión social”¹⁴ en Chile, investigada tanto desde los ámbitos históricos como literarios, es una situación y/o condición sin retorno? ¿Ha afectado notoriamente la “cuestión social” a los habitantes del norte de Chile más que al resto de las regiones?

RRB: Parte de los trabajadores. Los trabajadores han ido evolucionando y hay más seguridad, aunque siempre está la crítica a la gran empresa. Las grandes críticas pasan a las multinacionales, quienes sacan del país el noventa por ciento de sus ganancias; la mayor parte de los recursos se van al exterior. En la literatura, salvo *Geología de un planeta desierto* (2016) de Patricio Jara, identificamos la única novela que habla del minero contemporáneo como tal. Estamos en deuda, el tema social va a seguir; es un debate fuerte, de toda la vida. El norte aborda el tema del trabajador y el empresario. El

13 Término utilizado en su novela *Ciudad Berraca* (2018).

14 Las desigualdades crecieron en el país, alentadas además por los problemas generados por la migración campo-ciudad. La celebración del centenario en 1910 estuvo marcada por la inmutabilidad del Estado oligárquico o República Parlamentaria ante la llamada “cuestión social”, caracterizada por la paupérrima calidad de vida de los sectores populares del país.

tema de los sindicatos sigue siendo potente. El sindicato debía tener una imprenta, era el sistema de comunicación; por ejemplo, Luis Emilio Recabarren¹⁵ era del norte y dejó una, que es algo permanente y permitió el registro periódico de las actividades de los mineros.

GL: ¿Percibe Ud. al norte de Chile como “un país aparte” tanto en aspectos económicos, socioculturales y políticos?

RRB: En general, hay un territorio que es muy aparte y que no ha sido valorado por el centro, ha sido un botín de guerra: Tarapacá y Antofagasta. Se mantuvo la población autóctona, pero se chilinizó. También se debe considerar la distancia; por ejemplo, de Copiapó a Antofagasta hay casi cuatro horas, tienes que cruzar el desierto, por lo tanto, hay una condición geográfica. El norte está más conectado con Tacna, puesto que hay conexión cultural. En Arica hay regimientos, el tema del patriotismo se percibe muy a flor de piel. Iquique está conectado a Cochabamba, hay mucha población boliviana. Los trajes de la Tirana¹⁶, por ejemplo, son traídos de Oruro, están conectados religiosamente también. Calama cuestión boliviana. Antofagasta es más chilena, es un territorio muy independiente. Si tuviéramos más autonomía, o fuéramos federados, tendríamos mejor estilo de vida. Chile depende de la economía del norte y se necesita más reciprocidad del centro. En la Literatura de acá pasa igual. Hay un circuito potente de escritores: Rivera, Patricio Jara y también mi caso, somos más conocidos a nivel central. Pero hay un circuito muy potente, que vende sus libros acá.

IH: ¿Y qué sucede con las mujeres, con las escritoras del norte de Chile? ¿La escri-

tura femenina cómo la percibe Ud. en términos de producción, ya sea en poesía o prosa?, ¿cuál es la temática?

RRB: En los últimos años, la editorial que tiene importancia en esta temática es Ediciones Uraña, de hace más o menos siete u ocho años, con María Constanza Castro, periodista y académica, quien ha publicado varios libros. Zuleta Vásquez¹⁷, poeta destacada, se ha hecho conocida. Hay una narradora que está en Estados Unidos: Andrea Amosson. Ella habla de la guerra, escribe sobre mujeres en la Guerra del Pacífico¹⁸. También tiene otro libro *La Ballenera*. Amosson, es la que está haciendo una literatura nortina más internacional. Además, hay círculos literarios que mantienen la literatura viva como el de Aída Santelices.

IH: La corriente migratoria de ingleses y españoles durante la segunda mitad del siglo XIX y comienzos del siglo XX condicionó en gran medida el estilo de vida de los habitantes de la zona norte: la construcción de las salitreras, los primeros autos llegaron a ciudades como Iquique, las telas para vestidos de las señoras eran encargadas a Inglaterra, llegaban por barco, e incluso, la madera para la construcción de casas que aún se observan en sus calles era traída desde Oregon. ¿Cuál sería el aporte de los migrantes actuales a las ciudades del Norte Grande?

RRB: Lo podemos ver en el oficio, realizan un aporte en el sector de servicio. Tienen muy buena atención a la gente, andan en motos con los *deliveries* y te dicen “con mucho gusto”. En el tema gastronómico, han aportado nuevos sabores. No son organizados, antes los emigrantes se organizaban en mutuales. Por otro lado, aquí también hay una delincuencia enfocada al préstamo. No

15 1876-1924. Líder sindical, social y político.

16 Fiesta religiosa que mezcla costumbres autóctonas, migrantes y católicas. La celebración se realiza cada 16 de julio, en honor a la Virgen del Carmen.

17 Poeta antofagastina.

18 AMOSSON, A. *Las mujeres de la Guerra*. Santiago de Chile: Ediciones B, 2009. 264 p.

hay grandes aportes en estos momentos, quizás se verán de aquí a quince años, no se palpa bien. El migrante habla mejor, es más amable. En general son muy respetuosos, tienen otro trato y las tiendas los contratan. La ciudad ha cambiado en ese sentido, más entretenida.

IH: ¿Cómo ha visto el proceso de la oralidad, de lo que cuenta la gente en el norte, de su historia, la misma guerra o la historia de las salitreras?

RRB: Hay registros de historias que han ido pasando de generación en generación que a lo mejor no se han llevado a un cuento o a una novela. Es tangible de estar escuchando porque, a veces dentro de la misma familia, te cuentan fechas, de tales personas, etc.

GL: Considerando su oficio como periodista, ¿cómo fue el proceso de desplazamiento de una escritura periodística a una de carácter más literario?

RRB: No ha sido tan difícil, es una cosa y viene la otra. Van unidas. Estuve en la calle, siempre andaba buscando historias vendibles para el diario, pero después te das cuenta de que las puedes llevar a una historia o a una crónica más literaria. Es algo natural. Ahora que salgo a reportear, ando escuchando anécdotas y así vas creando tu *background*. Encuentro historias buenas y divertidas, algunas se trabajan para cuentos y otras veces, más profundamente, vas generando otro tipo de intereses. Tengo dos novelas sin editar. Uno va alimentando las obras con cosas que va viendo y escuchando en la calle: “ahí va el personaje que quiero”. Soy un escritor muy de calle; un escritor callejero. La mejor forma de narrar es captando cosas, por eso prefiero caminar antes que andar en auto.

GL: Igual es importante, porque es la mezcla de su profesión como periodista y escritor.

RRB: Caminando. Soy desordenado para escribir, la masa escritural la voy agrandando, extendiendo, prefiero tirar todo. Mis novelas son un poco fragmentadas.

GL: Considerando este sujeto fragmentado y su escritura como autor callejero, ¿cree que su narrativa ha dado cuenta sobre lo marginal -en un amplio sentido de la palabra- y la desigualdad del Chile contemporáneo?

RRB: Hay un componente político. De lo marginal, creo que son más las desigualdades, entrar o ahondar en aquellas como *Ciudad Berraca* (2018), donde hay un muro entre el condominio y el resto: una novela política. *Alto Hospicio* (2008) también puede considerarse marginal y, en realidad, más que marginal, prefiero periferia. Las poblaciones están en la periferia y se convive en esos ambientes. Chile es desigual. Uno como escritor puede escribir para cierta clase. Hay lectores que compran libros (hablamos de una clase media), no me gusta estigmatizar, pero les gusta que les cuenten historias de ellos, y hay autores que escriben para ellos.

IH: Pero ahí está el tema del canon también, porque se hace cargo de impulsar a estos escritores que venden, ¿no es cierto? Y otro grupo que queda en una cierta invisibilidad, escritores que, sobre todo, retratan la realidad. Esos no venden o no vendían porque no era lo que la gente quería leer. Además, también una función del canon es querer mostrar un Chile diferente. ¿Qué opina Ud. al respecto?

RRB: Diferente, acabamos de nombrar escritores, pero es así. Leí el fin de semana una opinión de Pedro Gandolfo, un crítico, que decía que había un pacto de hace treinta años. Hay un sector que consume libros, entonces hay escritores que escriben para ese sector, ahí está la literatura. Ese es un negocio también para las editoriales porque son

las que van a comprar. Pero la posibilidad que han dado las editoriales independientes es generar otra literatura periférica y a otro tipo de lectores. Hablaba con un amigo el otro día, que, cuando estamos en una independiente, nos leemos nosotros mismos. El escritor de la independiente es conocido dentro del circuito, pero en general ha crecido. Y ahora con el “estallido social”, hay mucha gente joven leyendo y hay mucho interés por leer.

IH: ¿Qué importancia tiene la narrativa de Fernando Vallejos en su trabajo como escritor y qué elementos están presentes en sus novelas?

RRB: En un momento, empecé a leer narrativa que me llamaba la atención, digamos narrativa de violencia, pero latinoamericana. A saber, no cosas más gringas. Entonces empecé a acercarme un poco a la literatura colombiana donde la violencia estaba metida dentro de su lenguaje, dentro de la historia. *La Virgen de los sicarios* (1994) me marcó. Antes había leído a Lemebel, pero la obra habla de una violencia, de la violencia estructural del Chile desigual. La obra es a ese tipo nivel de chileno. Pero cuando tú lees a Fernando Vallejo no, ahí está violencia narco, la violencia como tal. Eso me interesó. Me gustó también la forma de narrar, la poca adjetivación más el *tac-tac-tac* de la frase, al final era media poética, tiene hasta un dejo Lemebeliano, pero es muy interesante. En un momento, me voló la cabeza ese tipo de novelas.

GL: Retomando sobre lo de la marginalidad, ¿piensa que sus personajes están insertos dentro de una invisibilidad que quiera dar a conocer de ciertos grupos minoritarios?

RRB: Sí, de todas maneras, están insertos dentro de estos mundos y están cruzados, los personajes funcionan. En *Alto Hospicio*

(2008) quería dar a conocer, en ese caso, lo que era el famoso patio trasero de Iquique con sus problemas, que en esa época era así. Ahora la cosa es distinta en Alto Hospicio¹⁹, pero en ese tiempo era muy dejado. Entonces me interesaba dar a conocer. Ahora me interesa la realidad de los colombianos en *Ciudad Berraca* (2018). Ahí está la misión o, también, el propósito social o comunitario de vivir en conjunto y visibilizar estas realidades a través de la literatura. Una misión que tiene uno como escritor, es contar cosas que no se están viendo u obviando, o no se quieren ver. Entonces ese creo que es uno de los objetivos.

IH: Hay un término que utilizó un académico que decía sobre estos personajes con “vidas humanamente vividas” y eso de alguna forma nos lleva a autores como Gómez Morel con *El Río* (1962), Méndez Carrasco con *El Mundo Herido* (1955), *Chicago Chico* (1962), etc. Incluso que parte un poco antes con Nicomedes Guzmán²⁰. En ese sentido,

¹⁹ Comuna situada en la provincia de Iquique.

²⁰ “Esta generación se distingue de las anteriores por constituirse como un grupo de escritores (la mayor parte de ellos autodidactas provenientes de sectores populares) que pone en escena una multitud de personajes del bajo pueblo mestizo, habitantes del campo o la ciudad, que no encuentran tribuna en el relato del pueblo elaborado por las élites. Pero su importancia no proviene de renovar los tipos sociales de la literatura, sino de desterritorializar el lenguaje o transgredir constantemente las normas del canon, haciendo lugar concretamente a los gestos y expresiones del habla coloquial de la multitud mestiza en una narración que experimenta con innovaciones sintácticas o con la composición en fragmento”. LANDAETA, P., *El mestizaje en la constitución del pueblo en la literatura social chilena y su contraposición con la tradición positivista latinoamericana: una mirada desde el agenciamiento colectivo de enunciación de Deleuze y Guattari*. En CASTILLO, P.; MORENO, J. (comp.). **Deleuze, recepción y apuesta desde Hispanoamérica. Cuatro movimientos desde el margen**. Guanajuato: Universidad de Guanajuato, 2018. p. 79.

se han hecho varios trabajos dándoles una categoría a estos autores que no están en el canon.

RRB: Es lo que hablábamos recién del tema sobre qué quiere leer la gente acomodada.

IH: Exacto, que no están en el canon y se han hecho varias publicaciones posicionándolos en una “literatura menor”, que no tiene que ver con cantidad o aspectos de minoridad o mayoría. Deleuze y Guattari postulan, tomando como base a *Kafka. Por una literatura menor* (1975)²¹, que la “literatura menor” está hecha dentro de una literatura en lengua mayor y tiene tres características fundamentales. ¿Cree que estas características están presentes en sus novelas?: la desterritorialización de la lengua, en ella todo es político y todo adquiere un valor colectivo ¿podrían situarse en esta categoría donde existe un proceso de subjetivación? Es decir, no es importante el nombre de Jean (su personaje principal de *Ciudad Berraca*), sino el colectivo que él representa y lo que quiere decir- aunque sabemos que a Ud. no le gusta que lo encasillen en ninguna categoría.

RRB: De esa manera, hay una forma de ver las cosas así. El hecho de estar en un territorio, de contar las cosas y darle ese valor colectivo, yo creo que sí. Hay una cosa que va por ese lado. No sé si está relacionado eso con el tema de contar tu aldea, es decir, de contar lo que está pasando con tu aldea y tratar de universalizarlo. En ese sentido, hay un cuento que me llama mucho la atención y que cabe en esto es el “Cara de picante” de Mario Bahamondes. Es un cuento de 1960, donde maneja un lenguaje distinto, un lenguaje del sur. Hay algo de eso en *Ciudad Ber-*

21 “Una “literatura menor” no es la literatura de un idioma menor, sino la literatura que una minoría hace en una lengua mayor”. DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka. Por una literatura menor.** Ciudad de México: Ediciones Era, 1978, p. 28.

raca (2018) cuando hablan los pandilleros, traté de que se pareciera.

IH: Es exactamente eso, porque cuando leí *Ciudad Berraca* (2018), pensé en todas las características la literatura menor y recordé, por ejemplo, el *Mundo Herido* (1955) de Méndez Carrasco, en cómo retrata los cerros de Valparaíso y esa invisibilidad. Más que marginados, hay un tránsito invisible que solamente en ciertos puntos de la ciudad los personajes se hacen visibles; por ejemplo, cuando están cerca del puerto o lugares como el centro de la ciudad. Entonces ahí son visibles para los “pacos”²², como se les nombra en la novela, o para los “tiras”²³, pero para el resto no. El lenguaje es muy descarnado. Pareciera que ahora en el año 2020 se encuentran ciertas similitudes con algo que se escribió en 1955 y, que como usted mencionó al comienzo de esta entrevista, se va repitiendo. Es algo circular. Estas pulsaciones que Ud. menciona, si lo vemos desde este punto de vista, está todo bajo un rizoma. Entonces, por ahí aparece Jean o la dueña de la peluquería, entonces estos personajes fluyen por esas líneas de fuga que, en el fondo, no van a aparecer como Rodrigo Bañados escribiendo sobre este grupo minoritario, sino que van a hacer un todo; un proceso que no tiene un nombre específico, pero sí está representando la voz de una universalidad y una mayoría que está totalmente invisibilizada, un grupo minoritario o una sociedad periférica

RRB: Sí. Ahora me acordé de *Valpore* (2015) de Cristóbal Gaete, que es de Valparaíso. *Valpore* también tiene una cosa muy de otro Valparaíso, que te va contando y te va guiando a otros lugares.

22 Lenguaje coloquial utilizada para referirse a la institución de Carabineros de Chile.

23 Lenguaje coloquial para referirse a la Policía de Investigaciones de Chile.

GL: Es importante lo que habla, ya que se relaciona con lo que hemos conversado. En ese caso, ¿cómo ve la proyección de su narrativa en términos relacionados a la trashumancia, el medio ambiente y el neoliberalismo?

RRB: Es muy personal mi proyección. Creo que uno siempre está escribiendo. En este momento tengo dos trabajos. He estado muy motivado con el tema ambiental por todo lo que está pasando. El tema ambiental y el impacto que tiene acá en el norte también es interesante; quiero trabajar algo relacionado a unos depósitos microbianos que están en un salar de acá. Son formas de vida muy antiguas, incluso hasta prehistóricas que todavía están ahí. Ahora están en peligro por el litio. Entonces, ¿cómo llevar eso a la literatura? Eso es lo que estoy pensando.

También ver las plantas que se comunican entre ellas; además, tienen su propia línea de tiempo. Uno siempre se basa en el día y la noche, pero hay otros tipos de lenguajes que son del medio ambiente. Pienso, también, en los cerros que uno los ve y podrían tener algún tipo de comunicación, e incluso las piedras. El tema del medio ambiente y lo que está pasando en el mundo es interesante. Ahora le estamos quitando espacio a la naturaleza y nos demostró que nos puede eliminar con esto del Covid-19. Todos estos temas son interesantes y hay que buscar una forma de trabajarlos. Además, quiero escribir del minero, tengo ganas de escribir sobre la minería. Estamos dentro de esta naturaleza que está presente y hay que buscar una manera de abordarla, es lo que me interesa ahora y lo que quiero hacer más adelante.

IH: ¿Para quién escribe Rodrigo Ramos Bañados? ¿Cuándo escribe piensa en un público o escribe porque le nace relatar algo?

RRB: Claro, no identifico un lector pro-

medio, quizá uno tenga unos parámetros medios inconscientes de algún tipo de lector. Quizá uno tiene la referencia de un amigo o de alguien, pero no me podría entrapar tampoco en una historia muy personal que no vaya a tener una repercusión. Esa pregunta es muy difícil, yo te podría decir que escribo para la gente, para mí, etc. Pero no escribo para mí, pero tengo amigos que dicen: “yo escribo para mí” y después andan mostrando sus trabajos a todo el mundo.

IH: Claro, pero, por ejemplo, Ud. también mencionaba que hay autores que están dentro del canon y que las editoriales les dicen: usted escriba para este público específico.

RRB: Eso es lo que pasa, que te condicionan mucho. La idea es siempre mantener la independencia y la autonomía para estar escribiendo algo nuevo o algo siempre distinto en su forma o en su fondo. No estar condicionado. Creo que la idea es que uno siempre debe estar transformándose, buscar otra forma. Es muy parecido a lo que les pasa a los músicos de rock, es decir, cuando un músico toca una canción y le gusta, y le va bien con el álbum, después quiere hacer el mismo álbum y lo repite, pero después cambia. El mercado es así. Si yo siguiera con una editorial grande, tengo que trazar: qué les gusta y qué no les gusta, como me pasó con *Ciudad Berraca* (2018). Todo eso te produce un embrollo en la cabeza y te da inseguridad como escritor. Entonces debo hacer algo más comercial. Ese es el tema. Yo creo que uno debe estar seguro y que le guste lo que está haciendo en ese caso, no buscar o escribir para la editora o para este u otro editor.

IH: ¿Cuál cree Ud. que ha sido una de sus mejores producciones?

RRB: A mí me gusta mucho *Pinochet Boy* (2016), esa es la que me gusta más, porque es muy personal. Habla mucho del tema

que contaba al principio de la maternidad, y de las pocas oportunidades que uno tiene después en esta sociedad. Uno llega a este Chile, debes trabajar, endeudarte y todo se mide así. No es como la generación de ahora. Los más jóvenes están saliendo a la calle, y eso es bueno; pero nosotros que crecimos en esa época, salíamos asustados a la calle. Después te endeudas y tu vida se iba en eso, así funcionaba y funciona.

GL: Recién lo mencionó, cuando aludió a esta generación de jóvenes, que han enfrentado a la política desde otra posición ¿cree que el “estallido social” ha afectado o afectará a la literatura chilena en general, ¿e inclusive a su propia narrativa?

RRB: Creo que, en general, es un hecho súper positivo que se haya producido el “estallido social”, porque nos cuestionamos lo que era este país de algún modo. Creo que sí, debería aparecer o está apareciendo una literatura. Más que nada, creo que este fenómeno ha revelado y unificado más la literatura femenina en general. Las mujeres en general se han agrupado y han tenido un posicionamiento más potente con el “estallido social” más que la literatura masculina. Nosotros estamos cuestionados en general con Las Tesis²⁴. Hay un tema profundo de cuestionamiento. Lo otro que generó el “estallido social” es, y que yo no lo comparto mucho, el cuestionamiento de la obra y el autor. Por ejemplo, entre los hombres, hay ciertos autores que se les cuestiona y critica, y está bien, porque han tenido violencia intrafamiliar o que han violado a mujeres, pololas²⁵, etc. Hay toda una delgada línea que está sa-

liendo ahora. De algún modo, por un lado, es bueno y, por otro lado, está el debate entre el autor y la obra. Entonces, se dice que el autor debe tener una hoja de vida muy limpia, en general, para publicar, prácticamente no tener ninguna causa por nada, especialmente relacionado con la violencia intrafamiliar y lo encuentro muy bien, debería ser así. Pero también, he tenido o conocido a gente que le han cuestionado su obra completa por un error, por algo que cometieron. Encuentro que está bien, pero hay una rigurosidad mayor con el tema, especialmente desde los colectivos de mujeres. Es una de las cosas que ha dejado el “estallido social” en general.

La idea es que, con este canon de clase media alta lectora, el fenómeno pueda llegar a otros lectores. A saber, autores que hablen de temas, pienso en Marcelo Leonart²⁶, en sus obras, que puedan a llegar a otros sectores. Eso depende de que se bajen los precios de los libros, que sea más asequible, que se publique más, etc. Eso esperamos, y para que los autores no sigamos tan metidos con la burguesía.

IH: Hablando sobre ese mismo tema, ¿considera que *Ciudad Berraca* (2018) lo posiciona dentro del canon literario chileno?

RRB: Creo que también, desde un punto de vista, es un mérito que sea de región y de provincia y que publiqué en una editorial conocida, pero también hay otros trabajos y obras que han tenido buena crítica, por ejemplo, *Pinochet Boy* (2016), *Namazu* (2013) y *Pop* (2010). En ese momento, me dieron a conocer en Santiago, porque en Antofagasta somos los mismos de siempre. Se empieza a conocer más tu obra en ciertos lugares. Yo creo que sí, *Ciudad Berraca* (2018) tiene el mérito de ser la segunda o

24 Colectivo feminista formado por Dafne Valdés, Paula Cometa, Sibila Sotomayor y Lea Cáceres. Son creadoras de la intervención llamada "Un violador en tu camino" para el “estallido social” ocurrido en octubre 2019 en Chile.

25 Lenguaje coloquial para denominar a pareja femenina, novia.

26 Nació en 1970. Escritor, dramaturgo y director teatral.

tercera novela de los últimos años en cuanto a migración. Entonces, si hay una referencia a los textos de migración, se va a llegar a la obra. Ha tenido buena recepción desde lo académico por el tema que abordó. Aparte de lo académico, también me elogió Camilo Marks²⁷, y nunca lo pensé, por un libro. Me ha ido bien con la crítica en general, de a poco te vas haciendo conocido.

GL: Retomando *Ciudad Berraca* (2018), ¿de dónde nace el concepto de “generación escondida”?

RRB: Lo de la generación escondida es solamente por la empresa La Escondida²⁸, una generación por la minera. Lo que pasó con “generación escondida” es que Antofagasta, desde el año 1990 cuando llegó La Escondida, era totalmente distinta. Era más pequeña y había menos habitantes. Cuando llegó la empresa cambiaron un poco las necesidades de las personas, especialmente la necesidad de consumo. Es una empresa grande que tiene plata y mucho. Entonces, la ciudad empieza a vivir, como si La Escondida fuera un pulpo, o agarrar sus tentáculos de esto, la parte de consumo y la parte cultural. Antofagasta cambia mucho culturalmente, porque la empresa comienza a generar recursos por sus leyes para evitar impuestos. Empieza a dar plata para actividades culturales y, en general, la ciudad cambió. La minera contaminó de una manera tremenda e “hizo la vista gorda”²⁹, entonces, cambia todo los parámetros éticos y culturales de la ciudad. Esa es la generación escondida de la que hablo. Se refleja un poco en el antofagastino neoliberal actual que compra todo, que le pagan con un bono de la minera, que

27 Nació en 1948. Académico, escritor y crítico literario.

28 Empresa minera dedicada a la extracción de cobre.

29 Hacer caso omiso.

se compra un auto y luego lo desecha, o el minero que se bebe el dinero, etc. Es una exacerbación del neoliberalismo la “generación escondida”.

IH: ¿Cree que hay un tipo de agenciamiento en la nueva narrativa con *Ciudad Berraca* (2018)?

RRB: ¿A qué te refieres con agenciamiento?

IH: Agenciamiento tiene que ver con lo que le pregunté sobre Deleuze y Guattari es, podríamos decir, que cada ente del agenciamiento³⁰, es un agente de enunciación de lo colectivo y el territorio se crea en el agenciamiento.

RRB: Lo veo como una posibilidad de darle un uso o una voz a sectores que habitualmente no tienen una voz dentro de la literatura chilena. Creo que *Ciudad Berraca* (2018) lo hace con los inmigrantes: colombianos, haitianos y en general. Ese es el punto. Siempre tenemos un discurso que es el mismo o son los habituales, por eso sale un poco de lo acostumbrado. Dentro de ese discurso, el inmigrante cabe en el de una ciudad o un sector que no es mirado usualmente como el norte. Hay una doble intención: fijémonos en este lugar y veamos lo que está pasando en él con estas personas que llegaron como extraños o estos antofagastinos que también son chilenos, no son ni peruanos, bolivianos, raros o extraterrestres. Mira lo que está viendo y lo que está pasando allá. Da esas dos posibilidades de verlo con esos tipos de discursos.

30 Todo agenciamiento es en primer lugar territorial. La primera regla concreta de los agenciamientos es descubrir la territorialidad que engloban, pues siempre hay una. El territorio crea en agenciamiento. El territorio excede a la vez el organismo y el medio, y la relación entre ambos, por eso el agenciamiento va más allá también del simple comportamiento. DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil mesetas. Capitalismo y esquizofrenia**. 6.ed. Valencia: Pre-textos, 2004, p. 513.

GL: Cuéntenos un poco acerca de sus últimas publicaciones. La primera es una recopilación de cuentos denominada *Palo Blanco* (2020), y la segunda es *Crónicas de Matute* (2020).

RBB: *Matute* (2020) son crónicas que hice entre Perú y Bolivia, está Cochabamba, La Paz, el Alto, Santa Cruz y Tacna. Es un poco hablar de esta frontera que no es tan frontera, que al final generamos un propio universo entre lugares bolivianos, peruanos y chilenos. Entonces es como convivimos, como andamos. Siempre te vas a encontrar con gente de allá que vuelve para acá, el flujo migratorio, las costumbres. Eso es *Matute*, son crónicas. Es un trabajo que lo saqué por Editorial Aparte, es un libro corto, son 50 páginas aproximadamente.

Palo blanco (2020) es un libro de cuentos. Yo no había trabajado cuentos porque siempre participé en concursos y nunca me fue bien. Me ha ido bien con crónicas y con las novelas también, pero los cuentos los tenía reacios. Tenía unos cuentos viejos que hice en Valparaíso y después hice unos nuevos. A medida que iba avanzando con el libro hice unos cuentos nuevos y me generó este libro. Se lo pasé en bruto al editor que era de Zuramerica, que está recién empezando en Santiago. El editor es muy bueno. Empezamos a trabajarlo aprovechando la pandemia, entre abril- mayo, y lo editamos. Quedó bastante interesante. El libro habla mucho de la humanidad y de la deshumanidad, son procesos de diversas personas. Por ejemplo, hay un líder sindical que es adicto a la pornografía; hay un bonus corpóreo de un *Barney* que los niños ya lo jubilaron de la plaza Victoria porque prefieren a los *Power Rangers*, etc. Son personajes que van buscando su fracaso. Cada personaje tiene su propia lucha o está marcado por el fracaso, y van dando ese atisbo de lo que es vivir en

una sociedad que es bastante egoísta en general. Son personajes solitarios. *Palo blanco* es por un concurso de un bibliotecario que escribe y le pasa el cuento a una compañera de trabajo que es asistente de biblioteca. Le pasa un cuento para que gane un concurso, pero al final la asistente se hace tan conocida en un colegio, que todo el mundo la quiere. Al final, al que pasó el cuento lo echan, y así sucesivamente. Son historias cortas. Me gustó como quedó, porque profundiza tras cosas que no había profundizado antes. Sale un poco de los contextos más de ciudad, del desierto, del norte. Son cuestiones y conflictos más humanos.

Referencias

AMOSSON, A. **Las mujeres de la Guerra**. Santiago de Chile: Ediciones B, 2009. 264 p.

BALDOMERO, L. **Subterra: cuadros mineros**. Santiago de Chile: Imprenta moderna, 1904. 221p.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka. Por una literatura menor**. Ciudad de México: Ediciones Era, 1978. 127p.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil mesetas. Capitalismo y esquizofrenia**. 6.ed. Valencia: Pretextos, 2004. 528p.

DE CERTAU, Michel. Andar en la ciudad. **Bifurcaciones**, n. 7, 2008, pág. 1-17. Disponible en: http://www.bifurcaciones.cl/007/colerese/bifurcaciones_007_reserva.pdf. Consultado el 31 de mayo de 2021.

GARAFULIC, A. **Carnalavaca**. Santiago de Chile: Editorial Nascimento, 1932. 370p.

LANDAETA, P., El mestizaje en la constitución del pueblo en la literatura social chilena y su contraposición con la tradición positivista latinoamericana: una mirada desde el agenciamiento colectivo de enunciación de Deleuze y Guattari. En CASTILLO, P.; MORENO, J. (comp.). **Deleuze, recepción y apuesta desde Hispanoamérica. Cuatro movimientos desde el margen**. Guanajuato: Universidad de Guanajuato, 2018. p. 75-98.

HIDALGO, Diego. Rodrigo Ramos, escritor: <<Busco generar un relato del Chile de la barrera, ese de los comentarios de las noticias en Facebook>>. **Biblioteca viva**, 25 de marzo de 2019. Disponible en: <https://bibliotecaviva.cl/rodrigo-ramos-escritor-busco-generar-un-relato-del-chile-de-la-barrera-ese-de-los-comenta->

[rios-de-las-noticias-en-facebook/](#)Consultado el 31 de mayo de 2021.

REYES, S. **El incendio en el Astillero**. Santiago de Chile: Editorial Tales, 1964. 262p.

Recebido em: 16/01/2021

Aprovado em: 10/04/2021



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.